

Horácio

Odes







ISBN 978-972-795-274-8



9 789727 952748

www.livroskotovia.pt

As *Odes* de Horácio são seguramente um dos textos mais importantes da literatura universal, poemas fundamentais para compreender a génese e a essência da poesia lírica, desde o mundo antigo até aos dias de hoje. Expressões imortais como *carpe diem* e *aurea mediocritas* foram retiradas desta sua obra, lida, relida e imitada ao longo dos tempos pelos mais diversos poetas e escritores. Em Portugal, Ricardo Reis (Fernando Pessoa), Camões, António Ferreira, Correia Garção, entre tantos outros, foram directa e manifestamente inspirados por esta obra do poeta romano. A brevidade da vida, a inevitabilidade da morte, o amor, o vinho, Roma e Augusto, o poder da poesia e a imortalidade do poeta, são apenas alguns dos temas que esta variada obra canta numa linguagem, num ritmo e numa riqueza de estilo que denunciam o génio do seu artífice.

Pedro Braga Falcão nasceu em 1981, é licenciado em Línguas e Literaturas Clássicas e mestre em Estudos Clássicos (Literatura Latina) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e é professor na Universidade Católica Portuguesa. Tem igualmente uma licenciatura em música, como instrumentista (viola de arco).



Mapa I - Império Romano
Elementos geográficos citados
nas Odes de Horácio



MAR
ADRIÁTICO

Ustica?
Tibur
Roma
Tusculum
Lanuvium
Ancora
Formiae
Baiae
Nápoles
M. Albano
M. Algidio
Preneste
Efula
Lucrétius
R. Liris

Luceria
Gargano
Matino
R. Aufido
(DAUNIA)

Venafro
SABINA

Apulia
Vulture
Venusia
Bandusia
Forento
Aqueronia
R. Galeso
Aulon?
Tarento
CALÁBRIA

MAR
TIRRENO

CAMPANIA

Palimuro
Lipara

Érice
SICÍLIA

Etna
Caridias

MAR
JÓNIO

Citas
Gelonos?

R. Tanais

Dacos

Getas

R. Istro (=Danubio)

MAR NEGRO

CÓLQUIDA

M. Cáucaso

R. Hebra

TRÁCIA
M. Ródope
M. Hemo

BITÍNIA

Tróia (Ilion)

TESSÁLIA

MAR EGEU

LÍDIA

FRÍGIA

ÍONIA

ÍLÍCIA

R. Euxino

Pátaros

RODES

CHIPRE

Pafos

Salamina

Tiro

CÍCLADES

CRETA

SÍRIA

Partos (Medos)

R. Tigre

Babilónia

R. Eufrates

MEDITERRÂNEO

LIBIA

L. Mareota

Ménfis

EGIPTO

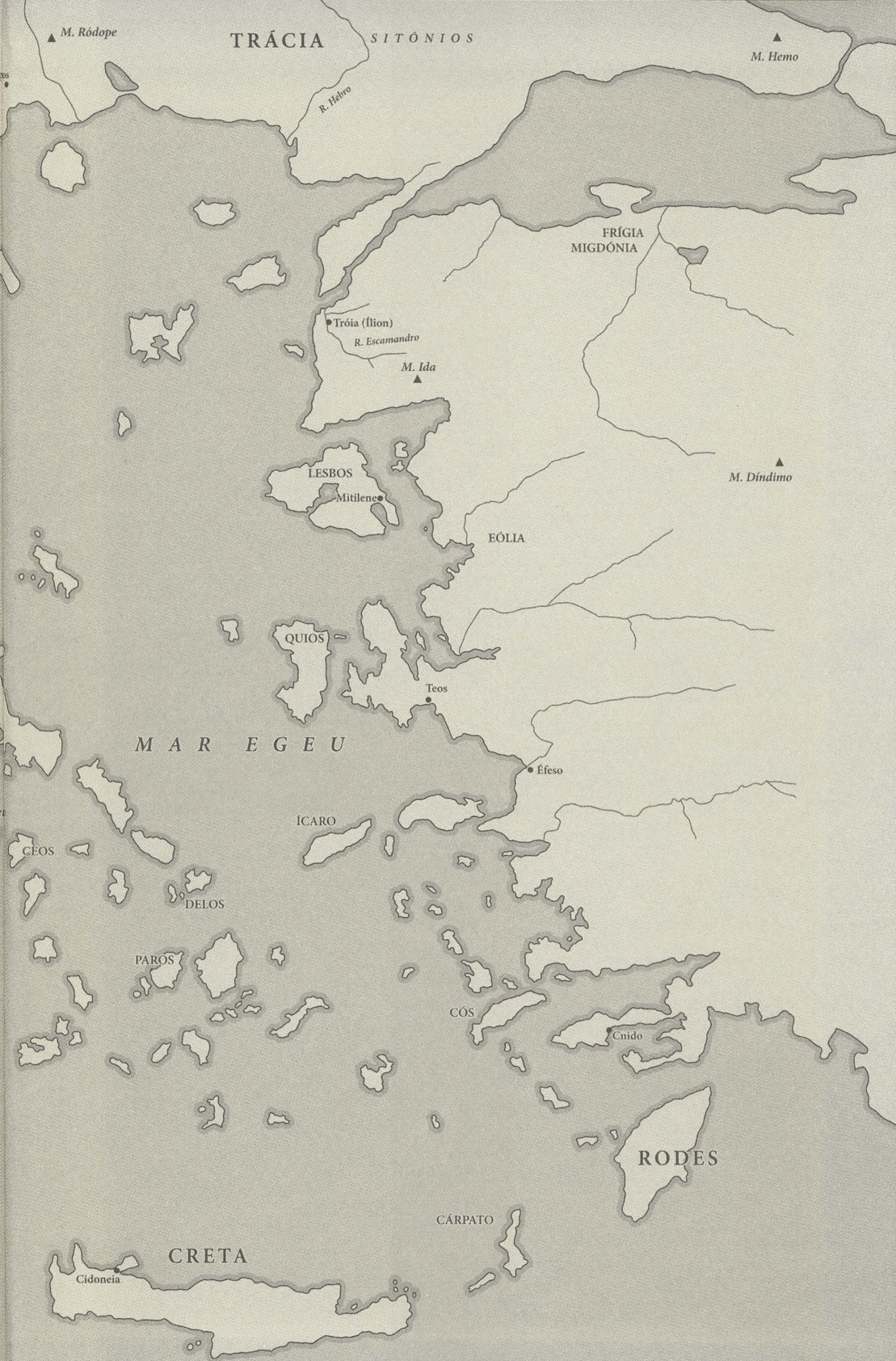
R. Nilo

Árabes



Mapa II - Grécia

Elementos geográficos citados
nas *Odes* de Horácio



ODES

Horácio

Odes

tradução de
PEDRO BRAGA FALCÃO

Livros Cotovia

Título: *Odes*

© Livros Cotovia e Pedro Braga Falcão, Lisboa, 2008

Edição seguida: Q. Horatius Flaccus, *Opera*, E. C. Wickham
e H. W. Garrott (ed.), Oxford Classical Texts, 1912.

Concepção da capa e sobrecapa: Silva! designers

ISBN 978-972-795-274-8

Índice

<i>Introdução</i>	p. 9
<i>Sobre a tradução</i>	28
<i>Sobre o texto</i>	31
<i>Roteiro para uma leitura temática das Odes</i>	32
<i>Os metros das Odes</i>	38
<i>Breve Bibliografia</i>	41
ODES	
Livro I	45
Livro II	127
Livro III	177
Livro IV	259
Cântico secular	303
<i>Índice de nomes, lugares e povos</i>	309

Introdução

“Erigi um monumento mais duradouro que o bronze” (III. 30. 1)

HORÁCIO COMPOSITOR

Horácio nasceu há mais de dois milénios. A sua obra, no entanto, foi sobrevivendo a vinte e um séculos de sucessos e de guerras, de impérios imaginados, cumpridos e vencidos, de homens, e de descobrimentos. Cumpriram-se pois todos os vaticínios de Horácio em relação à sobrevivência do seu nome e da sua obra. Vaticínio é o termo certo. A palavra vem de “vate”, o termo que em latim serve para designar o adivinho que transforma em verso as profecias. Evoluiu depois para designar aquele que, inspirado pelos deuses, canta o mundo — o divino intérprete da realidade. Quais as profecias de Horácio? Ele próprio as entoou. Primeiro de forma velada, humilde: “se me contares entre os vates líricos / de cabeça erguida tocarei as estrelas.” (I. 1. 35-36), diz no primeiro poema das suas *Odes*. Cumpriu-se. Horácio ficou conhecido entre nós como o príncipe dos poetas romanos. No contexto da poesia lírica greco-latina, o seu nome é apenas comparável ao do grego Píndaro, cuja obra, porém, não se encontra tão bem conservada. Se de facto tocou as estrelas, podemos dizer que sim, cada vez que as contemplamos iguais às que Horácio considerou, com um verso seu na cabeça, nem que seja o mais simples e famoso de todos: *carpe diem* (I. 11.8). Segundo auspício: “o Colco conhecer-me-á, e o Daco (...) / e os longínquos Gelonos; / o culto Ibero me há-de estudar, / e aquele que bebe do Ródano” (I. 20. 17-20). Traduzido para os dias de hoje, onde quer que exista uma pessoa a aprender latim na Geórgia, na Roménia, na Tunísia ou na Argélia, na Península Ibérica, na França ou na Suíça, e que tenha o mínimo interesse pelos estudos clássicos, então pelas suas mãos já passou com certeza a obra do poeta. Quanto ao país onde vivemos, se é que nos podemos com propriedade considerar iberos, garantimos que a profecia foi e está a ser cumprida por muitos de nós. Terceiro vaticínio: “algo novo e insigne cantarei, / algo nunca antes dito” (III. 25. 7-8). Cumpriu-se. Antes de Horácio, nunca nenhum

poeta latino tinha sistematicamente escrito nos metros, nos ritmos gregos em que se filia a poesia lírica — e fê-lo com extrema novidade, pois praticamente todos os motivos e temas são de contexto romano. Portanto, a forma como cantou e o que cantou constituíram algo nunca antes ouvido. Cantou com sua lira “por artes nunca dantes conhecidas” (IV. 9. 3), e provavelmente inaugurou para os povos conquistados pela língua latina, desconhecedores da grega, uma nova forma de fazer poesia, simbolizada na palavra “ode”.

“Ode”, cuja tradução latina é *carmen*, vem de um sugestivo verbo grego *aeidô* (ἀείδω) que significa “cantar”. Esta não é uma mera nota de rodapé, um pormenor etimológico que faz apenas sorrir. Estamos perante algo de fundamental, por um lado para compreendermos o que significa a poesia de Horácio, por outro para nos apercebermos da mestria composicional deste grande músico, ou, nas palavras do próprio, deste “amigo das musas” (I. 26. 1). É consensual entre os estudiosos defender que as Odes de Horácio não foram escritas para ser cantadas. Mas para que se saiba o que queremos dizer ao falar em música, é preciso ter em atenção que a língua latina, e também a grega, são naturalmente musicais. Isto porque, ao contrário do nosso sistema fonético, comum a grande parte das línguas do globo, o latim e o grego antigos faziam oposição clara entre sílabas longas e breves. As vogais longas (ā, ē, ī, ō, ū) têm sensivelmente o dobro do tempo das vogais breves (ă, ě, ĭ, ă, ŭ) e têm um timbre mais fechado, o que confere um ritmo espontâneo à língua: pode dizer-se que a música do mundo clássico nasceu com a própria fala. A métrica, a música das palavras dos líricos antigos consistia em jogar com os diferentes padrões rítmicos e as suas possíveis combinações dentro de cada verso, e ainda combinar os diferentes tipos de verso entre si, bem como articular isto tudo com a noção de cesura (uma pausa, em termos musicais) e com a noção de acento. O conjunto dos quatro livros de odes tem mais de três mil versos. Deste número dá bem para entender o rigor, a perícia e o elevado grau de erudição que foi necessário a um homem ter para no final apresentar uma tal variedade de padrões e de ideias rítmicas. Mesmo hoje em dia, quando alguém declama a sua poesia, raro é aquele que consegue de facto reproduzir a música intrínseca à palavra de Horácio. A maior parte dos estudos que existem versa apenas a semântica, o significado do que disse e porque o disse, e tão infundável se tem revelado esse trabalho. A palavra tem contudo uma forma audível.

Tū nē quās iērīs / (scīrē nēfās) / quēm mīhī, quēm tībī
(I. 11. 1)

Mesmo não conhecendo o latim, e por isso não traduzimos, convidamos o leitor a estudar com alguma atenção a musicalidade, o som por si só, deste verso. A sílaba longa é marcada em cima da vogal com o sinal “—”, a sílaba breve com o sinal “U”. Repare como o verso se inicia de forma arrastada, com três sílabas longas (— — —), e acaba num ritmo comparativamente rápido sucedendo a uma longa duas breves (-UU). Agora veja como as pausas (marcadas com o sinal “/” no texto) caem admiravelmente bem no início e no fim de uma nova palavra. Tente agora gerir toda esta informação rítmica com a questão do acento, que foi marcado a negrito no texto. E se há exemplo de como o ritmo ajuda a semântica do que é dito, este encontra-se neste mesmo poema (6-7):

(...) Tŷrrhēnūm: sāpīās, / uīnā līquēs, **ēt spātīō brēuī**
spēm lōngām rēsēcēs. (...)

Horácio aconselha-nos a desfazer uma longa esperança num breve momento. Quando fala em *breve* momento, fá-lo no final do verso, na sua parte mais rápida. Quando fala em *longa* esperança, fá-lo no início do verso, na sua parte mais lenta. Este é um exemplo tremendamente simples do que tentamos demonstrar. Mas este é apenas um dos modos rítmicos de Horácio. Convidamos o leitor a examinar o breve esquema sobre a métrica das odes que consta neste volume. Aqui aperceber-se-á não só da imensa variedade das *Odes*, mas também de que todos os metros têm nomes gregos. Nenhum dos ritmos usados por Horácio foi criado pelo próprio; inserem-se na tradição lírica grega. O ritmo dos versos acima citados, em particular, foi usado por Alceu, poeta que viveu entre o século VII e VI a.C.. Tal como o romano, este lírico transportou para as suas odes temas políticos, pois viu-se arrastado em conflitos na sua terra natal, Mitilene, na ilha de Lesbos. Talvez seja esta a razão que levou Horácio a adoptar este poeta, mais do que nenhum outro, como modelo composicional das suas odes.

Isto leva-nos a outra questão, que muito tem preocupado os críticos. Uns acusam Horácio de ser subserviente para com o regime que viu nascer, para com Augusto. Exigem talvez que tivesse lutado contra o que se

passava, e que ao menos não convivesse tão de perto com um regime autocrático. Consideram-no precisamente um poeta do regime. Outros estudiosos desculpam-no. Dizem que em tudo o que disse havia um tom irónico, uma “voz escondida” que na realidade criticava o que via passar à sua volta. Deixamos ao leitor o seu próprio julgamento. O que no entanto celebrizou Horácio não foram as suas odes políticas. Os poetas portugueses que o imitaram e se inspiraram nos seus textos, Luís de Camões, António Ferreira, Ricardo Reis e tantos outros, não procuraram os louvores de Horácio ao primeiro imperador de Roma, o *princeps* soberano que nasceu e morreu numa época precisa. Procuraram precisamente os poemas que o tornaram famoso, que falam do amor, do tempo, da morte e da vida, da beleza e da mudança. Mas para que o leitor não se impressione ao ler o nome César ou Augusto em vinte das cerca de cem odes que se seguem, de seguida narramos de forma breve quem foi o homem Quinto Horácio Flaco, e em que contexto da história de Roma ele nasceu.

HORÁCIO JOVEM

Excerto retirado das *Sátiras* de Horácio (I. 6. 45-89):

- 45 “Falo agora sobre mim, nascido de um pai liberto,
que todos mordem por ter nascido de um pai liberto,
hoje em dia porque sou teu amigo, Mecenas,
outrora porque fui tribuno de uma legião romana.
Os dois casos são diferentes. Podem até com razão
50 olhar de lado para o posto que ocupei, mas não para a tua amizade,
especialmente sendo tu tão cuidadoso a escolher os amigos,
afastando os que apenas querem subir na vida. Não posso dizer
que sou feliz por ter tido a sorte de ser teu amigo:
não foi a sorte que te trouxe até mim. Primeiro o admirável Vergílio,
55 e depois Vário disseram-te quem eu era.
Quando vim à tua presença, murmurei umas poucas palavras
(a minha timidez e vergonha impediram-me de dizer mais)
e não te menti, dizendo que era filho de um pai ilustre,
que cavalgava pelos campos fora num cavalo de Satureio;
60 não, disse-te apenas quem era. Como é teu costume, respondeste

- com poucas palavras. Fui embora, e nove meses depois, chamaste-me de novo, ordenando-me que fosse um dos teus amigos. O mais importante, para mim, foi ter-te agradado, a ti, que sabes distinguir um homem bom de um mau não pela importância do pai, mas pela pureza da sua vida e do coração.
- 65 E se a minha natureza é culpada de alguns poucos
e pequenos vícios, sou em tudo o resto um homem correcto
(seria como censurares uns poucos sinais num corpo excelente).
E se ninguém me pode culpar de avareza, nem de mesquinhez,
ou de devassidão, e se sou puro e inocente,
- 70 digo-o em meu louvor, e se sou caro aos meus amigos,
o responsável foi meu pai. Ele, pobre, com apenas um pedaço de terra,
não quis enviar-me para a escola de Flavo,
para onde iam rapazes enormes, nascidos de enormes centuriões,
carregando no ombro esquerdo uma sacola e uma ardósia,
- 75 e pagando as suas oito moedinhas a meio de cada mês,
antes teve a coragem de enviar um rapazinho para Roma,
para aprender as artes que qualquer cavaleiro ou senador
ensinaria aos seus filhos. Se alguém visse nessa altura as vestes
e os escravos que me seguiam, como é hábito numa grande cidade,
- 80 acreditariam que tais despesas provinham de uma riqueza ancestral.
Ele mesmo, o mais incorruptível de todos os guardiões,
estava sempre à volta dos meus professores. Em suma, conservou
a minha inocência, a primeira graça da virtude, e guardou-me
não só da desonestidade, mas também da vil desonra.
- 85 Nem temeu que um dia alguém voltasse tudo isto contra ele,
se eu me tornasse um leiloeiro, como ele, ou um colector de impostos,
com um pequeno rendimento. Nem eu me teria queixado.
Mas agora ainda mais lhe devo louvar e agradecer.
Não estaria no meu bom juízo se me envergonhasse de um tal pai. (...)”

Para sabermos quem foi Horácio, basta-nos ouvi-lo, algo que não é muito comum na antiguidade. Ele próprio nos conta, ao longo da sua obra e sempre em verso, a vida que levou, ou pelo menos a imagem que tinha da vida que levou. O ano em que nasceu é dito de forma bastante *sui generis*, quando Horácio invoca a ânfora que nasceu no mesmo dia que ele:

“Ó comigo nascida no consulado de Mânlio, (...)
desce daí, ó amável ânfora, digna de ser servida
num dia propício (...)” (*Odes*, III. 21. 1, 6-7)

Mânlio foi cônsul em 65 a.C., e este é portanto o ano em que Horácio nasceu. O mês?

“Se por acaso alguém te perguntar a minha idade,
saiba que completei quarenta e quatro anos em Dezembro.”
(*Epístolas*, I. 20. 26-7)

Quanto ao dia em que nasceu, precisamos de um outro elemento. Existe uma *Vida* de Horácio, um resumo bastante abreviado de uma obra perdida de Suetônio, grande biógrafo da antiguidade, *Sobre os poetas*. Neste podemos ler o dia do seu nascimento: oito.

O estudo dos clássicos não se resume a uma colecção fria de datas. Este homem, isto é, aquele coração que bateu durante uma determinada altura do mundo, que pensou o que pensou e que viveu o que viveu, nasceu mesmo a 8 de Dezembro de 65 a.C.. Foi uma criança há mais de dois milénios, e quis deixar escrito nos seus textos o ano e o mês em que nasceu, para que vinte e um séculos depois os “íberos” pudessem saber. A sua terra natal é afirmada nas suas *Sátiras* (II. 1. 34-35): “sou lucano ou apúlio / pois o colono da Venúsia lavra a fronteira das duas regiões”. Nasceu portanto na Venúsia, bem a sul da Itália, na fronteira entre a Lucânia e a Apúlia, terra que o viu nascer para a poesia, e que o poeta recorda com precisão numa ode (III. 4. 9-20):

“A mim menino as lendárias pombas no apúlio Vulture,
fora dos limites da Apúlia, minha ama,
pelo recreio e sono vencido, me cobriram
com frescas folhas.

Foi motivo de espanto para aqueles
que o ninho da altaneira Aquerôncia habitam,
e os bosques de Bância, e os férteis campos
da planície de Forento,

que eu com o corpo a salvo das negras serpentes dormisse,
 e dos ursos, e que encoberto fosse pelo sacro louro
 e pelo ajuntado mirto, eu, um animoso
 petiz pelos deuses inspirado.”

Resumindo, eis o que sabemos da infância de Horácio: o seu pai foi escravo, mas tornou-se liberto. Os estudiosos especulam o motivo pelo qual o pai foi escravo: talvez tenha sido feito cativo na guerra social, que, entre 91 a 88 a.C., opôs os antigos aliados de Roma à própria cidade. Talvez tenha sido escravo por pouco tempo, cativo de guerra, e tenha sido liberto pouco tempo depois. Mas nem por isso deixa de ser um liberto, algo que tem uma forte conotação no contexto romano. Quando Horácio diz que o pai era pobre, certamente devemos ter algumas reservas: um homem pobre, um leiloeiro, não teria dinheiro suficiente para enviar o filho para Roma, e mais tarde para Atenas, com um séquito de escravos, e de tratar pessoalmente dos assuntos relacionados com a educação do seu filho. Mas foi assim que o poeta quis que a história fosse contada, e para todos os efeitos é verdade o que diz: é filho de um liberto. Nasceu na Vênúsia, e teve um pai que quis que estudasse nas melhores escolas de Roma. E mais tarde, partiu para Atenas, como faria qualquer romano culto “para procurar a verdade no meio dos bosques da Academia” (*Epístolas*, II. 2. 45). Aqui começou o primeiro, e talvez único, erro político de Horácio. Jovem, decerto empreendedor e activo, foi recrutado por Bruto, o mesmo que se envolveu na conspiração que levou ao assassinato de Júlio César. Bruto e Cássio eram os últimos bastiões da República, que sofria em lenta agonia há bastante tempo. Mas, na perspectiva dos tempos que viriam, Horácio não podia estar no lado mais errado. Foi admitido no exército republicano como tribuno de legião, um posto bastante importante. A batalha, em Filipos, cidade da Macedónia perto da Trácia, teve um final esperado: Marco António e Octaviano, que viria a chamar-se Augusto, triunfaram. Horácio refere-se a esse episódio de forma irónica:

“Contigo [Pompeio] Filipos conheci e a célere fuga,
 sem honra abandonado o meu escudo, quando,
 desfeita toda essa Virtude, de ameaçadores homens
 os queixos sobre o torpe chão caíram.” (*Odes*, II. 7. 9-12)

Quando o poeta fala em “Virtude” está a ser francamente irónico — refere-se aos estudos estoicos de Bruto, o derrotado: para o estoicismo a Virtude era um bem supremo. Esta indiferença do poeta em relação aos seus sucessos e insucessos de juventude ficava-lhe bem: mais tarde tornou-se amigo íntimo de Mecenas, e por inerência de Octaviano, ou Augusto, ou César Augusto, como se preferir chamar. Depois dessa humilhante derrota, Horácio volta a Roma:

“Humilde, com as asas cortadas, privado
da casa e da quinta do pai, a audaz pobreza impeliu-me
a escrever versos.” (*Epístolas* II. 2. 50-2)

Mais uma vez devemos interpretar metaforicamente essa pobreza: nessa altura começa a produção das suas *Sátiras*, género totalmente latino, e dos *Epodos*, iambos de matriz grega, que devem ter chamado a atenção de gente importante, porque por essa altura tornou-se o encarregado dos registos do *aerarium* (o tesouro público de Roma), pelo menos a julgar pela *Vida* a que já nos referimos — uma posição bem importante. Conhecer o grande poeta Vergílio acabou por ter uma importância decisiva na vida do poeta; este, juntamente com Vário, como diz no excerto da *Sátira* acima traduzida, apresentou-o a Mecenas. Este homem marcará um antes e um depois na vida de Horácio.

HORÁCIO ROMANO

Quando hoje falamos em mecenato ou em mecenas, na verdade estamos-nos a referir a um cavaleiro romano contemporâneo de Horácio, Gaio Cílnio Mecenas, descendente de uma família etrusca de Arretium (Arezzo). O seu nome imortalizou-se como o rico e excêntrico patrono das artes, que congregou à sua volta os grandes nomes da literatura romana da idade augustana: especialmente Vergílio e Horácio. Nunca nenhum outro nome foi tão anunciado por um poeta como por este último — a ele estão implicitamente dedicadas praticamente todas as suas obras: Mecenas é a primeira personagem a ser invocada nos *Epodos*, nas *Odes* (I-III) e no primeiro livro das *Sátiras* e das *Epístolas*. É sempre em termos elogiosos que o poeta se lhe refere: “Mecenas, descendente de reis ancestrais, / amparo e doce glória minha” (I. 1. 1-2), “Mecenas, minha grande glória, / baluarte

da minha vida” (II. 17. 3-4), “foste cantado pela minha primeira musa e serás pela minha última, (...) Mecenas” (*Epístolas* I. 1. 1-3). Este engrandecimento, natural numa sociedade que se estabelecia em relações de cliente e patrono, bem visível no poeta Marcial, tem no entanto um significado bastante preciso no universo de Horácio:

“Ah! Se um golpe mais cedo te levar a ti, que és parte
de minha alma, porque se demoraria a outra,
sendo eu já não tão amado como antes,
nem vivendo já completo? Tal dia trará

a ruína de ambos. Um falso juramento não disse:
juntos iremos, iremos pois, no momento em que tu
primeiro seguires, companheiros preparados
para tomar o último caminho.” (*Odes*, II. 17. 5-12)

A verdade é que, em 8. a.C., pouco depois da morte de Mecenas, também Horácio morreu, em 27 de Novembro do mesmo ano. Sublinhar este pormenor não é um sentimentalismo irrelevante: o seu corpo foi enterrado no monte Esquilino, perto do sepulcro de Mecenas. O cavaleiro romano talvez fosse um amigo não no sentido caloroso e democrático de hoje, mas permitiu durante muito tempo, economicamente falando, a subsistência de Horácio, deixando-o livre para compor a sua obra, especialmente quando lhe ofereceu uma propriedade na Sabina, tantas vezes celebrada. Em termos políticos, conhecer Mecenas foi igualmente decisivo. O cavaleiro acompanhou Octaviano, o futuro Augusto, desde o princípio. Foi seu conselheiro e amigo íntimo; Horácio, ao ser recrutado para o núcleo de amigos, passou a privar igualmente com o *princeps*, o soberano de Roma. E por inerência viria a participar no projecto augustano, que culmina simbolicamente nos Jogos Seculares de 17 a.C..

O período da história em que Horácio nasceu foi dos mais sangrentos e fratricidas de sempre da História Romana. Vivera-se em Roma a guerra contra Jugurta (111-105 a.C.), a guerra social (90-88), a guerra civil entre Mário e Sula (88-82), a revolta dos escravos (73-71), o chamado primeiro triunvirato (60), a derrota de Crasso na Pártia (53), o assassinato de Pompeio após Farsalo (48), o assassinato de César (44), a derrota de Bruto e Cássio em Filipos (42), o segundo triunvirato (43), a guerra civil

entre Octaviano e António, que praticamente acaba em Áccio (31), entre outras datas importantes e traumáticas para o povo romano. Quando Octaviano chega ao poder, o povo estava depauperado, cansado e justamente anelava por um período mais tranquilo. A *pax Augusta*, a paz que Augusto trouxe foi precisamente a resposta a essa ânsia. Religiosamente, esta nova época foi celebrada nos *Ludi Saeculares*, os “Jogos Seculares”, festas e jogos de carácter predominantemente expiatório, dedicados a divindades infernais ou ctónicas. Estes jogos eram realizados de 110 em 110 anos. Os primeiros de que há notícia segura foram celebrados em 249, num momento crítico da Primeira Guerra Púnica, e foram realizados em Tarento. No século I a.C., devido à guerra civil entre César e Pompeio, os jogos foram adiados para mais tarde. Foi Augusto, na qualidade de pontífice máximo do colégio sacerdotal dos Quindecênviros, quem deu continuidade a esta festividade e mandou organizá-la em 17 a.C., com grande pompa. Mas esta festa tinha um carácter bem mais importante do que um mero rito expiatório: o objectivo era comemorar a entrada de Roma numa nova época, uma época conduzida pelo forte pulso de Augusto, e celebrar igualmente a eternidade da Urbe. De facto, 19 a. C. foi o ano em que diplomaticamente Augusto recuperou as insígnias e estandartes romanos saqueados pelos Partos ao exército de Crasso, vitória diplomática de grande significado e largamente engrandecida pela propaganda augustana. Pouco tempo antes, Agripa submetera finalmente os Cântabros, e os limites ocidentais e orientais estavam seguros. Em 18 já também grande parte das reformas sociais e demográficas de Augusto estavam iniciadas. Por isso são estes jogos de uma importância simbólica fulcral, até porque os deuses infernais antigamente cultuados, *Dis Pater* e Prosérpina, foram substituídos por Apolo e Diana, Júpiter e Juno, deuses luminosos e da predilecção do *princeps*: as cerimónias antigamente nocturnas passaram a ser também diurnas.

Porque falámos nestes jogos?

A 20 de Setembro de 1890, ao escavar-se na margem esquerda do Tibre, perto da hodierna ponte Vittorio Emanuele, descobriu-se uma longa inscrição em mármore, contendo aquilo que foi identificado como sendo as Actas desses tais Jogos Seculares. Era um relato pormenorizado de todos os rituais, de todos os sacrifícios feitos durante três dias e três noites. Este inestimável registo pormenorizado do que aconteceu culmina, pelo menos ao olhar atento de um estudioso de literatura latina, na seguinte frase: *carmen*

composuit Quintus Horatius Flaccus: “Quinto Horácio Flaco compôs o cântico”. Gravado na pedra, dois milênios depois, está um nome que nos habituamos a ver impresso pelas nossas máquinas. Foi Horácio quem compôs o cântico de celebração de uma nova idade. E pela forma como Horácio quis que o seu cântico espelhasse as preocupações religiosas dos festivais, nomeadamente estruturando a sua composição em volta do número três, que presidiu igualmente a todas as cerimónias dos jogos, pode dizer-se que o poeta levou à letra a sua missão de “vate”, do músico inspirado pelos deuses, do cantor da prosperidade. Se o homem Horácio acreditou naquilo que esta nova idade prometia, nunca o saberemos. Sabemos apenas os seus versos. O seu horror perante o passado recente, lê-se:

“Ah, que vergonhosas são as nossas cicatrizes, o crime,
o nosso próprio fratricídio! Que coisa recusou
esta nossa impudente geração? Que sacrilégio deixámos
por intentar? Por medo dos deuses,
de que coisa afastou a juventude sua mão?” (*Odes*, I. 35. 33-37)

A importância que deu ao seu papel de vate na transição para um novo século de paz e prosperidade, também se lê:

Já casada dirás: “eu, no século
que de novo trouxe os luminosos dias de festa,
um cântico reproduzi querido aos deuses,
ensinada pelos ritmos do vate Horácio.” (*Odes*, IV. 6. 41-44)

Foi isto que o poeta quis deixar escrito. O sentido que lhe quisermos posteriormente dar, metafórico, irónico, subversivo, subserviente, crédulo, sóbrio, e tudo o mais, é por conta de quem o assim interpretar.

HORÁCIO POETA

As *Odes* de Horácio constam de quatro livros. Os primeiros três foram publicados provavelmente em 23 a.C.. O seu famoso *Exegi monumentum* (“Erigi um monumento”, III. 30), funcionaria como um selo (*sphragis*) dourado na sua carreira de poeta lírico. Mas assim não aconte-

ceu, provavelmente depois de ter recebido a honra de ser o poeta escolhido para compor o *Cântico Secular*. Esta composição deve ter-lhe dado fôlego para um novo livro de odes juntamente com o facto de, a julgar pela *Vida* abreviada de Suetónio, o próprio Augusto lhe ter encomendado algumas odes sobre os êxitos militares dos seus enteados Druso e Tibério.

Como já dissemos, porém, apesar de existir inegavelmente um sabor político em algumas odes de Horácio, a verdade é que a grande parte das odes não é desta natureza. Os seus poemas tratam dos mais diversos e díspares temas. Exceptuando alguns grupos de odes, cujo exemplo máximo talvez sejam as seis primeiras odes do terceiro livro, que ficaram conhecidas como “Odes Romanas”, escritas num mesmo metro alcaico e de tema exclusivamente romano, não existe uma aparente coerência de poema para poema. Damos o exemplo das últimas três odes do segundo livro. A Ode 18 reflecte sobre a simplicidade da vida por oposição à ambição desenfreada do homem, que no dia do próprio funeral contrata alguém para cortar mármore, e não para o seu túmulo. É bem melhor olhar para o presente e ser frugal, até porque “(...) imparcial / abre-se a terra para os pobres / e para os filhos dos reis” (32-34), sugerindo o tema recorrente da onipotência da morte. No poema seguinte (19) o poeta embarca num frenético delírio ao sugerir ter visto Baco, o deus da irracionalidade: “perturbado / no peito pleno de Baco alegra-se o coração” (5-6). No poema seguinte (20), ou seja, apenas dois depois de afirmar que a morte é o fim último e inexorável, apenas um depois de cantar a feliz demência de um deus, acaba por deixar escapar estes surpreendentes versos:

“Não, eu, do sangue de pobres pais,
eu, por quem tu mandas chamar, querido Mecenas,
não morrerei” (5-7)

Talvez não seja justo apelidar o poeta de incoerente; se de facto ele o é, trata-se de uma feliz incoerência; a pulsão lírica é o verdadeiro fio condutor de toda a obra — o “eu” da enunciação, o espaço constantemente habitado pelo poeta, não na perspectiva intimista e romântica, mas num sentido bem mais prático, quase gramatical: “uma generosa veia / tenho de engenho” (9-10), diz nessa primeira ode que demos como exemplo (II. 18), na seguinte canta “Baco vi a ensinar canções em remotos / rochedos” (1), e acaba o se-

gundo livro dizendo “não morrerei” (7). O sujeito desses verbos, “tenho”, “vi”, “morrerei”, é um só — o “eu lírico” — com propriedade o primeiro “eu lírico” latino, pois a própria palavra “lírico” foi usada pela primeira vez em latim por Horácio no sentido pleno do termo, na acepção que hoje conhecemos. Torna ainda mais rica a sua poesia pensar que essa incoerência traduz uma sinceridade camuflada pela técnica da lira e pelo virtuosismo da língua, que por vezes nos apresentam um compositor dado à ironia e ao desprendimento; ao longo dos três primeiros livros Horácio afirma-se já velho demais para o amor, com quarenta anos (II. 4. 23-24). É até bastante peremptório:

“Até agora no amor fui idóneo soldado,
e campanha fiz não sem glória;
agora, as armas e o bárbito,
que terminou sua guerra, guardará esta parede” (III. 26. 1-4)

Sensivelmente dez anos depois, não por acaso, Horácio inicia o seu quarto livro de odes reiterando esta ideia. É velho demais, agora com cinquenta anos. Mas o seu coração arde ainda de amor:

“Mas então porquê, ah, Ligurino,
porque escorre por minha face rara lágrima?” (IV. 1. 33-34)

A pergunta é simples e é colocada a nós todos. Porque é que, considerando-se já não idóneo para a arte do amor, continua dominado pela mesma paixão de sempre? Depois de falar deste amor, o poeta deixa adivinhar que será a última vez que Vénus invadirá o seu coração. Mas este é o poeta do eterno último amor:

“Vamos, último de meus amores —
pois daqui em diante não mais arderei de amor
por nenhuma outra mulher — aprende melodias
que com tua amável voz me possas entoar (...)” (IV. 11. 32-35)

Assim escreve dez odes depois, o seu mais novo último amor é Fílis. Horácio canta esta fina ironia do tempo, esta incoerência do coração que permanecerá sempre imutável no nosso sorriso — esta consciente e feliz

incoerência. Muitos dos nomes de Horácio são fictícios: têm sons forjados. Soam no ouvido romano com os mais diferentes ecos. Ricardo Reis imortalizou, para nós falantes do português, o nome de Lídia. Um romano culto pensaria imediatamente na Lídia, um longínquo território da Ásia Menor: o seu nome sugere volúpia e sensualidade, e no mesmo poema em que Lídia primeiro surge (I. 8), mostra-se a face de Síbaris, um nome derivado de uma cidade homônima em Tarento, conhecida pelo ócio e pela luxúria. Fílis, por exemplo, quer dizer “folha de árvore”, provavelmente de cor loura. No primeiro poema em que ela assoma, é amada por Xântias, “O Louro”. Este é apenas um pequeno exemplo da intrincada rede que se tece entre todas estas personagens de nomes imaginativos que pululam nos versos de Horácio. Este poeta não tinha “uma musa” escondida num nome fictício, como os poetas elegíacos, como Propércio teve a sua Cíntia e Catulo a sua Lésbia. Pelas suas páginas abundam personagens que tão depressa chegam como partem. Mais uma vez, é a voz do poeta que unifica todas estas histórias, normalmente associadas ao amor. E ora comenta com uma distância irônica o que se passa: “Álbio, não sofras demasiado ao lembrares-te da indócil / Glícera” (I. 23. 1-2), ora o consome a chama do amor: “ardo, se, com o vinho, / (...) um jovem, enlouquecido, / deixa, com os dentes, em teus lábios indelével marca” (I. 13. 9, 11-12). Não nos parece legítimo considerar o amor de Horácio frio, cínico. Está com certeza bastante longe de um Werther: é uma forma de cantar o amor bastante estranha à nossa sensibilidade pós-romântica... um poeta profundamente incoerente na forma como fala sobre o seu amor e sobre o amor dos outros, como vimos há pouco. Mas é mais uma vez uma feliz incoerência, no sentido em que a fina fronteira entre ironia e realidade é por vezes deliciosamente inextricável.

HORÁCIO EM PORTUGUÊS

“A pálida Morte com imparcial pé bate à porta das cabanas dos pobres
e dos palácios dos reis. Ó Séstio feliz,
a breve duração da vida impede-nos de encetar duradouras esperanças.”
(*Odes*, I. 4. 13-15)

A poesia portuguesa pode-nos ajudar a conhecer uma outra faceta de Horácio que ainda não explorámos aqui: o pensador do tempo, da brevi-

dade da vida. Ao longo das suas odes o autor vai aconselhando a si e aos outros a não fazer planos demasiados grandes para uma vida tão curta. Não é epicurista nem estóico: não é filósofo, é poeta. As suas exortações não são faladas, são cantadas. Quando nos canta a pálida Morte, ouvimo-la de facto bater à porta com o pé, e vemo-la lívida, sem cor. O facto de a poesia horaciana, pela sua natureza lírica (de “lira”), ter esta componente “musical”, chamemos-lhe assim, contribuiu em larga medida para a eternidade humana da sua obra, e por inerência para a sobrevivência do seu estro em tantos outros poetas, que procuraram nele não a tradução, mas a inspiração. Como exemplo disto, Ricardo Reis, o classicista por excelência dos heterónimos de Fernando Pessoa, canta assim numa das suas odes:

“As rosas amo dos jardins de Adónis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
Antes que Apolo deixe
O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida um dia,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
Que há noite antes e após
O pouco que duramos.”

O surpreendente nestes versos de Ricardo Reis, para quem vai conhecendo a obra de Horácio, é esta estranha sensação de estar a ler o poeta latino, mas não saber exactamente em que passo ou em que ode se inspirou o heterónimo pessoano. De facto, parece-nos difícil um tal propósito. No entanto, estamos a ler Horácio. Como se resolve o mistério? É a arte da poesia, da inspiração e da emulação. O tom é sem dúvida horaciano. Lídia é uma personagem de Horácio. Um termo como “volucres” (ou “vólucres”) é um termo do poeta romano: sugere algo que voa (*volo*), que tem asas — “como se quieto estivesse / o vólucres dia, poupas-te preguiçosa / a trazer da despesa a ânfora do cônsul Bíbulo? (*Odes*, III. 28. 6-8), assim apressa o poeta a cortesã Lide, para celebrar o dia de Neptuno. No en-

tanto, em Ricardo Reis, não é o dia que tem asas, como quase sempre em Horácio, mas as rosas. A ideia de luz é bem cara a Horácio, especialmente no seu *Cântico Secular*, e Apolo é o seu deus por excelência: o curso visível de Apolo refere-se ao carro do sol: “põe-me sob o carro do Sol que demasiado / se aproxima, (...) / ainda assim amarei Lálage, que docemente ri, / que docemente fala” (*Odes*, I. 22. 23-24). Mas a ideia de associar a eternidade da luz à metafórica felicidade das rosas, e amá-las por viverem um só dia, não a vamos encontrar em nenhum poema de Horácio. O facto de a vida do homem durar tão pouco, é afirmada e reafirmada, cantada e recantada pelo poeta romano: a noite que pesa sobre o homem depois da morte, de que fala Ricardo Reis, é dita por Horácio na sucinta expressão “em breve te oprimirá a noite” (I. 4. 16). No entanto, a noite que vem antes do que vivemos, em lado algum a encontramos em Horácio. Essa noite é de Ricardo Reis. É neste equilíbrio entre inspiração e imitação — no sentido nobre e literário do termo — que se foram estabelecendo os tributos dos séculos à obra horaciana, sublinhando aquilo que de imortal existe nos versos do poeta.

Assim cantou também Camões, na sua Ode IX:

“Fogem as neves frias
dos altos montes, quando reverdecem
as árvores sombrias;
as verdes ervas crecem,
e o prado ameno de mil cores tecem.
(...)

Porque, enfim, nada basta
contra o terrível fim da noite eterna;
nem pode a deusa casta
tornar à luz superna
Hipólito, da escura noite averna.
(...)

Nem Teseu esforçado,
com manha nem com força rigorosa,
livrar pode o ousado
Pirítoos da espantosa
prisão lesteia, escura e tenebrosa.”

O que aqui temos é um Horácio português numa ode cantada por Camões. A ideia da transitoriedade da vida que se espelha nas mudanças que traz a primavera é um eco das “odes da primavera” do romano:

“Fugiram as neves, já a erva aos campos retorna,
e as folhas às árvores,
a terra muda e renova-se, e o rios, mingando,
correm entre as margens” (*Odes*, IV. 7. 1-4)

A ode camonianiana é tão mais bela quanto é uma tradução por vezes literal dos versos de Horácio. “Tradução” não será o termo correcto: “transcrição” seria um termo bem mais feliz, até pela sua acepção musical. Quando Camões escreveu “odes”, a sua etimologia grega estava bem presente no seu engenho poético. Pôs no som, na música do português a música do poeta romano. Os pensamentos, as angústias do homem perante a sua morte, essas, são eternas: é um lugar verdadeiramente comum, com toda a latente nobreza dessa expressão. A forma como são cantadas, essa sim, é o que verdadeiramente fascina no génio de Camões. Ouça-se Horácio:

“Quando morreres, e sobre ti pronunciar Minos
sua clara sentença,
de volta não te há-de trazer a linhagem, Torquato,
nem a eloquência, nem a devoção;

pois nem Diana liberta o casto Hipólito
das infernais trevas,
nem tem Teseu força para quebrar as leteias correntes
que amarram seu amado Pirítoo.” (*Odes*, IV. 7. 21-28)

As referências mitológicas estão intactas: fala-se em Hipólito, que, apesar de devoto à deusa Diana, acabou morto numa conspiração da invejosa deusa Afrodite; fala-se em Pirítoo, que tentou com Teseu raptar Prosérpina do Hades, mas, após descer aos infernos, ficou preso para sempre; mais tarde Teseu libertou-se, mas não Pirítoo. Utilizar precisamente estas duas alegorias para sublinhar a força indestrutível da morte, fazendo referência num mesmo adjectivo cunhado do latim (“leteio”) ao rio Letes, o rio do esquecimento, é mais do que significativo: Camões os-

tensivamente transcreveu para o português a poesia de Horácio, como em outras passagens. Aquele que todos consideram “o poeta” da língua portuguesa quis mostrar-nos que leu com a sua lira as odes do romano.

E voltando a Ricardo Reis:

“Ao longe os montes têm neve ao sol,
Mas é suave já o frio calmo
Que alisa e agudece
Os dardos do sol alto.
Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
Não esperamos nada
E temos frio ao sol.
Mas tal como é, gozemos o momento,
Solenes na alegria levemente,
E aguardando a morte
Como quem a conhece.”

A “melódica Neera” de Horácio (III. 14. 21) surge no século vinte vestida de português. E mais uma vez o vate dessa transformação é Ricardo Reis. *Carpe diem*, colhe o dia, desfruta o dia, “gozemos o momento” é o sereno conselho que Horácio nos deixou a todos, a expressão eterna de uma das mais difíceis ambições do homem, escrita na décima primeira ode do seu primeiro livro. “Nada nos falta” lembra um dos outros conselhos de Horácio: “não te preocupes / com o que precisas na vida, que tão pouco pede” (II. 11. 4-5). A expressão “nada somos” lembra as palavras do romano, que diz que depois da morte “pó e sombra somos” (IV. 7. 16). Mas temos aquele “porque” de Ricardo Reis. “Nada nos falta, porque nada somos”. Esse “porque” transcreve para a alma do poeta a música de Horácio.

“Solenes na alegria levemente” interpreta na alma pessoana a “aúrea justa medida” de Horácio (*aurea mediocritas*, expressão retirada da ode II. 10. 5): não olhar nem a menos nem a mais: “na angústia, mostra-te forte e corajoso, / e do mesmo modo sabiamente recolhe / as enfunadas velas, quando o vento / é demasiado propício” (II. 10. 21-24). Ricardo Reis fala-nos em “solenes” porque esta é uma alegria séria: Horácio lembra-nos “de manter nos maus momentos, / e não menos nos bons, o equi-

líbrio da mente, / apartando-a dos excessos da alegria” (II. 3. 1-3). “E aguardando a morte / como quem a conhece”, lembra-nos de novo Horácio “como é melhor suportar o que quer que o futuro reserve” (I. 11. 3) — dizermos a nós próprios que fingimos conhecer a morte levar-nos-á a não ter medo e a suportar as investidas do destino... São os dois poetas na língua da poesia que nos aconselham. São dois poetas separados por dois milénios de tempo cronológico, mas no mesmo tempo de sentido.

Nem Camões nem Fernando Pessoa foram, como o leitor pode imaginar, os únicos poetas do português a beber das odes de Horácio¹; nem, dentro destes autores, os poemas citados são os únicos que revisitaram a pena do romano. Não deixaremos aqui uma lista fria de autores, portugueses ou não, e de passos de obras onde claramente sentimos a imortalidade que os deuses emprestaram ao poeta, que cumpriu inegavelmente o seu vaticínio, “nem tudo de mim morrerá” (III. 30. 6). Tal tarefa seria, além de fastidiosa, provavelmente infundável. Antes, uma exortação: que Horácio o inspire a procurar as suas palavras no mundo dos versos. E procuremos também, mais do que as suas palavras, a poesia que se esconde e se mostra nos espaços do silêncio e da música. E agradeçamos à musa:

“Ó musa de Píero,
tu que os doces sons da áurea lira moldas,
tu que, se quisesses,
a voz do cisne até aos mudos peixes darias:

tudo isto é dádiva tua,
que os que passem por mim com o dedo apontem
para o bardo da lira romana. É obra tua
que eu inspirado agrade o mundo, se de facto agrado.” (IV. 3. 17-24)

¹ Para ter uma ideia da riqueza deste espólio, aconselhamos a leitura de *Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, de Maria Helena da Rocha Pereira, 2008 (2ªed.), Lisboa, Verbo.

Sobre a tradução

Dado aquilo que dissemos sobre a essência métrica e musical das Odes de Horácio, não podemos deixar de soltar um sorriso irónico ao pensar que, nas páginas que se seguem, encontraremos uma língua portuguesa sem padrões rítmicos conscientemente repetidos. O objecto sonoro do latim de Horácio é intraduzível. Não temos oposição entre sílabas longas e breves, temos sim acentos de intensidade e o som vagamente artificial das rimas: fazer uma tradução para o nosso sistema métrico convencional resultaria num exercício fascinante — algo que foi bastante feito na nossa língua, especialmente numa época em que a rima e a métrica constituíam a única forma de fazer poesia¹. Sem termos a pretensão de traduzir esta parte inquestionavelmente fulcral do texto horaciano, restou-nos apenas um recurso: a língua portuguesa, e o seu próprio som, sem unidade métrica. Queremos dar a conhecer o que Horácio cantou o mais fielmente possível, procurando o português que melhor convém a esse propósito. A leitura das Odes não é fácil, um romano sem cultura, na época em que o poeta viveu, dificilmente compreenderia as suas odes. O nosso português procurou viver nesse fino compromisso: deixar transparecer a erudição do seu autor, sem tornar a mensagem obscura, procurando manter a essência poética do texto. Neste particular, preservámos aquilo que, até hoje, parece ser o filão comum da poesia: o verso. Os versos agrupam-se em estrofes de quatro: todas as odes de Horácio são divisíveis por quatro, excepto IV. 8, que a tradição manuscrita parece ter adulterado. Esta é uma unidade musical do seu autor, a que a tradução portuguesa não pode estar alheia. Dada a inextrincável rede de referências mitológicas, sociais e políticas do texto, não podemos deixar o leitor à deriva num texto que, por natureza, é de difícil leitura. Portanto, optámos por dotar o texto de notas, que procuram mais do que tudo clarifi-

¹ Para um elenco completo das inúmeras traduções feitas das *Odes* em português ao longo dos tempos, veja-se A. A. Gonçalves Rodrigues (*A Tradução em Portugal*, Lisboa, INCM, 1992).

car: esperamos não ter caído no erro nem de explicar de mais, nem de menos; por vezes indicamos passos de outras obras clássicas² que julgamos importantes para compreender o contexto — as notas não pretendem ser um comentário, quisemos apenas por vezes despertar a atenção do leitor para o mundo dos clássicos. Normalmente a primeira ocorrência de um nome mitológico ou toponímico é objecto de nota no texto, pelo que pode usar o índice remissivo presente neste volume como um glossário indirecto; consideramos que era desnecessário apresentar uma nota sobre os deuses mais importantes do panteão romano (Júpiter, Apolo, Diana, etc.) e de lugares do conhecimento comum (Roma, Chipre, etc.). De qualquer forma, aconselhamos o dicionário de Pierre Grimal, traduzido em português³, para um conhecimento mais profundo da mitologia grega e latina.

A nossa tradução é em larga medida possível graças ao diligente estudo de Robin Nisbet e Margaret Hubbard⁴, e mais recentemente de Robin Nisbet e de Niall Rudd, que escreveram extensos e elucidativos comentários sobre as odes de Horácio. As suas palavras ecoam em grande parte das decisões hermenêuticas e nas notas. No entanto, os livros de D. West foram também consultados, e igualmente os comentários de Kiessling e Romano, especialmente estes últimos no quarto livro. Os nomes destes comentadores são usados ao longo das notas. Em relação a traduções consultadas, foram igualmente uma grande ajuda as traduções de D. West, L. Canali, N. Rudd, S. Alexander e F. Villeneuve. Queremos com esta tradução inspirar outros a apresentarem a sua tradução do poeta Horácio. Esta foi a que o nosso engenho e juventude permitiram.

Esta tradução foi o resultado de um estudo que se iniciou com a minha tese de mestrado, *Da Noite de Tarento à Luz de um Cântico: O Carmen Saeculare de Horácio, Música de um Ritual* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006), que apresentava como anexo um primeiro esboço desta tradução. Como tal, se esta tradução existe, é graças à sabedoria, paciência e amizade da minha Professora Maria Cristina de Sousa Pimentel, a quem agradeço de coração. Nesse contexto, as observações do Professor Carlos Ascenso André foram também extremamente úteis,

² As mais referidas encontram-se traduzidas em português, a *Iliada*, a *Odisseia*, bem como as *Metamorfoses* de Ovídio na Cotovia, e a *Eneida* na Bertrand.

³ *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa, Difel, 1992.

⁴ Todas as obras citadas constam da Bibliografia.

pelo que agradeço igualmente. Agradeço igualmente a disponibilidade do Professor Luís Cerqueira para rever (por duas vezes) esta obra, ao Professor Frederico Lourenço o interesse que mostrou pelo meu trabalho, e ao André Fernandes Jorge, por tudo aquilo que tem feito pelos Estudos Clássicos em Portugal: o seu esforço será seguramente recompensado, assim que este país se aperceber de que não surgiu do nada. À minha Juca, à minha mãe Ana Bela, ao meu pai Laurénio e ao meu irmão Saul dedico esta tradução; espero que o vosso amor me tenha inspirado.

Sobre o texto

O texto utilizado foi o de Wickham revisto por Garrod (1912); apesar de existirem edições mais recentes, nomeadamente a de Schakleton Bailey (1985, rev. 2001), este continua a ser entre os estudiosos o texto mais usado (repare-se em David West, nos seus comentários 1995-2002 e na tradução de Niall Rudd em 2004). Embora tentemos seguir sempre o texto original de Wickham, há momentos em que nos vimos forçados a seguir outra lição; apresentamos esses passos aqui:

- I. 2. 39 *Mauri*] *Marsi*.
- I. 5. 16 *deo*] *deae*.
- I. 7. 27 *auspice: Teucro*] *auspice Teucro*
- I. 8. 2 *hoc deos uere*] *te deos oro*
- I. 12. 31 *quia*] *quod*
- I. 13. 6 *manent*] *manet*
- I. 25. 20 *Hebro*] *Euro*
- I. 31. 9 *Calenam*] *Calena*
- I. 32. 1 *Poscimur*] *Poscimus*
- I. 32. 15 *mibi cumque*] *medicumque*
- I. 34. 5 *relictos*] *relectos*
- I. 35. 17 *serua*] *saeua*
- II. 1. 21 *audire*] *uidere*
- II. 11. 23 *incomptum*] *in comptum*
- III. 3. 12 *bibit*] *bibet*
- III. 4. 46 *urbes*] *umbras*
- III. 17. 5 *ducis*] *ducit*
- III. 24. 60 *consortem socium*] *consortem et socium*
- III. 26. 7 *et arcus*] *securesque*
- IV. 2. 49 *terque*] *tuque*
- IV. 4. 17. *Raeti*] *Raetis*
- IV. 4. 34 *roborant*] *roborat*
- IV. 9. 31 *sileri*] *silebo*

Roteiro para uma leitura temática das *Odes*

Se o leitor optar por fazer uma leitura seleccionada e temática das *Odes* deixamos aqui um roteiro que pode servir de guia nessa tarefa. Em numeração romana encontra-se o número do livro, ao que se segue, em numeração árabe, o número da ode, e, se necessário, o(s) número(s) do verso(s).

I. SOBRE O POETA

O ofício do poeta

- I.1 — *Dos muitos ofícios possíveis, o poeta escolhe a arte das Musas.*
- I.16 — *A impudência do jovem poeta num canto de retractação.*
- I.22 — *O canto substitui as armas.*
- I.32 — *Invocação à lira.*
- III.4 (1-36) — *Um prenúncio do destino do poeta.*
- III.25 — *O poeta possuído por Baco cantará algo de novo.*
- IV.2 — *Qualquer poeta é pequeno perante o grande Píndaro.*
- IV.3 — *Agradecimento à Musa pela fama conquistada.*
- IV.6 — *O vate inspirado por Apolo.*

O poder da poesia

- I.26 — *O poeta amigo das Musas. Só a poesia immortaliza o homem.*
- II.20 — *O poeta transforma-se em ave e escapa à morte.*
- III.30 — *O poeta erigiu um monumento mais perene que o bronze.*
- IV.8 — *Sem a poesia, nenhum herói seria mortal.*
- IV.9 — *A immortalidade do poeta e de quem ele canta.*

A recusa em cantar temas sérios

- I.6 — *Que Vário celebre os feitos de Agripa. A lira do poeta não o pode fazer.*
- I.19 — *O amor de Glicera impede o poeta de falar sobre os Citas.*

- II.1 (37-40) — *O poeta envereda por temas sérios, mas logo se arrepende.*
 II.12 — *À lira não convém grandes temas. O amor é mais adequado.*
 III.3 (69-74) — *De novo o poeta se arrepende de cantar temas sérios.*
 IV.15 (1-4) — *Sempre que quis cantar temas sérios, Apolo repreendeu o poeta.*

II. SOBRE A NATUREZA HUMANA

A ganância do homem e a simplicidade do poeta

- I.3 — *A ambição desmedida do homem, que não recua perante os perigos do mar.*
 I.31 — *O poeta só precisa da sua cítara. Votos para a velhice.*
 I.38 — *O luxo dos Persas não interessa ao poeta.*
 II.2 — *Domando a ganância será o homem mais rico.*
 II.15 — *As construções do homem já não deixam espaço para a agricultura.*
 II.16 — *A riqueza e a ambição não trazem paz. Só a simplicidade.*
 II.18 — *A simplicidade do poeta, por oposição à ganância do homem.*
 III.1 — *Quanto mais ambicioso, mais inquieto. Elogio da simplicidade.*
 III.4 (49-80) — *Exemplos mitológicos de como a ambição desmedida leva à perdição.*
 III.16 — *A fome pelo ouro leva à desgraça. A recusa do poeta em querer mais.*
 III.29 (1-28) — *A fastidiosa riqueza por oposição à simplicidade do presente.*

“Carpe diem” e a justa medida

- I.4 — *A Primavera chegou, aproveita-a enquanto é tempo.*
 I.9 — *O Inverno chegou; aquece-te com o vinho e confia o resto aos deuses.*
 I.11 — *Não queiras saber o futuro; colhe cada dia.*
 II.3 — *Abstém-te dos excessos da alegria e aproveita o presente.*
 II.10 — *A áurea justa medida.*
 II.11 — *Não te angusties com a vida, que tão pouco pede.*
 III.29 (29-64) — *A serenidade daquele que sabe apreciar a hora presente.*
 IV.7 — *Nada esperes de imortal, aconselha-te a própria natureza.*

A Morte

- I.4 (13-20) — *A imparcial e pálida Morte.*
 I.24 — *A morte de Quintílio, um amigo chegado. Ninguém escapa ao Hades.*
 I.28 — *Nem o sábio Arquitas escapou à morte. Ameaças de um marinheiro morto.*
 II. 3 (13-28) — *Somos todos vítimas do Orco.*
 II.13 — *Uma árvore quase mata o poeta. A imprevisibilidade da morte.*
 II.14 — *Todos teremos de morrer. Ninguém foge ao tempo.*

A Fortuna

- I.34 — *O poder da Fortuna, simbolizado no raio.*
 I.35 — *Até os reis temem a Fortuna e o seu séquito.*

III. SOBRE O AMOR

O amor na primeira pessoa

- I.13 — *Ociúme por Lídia assola o poeta. A felicidade dos amantes eternos.*
 I.19 — *Reacende-se o amor por Glicera, que o impede de cantar temas sérios.*
 I.22 — *O amor de Lálage protege o poeta.*
 I.23 — *O poeta adverte Cloe de que já está madura para um homem.*
 I.25 — *O poeta adverte Lídia de que em breve será velha.*
 III.9 — *Diálogo de amor entre o poeta e Lídia.*
 III.10 — *Lice não se comove com o canto do poeta, prostrado à sua porta.*
 III.11 — *O poeta invoca Mercúrio e o mito das Danaides para chamar a atenção de Lide.*
 III.26 — *Renúncia ao amor. O poeta termina a sua campanha e desiste de Cloe.*
 IV.1 — *De novo a renúncia ao amor. Mais eis que Ligurino surge.*
 IV.10 — *Em breve o tempo surpreenderá a crueldade de Ligurino.*
 IV.11 — *Convite a Fílis, o último dos amores.*
 IV.13 — *O horror do poeta perante a velhice de Lice, outrora tão amada.*

O amor na terceira pessoa

- I.5 — *Um jovem incauto cai nas redes da volúvel Pirra.*
 I.8 — *Lídia afasta Síbaris das actividades militares.*
 I.27 — *O poeta acalma os ânimos num banquete, e lamenta a sorte do irmão de Megila.*
 I.33 — *Que Álbio não sofra demais por Glícera. O jogo de Vénus.*
 II.4 — *Que Xântias não se envergonhe por amar uma escrava.*
 II.5 — *Lálage é demasiado nova para ti. Sê paciente.*
 II.8 — *Os falsos juramentos de Barine inspiram o riso de Vénus.*
 II.9 — *Válgio, deixa de chorar esse teu Mistes.*
 III.7 — *Astéria, não chores. O teu fiel Giges regressará.*
 III.12 — *Os encantos de Hebro afastam Neobule dos seus labores.*
 III.15 — *Imprecação contra Clóris, uma velha licensiosa.*
 III.20 — *O desprezo de Nearco pela luta que travam por si.*

IV. SOBRE ROMA E AUGUSTO

O passado recente de Roma

- I.2 — *O passado traumático de Roma.*
 I.14 — *Alegoria do estado recente de Roma.*
 I.35 (29-40) — *O crime da guerra civil.*
 I.37 — *A morte de Cleópatra.*
 II.1 — *De novo o crime da guerra civil.*
 III.24 — *Que alguém ponha um freio à devassidão e à ganância do povo romano.*

Augusto e o grandioso destino de Roma

- I.2 (25-52) — *Invocação ainda tímida de Augusto.*
 I.12 — *Augusto surge no séquito dos heróis romanos.*
 III.14 — *Celebração do regresso de Augusto, que volta da Hispânia.*
 IV.2 (33-60) — *Celebração do regresso de Augusto, que volta da Gália.*
 IV.4 — *Celebração das vitórias dos Neros sobre os Vindélicos. A força de Roma.*
 IV.5 — *Súplica pelo regresso do ausente Augusto. A Paz Augustana.*
 IV.14 — *Louvor de Augusto, temido ao longe e ao largo.*
 IV.15 — *A glória do século de Augusto.*

Odes Romanas (III. 1-6)

- III.1 — *A ambição desmedida do homem.*
- III.2 — *As virtudes romanas. É doce morrer pela pátria.*
- III.3 — *O destino mítico de Roma.*
- III.4 — *As Musas reconfortam Augusto depois dos seus trabalhos.*
- III.5 — *O desastre de Carras. O exemplo de Régulo.*
- III.6 — *A desgraça da guerra civil. Os transviados costumes.*

V. HINOS OU INVOCAÇÕES

- I.10 — *A Mercúrio.*
- I.21 — *A Apolo e Diana.*
- I.30 — *A Vénus.*
- I.35 — *À Fortuna.*
- II.19 — *A Baco.*
- III.13 — *À fonte da Bandúsia.*
- III.18 — *A Fauno.*
- III.22 — *A Diana.*
- III.23 — *Invocação dos Penates.*
- IV. 6 — *A Apolo.*
- Cântico Secular.*

VI. CELEBRAÇÕES

O Vinho

- I.7 (15-32) — *Que o vinho ponha um fim aos teus cuidados, Planco.*
- I.18 — *Só o vinho desvanece as preocupações. Baco castiga, porém, os excessos.*
- III.19 — *O poeta ébrio. A doce loucura de Baco.*
- III.21 — *As virtudes de Baco. Invocação de uma ânfora.*

O Banquete e festejos

- I.20 — *Convite para um banquete, dirigido a Mecenas.*
- I.36 — *Um banquete em honra de Númida.*
- I.37 — *Festejos sobre a morte de Cleópatra.*

- II.7 — *Banquete em honra do regresso de Pompeio.*
 III.17 — *Que o amigo Élio festeje bem o dia livre que a chuva trará.*
 III.8 — *Banquete em honra do poeta que sobreviveu à queda de uma árvore.*
 IV.11 — *Convite a Fílis por ocasião do aniversário de Mecenas.*
 III.14 — *Festejos sobre o regresso de Augusto.*
 III.28 — *Festejos em honra de Neptuno.*
 IV.12 — *Convite a Vergílio para um banquete em honra da Primavera.*

VII. TEMAS MITOLÓGICOS

- I.15 — *Presságio de Nereu quando Páris parte com Helena.*
 III.11 (25-52) — *O mito das Danaides.*
 III.27 (25-76) — *O mito de Europa.*

VIII. ELOGIOS DO CAMPO

- I.7 (1-14) — *Nenhuma terra deleita mais o poeta do que Tíbur.*
 I.17 — *A calma da propriedade do poeta na Sabina, que convida à poesia.*
 II.6 — *De novo um elogio a Tíbur. Que se espalhem aqui as cinzas do poeta.*

XIX. TEMAS VÁRIOS

- I.29 — *Ício troca os estudos filosóficos pela guerra. O poeta lamenta.*
 II.17 — *Quando Mecenas morrer, o poeta seguiu-lo-á.*

Os metros das *Odes*

Apresentamos aqui um esquema simplificado dos metros utilizados por Horácio, sugerindo assim ao leitor o esquema rítmico original dos textos, deixando assim perceber o porquê da disposição gráfica do português, e igualmente para que se tenha uma ideia do “esqueleto sonoro”, digamos assim, que subjaz a cada ideia apresentada pelo poeta. Como já referimos há pouco, uma sílaba longa é marcada pelo sinal “–”, a breve pelo sinal “U”. O sinal “U” marca uma sílaba que tanto pode ser breve como longa; “UU” marca uma longa que pode ser substituída por duas breves. Uma longa equivale a cerca de duas breves; ao longo de cada verso podem surgir as cesuras (pausas), marcadas com o sinal “/”. Este esquema baseia-se em Nisbet e Hubbard (1970) e no conspecto de Schackleton Bailey (2001r).

I. SISTEMAS BASEADOS EM ASCLEPIADEUS

a) Primeiro Asclepiadeu. *Odes*: I.1; III.30; IV.8

---UU-/UU-UU
---UU-/UU-UU
---UU-/UU-UU
---UU-/UU-UU

b) Segundo Asclepiadeu. *Odes*: I.6, 15, 24, 33; II. 12; III.10, 16; IV.5, 12

---UU-/UU-UU
---UU-/UU-UU
---UU-/UU-UU
---UU-UU

c) Terceiro Asclepiadeu. *Odes*: I.5, 14, 21, 23; III.7, 13; IV.13

---UU-/UU-UU
---UU-/UU-UU

---UU-UU
 ---UU-UU

d) Quarto Asclepiadeu. *Odes*: I.3, 13, 19, 36; III.9, 15, 19, 24, 25, 28;
 IV.1, 3

---UU-UU
 ---UU-/-UU-UU
 ---UU-UU
 ---UU-/-UU-UU

e) Quinto Asclepiadeu. *Odes*: I.11, 18; II. IV.10

---UU-/-UU-/-UU-UU
 ---UU-/-UU-/-UU-UU
 ---UU-/-UU-/-UU-UU
 ---UU-/-UU-/-UU-UU

II. ESTROFE ALCAICA

Odes: I.9, 16, 17, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 37; II.1, 3, 5, 7, 9, 11, 13, 14,
 15, 17, 19, 20; III.1-6, 17, 21, 23, 26, 29; IV.4, 9, 14, 15

U-U--/-UU-UU
U-U--/-UU-UU
U-U---U-U
 -UU-UU-U-U

III. ESTROFE SÁFICA

a) *Odes*: I.2, 10, 12, 20, 22, 25, 30, 32, 38; II.2, 4, 6, 8, 10, 16; III.8,
 11, 14, 18, 20, 22, 27; IV.2, 6, 11, *carm. saec.*

-U---UU-U-U
 -U---UU-U-U
 -U---UU-U-U
 -UU-U

b) *Odes*: I.8

- UU - U - -
 - U - - - UU - / - UU - U - -
 - UU - U - -
 - U - - - UU - / - UU - U - -

IV. OUTROS SISTEMAS

a) Primeiro arquilóquio (ou alcmânico). *Odes*: I. 7, 28

- UU - UU - / UU - UU - UU - U
 - UU - UU - UU - U
 - UU - UU - / UU - UU - UU - U
 - UU - UU - UU - U

b) Segundo arquilóquio. *Odes*: IV. 7

- UU - UU - / UU - UU - UU - U
 - UU - UU U
 - UU - UU - / UU - UU - UU - U
 - UU - UU U

c) Terceiro arquilóquio. *Odes*: I. 4

- UU - UU - UU - UU / - U - U - -
U - U - - / - U - U - -
 - UU - UU - UU - UU / - U - U - -
U - U - - / - U - U - -

d) Hiponacteu. *Odes*: II. 18

- U - U - U U
U - U - U / - U - U - -
 - U - U - U U
U - U - U / - U - U - -

e) Jónico. *Odes*: III.12. Consiste em quarenta metros jónicos contínuos (UU - -).

Breve bibliografia

1) EDIÇÕES DE TEXTO

SCHACKLETON BAILEY, D.R. (1985, 2001r), *Horatius: Opera*, Leipzig (Teubner).
WICKHAM, E.C., GARROTT, H. W. (1912), *Q. Horati Flacci Opera*, Oxford.

2) TRADUÇÕES

Horace: Odes and Epodes (2004), trad. N. RUDD, Cambridge MA (Loeb Classical Library).

Horace: The Complete Odes and Epodes (1997), trad. D. WEST, Oxford.

Horace: The Complete Odes and Epodes (1984), trad. W. G. SHEPHERD, Harmondsworth (Penguin Classics).

Horace: Tome 1, Odes et Épodes (1934), trad. F. VILLENEUVE, Paris, Les Belles Lettres (bilingue).

Orazio Flacco, Le Opere: I Le Odi; Il Carme Secolare, Gli Epodi (1991), trad. L. CANALI, Roma.

The Complete Odes and Satires of Horace (1990), trad. SIDNEY ALEXANDER, Princeton.

3) COMENTÁRIOS ANTIGOS

PSEUDO-ÁCRON, *Pseudoacronis Scholia in Horatium Vetustiora*, O. KELLER (ed.) (1901), Leipzig (Teubner).

PORFÍRIO, *Pomponi Porfyrionis commentum in Horatium Flaccum*, A. HOLDER (ed.) (1967), Hildesheim.

4) COMENTÁRIOS MODERNOS

KIESSLING, A., HEINZE, R. (1960), *Horaz: Oden und Epoden*, Berlin.

NISBET, R. G. M., HUBBARD, M. (1970), *A Commentary on Horace: Odes, Book I*, Oxford.

NISBET, R. G. M., HUBBARD, M. (1978), *A Commentary on Horace: Odes, Book II*, Oxford.

NISBET, R. G. M., RUDD, N. (2004), *A Commentary on Horace, Odes, Book III*, Oxford.

- PUTNAM, M. C. J. (1986), *Artifices of Eternity, Horace's Fourth Book of Odes*, Ithaca.
- ROMANO, E. (1991), *Q. Orazio Flacco, Le Opere: I Le Odi; Il Carme Secolare, Gli Epodi, Tomo Secondo: Commento di Elisa Romano*, Roma.
- WEST, D. (1995), *Horace Odes I: Carpe Diem*, Oxford.
- WEST, D. (1998), *Horace Odes II: Vatis Amici*, Oxford.
- WEST, D. (2002), *Horace Odes III: Dulce Periculum*, Oxford.
- 5) ALGUNS ESTUDOS RECOMENDADOS SOBRE HORÁCIO:
- COLLINGE, N. E. (1961), *The Structure of Horace's Odes*, London.
- COMMAGER, S. (1962), *The Odes of Horace: A Critical Study*, Yale.
- FRÄNKEL, E. (1957), *Horace*, Oxford.
- HARRISON, S. (ed.) (1995), *Homage to Horace: a Bimillenary Celebration*, Oxford.
- HARRISON, S., (ed.) (2007), *The Cambridge Companion to Horace*, Cambridge.
- LOWRIE, M. (1997), *Horace's Narrative Odes*, Oxford.
- LYNE, R. O. A. M. (1995), *Horace: behind the public poet*, New Haven.
- PASQUALI, G. (1964), *Orazio Lirico: Studi*, Firenze.
- PÖSCHL, V. (1991), *Horazische Lyrik: Interpretationen*, Heidelberg.
- RUDD, N. (ed.) (1993), *Horace 2000: a Celebration. Essays for the bimillennium*, London.
- SANTIROCCO, M. S. (1986), *Unity and Design in Horace's Odes*, Chapel Hill and London.

Livro I

I

Mecenas, descendente de reis ancestrais,
 meu amparo, minha doce glória:
 a alguns agrada acumular em seu carro
 o pó de Olimpo, evitando a meta do circo

- 5 com as rodas ardentes: a nobre palma eleva
 os senhores da terra aos deuses.
 Um deleita-se se a multidão dos volúveis Romanos
 luta para o erguer às três grandes honras,

- outro, se guardou no próprio celeiro
 10 tudo quanto se varreu das eiras líbias.
 Àquele que se alegra em fender os campos pátrios
 com a enxada, nunca, nem com riquezas de Átalo

- o poderás convencer a, temeroso nauta,
 em barco cipriota o mar de Mirto atravessar.
 15 O mercador, receando o Áfrico,
 que com as ondas de Ícaro luta, louva a calma

- e os campos da sua terra; mas logo desfeitos
 os navios conserta, não sabendo suportar a pobreza.
 Há quem não recuse beber um velho Mássico,
 20 nem despreze ao seu dia retirar uma parte,

ora espreguiçando-se sob um verde medronheiro,
 ora junto à suave nascente de uma fonte sacra.
 A muitos apraz o campo militar, o som da tuba
 que se mistura com o lítuo, as guerras pelas mães odiadas.

- 25 Se os fiéis cães um veado avistaram,
ou se um javali marso as finas redes rompeu,
permanece o caçador frio sob o céu de Júpiter,
esquecido da terna e jovem mulher.

- A mim a hera, prêmio das sages fronteiras,
30 aos supernos deuses me une,
a mim a fria mata e os coros das Ninfas
e dos Sátiros do povo me apartam,

- desde que Euterpe não afaste de mim suas túbias,
nem Polímnia se recuse afinar o bárbito de Lesbos;
35 e se me contares pois entre os vates líricos,
de cabeça erguida tocarei as estrelas.

- 1 *Mecenas*: Gaius Cilnius Maecenas, descendente de uma família etrusca de Arretium (actualmente Arezzo), era um cavaleiro romano de grande fortuna. Era proverbial o luxo da sua casa, bem como os seus escravos e libertos, os seus vinhos, os seus banquetes, os seus escandalosos amores. Mas é como patrono das artes que o seu nome se imortalizou; as *Geórgicas* de Vergílio são-lhe dedicadas, Horácio dedica-lhe as *Sátiras*, os *Epodos*, as *Odes* (I-III) e as *Epístolas* (I). Horácio foi-lhe apresentado em 39 a.C., pelos seus amigos Vergílio e Vário, e tornou-se um amigo íntimo de Mecenas, como atestam alguns fragmentos de poemas do próprio *eques* dedicados ao nosso poeta. A este círculo literário, além de Horácio e Vergílio, pertenciam também nomes importantes como P. Tuca, Vário Rufo e Domício Marso. Em 33 a.C., Mecenas deu a Horácio uma propriedade na Sabina, situada a cerca de 40 quilómetros a nordeste de Roma, o que permitiu ao poeta romano dedicar-se exclusivamente ao estudo e à literatura. Em termos políticos, foi um dos primeiros apoiantes de Octaviano, e foi sempre um seu aliado, sendo até seu conselheiro pessoal, servindo de ponte entre o *princeps* e os poetas coevos.
- 4 *Evitando a meta do circo*: quanto mais próximo o condutor passava com o seu carro da meta do circo (grupo de três colunas de forma cónica, sobre uma base elevada, colocada no fim do percurso), sem tocar nele, maior era a sua perícia. Daí que as rodas aquecessem (*ardentes rodas*) sob o efeito de uma curva tão apertada.

- 8 *Três grandes honras*: As três magistraturas representadas pelo edil, o pretor e o cônsul.
- 12 *Riquezas de Átalo*: Átalo III de Pérgamo legou aos Romanos, em 133 a. C., todo o seu império, a capital, e a sua enorme riqueza, na esperança de que assim pudesse ser conservado o seu reino. Cedo se tornou conhecido na Antiguidade como um exemplo de proverbial riqueza.
- 14 *Mar de Mirto*: nome usado pelos geógrafos e pelos poetas antigos para designar o mar entre o Peloponeso e as Cíclades. Este mar é para Horácio um dos mais agitados e perigosos (cf. I. 14. 20).
15. *Áfrico*: vento do sudoeste
- 16 *Ondas de Ícaro*: O mar onde Ícaro caiu, entre Samos e Míconos, no mar Egeu. Para o mito, cf. II. 20. 13-14 (n.).
- 19 *Velho Mássico*: vinho da montanha de Mássico, na Campânia, celebrada pela qualidade dos seus vinhos.
- 23-24 *Tuba e lítuo*: Decidimo-nos por traduzir com rigor os instrumentos musicais citados por Horácio, não os adaptando ao actual panorama organológico, como faz a grande maioria dos tradutores (*tuba* — trompete, *tibia* — flauta, etc.), pois consideramos que, ao fazê-lo, estamos a cometer um anacronismo que não se justifica. A tuba romana (não confundir com a actual tuba, instrumento mais grave da família dos metais) é um instrumento romano similar ao trompete, embora tenha um timbre e um corpo totalmente diferentes. É o instrumento mais importante da família dos metais em Roma. Consiste num cilindro direito de bronze ou ferro, com cerca de 1,2 até 1,5 metros de comprimento com um pavilhão no fim. Era capaz de produzir seis tons da escala natural, o que o torna um instrumento menos versátil do que outros da sua família, tendo um som mais estridente do que o moderno trompete. Foi adaptado dos Etruscos, e era fundamentalmente usado para procissões solenes, cerimónias religiosas e no contexto militar. O *lituus* (que decidimos adaptar para o português lítuo) é também um instrumento de metal, e consiste num longo tubo dando voltas sobre si próprio no fim, produzindo assim a forma da letra J. Provavelmente tinha uma grande boquilha que se podia tirar. É um instrumento tipicamente etrusco e romano, que não conhece nenhum semelhante entre os Gregos. Tal como a tuba, foi associado à actividade militar.
- 33-34 *Tíbias... bárbito*. A tibia é um instrumento de sopro identificado com o *aulos* grego. O som da tibia era produzido através de uma palheta dupla, à semelhança do que acontece com o nosso oboé. É errado traduzir *tibia* por flauta, como é costumeiro, pois os dois instrumentos são completamente distintos, quer pela forma como o som é produzido, quer pelo timbre. A tibia desem-

penhava um papel fundamental na actividade musical etrusca e romana, nos templos, nos jogos, nos ritos funerários, como atesta não só a literatura como muita iconografia romana. Euterpe é a musa normalmente associada a este instrumento. O bárbito é um instrumento grego semelhante à lira. Organologistas defendem que apareceu por volta do século VI a.C., tornou-se bastante conhecido durante o século V a.C., tendo posteriormente caído em desuso. É fundamentalmente associado a Dioniso e seus seguidores, e difere da lira apenas pelos braços maiores (o que produzia um som mais grave do que a lira) e pela forma como as cordas se fixam no braço. Polímnia, a musa normalmente associada à pantomima, aparece inusitadamente associada a este instrumento. Para mais informações sobre os instrumentos musicais citados nas *Odes*, cf. respectivas rubricas em *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, London, Ed. S. Sadie, 1980.

- 35 *Vates líricos*: Horácio expressa assim o desejo de ser inserido no cânon dos poetas líricos, que no seu tempo incluía nomes como Píndaro, Safo ou Alceu. Para o significado religioso do termo “vate” e do poeta, cf. IV. 6. 44 (n.).

II

Já assaz enviou o Pai sobre a terra a neve
 e o funesto granizo e, lançando-se sobre as sagradas
 colinas com sua rubra destra, aterrorizou
 a nossa cidade,

5 e inspirou nos povos o terror de que voltasse
 terrível a idade de Pirra, queixosa de novos portentos,
 quando Proteu levou todo o seu gado a contemplar
 os montes elevados,

e todo o género de peixes ficou preso no topo do olmo,
 10 que fora outrora a morada das pombas,
 e amedrontadas as corças nadaram
 assim que o mar galgou a terra.

Vimos o amarelo Tibre avançar, as ondas
 pela costa etrusca com fúria repelidas,
 10 vimo-lo precipitar-se sobre os monumentos do Rei,
 sobre os templos de Vesta:

lança-se em vingança do imenso pranto de Ília,
 sem o consentimento de Júpiter,
 dimanando errante sobre a margem esquerda
 20 o rio devoto a sua esposa.

A juventude, por vício paterno enrarecida,
 ouvirá que os cidadãos afiaram a espada
 sobre a qual melhor teriam os terríveis Persas perecido,
 e ouvirá o relato de outras guerras.

25 Por qual dos deuses poderá clamar o povo
perante a ruína do nosso império? Com que prece
poderão as sagradas Virgens importunar Vesta,
que seus cânticos pouco escuta?

A quem dará Júpiter o papel de expiar tal crime?
30 Vem, áugure Apolo, imploramos-te,
envolvendo teus refulgentes ombros
numa nuvem,

ou tu, se preferires, ridente deusa do Érice,
à volta da qual voam a Folia e Cupido,
35 ou tu, se atentares nesta raça abandonada
e em seus netos, tu, nosso criador.

Sacia-te e pára, ah, com este jogo que se arrasta demais,
tu, a quem agrada o clamor, os elmos polidos,
o cruel semblante do soldado marso
40 diante do sanguinolento inimigo,

ou tu, alado filho da alma Maia,
se, mudando a tua figura, em terra assumires
o gesto de um jovem que aceite ser chamado
o vingador de César:

45 e tarde retornes ao céu, por muito tempo
permaneças feliz entre o povo de Quirino,
e que nenhuma prematura brisa te leve a ti,
hostil para as nossas faltas.

Que antes possas aqui apreciar grandes triunfos,
50 aqui ser chamado de pai e soberano,
e que não permitas aos Medos cavalgarem sem vingança,
sendo tu chefe, César.

- 3 *Rubra destra*: A mão direita de Júpiter (o Pai) está vermelha devido à chama que deflagra do seu trovão.
- 6 *Idade de Pirra*: Esposa de Deucalião, filho de Prometeu. Ela e seu cônjuge sobreviveram numa arca a um grande dilúvio, enviado por Zeus, irritado com as constantes prevaricações da humanidade. Depois do dilúvio, este casal recriou a humanidade a partir de pedras.
- 7 *Proteu*: Proteu era o responsável por apascentar as focas (*o gado*) de Posídon. Tinha o dom da metamorfose, podendo tomar a figura que desejasse.
- 15 *Monumentos do Rei*: Horácio refere-se aqui ao templo redondo de Vesta no Fórum, ao *Atrium Vestae* e à *Regia*. Todos estes monumentos foram atribuídos ao segundo rei de Roma, Numa Pompílio.
- 17 *Ília*: Outro nome para Reia Sílvia. Depois de ter tido Rômulo e Remo, a vestal foi castigada pelo rei Amúlio, seu tio, que a lançou ao rio Tibre. Segundo a presente versão do mito, o Tibre toma Ília por esposa. Quando César foi assassinado, houve uma grande inundação no Tibre, entre outros fenómenos (cf. Vergílio, *Geórgicas* I. 466 e s.), o que foi considerado um castigo dos deuses, tal como tinha acontecido após o assassinio de Remo.
- 22 *Os cidadãos afiaram a espada*: Referência implícita às guerras civis consecutivas que assolaram o império romano até à data da batalha de Áccio (31 a.C.), particularmente a de César-Pompeio e a de Octaviano-António; o poema aliás parece ter sido escrito um ano ou dois depois da batalha de Áccio. Horácio critica aqui o facto de Roma se ter envolvido em sucessivas guerras civis de grande mortandade (daí a “juventude enrarecida por culpa dos pais”), quando os Partos (ou Medos) representavam uma ameaça constante ao poderio romano, como atesta a catástrofe sofrida em Carras pelo exército de Crasso: em Junho de 53 a.C., um contingente importante do exército romano comandado por Crasso, na ânsia de controlar as rotas comerciais com o Extremo Oriente, foi completamente dizimado pelo exército parto em Carras. Daqui resultou a morte de 20 mil soldados, entre eles o procônsul, 10 mil prisioneiros, e a perda das insígnias do exército, só recuperadas diplomaticamente no tempo de Augusto. Esta foi uma humilhação de que os Romanos nunca mais se esqueceriam, uma desgraça da dimensão de Canas (cf. nota a I. 12. 37). Além deste desastre de Carras, temos outros exemplos do perigo medo para a hegemonia romana, como foi a conquista parta da Síria e da Sicília (41-39 a.C.).
- 23 *Os Persas*: Horácio adopta aqui um nome mais grandioso para os supracitados Medos. Mais tarde (v. 51), haverá outra referência a este povo, o *leitmotiv* do pensamento político-militar não só de Horácio como do coevo imaginário romano.

- 27 *Vesta*: Deusa romana de origem arcaica, cujo culto era celebrado em Roma pelas suas sacerdotisas, as Vestais. Estas Virgens tinham a função de zelar e de rogar pela incolumidade da *Vrbs*.
- 33 *Ridente deusa do Érice*: Vénus tinha um local de culto no topo do Érice (actualmente S. Giuliano), uma montanha na costa ocidental da Sicília. É frequentemente acompanhada pelo seu filho (Cupido, o jovem deus do Amor) e pelo *Iocus* (jogo, folguedo, folia).
- 36 *Nosso criador*: Marte, pai de Rómulo e deus da guerra. A *gens Iulia*, de onde descendia Augusto, tomou-o como um dos seus deuses protectores.
- 43-44 *Um jovem (...) vingador de César*: Horácio procura aqui identificar Mercúrio (o *filho da alma Maia*) com Octaviano (não nos esqueçamos de que a *iuventus*, a juventude, entre os Romanos, vai dos 17 aos 45 anos, e Octaviano nasceu em 63 a.C.). A partir deste verso o texto vai subtilmente dirigindo a sua voz para o salvador de Roma, o futuro Augusto. Só depois das execuções das personagens envolvidas no assassinato de César, pelo menos daquelas que sobreviveram à guerra ou que não se suicidaram, é que se pôs um ponto final no caso. Tais execuções foram ordenadas por Octaviano no momento em que subiu ao poder, após a batalha de Áccio — daí ele ser o “vingador de César”.
- 46 *Quirino*: Antigo deus Romano, fazia parte de uma primitiva tríade composta por ele, Júpiter e Marte; os mitos sobre este deus são raros, servindo mais para designar Roma e o seu povo (os Quirites).
- 50 *Soberano*: “Príncipe” não traduz, em português, o exacto sentido de *Princeps*, isto é, “aquele que toma o primeiro lugar”, comandante supremo, soberano, detentor de todo o *imperium*. A figura do *princeps senatus* (algo como “o primeiro do senado”) estava já consagrada pela república romana (pelo próprio Cícero), o que atesta bem da habilidade política de Augusto de se fazer valer das instituições antigas para legitimar o seu poder.

III

Assim a diva rainha do Chipre,
 assim os irmãos de Helena, luzentes estrelas,
 assim o pai dos ventos,
 apresando todos excepto o Iápix,

5 te conduzam, navio, tu que a ti próprio
 Vergílio deves em empréstimo, suplico,
 que o devolvas, incólume, às fronteiras da Ática,
 e que preserves a minha alma metade.

Carvalho e triplo bronze tinha
 10 em seu peito aquele que primeiro arremeteu
 frágil seu barco ao cruel pélago,
 não receando nem o impetuoso Áfrico,

 que com os ventos de Áquilo peleja,
 nem as tristes Híades, nem a fúria de Noto:
 15 maior juiz não há no Adriático,
 a seu bel-prazer as ondas elevando ou amainando.

 Temeu os inexoráveis passos da morte
 aquele que de olhos enxutos monstros viu a nadar,
 e o mar encapelado,
 20 e os mal afamados rochedos de Acroceráunios?

 Em vão o providente deus
 a terra do impossível oceano separou,
 se ainda assim ímpios os navios
 sulcam os mares que jamais deveriam ser cruzados!

25 A humanidade, temerária
até no sofrimento, precipita-se no erro proibido.
Temerário o filho de Jápeto
o fogo aos homens, com funesta perfídia, trouxe,

e depois de o ter furtado
30 de sua celeste morada, sobre a terra se estendeu
a fome e um exército novo de febres,
e a necessidade da morte, outrora tão vagarosa

e remota, o seu passo aligeirou.
Aventurou-se pelo ar vazio Dédalo
35 com asas ao homem não concedidas:
foi empresa de Hércules no Aqueronte irromper.

Para os mortais nada há de difícil:
estultos o próprio céu reclamamos,
nem permitimos, por nosso crime,
40 Júpiter iracundos depor seus raios.

1 *A rainha do Chipre*: Vénus. Segundo algumas versões do mito, os órgãos sexuais de Úrano, cortados por Crono, caíram ao mar e criaram Afrodite, que depois foi levada pelos ventos para a ilha de Citera, e depois para Chipre.

2 *Irmãos de Helena*: os Dioscuros, Castor e Pólux.

4 *Iápix*: Vento Noroeste, que auxilia a navegação das embarcações que seguem de Brundísio para a Grécia.

6 *Vergílio*: Esta ode insere-se no género do poema *propemptikon* (προπεμπτικόν), um poema votivo de boa viagem. Nesta ocasião o poeta deseja boa viagem ao seu amigo Vergílio, na altura já considerado o maior poeta do seu tempo, e que apresentou Horácio a Mecenas (cf. *Sátiras* I. 6. 54, I. 5. 31 e s., I. 10. 81).

12-14 *Áfrico... Áquilo... Noto*: O Áfrico é o vento sudoeste. O Áquilo ou Aquilão é o vento norte. O Noto é o vento do sul.

14 *Híades*: Conjunto de estrelas da constelação do Touro; estavam associadas às chuvas que surgem em Outubro e Novembro.

- 20 *Acroceráunios*: Cordilheira com muitos rochedos situada no Epiro, cujo nome sugere que era frequentemente fustigado por trovoadas.
- 26 *Erro proibido*: É quase impossível traduzir em português a expressão *nefas*. Embora a expressão tenha sem dúvida um sentido religioso, traduzir por “pecado” teria uma conotação cristã que dificilmente o contexto faria esquecer (cf. I. 11. 1).
- 27 *Filho de Jápeto*: Prometeu, que roubou o fogo aos deuses para o dar aos humanos. Um dos castigos de Júpiter impostos ao homem por causa deste roubo foi enviar Pandora à terra com uma caixa cheia de infortúnios e doenças (daí “*exército de febres*”).
- 36 *Hércules*: Referência aos Doze Trabalhos de Hércules, especialmente ao último, o rapto de Cérbero do Hades.
- 40 *Depor seus raios*: Ou seja, os nossos crimes impedem Júpiter de descansar, pois o deus tem continuamente de castigar as prevaricações dos homens com a sua arma por excelência, o raio.

IV

Dissolve-se o áspero Inverno dando a bem-vinda vez à Primavera e ao Favónio,
 as máquinas arrastam secas as quilhas,
 e não mais se alegra o gado nos estábulos, nem o lavrador junto fogo,
 nem os campos alvejam com a ebúrnea geada.

5 Já Vénus Citereia seus coros conduz sob a lua que alteia,
 e as formosas Graças, junto com as Ninfas,
 tocam na terra ora num pé, ora noutro, enquanto o refulgente Vulcano
 as imponentes forjas dos Ciclopes visita.

Agora é tempo de cingir a luzidia testa com o verde mirto,
 10 ou com a flor que a terra livre trouxe;
 é hora de oferecer nos umbrosos bosques a Fauno sacrifícios,
 quer exija uma cordeira, quer prefira um cabrito.

A pálida Morte com imparcial pé bate à porta das cabanas dos pobres
 e dos palácios dos reis. Ó Séstio feliz,
 15 a breve duração da vida impede-nos de encetar duradouras esperanças.
 Em breve te oprimirá a noite, e os Manes da lenda,

e a esqualida casa de Plutão; e assim que por lá vagares
 não mais te sairá nos dados a presidência do vinho,
 nem admirarás o delicado Lícidas, por quem agora toda a juventude arde,
 20 e por quem em breve as virgens hão-de corar.

- 1 *Favónio*: Outro nome para o Zéfiro, vento do oeste que na Itália anuncia a Primavera.
- 2 *As máquinas*: Durante o Inverno, os barcos do Mediterrâneo eram mantidos alguns metros acima do nível do mar para os proteger da intempérie (daí “secas quilhas”). Os barcos eram manobrados para cima de um trenó e equilibrados com o auxílio de blocos. Os trenós eram equipados algumas vezes com rodas, outras assentavam sobre cilindros de madeira, e eram postos em movimento por meio de uma roldana ou de um guincho.
- 5 *Vénus Citereia*: Citera, ilha na costa sul do Peloponeso, foi o primeiro sítio onde Afrodite foi dar depois do seu nascimento.
- 6 *Graças*: As três Graças (as gregas Cárites), Eufrosina, Talia e Aglaia, são divindades ligadas à beleza e à alegria da natureza. Fazem parte do séquito de Apolo e frequentemente participam em coros com as musas.
- 8 *Ciclopes*: Normalmente tidos como os fabricantes das armas dos deuses, em especial dos raios de Zeus, especialmente usados numa altura como a Primavera. As suas oficinas (forjas) estão localizadas, segundo algumas versões, nas ilhas Eólicas ou então na Sicília, no Etna.
- 14 *Séstio*: L. Quirinalis Albinianus Sestius, filho de P. Sestius, tribuno em 57 a.C., *proquaestor* por Bruto na Macedónia. Em 23 a.C. foi nomeado cônsul sufecto por Augusto, precisamente no primeiro ano em que Augusto abdicou do consulado, mantido desde 31 a.C., simbolizando assim o regresso à república. Serviu juntamente com Horácio na batalha de Filipos, nas fileiras do exército de Bruto, e foi igualmente no seu consulado que Horácio publicou os livros I-III das suas odes.
- 16 *Manes*: As almas dos mortos, objecto de culto em Roma.
- 18 *Presidência do vinho*: Decidia-se quem iria presidir ao banquete (a chamada *archiposia*, ἀρχιποσία) recorrendo ao lançamento dos *tali*, dados de quatro faces feitos a partir de ossos de animais. Quem fizesse o melhor lançamento era indigitado como o *symposiarchos* (συμποσίαρχος), o “chefe do banquete”, e tinha entre várias incumbências a de servir o vinho. Em Roma existia também a figura do *magister bibendi* ou *rex bibendi* (o *mestre* ou o *rei do beber*), responsável por determinar a proporção de água e vinho que se ingeria, por propor os brindes, entre outras funções.
- 19 *Lícidas*: Vergílio fala também num Lícidas (cf. *Éclogas* 7. 67), de quem Tírsis gaba a beleza. Para o tema da homossexualidade na antiguidade, cf. T. K. Hubbard, *Homosexuality in Greece and Rome: a sourcebook of basic documents*, Berkeley, University of California Press, 2003.

V

Que grácil rapaz banhado em perfumes
sobre um leito de rosas te abraça, Pirra,
dentro de uma gruta amorosa?
Para quem prendes teus louros cabelos,

- 5 tão simples na tua elegância? Ah, quantas vezes chorará
a tua inconstante fidelidade e a dos deuses,
e, não habituado, o tomará de assombro
o mar pelos negros ventos fustigado!

- Ele que agora, crédulo, desfruta de ti, áurea,
10 ele que te espera sempre livre, sempre amável,
não conhecendo tua dolosa aura!
Infelizes aqueles para quem tu,

- insondada, brilhas. Quanto a mim, uma parede
sagrada, uma placa votiva, testemunham que pendurei
15 minhas húmidas vestes
à deusa rainha do mar.

- 2 *Pirra*: O nome vem do adjectivo grego *pyrros* (πυρρός, “ruivo”, e sugere alguém de cabelo ruivo ou de um amarelo avermelhado, da cor do fogo, *pyr*).
13-14 *Parede sagrada... placa votiva*: Punha-se uma tábua na parede de um templo (amiúde pintada, explicando a situação) sempre que se sobrevivia a uma tempestade, ou qualquer outro perigo do género.
15 *Húmidas vestes*: Os marinheiros (daí “vestes húmidas”) que se salvavam de algum perigo marítimo tinham por costume pendurar as suas vestes na parede do templo, consagrando-as assim aos deuses (cf. Vergílio, *Eneida*, XII. 768).

VI

Celebrar-te-á Vário, o cisne da poesia homérica,
a ti, de teus inimigos denodado vencedor,
o que quer que o intrépido soldado tenha logrado,
de barco ou a cavalo, sob o teu comando.

- 5 Nós, Agripa, não intentamos cantar tais coisas,
nem a funesta cólera do invencível filho de Peleu,
nem as marítimas viagens do ardiloso Ulisses,
nem a cruel casa de Pélops:

- somos pequenos para tão grandes temas; a modéstia
10 e a musa, da pacífica lira senhora, impedem-me
de diminuir os louvores do egrégio César, ou de ti,
por culpa de meu fraco engenho.

- Quem dignamente escreverá sobre Marte,
envolto em sua adamantina túnica, ou sobre Meríones,
15 negro com o pó de Tróia, ou sobre o filho de Tideu,
com o arrimo de Palas, um igual entre os deuses?

- Os banquetes, as batalhas entre as fogosas virgens
de unhas bem afiadas para os jovens, eis o que cantamos,
de coração livre, ou ardendo em alguma paixão,
20 inconstantes, como sempre.

- 1 *Vário*: L. Varius Rufus, poeta épico e trágico coevo a Vergílio. Foi ele quem também apresentou Horácio a Mecenas, e por volta de 35 a.C. era já o mais

importante poeta épico do momento. Conheceu especial fama a sua tragédia *Tiestes*, considerada na altura a obra-prima do teatro latino, e o seu *Panegírico de Augusto*. Infelizmente só nos chegaram fragmentos da sua obra (cf. W. Morel, *Fragmenta Poetarum Latinorum*, Teubner, 1963, p. 100 e s.). É particularmente interessante que tenha sido a este escritor, juntamente com Tuca, e não a Horácio, que Vergílio confiou a sua *Eneida*.

- 1 *Cisne*: Embora o termo escolhido por Horácio seja na verdade *ales*, simplesmente “pássaro, ave”, aproveitamos a identificação proposta pela maioria dos comentadores com o cisne.
- 5 *Agripa*: M. Vipsanius Agrippa, de berço humilde, lugar-tenente de Octávio, vitorioso tanto em batalhas “terrestres” (na guerra contra Perúsia, em 40, ou contra os Aquitanos em 38) como em navais (em Náulocos, em 36, e em Áccio, contra António, em 31). A sua terceira mulher foi Júlia, a filha de Augusto, que depositava nos filhos desta relação (Gaio e Lúcio César) as esperanças da sua sucessão. No entanto, ambos morreram, respectivamente em 4 e 2 d.C.
- 8 *Casa de Pélops*: Referência à maldição de Mítilo. Mítilo é o cocheiro do rei Enómao, que possuía invencíveis cavalos divinos. Este rei prometeu a mão de sua filha Hipodamia a quem o vencesse numa corrida, o que era virtualmente impossível. Pélops, porém, encontrou uma maneira de o derrotar: subornou Mítilo, de modo a que este sabotasse o carro de Enómao. Venceu desta maneira a corrida e tomou a mão de Hipodamia; para que ninguém suspeitasse da sua artimanha, matou Mítilo que, ao morrer, lançou uma maldição sobre a casa de Pélops. De Pélops nasceu Atreu e Tiestes. Sobre Atreu, narra-se o seguinte mito: despeitado com o facto de Tiestes ter seduzido sua mulher Aérope, matou os três filhos do irmão e dá-los de comer ao próprio pai. Atreu é também conhecido por ser o rei de Micenas, reino esse que deixou aos dois filhos, Agamémnon e Menelau, os chefes da expedição grega a Tróia, que juntos padeceram os males da guerra (Agamémnon quando voltou foi mesmo assassinado pela própria mulher, Clitemnestra).
- 14 *Meríones*: O escudeiro de Idomeneu, que Horácio (cf. I. 15. 26 e s.), seguindo uma tradição seguramente não homérica, associa a Diomedes.
- 15 *O filho de Tideu*: Diomedes. Horácio tem em mente o Canto V da *Iliada*, no qual Diomedes atinge o clímax da sua excelência heróica, chegando mesmo a ferir o deus Ares (V. 855 e s.) e a deusa Afrodite (V. 335 e s.), no calor da batalha, auxiliado por Palas Atena (V. 828).

VII

Outros louvarão a ilustre cidade de Rodes, ou Mitelene,
 ou Éfeso, ou as muralhas de Corinto
 banhada por dois mares, ou Tebas célebre por Baco,
 ou Delfos por Apolo, ou a tessália Tempe.

- 5 Alguns há cujo único ofício é, em perpétua canção,
 celebrar a cidade da virgem Palas,
 coroando-se com o ramo de oliveira algures colhido;
 muitos cantarão, em honra de Juno,

- Argos, boa para criar cavalos, ou a opulenta Micenas:
 10 quanto a mim, nem a Lacedemónia que tudo suporta
 nem a planície da fértil Larissa me comoveram tanto
 como a ressonante gruta de Albúnea,

- o Anião que cai em cascatas, o bosque de Tiburno,
 os pomares regados pelos riachos que ligeiros fluem.
 15 Assim como o alvo Noto tantas vezes do negro céu
 as nuvens aclara, pois nem sempre traz chuva,

- assim tu, Planco, sê sensato e lembra-te, com o doce vinho,
 de pôr um fim à tristeza da vida e aos seus trabalhos,
 quer te encontres no acampamento fúlgido de insígnias,
 20 quer, um dia, sob a cerrada sombra do teu Tíbur.

Também Teucro, fugindo da Salamina e de seu pai,
 cingiu, diz-se, com uma coroa de choupo
 sua cabeça que Lieu, o deus do vinho, humedecera,
 assim falando aos chorosos amigos:

- 25 “Aonde quer que nos leve a fortuna, mais amável que meu pai,
 nós iremos, amigos e companheiros!
 Não desespereis. É Teucro o guia, Teucro o aúgere:
 prometeu o infalível Apolo

em nova terra uma segunda Salamina.

- 30 Bravos heróis, que comigo males bem piores
 tantas vezes sofrestes, afastai por ora com o vinho as mágoas.
 Amanhã, sulcaremos de novo ingente o mar.”

- 4 *Tempe*: O vale do Tempe (de *tempê*, τέμπε — “os vales”), na Tessália, objecto de admiração tanto dos poetas gregos, como romanos.
- 11 *Larissa*: A cidade mais importante da Tessália.
- 12 *Albúnea*: Nome da Sibila Albúnea, que tinha um templo (provavelmente uma gruta) em Tíbur, região que Horácio celebra aqui. Tíbur é um vila vizinha de Roma, actualmente Tivoli.
- 15 *Noto*: Vento do sul.
- 17 *Planco*: L. Munatius Plancus, nascido em Tíbur (daí as constantes referências à paisagem desta região), foi legado de Júlio César na Gália em 54 e na guerra civil; depois de este morrer, manteve um forte relação política com Cícero. No entanto, acaba por apoiar Marco António, para depois apoiar Octaviano em 32 a.C. Esta constante troca de posições políticas valeu-lhe o pouco simpático epíteto de “*morboproditor*”, “traidor por doença”, assim o intitula Veleio Patérculo (2. 83. I). Todavia, logrou uma carreira invejável, sendo cônsul em 42 e em 41, e censor em 22; em 27 a.C. foi ele quem sugeriu o título de *Augustus* para Octaviano.
- 19 *Insígnias*: A águia imperial das insígnias militares romanas era normalmente feita de prata, daí que o acampamento militar brilhe com a luz das insígnias.
- 21 *Teucro*: Filho de Télamon, meio-irmão de Ajax. Participou valorosamente na guerra de Tróia, do lado dos Aqueus, embora fosse sobrinho de Príamo. Quando voltou a Salamina foi acusado pelo pai de não ter ajudado a defender a honra de seu irmão Ajax, que se suicidou, e por ter perdido na viagem de regresso o barco onde seguia o seu sobrinho Eurísaces. Na sequência destas acusações, foi expulso de Salamina pelo pai, não sem antes ter discursado para os seus amigos, na baía de Freátis, defendendo-se das acusações paternas. Mais tarde, depois de algumas tribulações, acabou por se fixar no Chipre, onde fundou uma nova Salamina, segundo um oráculo de Apolo.
- 22 *Coroa de choupo*: A coroa de choupo é frequentemente associada a Hércules, nesta caso na sua qualidade de protector dos aventureiros e dos exploradores.

VIII

Diz-me, Lídia, rogo-te
 por todos os deuses, porque amando te apressas
 em destruir Síbaris? Porque odeia
 o Campo ensolarado, o sol já não suportando e a poeira?

- 5 Porque já não monta,
 entre os colegas de armas, o cavalo gaulês, a sua boca domando
 com freios lupinos?
 Porque teme sequer tocar no fulvo Tibre? Porque evita o óleo dos atletas,
 com mais cautela
 10 do que o sangue da víbora? Porque não mostra os braços pisados pelas armas,
 ele, conhecido
 por tantas e tantas vezes lançar para além da marca o disco ou o dardo?

- Porque se esconde ele
 como o filho — dizem — da marinha Tétis, antes da plangente ruína de Tróia,
 15 para que as vestes masculinas
 o não arrastassem contra as lícias hostes, para uma terrível chacina?

- 1 *Lídia*: A personagem feminina mais famosa de Horácio, imortalizada também por Ricardo Reis. O seu nome sugere aos ouvidos de um romano exotismo e volúpia, dada a referência geográfica à Lídia.
 3 *Síbaris*: Nome derivado da cidade homónima, no golfo de Tarento, conhecida pela sua vida de luxúria e de ócio.
 4 *Campo*: Campo de Marte (*Campus Martius*), campo de ginástica e de desporto, num local sem outras edificações, junto ao Tibre. Estrabão (V. 236) descreve-o no tempo de Augusto.

- 7 *Freios lupinos: Lupatis frenis*, freios com picos bastante aguçados (semelhantes a dentes de lobo, daí o seu nome), usados para ferir o cavalo na língua e no palato.
- 8 *Óleo*: As unções de óleo (azeite) eram usadas tanto no banho como nos exercícios de ginástica. Aqui trata-se particularmente daquilo que os Gregos designavam por meio do verbo *xêraloiphein* (ξηραλοιφείν), unção com óleo para a prática da ginástica.
- 14 *Filho... da marinha Tétis*: Segundo algumas versões do mito, Peleu (ou Tétis), avisados por um oráculo de que Aquiles morreria na sequência da guerra de Tróia, enviaram o filho para Ciros, onde permaneceria disfarçado com trajes femininos na corte do rei Licomedes. Contudo, passados nove anos, Ulisses, avisado de que a guerra de Tróia só poderia ser ganha com a participação de Aquiles, descobre o guerreiro aqueu da seguinte forma: veio a Ciros disfarçado de vendedor, e pousou sobre o chão pedras preciosas e outros utensílios femininos, juntamente com escudos, espadas e outros objectos bélicos. De entre todas as jovens, Aquiles foi naturalmente o único a mostrar interesse pela armas, pelo que deu a revelar a Ulisses a sua verdadeira identidade (cf. Ovídio, *Metamorfoses*, 13. 162 e s.).
- 16 *Lícias hostes*: Os Lícios (a quem pertenciam Sarpédon ou Glauco) eram os aliados dos Troianos, e habitavam uma zona no sudoeste da Ásia Menor (Lícia). Aqui, por sinédoque, representam todo o povo troiano.

IX

Vês como se eleva e reluz o Soracte com a densa neve,
 e como as florestas, vergando, já não sustêm tal peso,
 e como os rios de cortante gelo
 foram esculpidos?

5 Afasta o frio, repondo sem parcimónia na lareira
 a lenha, e ainda mais generosamente retira,
 ó Taliarco, da sabina ânfora
 o vinho de quatro anos:

confia o resto aos deuses, pois mal eles acalmem
 10 os ventos que no impetuoso mar pelejam
 nem os ciprestes se agitarão
 nem os velhos freixos.

Esquiva-te a perguntar o que amanhã sobrevirá,
 e considera um lucro cada dia que te der a Fortuna, nem rejeites,
 15 enquanto és jovem, os doces amores, nem as danças,
 enquanto da tua verde idade

os teimosos cabelos brancos se afastarem.
 Por agora, procure-se o Campo, os pátios,
 os melífluos sussurros,
 20 sob a noite, à hora marcada,

por agora, o denunciante riso alegre da jovem
 que se esconde numa íntima esquina,
 o penhor arrancado dos braços,
 ou do dedo que não oferece resistência.

- 1 *Soracte*: O Monte *Soracte*, do país dos Faliscos, associado ao deus Apolo (hoje em dia o Monte de Santo Oreste, a cerca de 43 km de Roma).
- 7 *Taliarco*: Do grego *Taliarchos* (Ταλίαςρχος, “o rei do banquete” — cf. nota a I. 4. 18).
- 18 *Campo*: Para o Campo de Marte, cf. I. 8. 4.
- 23 *Penhor*: Como sinal de amor, o amante tirava um bracelete ou um anel da sua jovem amada, e conservava-o como um metafórico penhor (cf. Ovídio, *Amores* 2. 15).

X

A ti, Mercúrio, facundo neto de Atlas,
tu que astuto os feros hábitos dos primeiros homens
com a palavra modelaste, e com o uso
da bela palestra,

- 5 a ti cantarei, mensageiro do magno Júpiter
e dos deuses, pai da recurva lira,
hábil em esconder o que quer que te agrade
em jocosa artimanha.

- Outrora, criança, enquanto te ameaçava
10 Apolo com torva voz, para que lhe devolvesse
as vacas por astúcia roubadas, riu-se ao ver-se
privado da aljava.

- Ou mais: foi escoltado por ti que o abastado Príamo,
deixando Ílion, enganar conseguiu os altivos Atridas,
15 e o fogo das tessálias sentinelas, e o acampamento
inimigo de Tróia.

- Tu restituís as devotas almas às suas felizes moradas,
e juntas com tua áurea vara a incorpórea turba,
tu, estimado pelos supernos deuses, e também
20 pelos habitantes da terra.

- 4 *Palestra*: A παλαίστρα (*palaistra*) era o local onde se praticavam exercícios de ginástica e de luta.

- 6 *Recurva lira*: Hermes, no dia do seu nascimento, fez uma lira a partir da casca de uma tartaruga (a caixa de ressonância) e das tripas de vaca (com que fez as cordas). Cf. I. 21. 12.
- 7 *Hábil em esconder*: Referência a Mercúrio enquanto deus dos ladrões, um dos seus diversos aspectos aqui citados, numa clara *imitatio* de um hino a Hermes de Alceu, de que nos restam apenas os primeiros quatro versos (frag. 308), e do Hino Homérico ao mesmo deus. Nestas composições, tal como neste texto, estão focadas as principais características do deus: ele é λόγιος (*logios*) pois concedeu ao homem o dom da fala (a palavra), ἀγώνιος (*agônios*), pois deu ao homem os jogos e a ginástica (palestra), μουσικός (*musikos*), porque inventou a lira (recurva lira, que posteriormente ofereceu a Apolo), κλέπτης (*kleptês*), porque desde novo se dedicou aos furtos e às artimanhas (astúcia roubadas), διάκτορος (*diaktoros*), porque guia os homens em empresas difíceis (escoltado por ti), ψυχάγωγός (*psychagôgos*), pois é ele quem escolta os mortos no submundo (tu restituís...).
- 9 *Outrora, criança*: Referência ao episódio em que Mercúrio, ainda criança, rouba doze vacas, cem novilhas e um touro do gado imortal de Apolo, escondendo-os numa gruta em Cilene. Apolo, furioso, esforça-se por fazer com que Mercúrio confesse a sua mãe Maia o seu roubo, o que o petiz se recusa obstinadamente a fazer. Ansioso por puni-lo, descobre que, entretanto, a criança já lhe tinha roubado a aljava e o arco.
- 13 *Príamo*: Hermes (*Ilíada*, XXIV. 332 e s.) ajuda Príamo a passar pelas hostes aqueias e a introduzir-se na tenda de Aquiles, a fim de o convencer a restituir o corpo de Heitor. Príamo traz consigo imensas riquezas, contando com isso convencer o terrível filho de Peleu.
- 18 *Áurea vara*: A “áurea vara” não é ainda o famoso caduceu de Hermes. Trata-se pois de uma vara mágica, comparada aqui a um cajado utilizado para juntar, como um rebanho, as almas insubstanciais dos mortos, na supracitada qualidade de *psychagôgos*.

XI

Tu não perguntes (é-nos proibido pelos deuses saber) que fim a mim, a ti,
os deuses deram, Leucónoe, nem ensaies cálculos babilónicos.
Como é melhor suportar o que quer que o futuro reserve,
quer Júpiter muitos invernos nos tenha concedido, quer um último,

- 5 este que agora o tirreno mar quebranta ante os rochedos que se lhe opõem.
Sê sensata, decanta o vinho, e faz de uma longa esperança
um breve momento. Enquanto falamos, já invejoso terá fugido o tempo:
colhe cada dia, confiando o menos possível no amanhã.

- 1 *É-nos proibido...*: O termo *nefas* (é-nos proibido pelos deuses), praticamente intraduzível em português, implica uma proibição de origem divina, de tal forma forte e rigorosa que o seu desrespeito sugere algo como uma violação à própria ordem do mundo, ao próprio cosmos.
- 2 *Cálculos babilónicos*: Referência à arte da astrologia, desenvolvida na Babilónia, primeiro na Caldeia, zona ao sul da Mesopotâmia, difundida depois por todo o seu território. Os Romanos, ao início relutantes, acabaram por se tornar apreciadores desta ciência. Entre os seus “crentes” contavam-se homens tão ilustres como Mecenas, Ovídio, Vitrúvio, Propércio e até imperadores como os Júlios-Cláudios e os Flávios (cf. F. Cumont, *Astrology and Religion among the Greeks and Romans*, New York, Dover, 1912 — em especial cap. III “Babylonia and Greece”, p. 22-41).
- 8 *Colhe cada dia*: Traduzimos o famoso *carpe diem*: “colhe cada dia”, ou “colhe cada fruto do dia” (não esqueçamos o grego *karpos* — καρπός, fruto — etimologicamente ligado ao verbo latino).

XII

Que varão ou herói escolhes tu celebrar,
 Clio, com lira ou aguda tíbia?
 Que deus? De quem o nome que o jocoso eco
 ressoar fará

5 nas umbrosas encostas de Hélicon,
 ou no topo do Pindo, ou sobre o gélido Hemo,
 de onde temerárias as árvores seguiram
 o canoro Orfeu,

ele que, com a arte materna, fez cessar dos rios
 10 as céleres correntes e os ventos velozes,
 com melodiosa lira sedutoramente conduzindo
 os atentos carvalhos?

Que cantarei primeiro em costumado louvor do Pai,
 ele que os assuntos dos homens e dos deuses,
 15 ele que o mar, e a terra e o céu com as diversas
 estações governa?

Nenhum dos seus filhos foi melhor do que ele,
 nem ninguém tem uma força semelhante ou próxima;
 vizinhas honras detém, todavia, Palas,
 10 corajosa na batalha.

Nem guardarei silêncio sobre ti, Líbero,
 nem sobre a Virgem das feras inimiga,
 nem sobre ti, Febo, tu temível
 com tuas certeiras flechas.

25 Cantarei também Alcides e os filhos de Leda,
 conhecido um pelas suas vitórias nos cavalos, o outro
 no pugilato; assim que a sua alva estrela refulge
 aos marinheiros,

o mar agitado deflui dos rochedos,
 30 sossegam os ventos, fogem as nuvens,
 e a ameaçadora onda, assim eles o desejem,
 recosta-se sobre o mar alto.

Depois destes, hesito em primeiro recordar
 Rómulo, ou o pacífico reinado de Pompílio,
 35 ou os altivos fasces de Tarquínio,
 ou a nobre morte de Catão.

Régulo e os Escauros e Paulo, pródigo
 para com sua grande alma, quando o Púnico o venceu,
 a todos de bom grado cantarei com a gloriosa Camena.
 40 Fabrício também:

como ele, também Cúrio dos revoltos cabelos,
 e Camilo, a dura pobreza e a terra dos avós,
 com o seu lar ancestral, os tornou capazes
 para a guerra.

45 Como a árvore cresce a fama de Marcelo
 ao oculto passar do tempo; e entre todos
 cintila a júlia estrela, como a lua
 entre as luzes mais pequenas.

Pai e Guardião da espécie humana,
 50 ó filho de Saturno, os fados te deram a missão
 de proteger o grande César; que reines tu,
 e César em segundo lugar.

- E quer persiga ele os Partos, que ameaçam o Lácio,
 vencendo-os num justo triunfo,
 55 ou os Seres, ou os Indos, vizinhos
 das fronteiras do Oriente,
- inferior somente a ti reinará com justiça
 o ledó mundo; tu que sacudirás o Olimpo
 com teu pesado carro, tu que lançarás hostis teus raios
 60 sobre os bosques profanados.

- 2 *Clio*: A musa da História. Muitos comentadores justificam a invocação desta divindade baseados na aparente semelhança que existe entre este nome e o verbo grego κλείεν (*kleien*) “celebrar”. A invocação desta musa parece contudo definir desde logo o referente histórico e político desta ode, cujos primeiros versos são uma glosa de Píndaro (*Olimpica*. II. 1-3). Para a tíbia, cf. I. 1. 33-34 (n.)
- 5-6 *Hélicon, Pindo, Hemo*: Hélicon, famosa por ter sido neste local que Hesíodo recebeu a sua inspiração das musas (cf. *Teogonia* 22 e s.), é uma montanha na Beócia. Pindo é outra montanha entre a Tessália e o Epiro, também conhecida na antiguidade por ser uma das moradas das musas. O monte Hemo fica situado na Trácia, e como tal foi associado ao poeta Orfeu, que daí era natural.
- 8 *Orfeu*: Segundo a versão mais divulgada do mito, Orfeu era filho de Calíope, normalmente considerada a musa da poesia lírica.
- 21 *Líbero*: Segundo uma antiga tradição autóctone romana, Líbero, e sua irmã Líbera, são os filhos de Ceres, e representam os dons da natureza, em especial o vinho. Mais tarde Líbero foi assimilado ao deus grego Dioniso, filho de Sémele, como é o caso do presente texto.
- 23 *Febo*: “O Brilhante”, epíteto de Apolo
- 25 *Alcides*: O filho de Alceu, Hércules.
- 25 *Filhos de Leda*: Os Dióscoros, Castor e Pólux. Aqui são invocados na sua qualidade de protectores dos marinheiros, depois de terem sido transformados numa constelação.
- 35 *Tarquínio*: O último rei de Roma. O seu reinado tirânico levou à sua deposição.
- 35 *Catão*: M. Porcius Cato, Catão de Útica, o símbolo máximo da virtude entre os Romanos (cf. II. 1. 24, n.).

- 37 *Régulo*: Cf. III. 5. 13 (n.).
- 37 *Escauros*: M. Aemilius Scaurus, cônsul em 115 e censor em 109, *princeps senatus*, admirado por Cícero (*Em defesa de Fonteio* 24, *Bruto* 111) pela sua integridade, ou M. Aurelius Scaurus, cônsul em 108. Não há consenso sobre qual destes dois teria em mente Horácio; a hipótese mais viável é que seja mesmo o primeiro, e o plural majestático.
- 37 *Paulo*: Emílio Paulo, cônsul com Varrão, morreu (daí ser pródigo em relação à sua própria vida) no desastre de Canas em 216, subjugado pelo poderio do exército de Aníbal (o Púnico, outra designação latina para “Cartagines”). Foi das mais terríveis derrotas romanas; em 2 de Agosto de 216 a.C., de 80 mil soldados romanos, 45 mil foram mortos, 20 mil foram feitos prisioneiros, e só 15 mil regressaram a Roma. Entre os regressados estava o cônsul Varrão, que mais do que Emílio Paulo (que se tornou um modelo de heroísmo — cf. Cic. *Da Natureza dos Deuses* III. 80), foi responsabilizado por esta negra página na história de Roma.
- 39 *Camena*: Divindade autóctone romana, cedo assimilada às Musas gregas; era primitivamente a ninfa das fontes.
- 40-41 *Fabrizio e Cúrio*: Quando em 282 os romanos dobraram o cabo Lacínio, à revelia dos tratados celebrados, os Tarentinos decidiram pedir a ajuda do grande rei do helenismo, Pirro, que prontamente respondeu em 281. Ao início, o rei do Epiro infligiu graves derrotas aos Romanos, especialmente nas batalhas de Heracleia (280) e de Ásculo (em 279). No entanto, em 275, sofreu a sua primeira grande derrota em Benevento, às mãos de M. Curius Dentatus, já na altura celebrado general, cônsul em 290, 284, 275 e 274, censor em 272. C. Fabricius Luscinus, cônsul em 282 e 278, censor em 275, tornou-se conhecido por conduzir as negociações com Pirro, embora sem resultado. Em 278 ganhou a Pirro alguns dos territórios que estavam em seu poder.
- 42 *Camilo*: Censor em 403 a.C., famoso pela sua vitória em Veios, na Etrúria; teve um papel preponderante na reorganização de Roma depois das invasões gaulesas em c. 390.
- 45 *Marcelo*: C. Claudius Marcellus, grande homem da guerra, cônsul em 222, 215, 214, 210, 208, resistiu aos Cartagineses em Nola, em 214, e expulsou-os da Sicília, ao tomar Siracusa, em 212. Alguns comentadores vêem aqui uma referência subtil, em forma de encómio escondido, ao sobrinho de Augusto, M. Claudius Marcellus, filho de Octávia e de C. Marcelo.
- 51 *César*: Trata-se naturalmente não de Júlio César, mas de César Augusto, em louvor de quem todo o poema é construído.
- 53 *Partos*: Para o povo, cf. nota a I. 2. 22 e 23. Na verdade, os Partos nunca chegaram a constituir uma verdadeira ameaça ao Lácio, trata-se de um exa-

gero de Horácio para engrandecer uma eventual derrota deste povo às mãos de Augusto, o que não aconteceu (só com Trajano, e mesmo assim não foi uma vitória total). Alguns editores consideram *Latia* como sinédoque de todo o Império Romano, esse sim ameaçado pelos Partos. Consideramos a primeira hipótese mais aceitável, em virtude do constante exagero dado por Horácio à questão dos Partos, quer no engrandecimento da recuperação das insígnias (que foi diplomática e não militar), quer na hipérbole do seu real perigo.

- 55 *Seres... Indos*. Temos notícia de uma embaixada dos povos da actual Índia ao imperador Augusto nas *Res gestae* (31), texto que o próprio imperador deixou escrito sobre os seus feitos políticos e militares, assim como outra feita pelos Seres (Σῆρες), o nome que os Gregos davam aos povos que habitavam a actual zona da China. Tal como no supracitado poema de Horácio, a referência a estes povos serve para hiperbolicamente dilatar no espaço as eventuais conquistas de Augusto.

XIII

Quando tu, Lídia, louvas
 a rósea nuca de Télefo, os braços de cera de Télefo
 ai!, o meu fígado,
 fervendo, intumesce numa difícil bÍlis:

5 pois nem minha mente nem cor
 se queda em certo estado, e as lágrimas, furtivas,
 deslizam por minha face, denunciando
 o quão profundamente por lentos fogos sou fustigado.

Ardo, se, com o vinho,
 10 as devassas rixas mancham teus cândidos braços,
 ou se um jovem, enlouquecido,
 deixa, com os dentes, em teus lábios indelével marca.

Não, se me ouvires, não esperes
 que ele seja constante, ele que, barbaramente,
 15 fere tua pequena e doce boca que Vénus
 com uma quinta parte de seu néctar impregnou.

Três vezes felizes, ou mais,
 aqueles a quem o amor une em indissolúvel laço,
 e, não despedaçado
 20 por funestas querelas, somente no derradeiro dia libertar.

2 *Télefo*: Poderá vir do grego τῆλε (*têle*, ao longe), e φῶς (*phôs*, luz), sugerindo alguém que brilha (cf. III. 19. 26, “*nitidum... Telephe*”) ao longe.

XIV

Navio, novas ondas para o mar te levarão!
 Oh, que fazes? Ocupa resoluto o teu porto!
 Não vês como teu flanco
 de remos está despido,

5 não vês o teu mastro ferido pelo célere Áfrico,
 e como as antenas gemem, e, sem amarras,
 as quilhas mal podem suportar
 o mar despótico demasiado?

Tuas velas não estão intactas, nem as figuras dos deuses
 10 por quem clamas de novo oprimido pela desdita.
 Embora feito de pinheiro do Ponto,
 filho de nobre floresta,

te vanglories de tua origem e inútil nome,
 não confia o medroso nauta nas pinturas de tua popa.
 15 Tu, se não te queres tornar
 um juguete dos ventos, tem cuidado!

Eras para mim inquieta aflição,
 agora desejo e não leve cuidado:
 evites tu as águas que fluem
 20 entre as Cíclades luzentes.

1 *Navio*: Quintiliano (*Instituição Oratória* 8. 6. 44) apresenta este poema como o exemplo da alegoria. Diz ele que o navio representa o estado, as on-

das e as tempestades a guerra civil, e o porto a concórdia. Quanto àquilo que representa um novo perigo para a integridade do navio (*novas ondas*, v. 1, *de novo*, v. 10), há diversas hipóteses. Ou se trata da campanha de Filipos (Outubro 42), que opôs os republicanos a Octávio e Antônio, tendo terminado com uma decisiva batalha em Filipos (entre a Macedónia e a Trácia), ou, por outro lado, poderá tratar-se da guerra que opôs Octávio e Antônio a Sexto Pompeio (38-36); este último tinha em seu poder, desde 39, a Sicília, a Sardenha, a Córsega e a Acaia, tendo causado diversos dissabores ao exército do triunvirato. Em 36, porém, Agripa tomou a Sicília e Sexto Pompeio fugiu para Oriente, depois da tomada de Messina. Uma terceira hipótese aponta para um momento a seguir a esta última guerra, e é esta a mais provável. A hipótese da guerra do Áccio está posta de parte.

- 5 *Áfrico*: Vento do sudoeste.
- 6 *Amarras*: Os antigos usavam cordas para reforçar a construção do navio. É difícil precisar de que modo o faziam; pelo contexto, depreende-se que eram usadas para manter as duas partes da quilha unidas.
- 9 *Figuras dos deuses*: Em latim surge unicamente “deuses”; porém, a palavra neste contexto sugere as estatuetas de deuses normalmente colocadas na popa do navio.
- 11 *Ponto*: Zona afamada pela construção de navios, numa zona florestal no sudoeste do Mar Negro (conhecido pelos antigos como Ponto Euxino).
- 20 *Cíclades*: Ilhas que formam um anel no mar Egeu. Conhecidas na antiguidade pelo seu mar perigoso. O epíteto “luzente” (cf. III. 28. 14) diz respeito às inúmeras grutas de mármore que estas ilhas possuíam, que brilhavam sob o efeito do sol.

XV

Como o infiel pastor pelos mares arrastasse
 a anfitriã Helena nas naus troianas,
 numa inoportuna calma os rápidos ventos
 mergulhou Nereu, para profetizar

- 5 terríveis fados: “Sob um mau presságio
 para casa levas aquela que, com muitos soldados,
 Grécia reclamará, conjurada em destruir tuas núpcias
 e o velho reino de Príamo.

- 10 Ah, ah, quanto e quanto suor espera cavalos
 e homens! Quantos funerais ao povo dárdano
 trazes! Já Palas prepara a gálea e a égide,
 e o carro, e a fúria.

- Em vão, ufano do arrimo de Vénus,
 pentearás teus cabelos, e distribuirás com imbele cítara
 15 tuas canções gratas às mulheres;
 em vão, no leito conjugal,

- as pesadas lanças e as setas da cana de Creta
 evitarás, ou o clamor da batalha, ou Ájax,
 rápido perseguidor: tuas vestes adúlteras de pó cobrirás,
 20 sim, ah, mas já tarde.

Não vês o filho de Laertes,
 ruína do teu povo, ou Nestor de Pilos?
 Intrépidos te acossam Teucro de Salamina,
 e Esténelo, conhecedor do combate,

25 e não indolente auriga, se necessário for
comandar os cavalos. Conhecerás também Meríones.
E eis o terrível filho de Tideu, melhor que o pai,
que arde por te descobrir.

Assim como o cervo se esquece do pasto
30 ao ver do outro lado do vale o lobo,
assim tu, fraco, ofegante fugirás dele —
tal não prometeste à tua amada.

A cólera da armada de Aquiles uns dias mais dará
a Ílion e às mães dos Frígios; contudo,
35 depois de um certo número de invernos, o fogo aqueu
as casas troianas há-de incendiar.”

- 1 *O pastor*: Páris. Depois de um sonho premonitório de Hécuba, Príamo recebeu a notícia de que o filho que deles nasceria (Páris) seria a ruína de Tróia. Decidiu então expô-lo no Ida, onde foi encontrado e protegido por pastores, até mais tarde recuperar o seu lugar na corte de Príamo.
- 10 *Dárdano*: Outra designação usada para os habitantes de Tróia, a partir de Dárdano, o mítico rei desta cidade.
- 17 *Cana de Creta*: Creta era convencionalmente tida como terra de bons arceiros, ideia que se difundiu pela antiguidade.
- 18 *Ájax*: Não se trata aqui do protagonista do *Ájax* de Sófocles, o filho de Télamon, mas de Ájax, o filho de Oileu. Os comentadores chegam a esta conclusão comparando o semelhante epíteto homérico “o rápido” (cf. por exemplo *Ilíada*. XIV. 521).
- 21 *Filho de Laertes*: Ulisses.
- 23 *Teucro*: Cf. I. 7. 21.
- 24 *Esténelo*: Trata-se do filho de Capaneu, que participou na guerra de Tróia na condição de pretendente de Helena. No combate, distinguiu-se como escudeiro de Diomedes, de quem já era amigo dos tempos da tomada de Tebas, em que participou.
- 26 *Meríones*: Cf. I. 6. 14.
- 27 *Filho de Tideu*: Diomedes (cf. I. 6. 15). Há aqui na expressão “melhor do que o pai” uma referência à *Ilíada* (IV. 399-410), passo em que Agamémnon

insinua que Diomedes é bem mais fraco na batalha do que o seu pai Tideu; o herói não responde por respeito, mas o seu companheiro Esténelo é peremptório “Atrida, não profiras mentiras, quando sabes dizer a verdade. / Nós declaramo-nos de longe melhores que os nossos pais.” (IV. 409-410, trad. Frederico Lourenço): enquanto ele e Diomedes conquistaram Tebas, os seus pais padeceram e morreram “devido à sua própria loucura” (409).

- 34 *Armada de Aquiles*: Aqui Horácio estende a cólera (μήνις, *mênis*) de Aquiles, o tema principal da *Iliada*, aos próprios Mirmidões, o povo de quem ele era chefe. De facto, sem o envolvimento do seu chefe na guerra, os Mirmidões cessaram também a sua participação na guerra de Tróia, o que veio a adiar, segundo a interpretação deste poema, a destruição de Tróia.

XVI

Ah, filha mais bela ainda do que a bela mãe,
colocarás o fim que desejares a meus infames iambos,
quer com o fogo, se te agrada,
quer lançando-os ao Mar Adriático.

5 Nem Dindimene, nem o habitante de Delfos
de modo igual nos santuários a mente dos sacerdotes agita,
nem Líbero, nem as Coribantes de modo igual
os címbalos agudos fazem ressoar

10 como a sombria Ira, que nem a nórica espada
detém, nem o naufragoso mar, nem o atroz fogo,
nem o próprio Júpiter, quando se precipita
em tremendo estrondo.

Diz-se que Prometeu, forçado a acrescentar
ao barro primevo uma parte cortada de cada animal,
15 colocou no nosso estômago a violência
do furioso leão.

A ira derrubou Tiestes numa terrível desgraça,
e foi a causa primeira da total destruição
de altaneiras cidades:
20 sobre os seus muros

passou o hostil arado do jactante exército.
Reprime o teu feitio: a mim também me seduziu,
na deleitosa juventude, a fúria do coração,
e me lançou, enlouquecido,

- 25 nos ligeiros iambos. Agora, procuro tornar doce
o que era sombrio, conquanto te tornes
minha amiga, retractados meus insultos,
e me dês de novo a tua afeição.

- 1 *Filha mais bela*: Este poema parece ser uma *imitatio* de uma palinódia (canto de retractação) de Estesícoro. Conta-se que este poeta, depois de ter escrito um poema no qual insultava Helena (talvez “a bela filha”), ficou cego. Após ter escrito versos de reconciliação (παλινωδία, *palinôdia*) em que se retractava de seus insultos, recuperou a vista. Não há consenso acerca de quem será o recipiente desta ode; talvez se trate de Tíndaris, a mulher do próximo poema, visto que Helena era filha de Tíndaro. Mas a hipótese é apenas conjectural.
- 5 *Dindimene*: A deusa do monte Díndimo, Cíbele. Este monte na Frígia era o principal local de culto desta deusa.
- 7 *Coribantes*: Sacerdotes de Cíbele.
- 8 *Címbalos*: *Aes* designa qualquer objecto de bronze. Aqui, pelo contexto mitológico, deduz-se que se trata dos címbalos. Este instrumento está, na Grécia, associado aos ritos orgiásticos de Cíbele e de Dioniso. Entre os Gregos antigos, é constituído por dois pratos de bronze (geralmente em forma de copo) que se percutem um contra o outro; nas ruínas de Pompeios foram encontrados alguns címbalos, o maior dos quais media 41 cm. Esta descoberta entusiasmou de tal forma compositores como Berlioz, Debussy ou Ravel, que acrescentaram em algumas das suas obras uma parte para *cymbales antiques*.
- 9 *Nórica espada*: O Nórico era uma região dos Alpes (actualmente a região de Tirol) afamada pelo seu ferro.
- 11 *Quando se precipita*: Referência a o trovão, arma de Júpiter (cf. I. 2. 3).
- 13 *Prometeu*: Segundo algumas versões do mito (não a de Hesíodo), Prometeu criou o homem a partir do barro.

XVII

Muitas vezes troca o ligeiro Fauno
o Liceu pelo ameno Lucrétilis, afastando incansável
de minhas pequenas cabras o adusto Verão
e os ventos pluviosos.

- 5 Sem perigo as fêmeas de um fétido esposo
vagando procuram, pelos resguardados bosques,
os escondidos medronheiros e o tomilho;
e não temem os cabritos

- nem as verdes serpentes, nem os lobos de Marte,
10 sempre que, Tíndaris, a melodiosa siringe
nos vales ressoa, e nos polidos rochedos
da Ustica que cai em declives.

- Os deuses protegem-me: a minha devoção, a minha musa
ao coração dos deuses são gratas. Aqui, a opulenta Abundância
15 dos esplendores do campo para ti prodigamente jorrará,
como de uma benigna cornucópia.

- Aqui, no vale retirado, evitarás o ardente calor
da Canícula, e cantarás, com a lira de Teos,
Penélope e a misteriosa Circe, que padeceram
20 por um mesmo homem.

Aqui, sob a sombra, copos do inerme vinho de Lesbos beberás,
e com a ajuda de Marte, Tíoneu, filho de Sémele,
a confusão não há-de instalar nas rixas,
nem, suspeitando de ti,

- 25 o impudente Ciro receará, nem temerás que ele levante
suas incontinentes mãos sobre ti, adversária tão desigual,
e que rasgue a coroa que te cinge os cabelos,
ou tuas vestes que o não merecem.

- 2 *Liceu*: Monte na Arcádia; era tido como o local de nascimento de Pã, que nele tinha um templo.
- 2 *Lucrétilis*: Há muitas dúvidas sobre a localização deste monte. A hipótese que mais consenso colhe é a de que se trate de um monte na Sabina, em cujo sopé ficaria situada a casa de campo de Horácio.
- 5 *Fétido esposo*: O bode.
- 9 *Lobos de Marte*: O lobo era um animal consagrado a Marte, até porque foi uma loba quem amamentou os filhos do deus, Rômulo e Remo.
- 10 *Tíndaris*: Nome de mulher, de gosto helénico e talvez associado à poesia bucólica.
- 10 *Siringe*: *Fistula* traduz aqui o grego σὺριγξ (*syrinx*), a flauta de Pã. Este instrumento é, entre os Gregos, construído a partir de tubos de cana, colocados em forma de rectângulo uns ao lado dos outros, sendo o som produzido com uma técnica semelhante à da nossa flauta transversal. A diferença de alturas era feita normalmente introduzindo cera nos tubos; foram os Romanos que deram à siringe a aparência que ainda hoje tem, cortando os tubos consoante o som que queriam produzir (cf. “Panpipe” e “Syrinx” in *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, London, Ed. S. SADIE, 1980)
- 12 *Ustica*: Provavelmente um monte perto da Sabina, onde ficava a casa de campo de Horácio.
- 18 *Lira de Teos*: Referência a Anacreonte, o poeta lírico de Teos, famoso pelos seus poemas de amor e de vinho. Horácio parece sugerir a Tíndaris que cante em versos anacreônticos.
- 19 *Misteriosa*: Os comentadores têm muita dificuldade em explicar o epíteto “vítrea” para Circe. No nosso entender, pode-se tomar o adjectivo *uitrea* à letra, ou seja, “com a aparência do vidro”, já que o vidro, no tempo do Poeta, tinha um aspecto fosco e misterioso, o que condiz com a personagem de Circe. O homem por quem Penélope e Circe padeceram é Ulisses.
- 22 *Tioneu, filho de Sémele*: Segundo algumas versões do mito, a mãe de Dioniso, Sémele, antes de ter sido imortalizada teria o nome de Tione (de onde Tioneu, patronímico, filho de Tione).
- 25 *Ciro*: Nome aproveitado da poesia lírica grega, provavelmente associado à poesia erótica (cf. I. 33. 6).

XVIII

Não plantes, Varo, árvore alguma antes da sagrada videira
no fértil solo de Tíbur e em torno das muralhas de Cátilo,
pois aos sóbrios o deus determinou que tudo fosse penoso,
já que somente o vinho os mordentes cuidados desvanece.

- 5 Depois de o beber, quem tagarela sobre a cruel guerra ou a pobreza,
quem, em vez de falar sobre ti, pai Baco, ou sobre ti, bela Vénus?
Mas que ninguém descure os ritos do regado Líbero
lembra-nos a vinolenta rixa entre Centauros e Lápitais,

- selada em guerra; lembra-nos Évio, flagelo dos Sitónios,
10 sempre que estes, ávidos de luxúria, com débil linha
o bem do mal separam. Não, eu não te agitarei, cândido Bassareu,
contra a tua vontade, nem à força trarei para o céu aberto

- teus emblemas cobertos de várias folhas. Retém teus feros tímpanos,
e a tibia frígia de Berecinto, seguidos de perto pelo cego amor-próprio,
15 e pela vanglória, erguendo sobeja sua vã cabeça,
e a fé traída dos segredos revelados, mais transparente do que o vidro.

- 1 *Varo*: Provavelmente P. Alfenus Varo, cônsul sufecto em 39 a.C. e jurista, e
não Quintílio (cf. I. 24), como referem alguns manuscritos.
2 *Cátilo*: Herói mítico ligado à fundação de Tíbur. Seguimos aqui a acentua-
ção usada por Horácio.
8 *Centauros*: Narra o mito que Pirítoo, o rei dos Lápitais, convidou os Centau-
ros para o seu casamento com Hipodamia. No entanto, embriagado, um
dos Centauros (Êurito) tentou violar a noiva de Pirítoo. Aquilo que come-

çou por ser uma simples querela motivada pelo vinho (*rixa*), rapidamente degenerou numa guerra de grande mortandade, vencida pelos Lápitais — a chamada Centauromaquia.

- 9 *Évio*: Outro nome para Baco, de Εὐοῖ, “Evoé”, o grito das bacantes.
- 9 *Sitónios*: A Sitónia é a península mais central do Quersoneso, na Trácia, e costuma designar, em geral, os Trácios. Não se sabe bem a que alude Horácio neste passo, provavelmente, como nos explicam Nisbet e Hubbard, trata-se de uma história paralela à dos Centauros.
- 11 *Não te agitarei*: Não sabemos muito bem a que particularidade do rito dionisíaco se refere Horácio neste passo. Provavelmente trata-se de uma alusão ao tirso, freneticamente agitado durante os mistérios.
- 11 *Bassareu*: Mais outro nome para Baco, desta feita de βασσάρα (*bassara*), pele de raposa com que as bacantes se cobriam.
- 13 *Teus emblemas*: *Obsita*, à letra, “coisas encobertas”; trata-se dos emblemas sagrados (*orgia*) de Dioniso, utilizados durante os mistérios. Era proibido revelar tais objectos a quem não fosse iniciado nos mistérios.
- 13 *Tímpanos*: O tímpano antigo (τύμπανον, *tympanon*) é bastante diferente do nosso instrumento homónimo. É um instrumento de percussão portátil, construído com um aro de metal ou madeira onde se esticava uma membrana de pele; tinha dimensões relativamente pequenas, raramente excedendo os 30 cm de diâmetro, e era percutido com os dedos. Este instrumento, tal como os címbalos (cf. nota a I. 16. 8), foi desde cedo associado ao culto de Cíbele e de Dioniso.
- 14 *Tíbia frígia*: A maioria dos comentadores decidiu associar este instrumento, pela referência a Berecinto (nome do território ocupado pelos Berecintos, uma tribo da Frígia), à tíbia frígia; este instrumento, cuja extremidade inferior termina em forma de corno (daí o latim *cornu*), soava numa tessitura um pouco mais grave do que o *aulos* tradicional (cf. nota a I. 1. 33-34), à semelhança do membro mais grave da família dos oboés, a que precisamente chamamos corne-inglês. A tíbia, tal como os tímpanos, estava também associada ao culto de Cíbele e de Dioniso.

XIX

Desapiedada Mãe dos Desejos:
ordena-me o rebento da tebana Sémele,
e a licenciosa Devassidão,
que reentregue minha alma a já findados amores.

5 Inflama-me o esplendor de Glícera,
a sua luz mais pura do que o mármore de Paros:
inflama-me a sua grata petulância,
o seu rosto tão perigoso de contemplar.

Vénus, caindo inteira sobre mim,
10 abandonou Chipre, e não permite que cante os Citas,
nem os cavaleiros partos,
corajosos mesmo em fuga, nem nada que não lhe interesse.

Ponde-me aqui, rapazes,
relva fresca, aqui, ervas para um sacrifício, e incenso,
15 com uma pátera de vinho puro de dois anos:
é que, imolada a vítima, mais dócil ela virá.

2 *Rebento da tebana Sémele*: Dioniso.

5 *Glícera*: Do grego γλυκερός (*glykeros*) “de sabor doce, adocicado”. Nome repetido em I. 30, I. 33 e III. 19.

6 *Paros*: Para os poetas líricos gregos, o mármore de Paros, uma das ilhas das Cíclades, era o mármore mais branco e puro de todo o mundo antigo, ideia que passou para os poetas latinos.

10 *Citas*: Designa um conjunto variado de povos nómadas que viviam a norte e a este do Mar Negro, que juntamente com os Partos eram tidos como uma

das maiores potenciais ameaças ao império romano. No tempo de Horácio, é relevante uma embaixada enviada pelos Citas provavelmente em 25 a.C. (cf. Augusto, *Res gestae* 31), aproveitada politicamente por Horácio no seu *Carmen saeculare*.

- 11 *Cavaleiros partos*: Os cavaleiros medos, ameaça constante ao poderio de Roma (cf. nota a I. 2. 22), eram conhecidos por, em fuga, conseguirem ainda assim lançar setas sobre o inimigo, surpreendendo-o. O que se diz neste passo mais precisamente (num oximoro intraduzível) é que os cavaleiros partos eram corajosos mesmo quando os cavalos se viravam (para fugir).
- 14 *Ervas para um sacrifício*: traduzimos *uerbenae* (existe o termo em português, “verbena”, mas tem uma acepção técnica conotada com a botânica), mistura de ervas de várias espécies que se colocavam sobre o altar. Neste passo, Horácio sugere um sacrifício para aplacar a fúria da deusa do amor; para tal precisa de um altar improvisado, normalmente feito com tufo de erva fresca, das tais *uerbenae*, de incenso, de vinho não misturado (*merum*), de uma pátera (taça usada para as libações) e, claro, da vítima (*hostia*).

XX

Beberás em simples taças do modesto Sabino,
vinho que eu mesmo guardei e selei
numa ânfora grega, no dia em que,
caro cavaleiro Mecenas,

- 5 no teatro de tal modo aplaudido foste,
que as margens do teu rio paterno,
e o jocoso eco do monte Vaticano
juntos te devolveram a ovação.

- Noutro sítio beberás o teu Cécubo,
10 ou a uva domada pela prensa de Caleno:
aqui, nem a vinha de Falerno, nem as colinas de Fórmias
temperam os meus copos.

- 1 *Modesto Sabino*: Vinho de qualidade média-baixa, suave. Não nos devemos esquecer de que foi Mecenas quem ofereceu a Horácio a sua propriedade na Sabina, e esta é uma subtil forma de agradecimento.
- 4 *Cavaleiro*: Apesar de ser um dos homens mais ricos e poderosos de Roma, Mecenas manteve sempre o seu estatuto de *eques* (cavaleiro), algo inusitado que contribuiu para o seu lugar ímpar na sociedade romana da altura. Horácio refere-se aqui ao entusiástico acolhimento feito a Mecenas pelo público no teatro de Pompeio, em 30 a.C., que marcou o seu reaparecimento na cena social romana depois de uma longa e grave doença (cf. II. 17. 25).
- 6 *Rio paterno*: O rio Tibre nasce na Etrúria, de onde vieram os antepassados de Mecenas.
- 9-11 *Cécubo... Caleno... Falerno... Fórmias*: Nomes dos mais afamados vinhos romanos. O Cécubo e o Caleno vinham da região do Lácio; o Falerno e o Fórmias da Campânia.

XXI

Cantai, jovens virgens, Diana,
 Cantai, rapazes, o Cíntio dos longos cabelos,
 e Latona, por Júpiter supremo
 profundamente amada.

- 5 Vós, cantai aquela que com os rios se deleita
 e com a fronde dos bosques que se sobreleva
 no gélido Álgido, ou nas negras florestas
 de Erimanto, ou nas do verde Crago.

- E vós, rapazes, celebrai em outros tantos louvores
 10 Tempe e Delos, terra natal de Apolo,
 o seu ombro ornado com a aljava
 e com a lira do irmão.

- Ele, movido por vossa prece, a guerra lacrimosa,
 a mísera fome e a peste do nosso povo levará,
 15 e do soberano César,
 para os Persas e os Bretões.

- 2 *O Cíntio*: Apolo. O epíteto diz respeito à homónima colina de Delos, onde Apolo e Diana nasceram.
- 7-8 *Álgido... Erimanto... Crago*: São todas montanhas consagradas a Diana. O Álgido fica no Lácio, onde se pensa que existiu um santuário de Diana. O Erimanto é a montanha mais sinuosa da Arcádia, e era o local habitual das caçadas de Ártemis. O Crago é uma zona montanhosa na Lícia, consagrada normalmente ao deus Apolo, embora também, mais raramente, a Ártemis.

- 10 *Tempe*: Cf. I. 7. 4.
- 12 *Lira do irmão*: Mercúrio (irmão de Apolo) foi o inventor da lira, construída a partir de uma casca de tartaruga que encontrou à entrada da gruta em Cilene, ainda muito novo, e dos intestinos dos dois animais que sacrificou (com que fez as cordas). Posteriormente ofereceu-a a Apolo, em troca das vacas que lhe roubou (para este episódio, cf. I. 10. 9 e s.).
- 15 *Soberano*: em latim lê-se *princeps* (Cf. I. 2. 50).
- 16 *Bretões*: Em 34, 27 a.C. e 26 a. C., segundo Dión Cássio (49.38.2, 53.22.5, 53.25.2), Augusto projectava invadir a Britânia. Alguns comentadores relacionam este facto e usam-no para datar esta ode; outros, como E. Romano, preferem ler neste verso uma referência mais generalizante; tal como os Partos (os Persas) representam o perigo da fronteira oriental, os Bretões representam o perigo da fronteira do ocidente.

XXII

Quem na sua vida é íntegro e inocente,
de mouros dardos e arco não precisa,
Fusco, nem de uma aljava cheia
de setas envenenadas,

- 5 quer se prepare para viajar pelas ardentes Sirtes,
quer pelo inospitaleiro Cáucaso,
quer pelos locais banhados
pelo lendário Hidaspes.

- Pois enquanto eu num bosque sabino
10 a minha Lálage cantava, vagueando
em sossego já longe de minha casa,
de mim, desarmado, fugiu um lobo:

- um monstro tal como nunca a belígera Dáunia
nos seus vastos carvalhais alimentou,
15 como nunca a terra de Juba engendrou,
árida nutriz de leões.

- Põe-me numa sáfara planície,
onde a brisa estival nenhuma árvore revigora,
numa região do mundo oprimida
20 pelas nuvens e por um funesto Júpiter,

põe-me sob o carro do sol, onde ele rasante voa,
ou numa terra que se recusa a ser habitada,
ainda assim Lálage amarei, a que docemente ri,
a que docemente fala.

- 3 *Fusco*: Aristius Fuscus, bom amigo de Horácio (cf. *Sátiras* I. 9. 61 e s.), autor de comédias e provavelmente também gramático.
- 5 *Sirtes*: Nome de dois golfos (*Syrtis maior* e *Syrtis minor*) da Líbia, zona repleta de animais selvagens.
- 6 *Cáucaso*: Também conhecido pelos seus animais selvagens, em especial os tigres.
- 8 *Hidaspes*: Rio afluente do Indo, em cujas margens Alexandre Magno teve uma grande vitória em 326 a.C.
- 10 *Lálage*: Nome pouco usado pelos poetas líricos latinos; encontra-se aqui e em II. 5. 15, e em Propércio (4. 7. 45); do grego *λαλαγή* (*lalagê*), “tagarela”, um termo afectuoso (*pequena tagarela*).
- 13 *Dáunia*: Nome dado à parte norte da Apúlia, de Dauno (o rei que ofereceu a mão de sua filha a Diomedes), onde também vagueavam lobos; esta região enchia as fileiras do exército romano (daí “belígera”), tal como toda a zona rural de Itália.
- 15 *Juba*: Juba II da Numídia, filho de Juba I (opositor de César que se suicidou depois da batalha de Tapso, em 46). Lutou ao lado de Octaviano em Áccio.
- 20 *Funesto Júpiter*: Os latinos associavam Júpiter ao céu, e portanto ao estado do tempo.
- 21 *O carro do sol*: Alusão ao mito de Faetonte, o filho do Sol, que só na adolescência descobriu quem era seu pai. Exigiu então que o pai lhe deixasse conduzir o seu carro, com o qual o Sol faz o seu percurso diário a iluminar a terra. O pai condescendeu, mas Faetonte, assustado com a altura, perdeu o controlo do carro, e aproximou-se demasiado da terra, queimando parte dela (a África) e parte dos céus. Zeus, para o não deixar continuar o seu caminho destrutivo, fulminou-o com um raio.

XXIII

Tu evitas-me, Cloe, como um jovem veado
 que a mãe aflita nas ínvias montanhas procura,
 não sem um inútil medo
 da floresta e do mais ligeiro vento:

- 5 se a chegada da Primavera se arrepia
 nas flores que dançam, ou se os verdes lagartos
 afastam uma silva,
 seu coração e joelhos tremem.

- E, contudo, como o cruel tigre ou getúlico leão,
 10 para te fazer em pedaços não te persigo eu.
 Deixa de andar atrás da mãe:
 já estás madura para um homem.

- 1 *Cloe*: Nome usado por Horácio em III. 7. 10, III. 9. 6 e III. 26. 12. Vem do grego *χλοή* (*chloê*) “verdura fresca”: parece pois sugerir uma pessoa jovem e imatura.
- 9 *Getúlico leão*: A Getúlia, zona ao sul da Numídia, era conhecida pelos seus animais ferozes, em particular os seus leões.

XXIV

Poderá o luto por um tão querido rosto
 conhecer vergonha ou limite? Lúgubres cantos,
 Melpómene, ensina, tu a quem o Pai,
 com a cítara, límpida voz deu.

- 5 E assim sobre Quintílio um sono perpétuo pesa.
 Poderá alguma vez o Pudor, e a incorrupta Lealdade,
 irmã da Justiça, e a nua Verdade,
 encontrar um homem igual?

- 10 Morreu, chorado por muitas boas almas,
 e ninguém mais do que tu o chorou, Vergílio.
 Tu Quintílio aos deuses em vão devoto reclamas:
 a eles o confiaste, mas não nestes termos.

- 15 E se mais docemente do que o trácio Orfeu tocasses a lira
 que até as árvores ouviram? Voltaria o sangue a esse inane espectro
 que Mercúrio, com seu sinistro cajado, duma vez e para sempre,
 ao seu negro rebanho ajuntou?

- Ele não se comove com quem lhe suplica
 que reabra as portas do destino.
 É duro. Torna a paciência contudo mais leve
 20 aquilo que pelos deuses é proibido corrigir.

- 3 *Melpómene*: Tradicionalmente a musa da tragédia (cf. III. 30. 16 e IV. 3. 1).
- 5 *Quintílio*: Quintilius Varus, amigo pessoal de Vergílio e de Horácio. Na *Arte Poética* (438 e s.), Horácio elogia a sua excelente capacidade de criticar e de auxiliar os poetas no burilar de seus poemas.
- 6 *Lealdade*: “Lealdade” ou “Fé” em português não traduzem exactamente o termo *Fides*, cujo significado se reveste de um matiz tão peculiar, que nenhuma expressão portuguesa a pode traduzir. Trata-se da personificação da honra pela palavra ou juramento dado, do foro divino, cujo desrespeito implicaria uma ofensa aos próprios deuses. Segundo Cícero (*Da Natureza dos Deuses*, II. 61), teria sido mesmo consagrado à *Fides* um templo no Capitólio por Emílio Escauro e, ainda antes, por Atílio Calatino.
- 10 *Vergílio*: Cf. I. 3. 6.
- 12 *Não nestes termos*: Horácio sugere que Vergílio fez um voto, em que confiava aos deuses o seu amigo Quintílio (segundo algumas conjecturas, porque partiria em viagem); nunca pensou, porém, que a protecção dos deuses visse sob esta forma inexorável.
- 15 *Espectro*: *Imago* (espectro) é a tradução latina do famoso εἶδωλον (*eidôlon*) homérico (cf., por exemplo, *Iliada* XXIII. 104), termo que designa o espectro insubstancial em que se transforma o homem no Hades.
- 16 *Cajado*: Cf. I. 10. 18 (n.); para o carácter de “condutor de almas” de Hermes (Mercúrio), cf. I. 10. 7 (n.).
- 20 *Pelos deuses é proibido*: Na tradução tentamos salvaguardar o contexto profundamente religioso da intraduzível expressão *nefas* (cf. I. 11. 1).

XXV

Mais raramente os protervos jovens
 às tuas janelas lançam insistentes pedras,
 arrancando-te do sono,
 e a tua porta,

5 que antes tão fácil os gonzos movia,
 ama o umbral. Já menos e menos ouves lamentar,
 “Enquanto eu longas noites por ti morro,
 tu dormes, Lídia?”.

Em troca chorarás, velha e vulgar,
 10 num beco estreito e só, a insolência dos devassos,
 enquanto o vento trácio sob o interlúnio delira,
 numa orgia cada vez maior,

quando, cercando o teu coração ferido,
 contigo se enfurecer o ardente amor e a lascívia,
 15 que as éguas costuma enlouquecer,
 não sem te queixares

de que a leda juventude mais se alegra
 com a verde hera do que com o escuro mirto,
 dedicando as folhas secas ao vento Euro,
 20 do Inverno companheiro.

- 2 *Lançam insistentes pedras*: Estamos perante um tópico comum do παρακλαυσίτυρον (*paraklausityron*, o lamentar da porta) canção de lamento do jovem desprezado perante a porta ou janela fechada daquela que conquistou o seu coração. Este tópico da lírica, já presente em Alceu (cf. fr. 374 L.-P.), foi amplamente aproveitado pelos poetas helenísticos e romanos (cf. por exemplo, Propércio, III. 25. 11 e s.). O texto parece sugerir que o jovem amante atira pedras às persianas fechadas, visto as janelas não terem vidros.
- 19 *Vento Euro*: Vento que sopra de este.

XXVI

Amigo das musas, a tristeza e os medos
 aos revoltos ventos entregarei,
 para que eles os levem para o mar de Creta.
 É-me por demais indiferente,

5 que rei de uma glacial região do norte é temido
 ou o que assusta Tiridates. Tu que entre puras fontes
 te alegras, entrelaça soalheiras flores,
 entrelaça uma grinalda para o meu caro Lâmia,

10 doce senhora de Pipleia! Sem ti, de nada servem
 as honras por mim concedidas; fica-vos bem imortalizá-lo,
 a ti e a tuas irmãs, a ele com nova lira,
 a ele com lésbio plectro.

6 *Tiridates*: Uma “marioneta” política nas mãos de Augusto, de forma a desequilibrar a estabilidade política dos Partos: Tiridates liderou duas rebeliões falhadas contra Fraates IV, rei dos Medos. A primeira resultou no seu exílio na Síria, em 29 a.C., sob a protecção de Augusto; a segunda, em 26 a.C., à qual se juntou o filho de Fraates, resultou no pedido de guarida a Augusto em Roma, de que nos falam as suas *Res Gestae* 32. As preocupações que o assolam serão com certeza como vencer o seu arqui-rival.

8 *Lâmia*: Não se sabe bem a que membro dos *Aelii Lamiae* se refere Horácio neste contexto. É uma *gens* próspera e de grande importância, originária de Fórmias, a sul do Lácio. Horácio dirige-se seguramente a um destes dois: ou L. Aelius Lamia, cônsul em 3 d.C. (provavelmente a quem Horácio dedica III. 17), ou Q. Aelius Lamia, que morreu precocemente. Ambos são filhos de L. Aelius Lamia, amigo de Cícero, edil em 45 e pretor em 42.

- 9 *Pipleia*: Vila e montanha da Piéria, terra associada às musas já desde Hesíodo (cf. *Trabalhos e Dias* 1, *Teogonia* 53).
- 11 *Nova lira*: Isto é, com novos temas e fulgor líricos.
- 12 *Plectro*: O plectro na antiguidade era uma palheta normalmente de marfim com que se tangiam as cordas da lira.

XXVII

Isso de lutarem com copos, criados para uso da alegria,
 é coisa de Trácio! Deixai lá esse bárbaro costume,
 afastai o recatado Baco
 de tais sanguinolentas rixas.

- 5 Fica horripelantemente mal a adaga dos Partos
 entre o vinho e as candeias! Sossegai
 tal ímpia azoada, camaradas,
 permanecei apoiados sobre o cotovelo.

- Quereis que também eu tome um pouco
 10 desse áspero Falerno? Que nos diga então
 de que ferida, de que seta,
 feliz morre o irmão de Megila de Opunte.

- Falta-te a vontade? Por outro soldo não beberei!
 Seja quem for essa Vénus que te domina,
 15 em ti arde num fogo que não te deve fazer corar:
 mesmo nas tuas tropelias

- é nobre o teu amor. O que quer que tenhas,
 vamos, confia na minha discrição. Ah, pobre de ti,
 como tens sofrido nos braços dessa terrível Caríbdis,
 20 rapaz digno de uma melhor chama!

Que bruxa, que mago com tessálias poções,
 que deus te poderá libertar?
 O próprio Pégaso a custo te desenlaçaria,
 unido como estás a tal triforme Quimera.

- 2 *Trácio*: Quando, por qualquer motivo, a conversa azedava, os copos serviam frequentemente como arma de arremesso (cf. Propércio 3. 8. 4). Os Trácios eram considerados um povo especialmente dado à bebida (cf., por exemplo, Platão, *Leis*, 627d).
- 5 *Adaga dos Partos*: Não se trata da cimitarra, mas de um punhal longo (*acinaces*), usado pelos Persas e pelos Citas.
- 6 *Candeias*: Não nos esqueçamos de que a hora privilegiada para os banquetes (*symposia*) era a da noite.
- 8 *Sobre o cotovelo*: No triclínio, o homem romano reclinava-se sobre um leito, apoiando-se no cotovelo esquerdo.
- 10 *Falerno*: Para o vinho de Falerno, cf. I. 20. 11 (n.).
- 12 *Megila de Opunte*: Personagem feminina, natural de Opunte, na Lócrida.
- 19 *Caríbdis*: O monstro que assolava o estreito de Messina, entre a península itálica e a Sicília, tragando para dentro da sua gruta tudo o que lhe aparecesse à frente. Para os poetas e para os oradores era o símbolo da voracidade, e aqui em particular a “voracidade” de algumas cortesãs.
- 21 *Tessálias poções*: A Tessália era conhecida por ser uma terra de feiticeiras e de ervas mágicas.
- 24 *Triforme Químera*: A Químera era uma parte leão, outra cabra e outra cobra, que lançava fogo pela boca. Foi morta por Belerofonte, com a ajuda do seu cavalo alado Pégaso. Costumava enredar as suas vítimas na sua cauda viperina.

XXVIII

A ti, que o mar e a terra e a imensurável areia mediste, te encerra,
 Arquitas, junto à costa de Matino,
 um modesto tributo, um túmulo feito de um pouco de pó;
 e de nada te vale

5 teres ousado perscrutar moradas divinas, percorrendo o rotundo céu
 com tua morredoura alma.
 Morreu também o pai de Pélops, conviva dos deuses,
 e Titono, ao alto céu levado,

e Minos, admitido nos arcanos de Júpiter. O Tártaro guarda
 10 o filho de Pântoo, trazido duas vezes ao Orco,
 ainda que, ao retirar o escudo, os dias de Tróia
 tomasse como testemunha

de que nada mais do que nervos e pele à negra morte concedera,
 ele, no teu entender, insigne intérprete
 15 da natureza e da verdade. Mas uma mesma noite a todos nos espera,
 condenados a trilhar uma só vez o caminho do exício.

Alguns de nós, espectáculos de circo, as Fúrias ao torvo Marte dão,
 o sôfrego mar é a perdição dos marinheiros.
 Acumulam-se e confundem-se enterros de jovens e velhos:
 20 de nenhuma cabeça foge a cruel Prosérpina.

A mim também nas ilírias ondas Noto, o veloz companheiro de Oríon,
 quando este se deitava me destruiu.
 E tu, marinheiro, não te negues maldoso a dar a meus insepultos ossos
 e cabeça um pouco desta areia que erra:

- 25 assim, perante qualquer que seja a ameaça do vento Euro
às ondas da Hespéria,
que as florestas da Venússia sofram e tu incólume permaneças,
e grande proveito te chegue de quem pode,
- de Júpiter favorável e de Neptuno, guardião da sagrada Tarento.
- 30 Não cuidas que cometes um crime
que um dia teus inocentes filhos prejudicará?
Talvez direitos devidos e uma arrogante recompensa
- por ti esperem: se assim for deixado, cumpridas serão as ameaças,
e nenhum sacrifício te redimirá.
- 35 Ainda que estejas com pressa, muito não te há-de demorar:
lançados três punhados de terra seguirás o teu caminho.

- 2 *Arquitas*: Estadista e comandante militar de Tarento, amigo de Platão. No domínio da ciência, foi notável matemático e filósofo, tendo na primeira disciplina chegado a importantes descobertas, no domínio da geometria, da harmonia e da mecânica.
- 2 *Costa de Matino*: Provavelmente uma região perto de Tarento, a terra de Arquitas, onde o matemático foi sepultado. Não se tem a completa certeza sobre qual seria a terra aqui em questão.
- 5 *Percorrendo o rotundo céu*: Arquitas era também astrólogo.
- 7 *Pai de Pélops*: Tântalo, pai de Pélops.
- 8 *Titono*: O belo irmão mais velho de Príamo, que caiu nas graças da Aurora, que o raptou (*ao alto céu levado*). A deusa pediu a Júpiter que concedesse a imortalidade ao seu amado, mas esqueceu-se de pedir também a juventude eterna. Assim, Titono tornou-se imortal, mas foi envelhecendo até encarquilhar completamente. Segundo algumas versões do mito, a Aurora, por fim, transformou-o numa cigarra. Aqui, Horácio parece sugerir que ele acabou por morrer.
- 9 *Minos*: Depois de morto, o rei de Creta tornou-se juiz no Hades, a par com Radamanto.
- 10 *Duas vezes*: trata-se de uma dupla alusão; por um lado, ao filho de Pântoo, Euforbo, que foi morto por Menelau (cf. *Iliada*. XVII, 81); por outro, a Pi-

tágoras, pelo seguinte episódio: Pitágoras, ao entrar no templo Ereu, em Argos, pegou num escudo que não sabia de quem era e disse: “Este é o escudo de Euforbo”. Ao desprender o escudo da parede (*ao retirar o escudo*), viu que estava escrito nele o nome do seu proprietário: Euforbo. Para os seguidores e para ele, isto constituiu uma prova de que, na idade homérica, Pitágoras foi, por transmigração, Euforbo (episódio narrado por Ovídio, *Metamorfoses* 15. 160 e s.). Diz Horácio que Euforbo desceu duas vezes ao Hades: primeiro, quando o herói Euforbo morreu, segundo, quando Pitágoras (a reencarnação de Euforbo) morreu também. Muitos editores vêem neste poema uma diatribe contra os ensinamentos pitagóricos; a alusão a esta dupla morte pode somente marcar a inexorabilidade do destino, mesmo para aqueles que acreditam na metempsicose.

- 10 *Orco*: Outro nome para Plutão, o rei dos infernos.
- 20 *Cabeça*: Prosérpina cortava uma madeixa de cabelo daqueles que estavam prestes a morrer.
- 21 *Ilírias ondas*: Ou seja, na costa nordeste do Adriático. O Noto é o vento do Sul.
- 21 *Oríon*: Cf. III. 27. 17-18 (n.).
- 25 *Vento Euro*: Vento que sopra de Este.
- 26 *Hespéria*: A Itália. Em grego, “Hespéria” quer dizer “a ocidente”, e é o termo que os gregos usam para designar a Itália. Nas *Odes*, porém, o termo serve em duas ocorrências (I. 36. 4 e IV. 15. 16) para designar a Hispânia, vista do ponto de vista romano.
- 27 *Venúsia*: Pequena cidade nos confins da Apúlia. Pode não ser inocente a citação desta região: é que se trata da cidade natal de Horácio.

XXIX

Ício, agora invejas os ricos tesouros dos Árabes,
 e preparas uma impiedosa campanha contra os reis da Sabeia,
 que nunca foram vencidos,
 e urdes os grilhões

5 para o terrível Medo? Que bárbara virgem,
 morto o noivo, será tua escrava?

Que áulico rapaz de perfumados cabelos
 junto do cíato estará,

ele, ensinado a esticar as setas dos Seres
 10 sobre o arco dos pais? Quem negará que os ribeiros
 descendo podem para os montes escarpados refluir
 e o Tibre reverter seu curso,

quando tu intentas trocar os livros do grande Panécio,
 comprados um pouco por todo mundo,
 15 e a escola socrática, pela couraça ibérica?
 Tu prometeste melhores coisas...

1 *Ício*: Desta personagem pouco sabemos; apenas que foi administrador dos bens de Agripa na Sicília. Na epístola I. 12, Horácio escreve a este mesmo Ício, referindo-se mais uma vez com ironia aos seus estudos filosóficos.

1 *Árabes*: Referência à expedição contra os Árabes, feita por Élio Galo em 26-25 a.C., que não foi bem sucedida (cf. Dión Cássio, 53. 29. 4).

2 *Sabeia*: Região no sudoeste da Arábia (hoje aproximadamente o Iémen).

8 *Cíato*: Vaso com uma asa bastante grande, usado para servir o vinho do pote (onde se misturava o vinho) para os copos. Sugere-se assim um es-

cravo, recrutado de um palácio chinês (para os Seres, cf. I. 12. 55, n.), designado para as funções de copeiro de Ício.

- 13 *Panécio*: Panécio de Rodes viveu entre Roma, onde pertencia ao círculo de Cipião Emiliano, e Atenas no século II a.C.. Panécio é o mais ilustre estóico da sua época; em 129 tornou-se o chefe da escola estóica de Atenas. É largamente responsável pela difusão do estoicismo entre os Romanos.

XXX

Ó Vénus, de Cnido e de Pafo rainha,
 deixa o teu querido Chipre,
 e muda-te para o belo templo de Glícera,
 que com muito incenso te chama.

- 5 Contigo se apresse o teu ardente menino,
 e as Graças despertando suas cintas, e as Ninfas,
 e a Juventude, menos graciosa sem ti,
 e Mercúrio.

- 1 *Cnido*: Na Cária, do lado apostro a Rodes. Vénus tinha aí três templos; aí se encontrava a célebre estátua de Vénus, feita por Praxíteles, escultor grego do século IV a.C..
- 1 *Pafo*: Uma cidade na costa oeste do Chipre, onde Afrodite tinha um antigo culto.
- 3 *Glícera*: Para o nome (*A Doce*) cf. I. 19.
- 6 *Graças*: Cf. I. 4. 6 (n.)

XXXI

Que pede um poeta a Apolo, a quem um templo
foi dedicado? Que suplica, derramando da pátera
um líquido novo? Nem as férteis colheitas
da fértil Sardenha,

- 5 nem o amável gado da ardente Calábria,
nem o ouro e o marfim da Índia, nem as terras
que o silente curso do Liris remordeja
com sua tranquila água.

- Que a vinha seja com calena foice podada
10 pelos contemplados da fortuna, que em copos de ouro
o opulento mercador de um trago beba
os vinhos trocados por sírias mercadorias,

- homem grato aos próprios deuses, pois todos os anos revê
impune três ou quatro vezes o mar atlântico;
15 quanto a mim, alimentam-me as azeitonas,
a chicória e as leves malvas.

- Filho de Latona, faz com que saudável desfrute
daquilo que tenho, e que, rogo-te, de mente sã
leve uma velhice nem desagradável,
20 nem privada da cítara.

- 1 *Que pede um poeta...*: Trata-se de uma alusão ao templo de Apolo, a ele consagrado em 28 a.C. Ficava perto da casa de Octaviano e tinha uma biblioteca pública.

- 2 *Pátera*: Taça grande usada pelos Romanos nas libações aos deuses.
- 3 *Líquido*: O vinho, bem entendido. Reproduzimos o *recherché* do original.
- 7 *Líris*: Rio que nasce nos Apeninos e corre através do território marso e do Lácio até desembocar no mar em Minturnas.
- 7 *Calena foice*: Para a região afamada pelo seu vinho, cf. I. 20. 9 (n.).
- 12 *Sírias mercadorias*: Segundo Nisbet e Hubbard será, por exemplo, a púrpura, a pimenta e os unguentos. A Síria é, para os Romanos, o paradigma de uma zona exótica e rica.

XXXII

Rogamos-te: se contigo, em lazer,
 sob a sombra compusemos leve canção,
 vamos, entoa-nos um cântico latino,
 que por este ano e mais perdure,

- 5 bárbito meu, primeiro tangido pelo lésbio cidadão
 que, embora feroz na guerra, entre as armas
 ou tendo amarrado o fustigado navio
 à húmida margem

- Líbero cantava, e as Musas,
 10 e Vénus, com quem sempre está o Menino,
 e o formoso Lico dos negros olhos
 e dos negros cabelos.

- Ó, glória de Febo, lira bem-vinda
 nos banquetes do superno Júpiter, doce alívio
 15 e cura para nossos cuidados, a ti te saúdo,
 invocando-te segundo o rito.

5 *Bárbito*: cf. I. 1. 34 (n.).

5 *Lésbio cidadão*: Trata-se de uma referência a Alceu. Este poeta lírico arcaico do séc. VII a.C. participou activamente na vida política de Lesbos.

11 *Lico*: Provavelmente um jovem efebo por quem Alceu se enamorou, embora não surja em nenhum dos seus fragmentos.

13 *Lira*: Traduzimos por “lira”, embora no latim se leia *testudo*, “carapaça de tartaruga”. É uma referência ao presente de Mercúrio a Apolo (cf. I. 10. 6, n.).

XXXIII

Álbio, não sofras demasiado ao lembrares-te da indócil
 Glicera, nem recantes plangentes versos de elegia
 perguntando-te, quebrada a confiança que tinhas,
 porque um mais novo te eclipsa...

- 5 O amor por Ciro abrasa Licóris, conhecida
 por sua pequena testa; por sua vez Ciro enamora-se
 pela ríspida Fóloe; mas antes que Fóloe caísse no erro
 de amar tal torpe adúltero,

- já as cabras montesas com os lobos da Apúlia casariam.
 10 Assim pareceu bem a Vénus, cujo prazer é,
 cruel divertimento, pôr brônzeo jugo
 em discordes formas e almas.

- A mim próprio, quando uma Vénus mais amiga me chamou,
 me prendeu Mirtale com bem-vindos grillhões,
 15 liberta mais foga do que as vagas do Adriático
 ao curvar os golfos da Calábria.

- 1 *Álbio*: Trata-se provavelmente de Albius Tibullus (54?-19 a.C.), um dos três poetas da “geração elegíaca”, que escreveu a sua obra entre 30 e 20 a.C.. É um *protégé* de Messala Corvino que, a par com Mecenas, foi um dos maiores patronos das artes na geração de Horácio. Há uma outra referência a *Albius* numa epístola (I. 4) de Horácio, que os comentadores identificam igualmente com Tibulo.

- 2 *Glicera*: Há, em latim, um intraduzível jogo de palavras entre a personagem e o adjectivo que a classifica. De facto *mitis* (de onde *in-mitis*), “doce”, lembra o grego γλυκύς (*glykys*, “doce”), de onde deriva o nome Glicera (Γλυκέρα, *Glykera*).
- 5 *Círo*: Provavelmente o mesmo de I. 17. 12.
- 5 *Licóris*: Nome immortalizado pelo poeta elegíaco Cornélio Galo.
- 7 *Fóloe*: Nome utilizado igualmente por Horácio em II. 5. 17, associado a uma mulher difícil de conquistar. O seu nome deriva da montanha homónima perto de Élis e da Arcádia.
- 9 *Lobos da Apúlia*: Cf. I. 22, 12-13.
- 11 *Jugo*: Para os poetas elegíacos, o jugo é o símbolo do casamento (cf., por exemplo, Propércio 3.25.8).
- 14 *Mirtale*: Nome comum entre os Romanos, ao contrário de todos os outros referidos nesta ode.

XXXIV

- Poucas e raras vezes louvei os deuses
 enquanto passeava versado numa louca filosofia;
 agora, sou forçado a fazer-me à vela num rumo contrário,
 e a retomar um caminho
- 5 abandonado. Pois Júpiter, bastas vezes fendendo
 as nuvens com brilhante raio, conduziu,
 pelo claro céu, seus ribombantes cavalos
 e o seu carro alado:
- por ele é a pesada terra sacudida, e os vagantes rios,
 10 e o Estige, e a horrenda morada do odiado Ténaro,
 e as fronteiras do Atlas.
 O deus pode transformar
- o mais baixo no mais alto, diminui o ilustre,
 expondo o obscuro; de um a rapinante Fortuna
 15 a coroa com agudo silvo retirou,
 a outro lha apraz ter colocado.

- 2 *Sabedoria*: Referência à escola de Epicuro. Este filósofo, ao dar uma consistência atômica aos deuses, um *quase-sangue* e um *quase-corpo*, acaba por retirar todo e qualquer tipo de intervenção aos deuses, chegando a um quase ateísmo; os seus deuses são insubstanciais e não têm qualquer intervenção sobre os assuntos humanos (para um resumo das ideias do epicurismo sobre os deuses cf. o primeiro livro *Da Natureza dos Deuses*, de Cícero).

- 5 *Pelo claro céu:* Por palavras simples, Horácio afirma ter visto um raio (simbolizado por Júpiter) cair de um céu límpido. Este era um fenómeno associado a um presságio importante; naturalmente, nem todos os antigos acreditavam que isto pudesse acontecer — os Epicuristas, por exemplo, negavam-no completamente, e Lucrécio, poeta epicurista, na sua *Da Natureza das Coisas* (VI. 400) refere-se ao facto de nunca ter visto um raio cair sem ser de um céu com nuvens, o que era um argumento de peso contra o que aqui é dito. Não devemos no entanto interpretar demasiado à letra o que Horácio aqui diz; o tom é irónico, e a referência ao raio serve como metáfora da imprevisibilidade da fortuna.
- 10 *Estige:* Um dos rios do inferno, juntamente com Aqueronte, o Cocito e o Piriflegetonte.
- 10 *Ténaro:* Ténaro (no sul da Lacónia, no ponto mais meridional do continente grego), tinha uma gruta que se dizia comunicar com os infernos.

XXXV

Ó deusa, que no teu querido Âncio reinas,
 capaz de elevar da mais baixa condição
 um homem mortal, e de transformar
 soberbos triunfos em funerais,

5 a ti te cerca o pobre colono com desassossegada
 prece, a ti, senhora da terra e do mar,
 te cerca todo aquele que com bitínio barco
 o mar de Cárpato desafia.

Teme-te o cru Daco, e os fugidios Citas,
 10 e as cidades e as raças, e o feroz Lácio,
 e as mães dos bárbaros monarcas;
 temem os tiranos vestidos de púrpura

que o firme pilar de seu estado deites por terra
 com teu danoso pé, e que o povo ajuntado
 15 incite às armas os hesitantes, às armas,
 e assim quebre o seu poder.

A ti te precede sempre a cruel Necessidade,
 seus cravos de trave e suas cunhas na mão de cobre
 trazendo, nem lhe faltam os cruéis ganchos
 20 e o chumbo fundido.

A ti te honram a Esperança, e a rara Lealdade,
 coberta por branco tecido, nem recusam acompanhar-te
 cada vez que, mudando tua veste, inimiga
 as casas dos poderosos abandonas:

25 também o infiel vulgo e a perjura meretriz
 lhes viram as costas, e, depois de emborcarem
 os barris até à borra, os amigos fogem, demasiado espertos
 para partilharem o duplo jugo da infelicidade.

30 Protege César, que há-de ir até à Britânia,
 última fronteira do mundo, protege a nova hoste de jovens,
 terror das regiões do Oriente
 e do Mar Vermelho.

Ah, que vergonhosas são as nossas cicatrizes, o crime,
 o nosso próprio fratricídio! Que coisa recusou
 35 esta nossa impudente geração? Que sacrilégio deixámos
 por intentar? Por medo dos deuses,

de que coisa afastou a juventude sua mão?
 Que altares deixou intactos? Oh, tomara que reforjes,
 em nova bigorna, a embotada espada
 40 contra os Masságetas e os Árabes!

1 *Deusa:* Esta ode de Horácio é dedicada à Fortuna (a grega Τυχή, *Tychê*), cultuada pelos Romanos, particularmente na região de Âncio (na costa sul de Roma, actualmente *Anzio*), onde se considerava que a deusa tinha dons oraculares.

3-4 Os comentadores soem associar estes versos a duas personagens. O homem mortal que se elevou da mais baixa condição social, a de escravo, é Sêrvio Túlio, o sexto rei de Roma. Era filho de uma escrava de Tarquínio, e, quando este foi assassinado, a rainha Tanaquil, ciente de que Sêrvio estava destinado a ser rei, tomou providências para que ele chegasse ao trono. Sêrvio Túlio tinha uma relação muito próxima com a deusa Fortuna, e narra-se mesmo que chegou a unir-se a ela. Quanto à referência aos triunfos que se transformam em funerais, trata-se de uma alusão a Emílio Paulo, vencedor de Pidna (contra o rei da Macedónia) em 168 a.C.. Pouco depois de tão grandiosa vitória, os seus filhos morreram, e mesmo assim o pai celebrou os triunfos devidos, apesar da enorme dor.

- 7 *Bitínio barco*: A Bitínia era uma zona densamente florestada, a este do mar de Marmora (onde desemboca o Bósforo), conhecida pelas suas embarcações. O mar de Cárpato fica entre Rodes e Creta, e era, como aliás quase todos os mares da antiguidade, tido como perigoso.
- 9 *Cru Daco*: Os Dacos habitavam, *grosso modo*, a sul da actual zona da Roménia, e tornaram-se, por altura da batalha de Áccio, um dos perigos para a hegemonia romana. Licínio Crasso liderou contra eles uma vitoriosa campanha, culminada em triunfo em 27 a.C.. Mas só foram definitivamente derrotados com Trajano, nas terríveis batalhas de 101-102 e de 105-107 d.C., narradas na coluna de Trajano.
- 9 *Citas*: Cf. I. 19. 10 (n.).
- 17-20 *A ti te precede sempre...*: Estes versos são uma metáfora do poder da Necessidade. Os cravos de trave (que chegavam a atingir uns impressionantes 45 cm), as cunhas (usadas para unir blocos de pedra), os ganchos (usados para unir as placas da pedra de boa qualidade, para a fachada, com pedra de pior qualidade), e o chumbolíquido (usado para a chumbagem dos edifícios) representam a fixidez dos desígnios da Necessidade.
- 21 *Lealdade*: Cf. I. 24. 6 (n.).
- 22 *Branco tecido*: Os sacerdotes da *Fides* usavam um pano branco à volta da mão. A *Spes* e a *Fides* estão associadas em Roma ao culto da Fortuna.
- 23 *Mudando tua veste*: Para uma veste de luto, bem entendido.
- 28 *Duplo jugo*: *Par iugum* é um jugo usado por duas bestas de carga. Simboliza aqui a ajuda que os amigos de conveniência se recusam a prestar.
- 29 *Britânia*: Cf. I. 21. 16 (n.).
- 30 *Nova hoste*: Depois da guerra civil, os veteranos foram dispensados, e as fileiras do exército romano foram preenchidas por gente mais nova.
- 32 *Mar Vermelho*: Aparece aqui como metonímia não só das regiões banhadas pelo Mar Vermelho, como também do Golfo Pérsico e do Mar da Arábia.
- 34 *Fratricídio*: Referência ao *scelus* (crime) fratricida da guerra civil romana.
- 39 *Embotada*: Pelo uso na guerra civil.
- 40 *Masságetas*: Uma tribo cita que vivia entre o mar Cáspio e o mar de Aral (*grosso modo* o actual território a este do Uzbequistão, e a norte do Turcomenistão). Nunca consistiram uma ameaça para Augusto; o nome parece aqui simbolizar o perigo parto, num processo de hiperbolização característico de Horácio (cf. I. 12. 53). Para os Árabes, cf. I. 29. 1.

XXXVI

Com incenso e com a lira,
 com o sangue devido de um vitelo, agrada aplacar
 os deuses protectores de Númida,
 que agora, incólume regressando dos confins da Hespéria,

5 beijos distribui pelos caros camaradas;
 mas nenhum outro tanto beija
 como o seu querido Lâmia, recordando-se
 da infância passada junto dele, o seu rei,

e da toga mudada ao mesmo tempo.
 10 Que a este belo dia não falte a marca de Creta,
 que sem limite venha a ânfora,
 que os pés não descansem, segundo o sálío costume,

que Dâmalis, grande bebedora,
 não vença Basso nos copos, emborcando-os como os Trácios,
 15 que não faltem no banquete
 as rosas, nem o duradouro aipo, nem o vólucro lírio.

A Dâmalis, todos lançam
 lânguidos olhares, mas ninguém arranca Dâmalis
 do seu novo ilegítimo amante:
 20 ela abraça-o mais do que a lasciva hera.

- 3 *Númida*: Pomponius Numida (segundo Porfírio) ou Numida Plotius (segundo vários manuscritos), terá servido na campanha de Augusto na Hispânia (27-25 a.C.). Será o seu regresso desta campanha que aqui é celebrado, provavelmente por comissão (de Lâmia).
- 4 *Confins da Hespéria*: A Hispânia, “a ocidente” do ponto de vista romano (cf. I. 28. 26, n.).
- 7 *Lâmia*: Cf. I. 26. 8.
- 9 *Toga*: Referência à cerimónia da *toga uiril* (*toga viril*), um rito da passagem à maturidade dos adolescentes romanos, celebrada por alturas dos *Liberalia* (Março).
- 10 *Marca de Creta*: Confusão humorística entre Creta (a terra) e *Creta* (giz branco). Este verso alude ao costume trácio de marcar de branco os dias que correram bem, e de preto os correram mal.
- 12 *Sálio costume*: Os Sálíos (cujo nome vem de *salire*, “saltar”) eram os membros de um colégio sacerdotal romano, dedicado a Marte. Eram conhecidos pela sua frenética dança.
- 13 *Dâmalis*: O seu nome vem de δάμαλις (*damalis*), “bezerra”, e era um nome respeitável em Roma. No entanto, neste contexto, designa claramente uma cortesã.
- 14 *Basso*: Não sabemos exactamente se esta é uma personagem inventada, pois temos notícia de um coevo Basso em Ovídio (*Trist.* 4. 10. 47 e s.), escritor de iambos. O seu nome poderá fazer alusão a “Bassareu”, epíteto de Baco (cf. I. 18. 11).
- 14 *Trácios*: Referência ao ébrio desenfreamento dos Trácios, algo proverbial (cf. I. 27. 1).

XXXVII

Bebamos agora, amigos, é nosso dever:
 dancemos agora com pé ligeiro, é tempo
 de abastar o luxuoso leito dos deuses
 de sális banquetes.

5 Até agora, os deuses proibiam-nos de retirar
 o Cécubo da velha adega: uma rainha preparava
 a louca ruína do Capitólio
 e as exéquias do nosso poder,

com a ajuda de uma contaminada súcia de homens
 10 depravados até à doença; descontrolada tudo esperava,
 ébria de uma fortuna amiga.
 Porém, um só navio

do fogo a custo fugiu, sua demente fúria acalmando:
 o seu plano, louco e imerso em vinhos mareóticos,
 15 César reduziu a reais temores,
 quando ela, como se voasse,

de Itália fugiu, e ele, tal como o falcão caça
 as dóceis pombas, ou pelos nivosos campos da Hemónia
 o veloz caçador atrás da lebre corre,
 20 para pôr correntes nesse fatal portento

à força dos remos de perto a perseguiu. Ela, procurando morrer
 com maior nobreza, não receou com mulíebre medo
 o punhal, nem tentou com sua veloz armada
 uma recessa costa alcançar,

- 25 antes teve a bravura de ver com sereno gesto
 seu palácio desmoronar-se, e corajosa pegar com as mãos
 em ferozes serpentes, para que assim negro o veneno
 penetrasse no seu corpo:

- decidindo-se pela morte mais intrépida se tornou,
 30 recusando-se certamente, mulher altiva, a ser levada,
 já não mais rainha, pelos cruéis barcos liburnos
 a um soberbo triunfo.

- 1 *Bebamos agora:* O epinício celebra, em termos assaz peculiares a morte de Cleópatra, em 30 a.C., na sequência da batalha de Áccio (Setembro de 31), que opôs o exército de Octaviano ao de Cleópatra e de Antônio. O gênio político de Augusto foi tal que conseguiu fazer passar em Roma a ideia de que não se tratava de uma guerra civil, mas de uma guerra contra uma ameaça estrangeira, simbolizada por Cleópatra (daí que esta figura seja tão importante para a propaganda de Augusto), a quem Antônio se uniu, traindo Roma. Ainda não tinha a batalha de Áccio acabado, já Antônio e Cleópatra fugiam com as suas respectivas armadas. Não é verdade, como diz o nosso poema, que apenas um barco da armada de Cleópatra tivesse sobrevivido, na verdade salvaram-se mais de 60 barcos; foi sim a armada de Marco Antônio que foi quase por completo incendiada. Também não é verdade que Octaviano em pessoa tivesse seguido no encalço de Cleópatra; é certo que enviou um contingente em perseguição de Antônio e de Cleópatra, mas acabaram por desistir, tendo tomado apenas dois dos navios de Antônio. Quanto ao pretense nobre suicídio de Cleópatra, a verdade é que as causas da sua morte continuam um mistério; muitos pensam que a rainha egípcia morreu assassinada por ordem de Augusto, outros preferem acreditar na versão do regime, segundo a qual ela se teria suicidado, deixando-se voluntariamente picar por serpentes venenosas, depois de se ter tentado matar com um punhal, confiscado à força por um homem da confiança de Augusto, Proculeio (cf. II. 2. 59). Desta forma recusava-se, por nobre orgulho (largamente celebrado neste poema), a ir a Roma para participar no triunfo de Augusto, após a tomada de Alexandria em 30 a.C., que pôs um ponto final à guerra civil romana, cujo destino ficara definitivamente decidido em Áccio.

- 3 *Luxuoso leito dos deuses*: Nos *lectisternia* (banquetes solenes dedicados aos deuses, como sinal de reconhecimento), havia um leito almofadado (*pulvinar*) onde se punham as estátuas dos deuses.
- 4 *Sálíos banquetes*: Além das danças guerreiras deste colégio sacerdotal de Marte (cf. I. 36. 12), estes sacerdotes eram também conhecidos pelos seus opíparos banquetes. Mas há outra razão para o citar deste colégio; por tradição, eram os Sálíos que declaravam guerra aos inimigos. Octaviano, respeitando e cumprindo a tradição, deixou que fossem os sacerdotes a declarar guerra a Cleópatra (e não a Marco António, para todos os efeitos um cidadão romano), dando com isto a aparência de que não se tratava de uma guerra fratricida.
- 6 *Cécubo*: Vinho afamado da região do Lácio (cf. I. 20. 9, n.).
- 9 *Uma contaminada súcia*: Os comentadores vêem aqui uma referência à licenciosa corte de Cleópatra, em especial aos eunucos. É o lado lânguido e depravado do oriente que se põe em relevo: na perspectiva do poema, seria essa desregrada corte que mandaria no império, não fora Augusto.
- 14 *Vinhos Mareóticos*: Era o vinho mais famoso do Egito, produzido na zona do lago Mareótis, perto de Alexandria.
- 18 *Hemónia*: Outro nome para Tessália.
- 31 *Barcos liburnos*: Pequenos barcos de guerra usados pelos Liburnos (povo da Ilíria), com grande capacidade de manobra. Foram uma grande ajuda para os exércitos de Octaviano na batalha de Áccio.

XXXVIII

Dos Persas, rapaz, odeio os requintes,
 desagradam-me as coroas entrelaçadas
 com a fibra da tília. Desiste de procurar os lugares
 onde tardia a rosa se demora.

- 5 De nada me interessa que tu, zeloso, te esforces
 por algo ao simples mirto acrescentar. Não te fica mal o mirto,
 nem a ti, meu servo, nem a mim, que agora
 à sombra da videira bebo.

- 1 *Persas*: O luxo persa era proverbial no mundo antigo, não só nas indumentárias e objectos quotidianos, como nos costumes da corte, o que de certa forma marcava o antagonismo oriente / ocidente da antiguidade.

Livro II

I

A agitação civil, iniciada no consulado de Metelo,
 as causas da guerra, os seus males, os seus processos,
 o jogo da Fortuna, a funesta
 amizade dos próceres, as armas

5 embebidas em sangue ainda não expiado,
 obra repleta dos perigos de um jogo de dados,
 tudo isso investigas tu, avançando sobre fogos
 que se escondem sob enganadora cinza.

Que a Musa tua da austera tragédia por pouco tempo
 10 longe esteja do teatro: pois assim tenhas narrado e organizado
 os públicos acontecimentos, voltarás,
 com o coturno de Cécrops, ao teu sublime encargo,

tu, dos tristes réus e do Senado que te consulta
 insigne baluarte, tu, Polião, a quem a coroa de louros
 15 sempiternas honras trouxe
 no triunfo da Dalmácia.

Agora contudo nossos ouvidos afliges com o minaz retumbo
 das trombetas de chifre, agora trovejam os lítuos,
 agora o brilho das armas o rosto dos cavaleiros
 20 e os cavalos que fogem aterroriza.

Parece-me que vejo já os grandes generais,
 sujos de um não inglório pó,
 e toda a terra subjugada,
 excepto o indómito espírito de Catão.

- 25 Impotentes, Juno e os deuses protectores de África
de tal terra não vingada se afastaram,
em sacrifício entregando ao espectro de Jugurta
os netos dos vencedores.

- Que campo não engordou com o sangue latino,
30 que campo não testemunhou, com seus túmulos, ímpios combates,
que campo não experimentou o estrondo da ruína da Hespéria,
ouvido pelos próprios Medos?

- Que marítimos abismos ou que rios ignoram
esta lúgubre guerra? Que mar não foi manchado
35 pelo massacre dos Dáunios?
Que costa não está suja com o nosso sangue?

- Mas tu, Musa travessa, não abandones os teus jogos,
retomando os deveres do treno de Ceos,
antes procura comigo sob a gruta de Dione
40 melodias para um mais leve plectro.

- 1 *Agitação civil*: Esta ode é dedicada a Asínio Polião. Asinius Pollio, cônsul em 40, nasceu em 76 a.C. Foi legado de César na África e na Hispânia, lutando com ele nas guerras civis de 49 a 45 a.C.. Pouco depois da sua vitória contra os Partinos em 39 (pela qual recebeu um triunfo) retirou-se, dedicando-se a partir daí exclusivamente à literatura. Recusou inclusive o convite de Augusto para se lhe juntar na batalha de Áccio, recusa justificada pelo seu anterior envolvimento com Antônio. Na literatura, nomeadamente no domínio da historiografia, distinguiu-se pelas suas *Historiae*, hoje perdidas, que narravam a guerra civil em que ele próprio participou, começando na aliança de 60 a.C. entre César e Pompeio.
- 1 *Consulado de Metelo*: Q. Caecilius Metellus Celer, cônsul em 60. Este foi o ano que determina o início das *Historiae* de Polião: o triunvirato de César, Pompeio e Crasso (*a funesta amizade dos próceres* do verso 3-4, criticada já por Cícero na sua carta 6. 6. 4, amizade que acabou por degenerar numa guerra civil).

- 6 *Perigos de um jogo de dados*: Plínio-o-Jovem (na sua carta 5. 8. 12) comenta o facto de que, quando um historiador decide escrever a História sua contemporânea, se fazem muitas ofensas e quase nunca se incorre nas boas graças de alguém (*graues offensae, levis gratia*). O perigo de se aventurar em tal tarefa, cujo bom ou mau sucesso depende grandemente do acaso, é simbolizado no fortuito que representam os dados (*aleae*). Horácio devia ter bem presente na memória o facto de Polião ter atravessado com Júlio César o Rubicão, em 49 a.C., quando este último proferiu as suas célebres palavras, *alea iacta est*, “o dado (a sorte) está lançado”, citando aliás Menandro (ἀνεπρίπτω κύβος).
- 9 *Tragédia*: Polião escreveu também tragédias (sabemos por uma alusão de Vergílio, *Éclogas* 8. 10), hoje perdidas. O poeta delicadamente sugere que será uma grande perda para o teatro romano o período em que Asínio estiver ocupado com as suas *Historiae*.
- 12 *Coturno*: Tipo de calçado normalmente usado pelo actores; por metonímia designa a própria tragédia. Cé crops é o lendário fundador de Atenas; “coturno de Cé crops” é o equivalente a dizer “coturno ateniense”, ou seja, “tragédia ática”.
- 13 *Réus... Senado*: Asínio Polião foi um famoso orador e advogado do seu tempo, comparado até a Cícero (cf. Quintiliano, *Instituição Oratória* 10. 1. 113). Há uma referência hiperbólica aqui; obviamente, o Senado romano nunca consultava ninguém: era consultado.
- 16 *Triunfo*: Referência ao supracitado triunfo de Polião sobre os Partinos, em 25 de Outubro de 39 ou 38 a.C. Os Partinos eram um povo ilírico (zona no nordeste da Grécia) que habitava no limite meridional da Dalmácia, por baixo de Dirráquio.
- 18 *Trombetas de chifre*: Instrumento romano (*cornus*). É o instrumento de metal romano, provavelmente de origem etrusca, mais importante a seguir à *tuba* (cf. nota a I, 1, 23-24). Consistia num longo tubo de bronze, recurvado na forma da letra G. Tinha uma boquilha amovível e um pavilhão na extremidade superior, de forma a distribuir melhor o som. À medida que a república se foi expandido, o corno tornou-se quase exclusivamente um instrumento militar, a par com a *tuba*. Para o instrumento militar “lítuo”, cf. I. 1. 23-24 (n.).
- 24 *Catão*: O indómito Catão de Útica, estóico, foi sempre celebrado, pelos republicanos, como o último resistente, preferindo suicidar-se a viver sob o domínio de Júlio César. É ele, por exemplo, o verdadeiro herói da *Farsália*, escrita por Lucano no principado de Nero, numa altura em que já não era aceitável falar de Catão em termos elogiosos (ao contrário dos primeiros tempos de Augusto) — tal era considerado um ataque pessoal ao *imperium* de Nero.

- 25 *Juno*: Referência à deusa cartaginesa Tanit, identificada com a deusa romana Juno.
- 27-28 *Jugurta... netos dos vencedores*: Em 146 a.C. Cartago foi destruída por Cornélio Cipião Africano Emiliano, marcando o fim da Terceira Guerra Púnica. O seu neto, Q. Caecilius Metellus Numidicus, teve igualmente grande influência na guerra contra Jugurta, rei da Numídia. Impõe-se um breve resumo desta guerra. Este rei africano, ao tomar Cirta em 112, massacrou barbaramente negociadores romanos e itálicos. O senado respondeu com lentidão, provavelmente corrompidos muito senadores pelo próprio Jugurta. Apesar da vontade do Senado, o neto de Cipião, Q. Metelo, foi afastado da província da Numídia, sendo esta atribuída a Mário, que assim se tornou o senhor da guerra contra Jugurta. Mário, grande militar romano, cônsul em 107, de 104 a 100 e em 86, conclui a guerra com sucesso; conquistou Cirta em 106, e, em 104, celebrou o seu triunfo sobre Jugurta, executado após a cerimónia. Temos, pois, dois Cipiões que estiveram ligados à queda de duas potências africanas, Cartago e Numídia, embora não tenha sido Q. Metelo a dar o “golpe de misericórdia” em Jugurta. Todavia, exactamente um século depois de Cipião Emiliano ter destruído Cartago, em 46 a.C., um descendente seu, Q. Metellus Caecilius Pius Scipio, ao perder a batalha de Tapso, suicida-se para não se entregar a Júlio César. Este foi o sacrifício (*inferiae*) sugerido por Horácio em honra dos Manes de Jugurta, e, entendemos nós pelo significado das datas (146 — 46), dos “manes” da própria Cartago.
- 31 *Hespéria*: Neste caso trata-se de Itália, e não da Hispânia (cf. I. 28. 26, n.).
- 32 *Medos*: Enquanto António e Octaviano, ainda aliados, derrotavam em Filipos o último reduto republicano, os Medos (ou Partos) conquistavam a Síria e a costa sul da Ásia Menor. Esta é uma crítica recorrente em Horácio: que a nação estivesse envolvida numa guerra civil, quando o perigo parto batia à porta.
- 35 *Dáunios*: Mais um exemplo do inesgotável vocabulário de Horácio, nomeadamente na designação da sua pátria. A Dáunia, nome grego para a Apúlia, designa aqui por metonímia o povo romano.
- 38 *Treno de Ceos*: Referência ao poeta lírico grego Simónides de Ceos (c. 556-468 a.C.), compositor de hinos, elegias e trenos (cantos fúnebres). Neste último particular, era especialmente celebrado.
- 39 *Dione*: A mãe de Afrodite. As grutas estavam normalmente associadas à poesia e às musas.
- 40 *Plectro*: Quanto mais leve era o plectro (palheta que se usava para tanger a lira), naturalmente mais suave era o som, à semelhança do que acontece com as nossas modernas palhetas.

II

Sob a avarenta terra escondida,
 Crispo Salústio, a prata não tem cor:
 nem te é querido o metal, se não brilhar
 com o uso moderado.

- 5 Por longínquas gerações sobreviverá Proculeio,
 conhecido por amar como um pai os seus irmãos:
 a vivedoura Fama o levará nas suas asas
 que se recusam a repousar.

- Domando a ganância do teu coração,
 10 será teu reino maior do que se unires
 a Líbia à distante Gades, e fizeres teus escravos
 os dois povos de Cartago.

- A terrível hidropisia alimenta-se a si própria,
 nem reprime a sua sede, até que das veias desapareça
 15 a causa da enfermidade, e do pálido corpo
 se afaste a aquosa doença.

- Fraates, embora reconduzido ao trono de Ciro,
 pela Virtude, que da multidão se aparta,
 do número dos bem-aventurados excluído foi.
 20 Ela ensina o povo a não usar

palavras falsas, concedendo assim um reino,
 diadema seguro e duradouro laurel
 somente àquele que, ao passar por um tesouro imenso,
 duas vezes não olhar.

- 2 *Crispo Salústio*: C. Sallustius Crispus, sobrinho-neto e filho adoptivo do famoso historiador Salústio. Sucedeu a Mecenas como conselheiro de Augusto. Tal como o patrono de Horácio, era também um *eques* de grande fortuna, detentor dos famosos Jardins de Salústio, provavelmente também grande incentivador da arte em Roma. Segundo o hábito dos poetas líricos gregos de compor um poema de agradecimento ao seu patrono, Horácio poderá estar aqui a agradecer a Salústio um eventual apoio
- 1-2 *Sob a avarenta terra...*: Era um tópico comum o facto de a prata, antes de polida e tratada, não brilhar: neste contexto sugere-se que o dinheiro só brilha (em termos de moral estóica, para a qual a riqueza fazia parte da categoria dos “indiferentes”) quando lhe é dado um bom uso. É importante ter em mente que o cavaleiro era o dono de minas de cobre no moderno Valle d’Aosta. Para um resumo das principais linhas do estoicismo, cf. Cristina Pimentel, *Quo Verget Furor? Aspectos Estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa, Colibri, 1993, págs. 11-30.
- 3 *Metal*: *Lamna* é, mais precisamente, uma lâmina ou chapa fina de qualquer tipo de metal, a partir da qual se cortavam as moedas posteriormente cunhadas.
- 5 *Proculeio*: Proculeius Varro Murena, cunhado de Mecenas, é um dos homens de confiança de Augusto. Tal como o cunhado e Salústio, foi também um patrono das artes (cf. Juvenal 7. 94). Foi ele que impediu a primeira tentativa de suicídio de Cleópatra (cf. I. 37. 1, n.), retirando-lhe o punhal, ao subir por uma escada até ao seu quarto. Contudo, é a sua prodigalidade em relação aos irmãos que é aqui celebrada, pois diz-se que dividiu a sua riqueza com eles depois de estes terem ficado arruinados após a guerra civil.
- 11 *Líbia*: referência hiperbólica ao hábito dos grandes latifundiários latinos anexarem (*iungere*) continuamente os seus territórios a outros, algo criticado pela moral estóica, na medida em que a cobiça era um sinal de fraqueza. No tempo de Nero, por exemplo, metade da África era possuída por apenas seis proprietários (cf. Plínio-o-Velho, 18. 35).
- 11 *Gades*: Hoje Cádiz. Esta terra, durante longo tempo sob o domínio cartaginês, era ainda considerada no tempo de Horácio como uma terra púnica, daí “os dois povos de Cartago”.
- 13 *Hidropisia*: A hidropisia, “derramamento de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo” (Houaiss), é uma doença que amiúde os estóicos identificaram com a cobiça ou a avareza. De facto, a hidropisia, segundo os antigos (cf. Celso 3. 21. 2), era causada pelo desregramento ou descomedimento em relação à alimentação e tudo o mais. A doença causa uma sede terrível, que não passa; a única cura para esta doença era a abstinência e o exercício.
- 17 *Fraates*: Fraates IV, rei dos Partos, afastado por pouco tempo do trono em consequência da rebelião de Tiridates (cf. I. 26. 5, n.).
- 17 *Ciro*: *Ciro* é o rei dos Persas, caído em desgraça, celebrizado por Heródoto no seu primeiro livro das *Historiae*. A “confusão” entre Persas e Partos é recorrente em Horácio (cf. I. 2. 23, n.).

III

Lembra-te de manter nos maus momentos,
 e não menos nos bons, o equilíbrio da tua mente,
 apartando-a dos excessos da alegria,
 tu, Délio, que hás-de morrer,

5 quer se triste todo o tempo tiveres vivido,
 quer se, reclinando-te num remoto relvado,
 durante os dias de festa reconfortado te tiveres
 com um selecto vinho falerno.

10 Por que razão o gigante pinheiro e o alvo choupo
 os seus ramos em acolhedora sombra adoram unir?
 Porque se envida a fugidia água
 em se agitar no sinuoso leito?

Manda para aqui trazer vinhos, perfumes,
 e as demasiado breves flores da amena rosa,
 15 enquanto o momento, a idade,
 e das três irmãs os negros fios o permitirem.

Então deixarás os bosques que compraste, a tua casa,
 a tua vila que o flavo Tibre banha, tudo deixarás,
 e um herdeiro senhor se tornará
 20 das riquezas que até ao cimo amontoaste.

De nada interessa que rico, renovo do velho Ínaco,
 ou que pobre, de baixa e humilde família,
 sob este céu te tenhas demorado:
 vítima és de Orco, que de nada se apieda.

- 25 Para um mesmo sítio todos nós forçados somos a partir,
 mais cedo ou mais tarde, agitada na urna,
 a nossa sorte há-de sair, colocando-nos na Barca
 rumo a um eterno exílio.

- 4 *Délio*: Q. Dellius foi um hábil diplomata e militar do seu tempo (procônsul da Síria em 43 a.C.) e, tal como muitas personagens do seu tempo, conheceu várias facções políticas; iniciou a sua carreira ao serviço de Cássio, para depois tomar o partido de António, a quem serviu durante 10 anos, e, finalmente, aliou-se a Augusto. Escreveu uma história da guerra de António contra os Partos.
- 16 *Três irmãs*: As Parcas: Átropo, Cloto e Láquesis, responsáveis pelo tecer e pelo cortar das linhas do destino dos homens.
- 18 *Vila*: No contexto romano, “vila” refere-se a uma propriedade normalmente rural de uma família com posses; na sua origem dedicava-se fundamentalmente a explorações agrárias, evoluindo paulatinamente para o luxo e a elegância que as caracterizará no imaginário ocidental.
- 21 *Ínaco*: Filho de Oceano e de Tétis, foi o primeiro rei de Argos. Segundo algumas versões do mito, alguns dos seus descendentes colonizaram a Itália.
- 27 *Na Barca*: Particularmente a barca de Caronte, que transporta as almas dos mortos através do Aqueronte, rio dos infernos.

IV

Não te envergonhes, Xântias de Fócide,
 por amares uma escrava: já antes de ti Briseide,
 serva de nívea cor, do arrogante Aquiles
 o coração conquistou;

5 a formosura da cativa Tecmessa
 de amores tomou o seu dono, Ájax filho de Télamon;
 e o Atrida, enquanto o seu triunfo celebrava,
 de paixão ardia pela virgem raptada,

depois de as bárbaras hostes terem sucumbido
 10 ao poder de um tessálio vencedor, e a morte de Heitor
 aos cansados Gregos ter oferecido
 uma Tróia mais fácil de destruir.

Tu não sabes se a loura Fílis tem pais ricos,
 que a ti te honrariam como seu genro:
 15 de certo é sua família real, e lamenta agora
 os adversos Penates.

Acredita: a tua amada da criminoso plebe não veio,
 nem uma mulher assim fiel,
 assim desinteressada, de uma mãe vergonhosa
 20 nascido poderia ter.

Os seus braços, o seu rosto, as suas pernas bem torneadas
 louvo, mas sem malícia! Não suspeites de alguém
 cuja quarta década o tempo
 se esforçou por selar!

- 1 *Xântias de Fócide*: Nome grego do adjectivo grego ξανθός (*xanthos*), que significa “louro, fulvo”. A Fócide é uma região da Ásia Menor.
- 2 *Briseide*: A escrava que motivou a cólera de Aquiles narrada pela *Ilíada*, pois Agamémnon confiscou-a ao herói grego, desrespeitando-o.
- 5 *Tecmessa*: Filha de Teleutante, foi raptada da Frígia por Ájax, filho de Télamon, com quem viveu em Tróia, até à morte do herói. No *Ájax* de Sófocles, onde tem um papel importante, surge como mulher dedicada e zelosa mãe.
- 7 *Atrida*: Trata-se aqui de Agamémnon (filho de Atreu). A virgem de que se fala a seguir é Cassandra, feita escrava depois da tomada de Tróia.
- 10 *Tessália vencedor*: Aquiles.
- 13 *Fílis*: Tal como Xântias, é um nome modelado do grego. O nome vem de φύλλον (*phyllon*), “folha de árvore, folha”, o que sugere a cor presente também no nome Xântias.
- 16 *Penates*: Divindades romanas que protegem o lar.
- 23 *Quarta década*: Em latim lê-se “oito lustros”; o lustro era um sacrifício expiatório feito pelos censores de cinco em cinco anos (5 x 8 = 40).

V

No seu não domado pescoço não tem ela ainda força
 para carregar o jugo, nem para igualar
 o esforço do companheiro, nem para suportar
 o peso de um touro que em amor se lança.

- 5 O pensamento dessa tua bezerra nos verdes campos está,
 ora aplacando nos ribeiros o calor ardente
 ora anelando por brincar
 com os outros bezerros

- no húmido salgueiral. Afasta de ti o desejo
 10 pela uva não madura: em breve o variado Outono
 para ti de cor púrpura pintará
 os cachos agora lívidos;

- em breve ela te há-de seguir: indomável corre o tempo,
 dando a ela os anos que a ti retirou.
 15 Em breve Lálage da impudente testa
 um marido procurará,

- ela, por ti mais amada do que a fugidia Fóloe,
 do que Clóris, cujo alvo ombro brilha
 como a pura lua na noite do mar reluz,
 20 ou do que Giges de Cnido:

se numa dança de raparigas este rapaz pusesses,
 o mais perspicaz dos convidados com assombro enganaria,
 de tal modo são subtis as diferenças que existem
 nos seus soltos cabelos e ambíguo rosto.

- 2 *Nem para igualar...*: No jugo duplo (cf. I. 35. 28, n.), é preciso que os dois animais tivessem forças e tamanhos semelhantes. A metáfora é aqui aplicada à convivência *conjugal* (que tem aliás uma etimologia próxima).
- 17 *Fóloe*: Para o nome, cf. I. 33. 7 (n.).
- 18 *Clóris*: Do grego χλωρός (*chlôros*), “pálido, de cor clara”. Esta personagem surge também em III. 15.
- 20 *Giges de Cnido*: Nome grego, também presente em III. 7. 5; a sua cidade de origem (Cnido) é uma cidade normalmente associada ao culto de Afrodite (cf. I. 30. 1).

VI

Septímio, tu que comigo a Gades irias, e à Cantábria,
 que o nosso jugo não aprendeu a carregar,
 e às bárbaras Sirtes, onde sempre
 o mar dos Mouros fervilha:

- 5 tomara que Tíbur, fundado pelo colono argivo,
 a última morada seja da minha velhice.
 Para mim, que estou cansado, que seja o fim
 dos mares, das estradas, das guerras!

- 10 Mas se desfavoráveis as Parcas daí me afastarem
 o doce rio Galeso procurarei, com suas ovelhas
 de couro vestidas, ou as terras onde reinou
 o espartano Falanto.

- Este canto do mundo, mais do que nenhum outro,
 para mim sorri; onde o mel nada deixa a desejar
 15 ao de Himeto, onde a azeitona rivaliza
 com a do verdejante Venafro,

- onde Júpiter longas primaveras
 e quentes invernos concede, e Áulon,
 amado pelo fértil Baco, não inveja
 20 as uvas de Falerno.

Este lugar e estas ditosas colinas
 por mim e por ti chamam; aí com lágrima devida
 a quente cinza espargirás
 do teu amigo poeta.

- 1 *Septímio*: Numa das suas epístolas (I. 9), Horácio recomenda este mesmo Septimius a Tibério. Sabemos que teve alguma influência no círculo de Augusto, uma vez que o próprio imperador se lhe refere numa carta a Horácio (cf. Suetónio, *Vida de Horácio* 30 e s.). Além destas referências, pouco mais sabemos sobre esta personagem; Porfírio considera-o cavaleiro.
- 1 *Gades*: Hodiernamente Cádiz. A referência neste caso sugere uma grande distância.
- 1 *Cantábria*: Esta região do norte da Hispânia ofereceu notável resistência ao império romano. O próprio Augusto lidera em 26-25 a.C. uma campanha contra este povo, mas só em 20 a.C. Agripa logra a sua rendição total.
- 3 *Sirtes*: Referência aos bancos de areia dos dois golfos da Líbia (*Syrtis maior* e *Syrtis minor*). Noutro passo, Horácio refere-se igualmente ao calor intenso que se vive nestas paragens (cf. I. 22. 5).
- 5 *Tíbur*: Para outro poema onde se celebra esta terra a cerca de 24 quilómetros a este de Roma, cf. I. 7.
- 5 *Colono argivo*: Segundo Nisbet e Hubbard trata-se de Tiburno, e não de Cátulo (cf. I. 18. 2). Tiburno é herói epónimo fundador de Tíbur. É filho de Anfiarau, daí que se diga que ele veio de Argos.
- 10 *Rio Galeso*: Rio (hoje Galaso) da zona de Tarento. A estrofe concentra-se agora nesta região.
- 10-11 *Ovelhas de couro vestidas*: A lã destas ovelhas de Tarento era de tal modo preciosa que os animais eram cobertos como uma espécie de casaco de couro para proteger a lã, o que aliás era um costume ático.
- 12 *Falanto*: O mítico fundador de Tarento. Aquando da guerra da Messénia, os Lacedemónios que se recusaram a participar no confronto foram reduzidos à escravatura. Falanto, que se contava entre eles, liderou então uma mal sucedida revolta contra esta situação. Conseguiram no entanto fugir para a Itália, onde ele fundou Tarento, seguindo um oráculo de Delfos.
- 13 *Este canto do mundo*: Continua-se a falar de Tarento.
- 15 *Himeto*: Montanha de Atenas celebrada pelo seu mel.
- 16 *Venafro*: Vila no vale Volturmo, na Campânia, particularmente famosa pelas suas oliveiras. Baco é o deus principal desta zona da Itália, e daí a referência a este deus poucos versos à frente.
- 18 *Áulon*: Montanha da região de Tarento.
- 20 *Falerno*: O mesmo vinho afamado da região da Campânia, celebrado tantas vezes por Horácio (cf. I. 20. 11; I. 27. 10; II. 3. 8).
- 23 *Quente cinza*: Era costume entre os latinos espargir com água ou vinho as cinzas ainda quentes dos defuntos. Repare-se no singular de *lacrima*, “lágrima” e de *fauilla*, “cinza”: marca não só a sobriedade do acto como a sua própria efemeridade.

VII

Meu amigo e primeiro de meus camaradas,
 com quem tantas vezes sob o comando de Bruto
 por extremos perigos passei, quem te reentregou
 aos deuses dos nossos pais e ao céu de Itália,

5 e de novo te fez cidadão romano, Pompeio,
 com quem tantas vezes o lento dia com o vinho
 mais curto tornei, coroando meus luzidios cabelos
 com o malóbatro da Síria?

Contigo Filipos conheci e a célere fuga,
 10 sem honra abandonado o meu escudo, quando,
 desfeita toda essa Virtude, de ameaçadores homens
 os queixos sobre o torpe chão caíram.

Mas a mim, tomado de susto, através da linha inimiga
 numa densa neblina o ligeiro Mercúrio levou,
 15 e a ti, uma onda, de novo te arrastando para a guerra,
 nas suas estuosas águas te tomou.

Oferece pois a Júpiter o banquete devido,
 e repousa sob o meu loureiro teu corpo cansado
 da longa campanha; nem poupes os jarros
 20 que para ti destinei.

Enche os polidos copos egípcios com o vinho mássico
 que faz esquecer; e verte das volumosas conchas
 os óleos perfumados. Quem cuidará
 de improvisar as coroas

- 25 de húmido aipo ou mirto? Quem designará Vénus
o senhor do banquete? Entrarei em báquico delírio
não mais sóbrio do que os Edonos: é-me grato
ensandecer quando se recupera um amigo.

2 *Bruto*: Em 44 a.C., ainda jovem, Horácio tomou o partido dos republicanos, provavelmente devido à presença de Bruto em Atenas nessa altura, onde Horácio se encontrava. Sob a liderança de Bruto lutou na importante batalha de Filipos (Outubro e Novembro de 42) que opôs o último reduto dos republicanos, Cássio e Bruto, e Octaviano e António. Estes dois últimos venceram, e os líderes republicanos suicidaram-se. As propriedades de Horácio foram confiscadas, mas o poeta pôde voltar a Roma.

5 *Pompeio*: Pouco sabemos deste Pompeius Varus, como lhe chama Porfírio, além do que nos diz Horácio nesta ode, ou seja, que Pompeio foi seu colega na batalha de Filipos, e que, portanto, combateu do lado dos republicanos. Nisbet e Hubbard conjecturam a partir da quarta estrofe que, depois da derrota em Filipos, o militar romano passou a servir Sexto Pompeio (de quem provavelmente recebeu o nome), e após a sua derrota em 36 terá apoiado António; mais tarde, depois da batalha de Áccio, regressou a Roma, mercê da amnistia política dada por Augusto em 30 a.C.. Será pois este regresso que Horácio aqui celebra, aproveitando para agradecer a Augusto a sua benevolência, gratidão camuflada na pergunta introduzida por “quem”.

8 *Malóbatro*: Uma especiaria, provavelmente de origem síria, usada no fabrico de unguentos, perfumes e medicamentos.

10 *Abandonando o meu escudo*: Trata-se aqui de uma imitação de Arquíloco (frag. 6 Diehl):

“Algun Saio se ufana agora com o meu escudo, arma excelente,
que deixei ficar, bem contra a minha vontade, num matagal.

Mas salvei a vida. Que me importa aquele escudo?

Deixá-lo! Hei-de comprar outro que não seja pior”

(trad. M. H. Rocha Pereira)

O desprendimento em relação a tal batalha cumpre o propósito de realçar a sua indiferença em relação a uma batalha onde combatia do lado “errado”, por arrebatamento de juventude: uma espécie de nota de rodapé para Augusto.

11 *Desfeita toda essa Virtude*: É preciso atentar num certo tom irónico; há aqui uma referência ao inquebrável estoicismo de Bruto (a *Virtus* era um dos pilares do estoicismo), que no entanto acabou por ser derrotado.

- 21 *Copos egípcios*: Em latim lê-se *ciborium* (*cibório*), copo com a forma de uma vagem da fava-do-Egipto, uma espécie de inhame. Para o vinho mássico, cf. I. 1. 19 (n.).
- 26 *Senhor do banquete*: À letra, “o árbitro do beber”. Para a figura, cf. I. 4. 18 (n.). É Vénus quem o escolhe pela seguinte razão: depois de todos os convivas lançarem os dados, a quem saísse o “lanço de Vénus” (quando cada dado ficava com uma face diferente das outras) ficava o encargo de ser o “senhor do banquete”.
- 27 *Edonos*: Povo da Trácia.

VIII

Se algum castigo tivesses sofrido
 por um falso juramento, Barine,
 e se um dente negro ou uma marca na unha
 mais feia te tornasse,

5 acreditaria. Mas assim que juraste
 pela tua mentirosa cabeça,
 muito mais bela brilhas, passeando-te assim,
 qual público tormento dos jovens.

10 É-te vantajoso jurar em falso pelas cinzas
 cobertas de tua mãe, pelas silentes estrelas
 da noite com céu e tudo, e pelos deuses
 que desconhecem a fria morte:

disto — eu o digo — se ri a própria Vénus,
 riem-se as singelas Ninfas, e o feroz Cupido,
 15 que suas ardentes setas sempre aguça
 em cruenta pedra de amolar.

E há mais: todos os rapazes para ti crescem,
 crescem novos escravos; e os antigos amantes
 não abandonam o tecto de tal ímpia senhora,
 20 mesmo amiúde ameaçados.

Temem-te as mães pelos seus filhinhos,
 receiam-te os velhos avaros, e as tristes virgens,
 recém-casadas, temem que a tua aura
 atrase os seus maridos...

- 2 *Barine*: Nome romano, embora “helenizado”, talvez indicando uma liberta de Bário (Bari).
- 3 *Marca na unha*: Existia a ideia de que quando se mentia cresciam pontos brancos na unha.

IX

Nem sempre das nuvens corre a chuva
sobre os campos agrestes, nem continuamente
inconstantes tempestades o mar Cáspio
fustigam, nem, na costa arménia,

5 amigo Válgio, se acumula todos os meses
o imóvel gelo, e nem sempre os carvalhais de Gargano
pelos Áquilos são assolados,
nem o freixo perde suas folhas.

Contudo, dia e noite com plangente música importunas tu
10 o perdido Mistes, e não te abandonam os amores,
nem quando a Estrela da Tarde surge,
nem quando ela foge do ligeiro sol.

Mas nem o velho que três gerações viveu
por toda a sua vida chorou o amável Antíloco,
15 nem eternas lágrimas verteram
os pais e as frígias irmãs

do impúbere Troilo. Renuncia enfim
a tais moles lamentos, cantemos nós antes
os novos troféus de César Augusto,
20 e o gelado Nifates,

e o rio Medo, que aos povos vencidos se juntou,
e que agora em menores voragens revolve, e os Gelonos,
que entre prescritos limites cavalgam
nos seus exíguos campos.

- 5 *Válgio*: Pertencente ao ciclo de amigos de Horácio, C. Valgius Rufus foi um homem influente na sua época, chegando a cônsul sufecto em 12 a.C.. Traduziu para latim um manual de retórica de Apolodoro e escreveu uma obra incompleta sobre ervas medicinais. Foi também poeta, destacando-se nos mais diferentes géneros. Da sua obra chegaram-nos somente alguns fragmentos de elegias, editados por Courtney (*The Fragmentary Latin Poets*, Oxford, Clarendon Press, 1993, págs. 287-290).
- 6 *Gargano*: Promontório da Apúlia, bem dentro do Adriático.
- 7 *Áquilo*: Ventos do Norte.
- 10 *Mistes*: O nome vem do grego μύστης (*mystês*), “iniciado nos mistérios”, nome que sugere a ideia de um certo ritual de iniciação no amor. Suspeitamos que, se conhecêssemos mais da poesia de Válgio, poderíamos acrescentar um pouco mais sobre esta personagem.
- 13 *O Velho*: Nestor, o mais sábio e velho dos guerreiros aqueus na *Ilíada*, celebrado pelo mundo antigo pela sua prudência e bons conselhos.
- 14 *Antíloco*: Valoroso guerreiro grego, lutou bravamente pelos Aqueus na guerra de Tróia, tendo ganhado a corrida de cavalos inserida nos jogos em honra de Pátroclo, no canto XXIII da *Ilíada*. Terá sucumbido às mãos de Mémnnon, filho da Aurora, para salvar a vida de seu pai Nestor.
- 17 *Troilo*: O filho mais novo de Hécuba e Príamo. Morreu às mãos de Aquiles, pouco depois do início da guerra de Tróia.
- 20 *Níates*: Rio ou cordilheira situada no centro da Arménia.
- 21 *Rio Medo*: O Eufrates.
- 22 *Gelonos*: Povo cita, que habita a este do Tánais. A citação de todos estes povos está relacionada com as coevas conquistas diplomáticas de Augusto, em particular as embaixadas de povos distantes.

X

Um curso mais recto na vida tomarás, Licínio,
se o mar alto não sempre acometeres, ou se,
por prudente medo de tempestades, da perigosa costa
não te aproximares demasiado.

- 5 Quem quer que a áurea justa medida ame
a são e salvo à miséria se esquivará
de uma casa em ruínas, e sóbrio evitará
o palácio que causa inveja.

- Um alto pinheiro é mais frequentemente
10 pelos ventos fustigado, as excelsas torres
de mais alto caem, e os raios ferem
os montes mais elevados.

- Um coração bem prevenido uma outra sorte
na adversidade espera, na prosperidade teme.
15 Júpiter horrendos invernos traz
e ele mesmo

- os afasta. Se agora tudo corre mal,
não será sempre assim: Apolo, por vezes,
com a cítara a tácita Musa acorda, pois nem sempre
20 retesa ele a corda do seu arco.

Na angústia, mostra-te forte e corajoso,
e do mesmo modo sabiamente recolhe
as enfunadas velas, quando o vento
é demasiado propício.

- 1 *Lícino*: Provavelmente Licinius Murena, irmão de Terência e de Proculeio (cf. II. 2. 5, n.), e portanto cunhado de Mecenas. Segundo Dión Cássio (54. 3), em 22 a.C., este mesmo Murena desafiou publicamente Augusto, perguntando-lhe directamente por que razão se apresentava sem ter sido chamado: era costume da parte do imperador apresentar-se no tribunal quando queria apoiar publicamente um determinado réu, e é certo que tal acto se tornava rapidamente uma prova de peso a favor da inocência do acusado. De qualquer forma, o que não é de admirar, no mesmo ano Licínio foi condenado à morte, implicado na conjura de Cépio. Alguns comentadores vêem assim neste poema um aviso pessoal ao próprio Murena, bem como um aviso público a todo aquele que desafiasse a autoridade de Augusto; outros preferem defender que o texto adopta um tom sentencioso e geral, inspirado nos ensinamentos da Filosofia Antiga.
- 5 *Áurea justa medida*: A famosa *aurea mediocritas*, expressão que se tornou célebre nos estudos literários e não só.

XI

Deixa de perguntar, Quinto de Hirpino,
 o que planeia o belicoso Cântabro,
 e o Cita — o Adriático separa-nos dele!
 E não te preocupes

5 com o que precisas na vida, que tão pouco pede.
 Para trás foge a macia juventude, e a beleza,
 e a seca velhice os fogosos amores arreda,
 e o sono fácil.

O encanto das vernantes flores para sempre não dura,
 10 nem a lua corando brilha num só gesto:
 porque fatigas tu a alma com eternos pensamentos
 que a excedem?

Porque não antes beber enquanto é tempo, assim sem mais,
 deitados sob um alto plátano ou sob este pinheiro,
 15 perfumando os brancos cabelos
 com a rosa,

ungindo-os com assírio nardo? Dissipa Évio
 os vorazes cuidados. Que rapaz irá lestando
 o fogo do vinho falerno extinguir
 20 com a água que corre?

Quem fará sair de sua casa Lide, fugidia cortesã?
 Vamos, diz-lhe que se apresse com sua lira de marfim,
 atando seus despenteados cabelos num nó,
 como é hábito de uma Espartana.

- 1 *Quinto de Hirpino*: Provavelmente o mesmo da epístola I. 16. Pouco sabemos desta personagem mais do que o que é dito aqui e na epístola citada: é alguém rico, que ocupa um cargo importante na sociedade. Nisbet e Hubbard esforçam-se por identificá-lo com um certo C. Quinctus, patrono dos Hirpinos, povo da região de Sâmnio (a este do Lácio) sendo *Hirpine* não um *cognomen*, mas sim uma referência à sua terra.
- 2 *Cântabro*: Cf. II. 6. 1 (n.). Para os Citas, cf. I. 19. 10 (n.).
- 17 *Nardo*: Perfume feito a partir do nardo, uma planta cultivada no Oriente.
- 17 *Évio*: Baco, de Εὐοί, “Evoé”, o grito das bacantes.
- 19 *Falerno*: Cf. I. 20. 9 (n.), I. 27. 10, II. 3. 8.
- 21 *Lide*: Do grego Λύδη (*Lydê*), “mulher da Lídia”. Tal como Lídia, o seu nome sugere um certo exotismo.

XII

As longas guerras da feroz Numância, o cruel Aníbal,
o mar da Sicília, púrpuro da cor do sangue púnico:
decerto não queres tu que tais temas adaptados sejam
aos delicados ritmos da cítara,

- 5 nem os cruéis Lápitais, nem os bêbados excessos de Hileu,
nem os jovens filhos da Terra pela mão de Hércules vencidos,
perante cujo perigo tremeu a fulgente casa
do velho Saturno.

- E tu, Mecenas, em prosa melhor celebrarás
10 a história dos combates de César,
e de reis ameaçadores, que pelos pescoços
arrastados foram pelas ruas.

- Quanto a mim, a Musa quis que celebrasse
as doces melodias de minha senhora Licímnia,
15 os seus olhos que radiosos brilham, o seu coração tão fiel
a amores correspondidos.

- Não é menor sua graça quando nos coros dança,
quando em jogos e gracejos compete, nem quando,
no sagrado dia de Diana, no seu concorrido templo,
20 às resplandcentes virgens os braços dá dançando.

Tu não quererias decerto trocar tudo o que o abastado
Aquêmenes possui, as riquezas de Mígdon na fértil Frígia,
as opulentas casas dos Árabes,
por uma madeixa de Licímnia,

- 25 quando ela o seu pescoço aos beijos ardentes oferece,
ou os nega em vencível crueldade, ela que aprecia
os beijos roubados mais do que quem os pede,
ela, a primeira por vezes a furtá-los?

- 1 *Numância*: Região habitada por alguns Celtiberos no alto Douro. No século II a. C. lutaram aguerridamente com Roma, em guerra que durou desde 195 até 133, data em que Cipião Emiliano (o destruidor de Cartago) dominou este povo. O seu epíteto (*feroz*) tem uma razão de ser: os Romanos horrorizaram-se com os seus costumes canibais, bem como com o seu suicídio em massa depois de terem sido derrotados. Os comentadores costumam igualmente fazer referência às guerras da Cantábria (cf. II. 6. 1, n.), zona que fica não muito longe desta zona.
- 2 *Mar da Sicília*: Particularmente as batalhas de Milas (260 a.C.), a primeira grande vitória naval romana, vencida pelo cônsul Duílio, e a batalha das ilhas Egates (Março de 241), vencida também graças ao cônsul L. Lutácio Cátulo. Todas estas batalhas passaram-se no contexto da Primeira Guerra Púnica, e travaram-se na zona do mar da Sicília. Por outro lado, a referência a este mar facilmente sugeriria a um romano a recente guerra de Octaviano contra Sexto Pompeio, particularmente uma outra batalha de Milas (em 36 a.C.), vencida por Agripa. “Púnico” é uma outra designação latina para “cartaginês”.
- 5 *Lápitas*: cf. I. 18. 8 (n.).
- 5 *Hileu*: Centauro que participou na guerra entre os Lápitas e os Centauros, tendo sido morto, segundo algumas tradições, por Teseu.
- 6 *Jovens filhos da Terra*: Os Gigantes (cf. Hesíodo *Teogonia*. 184 e s.), nascidos da Terra (*Terra Mater*, Geia, Telure). Era um mito recorrente o da gigantomaquia, guerra que opôs os Gigantes aos deuses do Olimpo (*a casa do velho Saturno*), vencida pelos últimos — particularmente Júpiter e Atena. Segundo um oráculo, tal guerra só seria vencida pelos deuses se contassem com o auxílio de um mortal: Hércules foi o homem escolhido para o efeito e, segundo algumas versões do mito, matou os gigantes Alcioneu e Porfíriion, auxiliando os deuses na sua empresa.
- 9 *Mecenas*: Não há notícia certa de que Mecenas tenha alguma vez escrito em prosa histórica as façanhas de Augusto (talvez a guerra de Filipos). A segunda pessoa parece generalizante.

- 14 *Licímnia*: Este nome tem sido alvo das mais diversas polémicas; tudo depende da interpretação que se faça de *domina*, que tanto pode ser lido como um afectuoso e íntimo “senhora (do meu coração)” ou como “patrona”. Se considerarmos a última hipótese, então é bem provável que se trate de Terência, esposa de Mecenas; um dos *nomina* da sua família era efectivamente Licímnia, embora não pareça que o tenha usado muitas vezes. Se seguirmos a primeira interpretação, podemos ler então simplesmente o nome de uma amada de Horácio (pode vir do verbo grego ὑμνεῖν, *hymnein*, “cantar”).
- 22 *Aquémenes*: O lendário fundador da dinastia com o seu nome, na Pérsia. A riqueza dos reis persas é proverbial.
- 22 *Mígdon*: Um dos aliados de Príamo na guerra de Tróia, reinava numa parte da Frígia.

XIII

Quem quer que primeiro te plantou, árvore,
 fê-lo em dia nefasto, e com sacrílega mão
 crescer te fez para perdição da descendência
 e para desgraça da comunidade:

5 acreditaria pois se esse alguém quebrado tivesse
 o pescoço do pai, e derramado o sangue nocturno
 de um hóspede sobre o altar dos Penates.
 Decerto lidou com os venenos da Cólquida,

 e com todo o tipo de crimes planeados e conhecidos,
 10 esse mesmo que no meu campo te plantou,
 a ti, miserável tronco, tu que sobre a cabeça
 do teu inocente senhor quase caíste.

Hora a hora não pode o homem suficientemente se precaver
 daquilo que deve evitar. Tremendo de medo,
 atravessa o púnico marinheiro o Bósforo, e já a salvo
 15 a morte não vê vir de outro lado.

O soldado as setas e a rápida fuga do Parto teme,
 o Parto as correntes e as masmorras dos Itálicos receia;
 mas é o inesperado golpe da morte
 20 que o homem rapta e sempre há-de raptar.

Quão perto estivemos de ver os reinos
 da sombria Prosérpina, e o juiz Éaco
 e as moradas destinadas aos bem-aventurados,
 e Safo à sua eólia lira queixando-se

- 25 das raparigas de sua terra, e a ti, Alceu,
 com áureo plectro em mais sonantes melodias entoando
 as provações dos nautas, as provações cruéis
 do exílio, as provações da guerra!

- As sombras dos mortos os dois admiram, quando estes
 30 palavras dignas de um sacro silêncio cantam; mas mais atenta,
 a turba, encostando-se ombro a ombro, embeber se deixa
 em histórias de batalhas e depostos tiranos.

- Que há de admirar, quando a besta das cem cabeças,
 encantada por tais cantos, as negras orelhas baixa,
 35 e voltam à vida as serpentes
 que nos cabelos das Euménides se entrelaçam?

- Até Prometeu e o pai de Pélops se esquecem
 dos seus sofrimentos, seduzidos por tão mavioso som,
 e Oríon dá sossego aos leões
 40 e aos tímidos línecs.

- 4 *Comunidade*: Provavelmente Mandela, distrito a que a propriedade de Horácio pertencia (cf. *Epístola* I. 18. 104 e s.).
 6 *Sangue nocturno*: Isto é, à noite.
 8 *Cólquida*: A pátria de Medeia, proverbialmente conhecida pela sua feitiçaria, assim como sua tia Circe.
 11 *Miserável tronco*: Este episódio da vida de Horácio, em que uma árvore caindo na sua propriedade de Sabina quase lhe roubou a vida, foi recuperado em II. 17. 27 e s., e em III. 4. 27.
 15 *Bósforo*: Estreito que separa o Mar Negro do mar Mar de Mármara, na actual Turquia. “Púnico” deve aqui designar Fenício (os Fenícios estavam associados ao Bósforo, além de serem um exemplo típico de marinheiros).
 17 *Parto*: Para a estratégia dos Partos de, embora fugindo, conseguirem lançar setas, cf. I. 19. 11 (n.).
 22 *Éaco*: O lendário rei dos Mirmídones, celebrado pela sua imparcial justiça, que o levou a condenar ao exílio os próprios filhos, Télamon e Peleu, por te-

rem assassinado o seu meio-irmão Foco. Segundo uma tradição não homérica, depois da sua morte, Éaco passou a figurar ao lado de Radamante como juiz dos mortos.

- 24 *Eólia lira*: Diz-se porque Safo e Alceu escreveram seus poemas no dialecto eólico.
- 33 *Besta das cem cabeças*: Cérbero, o cão do Hades, que impedia os mortos de sair, e os vivos de entrar nas profundezas. Normalmente, os poetas referem-se-lhe como o cão das três cabeças, que é a versão mais corrente do mito.
- 36 *Euménides*: As Fúrias latinas ou Erínias. São das mais antigas divindades da Hélade; não reconhecendo a autoridade do próprio Zeus, obedecem exclusivamente às suas próprias leis. As três Euménides — Alecto, Tisífone e Megera - são comumente representadas com chicotes na mão, e nos cabelos delas entrelaçam-se serpentes.
- 37 *Prometeu e o pai de Pélops*: Referência a algumas das personagens que sofrem castigos eternos no Hades. Prometeu, cujo suplício é normalmente colocado no Cáucaso e não no Hades, estava preso a um rochedo, onde continuamente uma águia lhe devorava o fígado que sempre se renovava. O pai de Pélops, Tântalo, foi condenado a procurar água e comida, que eternamente lhe fugiam.
- 39 *Oríon*: Gigante caçador, filho de Euríale e de Posídon. Segundo algumas versões do mito (cf. III. 4. 70), teria sido morto por Ártemis quando a tentou violar.

XIV

Ah, Póstumo, Póstumo, quão fugazes
decorrem os anos, nem traz a devoção
tardança às rugas e à instante velhice,
e à indómita morte,

5 nem se a cada dia que passa, amigo,
Plutão que não chora com trezentos touros
 aplacares, ele que Tício
 e Gérion dos três corpos aprisiona

com suas sinistras águas que inexoravelmente
10 todos nós, que das dádivas da terra nos alimentamos,
 teremos de atravessar, quer sejamos reis,
 quer pobres agricultores.

Em vão nos guardaremos do cruento Marte,
e das vagas que no rouco Adriático requebram,
15 em vão recearemos a cada Outono
 o Austro, ruína de nossos corpos.

O negro Cocito teremos de visitar, dimanando
no seu lânguido leito, e a infame descendência
 de Dánao, e Sísifo, filho de Éolo,
20 condenado a um longo trabalho.

A terra teremos de abandonar, e a casa, e a esposa
querida, e dessas árvores que cultivas
 nenhuma acompanhará o seu efémero senhor,
 excepto os execrandos ciprestes.

- 25 Um herdeiro, mais merecedor, o teu Cécubo haurirá
 guardado a sete chaves, e o chão tingirá
 com o teu soberbo vinho, melhor
 do que o das ceias dos pontífices.

- 1 *Póstumo*: Não sabemos com exactidão de quem se trata. Com probabilidade trata-se do mesmo Póstumo a quem Propércio dedica um poema (3. 12).
- 7 *Tício*: Gigante, morto por Diana e Apolo, por ter tentado violar Latona. Para o seu suplício nos infernos, cf. III. 4. 77.
- 8 *Gérion*: Gigante que tinha três corpos até à anca (*ter amplum*, à letra, “três vezes grande”). Tinha um rebanho de bois, que foi roubado por Hércules, depois de este ter matado Gérion.
- 16 *Austro*: Vento do Sul.
- 17 *Cocito*: Rio dos Infernos (cf. I. 34. 10, n.).
- 18-19 *Descendência de Dánao*: Para o mito das Danaides, cf. III. 11. 23 (n.).
- 24 *Execrandos ciprestes*: O cipreste era uma árvore consagrada a Plutão. É ainda esta a árvore que ornamenta os nossos cemitérios.
- 25 *Cécubo*: Vinho afamado da região do Lácio (cf. I. 20. 9, n.).

XV

Em breve luxuosos palácios umas poucas jeiras
 ao arado deixarão, por toda a parte serão visíveis
 viveiros de peixe que mais se estendem
 do que o lago Lucrino, e o plátano celibatário

5 sobre os olmos triunfará; então os campos de violeta
 e de mirto, e toda a espécie de plantas perfumadas
 o seu odor sobre as oliveiras espalhará,
 outrora produtivas para o antigo senhor;

então a cerrada ramagem dos loureiros afastará
 10 os ardentes raios do sol. Assim não foi prescrito
 pelos auspícios de Rómulo e do intonso Catão,
 e pelas normas dos antepassados.

A sua riqueza privada era pouca, a pública grande:
 nessa altura para um cidadão privado não havia pórtico,
 15 medido com réguas de dez pés,
 que a sombra do Norte recebesse.

Não permitiam as leis desprezar os comuns torrões de terra
 ordenando que se decorasse, a expensas públicas,
 as cidades e os templos
 20 com pedra recentemente extraída.

4 *Lago Lucrino*: Lago perto de Putéolos, cidade vizinha de Nápoles. Era famoso pelos seus viveiros de ostras.

- 4 *Plátano*: Diz-se “celibatário” porque à volta dele não se entrelaça a vide, como é o caso do olmo, usado como suporte para a videira.
- 11 *Catão*: M. Porcius Cato, cônsul em 195, censor em 184 a.C. É o proverbial defensor das antigas tradições romanas, recusando com violência a helenização que se enraizava em Roma no seu tempo. No seu *Sobre a Agricultura* dá conceitos práticos acerca do cultivo dos campos, elogiando esta actividade tipicamente romana. Diz-se que ele é intonso porque se recusava a fazer a barba, um costume tipicamente helénico, e adoptado primeiramente por Cipião.
- 17 *Torrões de terra*: Era um simples material de construção, usado na edificação de casas simples e despretensiosas.

XVI

Tranquilidade pede aos deuses quem longe da costa
 surpreendido foi pelo mar Egeu, pois assim que uma negra nuvem
 a lua esconde, não mais as estrelas, seguras guias,
 brilham para os marinheiros;

- 5 tranquilidade pede a Trácia, na guerra furiosa,
 tranquilidade pedem os Medos, ornados de aljava:
 mas, Grosfo, tal não pode ser comprado, nem com gemas,
 nem com púrpura, nem com ouro.

- 10 Pois nem os tesouros, nem os lictores do cônsul
 os infortunados tumultos da alma podem afastar,
 nem as inquietações que à volta voam
 dos tectos falsos.

- Com pouco vive bem aquele a quem reluz
 na modesta mesa o ancestral saleiro,
 15 nem o medo ou a sórdida cobiça
 lhe tiram o sono fácil.

- Porque intrépidos na nossa breve vida tanto visamos?
 Porque nos mudamos para terras
 que outro sol aquece? Quem, exilado da pátria,
 20 de si próprio fugiu também?

Sobe a corrosiva Inquietude a bordo dos navios
 com bronze protegidos, e não abandona os esquadrões
 da cavalaria, mais rápida do que um veado, mais rápida
 do que o Euro as nuvens conduz.

25 Que a alma, feliz com o presente, odeie preocupar-se
com o que é futuro, e que tempere o que é amargo
com um lento sorriso; nada existe que tenha
apenas um lado feliz.

Uma lesta morte o glorioso Aquiles levou,
30 uma arrastada velhice diminuiu Titono,
e talvez a hora que passa a mim ofereça
aquilo que te negou.

À volta de ti vacas da Sicília e mais cem manadas
soltam mugidos, para ti relincha a égua própria
35 para as quadrigas, vestem-te as lãs que duas vezes
com múrice africano foram tingidas.

A Parca que não mente a mim me deu
uma pequena propriedade, e o leve sopro
de uma grega Camena, permitindo-me
40 que o malévolos povo desprezasse.

1 *Tranquilidade*: Traduzimos *otium*. No contexto da literatura, *otium* traduz o grego σχολή (*scholê*), tranquilidade de alma, descanso de todas as preocupações e desassossegos (*curae*), necessário ao trabalho criativo e intelectual — o *otium litteratum*. O termo não está muito longe da ataraxia epicurista, aproveitada também pelos estóicos (a convivência do mesmo termo nas duas escolas simboliza bem a tentativa de conciliação de ambas operada por Horácio nas suas odes), que pressupõe o libertar de todas as inquietações que perturbam a mente, as paixões e os desejos, preconizando o ideal da serena felicidade. Não é inocente que Horácio se dirija aqui a um homem de negócios, para quem o *otium* é simplesmente a negação do seu *negotium*, não dando ao termo o valor que Horácio reclama.

7 *Grosfo*: Pompeius Grosphus, um cavaleiro, segundo Porfírio, referido por Horácio também nas suas *Epístolas* (I. 12. 22 e s.). Sabemos que tinha uma propriedade na Sicília, e que conhecia alguma prosperidade.

9 *Lictores*: Os lictores eram os guardas das magistraturas supremas (e por inerência dos cônsules), representando o seu poder; traziam sempre con-

sigo uma machadinha e um feixe de varas, e iam *afastando* (termo que se encontra no verso seguinte) o povo à medida que passavam.

- 12 *Tectos falsos*: Os *laqueata tecta*, tectos cobertos de painéis, eram um símbolo de riqueza e luxúria na poesia romana.
- 14 *Saleiro*: O sal como único condimento da mesa representa a frugalidade. Aqui o saleiro reluz pois é feito de prata. A tradição mandava que, mesmo nas famílias mais humildes, houvesse em cada casa um saleiro de prata, pois continha o sal para os sacrifícios.
- 17 *Visamos*: Pretendemos com esta tradução não nos afastarmos muito do sentido primeiro de *iaculor*, “lançar o dardo (*iaculum telum*)”, o que implica primeiro “fazer pontaria”, “visar”; como habilmente sublinham Nisbet e Hubbard, o próprio nome Grosfo vem do grego γρόσφος (*grosphos*), “lança, dardo”.
- 24 *Euro*: Vento que sopra de Este.
- 30 *Titono*: Cf. I. 28. 8 (n.)
- 36 *Múrice*: Molusco gastrópode marinho, da família dos muricídios (Houaiss). Era largamente usado na Antiguidade no fabrico da púrpura.
- 39 *Camena*: Musa romana (cf. I. 12. 39).

XVII

Porque me mortificas com tuas queixas?
 Nem é dos deuses desejo, nem meu, que tu primeiro
 morras, Mecenas, minha grande glória,
 baluarte da minha vida.

5 Ah! Se um golpe mais cedo te levar a ti, que és parte
 de minha alma, porque se demoraria a outra,
 sendo eu já não tão amado como antes,
 nem vivendo já completo? Tal dia trará

a ruína de ambos. Um falso juramento não disse:
 10 juntos iremos, iremos pois, no momento em que tu
 primeiro seculares, companheiros preparados
 para tomar o último caminho.

A mim, nem o sopro da flamejante Quimera,
 nem, se de novo se erguer, Gíges das cem mãos
 15 de ti me hão-de arrancar: assim agrada
 à poderosa Justiça e às Parcas.

E quer a Balança para mim se volte,
 quer o medonho Escorpião, a parte mais violenta
 do meu horóscopo, quer o Capricórnio,
 20 tirano do mar do ocidente,

nossos astros estão numa incrível harmonia:
 o refulgente Júpiter, protegendo-te,
 das mãos do ímpio Saturno te tomou,
 atrasando as asas do alado Destino,

- 25 quando o povo, apinhando-se no teatro,
para ti três vezes ledos aplausos fez ressoar.
Quanto a mim, ter-me-ia levado o tronco
que sobre minha cabeça quase caiu, se Fauno
com sua destra não tivesse aparado o golpe, ele, guardião
30 dos homens de Mercúrio. Lembra-te de retribuir
com sacrifícios e com um altar votivo;
nós ofereceremos uma pequena cordeira.

- 13 *Quimera*: Cf. I. 27. 24 (n.).
14 *Giges*: Gigante de cem braços, nascido da Terra e do Céu. Participou na luta contra os deuses do Olimpo, e como tal foi encarcerado no Tártaro por Zeus.
17-21 *Balança... Escorpião... Capricórnio*: Referência à astrologia (cf. I. 11. 2, n.), baseada, como ainda hoje, na hora em que o sujeito em observação nasceu. Para a presente estrofe, é preciso ter em conta que, entre os antigos, Escorpião, Capricórnio e Saturno davam horóscopos desfavoráveis. Júpiter era, naturalmente, o astro (daí “refulgindo”) a quem por excelência se pedia protecção, e a Balança era também geralmente tida como benfazeja.
20 *Ocidente*: O latim fala em Hespéria (cf. I. 28. 26, n.)
23 *Ímpio*: Saturno é ímpio pois não hesitou em castrar o seu pai Úrano, nem em comer os seus próprios filhos.
24 *Atrasando as asas do alado Destino*: Para este episódio da vida de Mecenas, cf. I. 20.
27 *O Tronco*: Referência ao episódio narrado por Horácio em II. 13.
28 *Fauno*: Para a sua protecção sobre a Sabina, onde Horácio tinha a sua propriedade, cf. I. 17.
30 *Homens de Mercúrio*: Horácio diz-se “um homem de Mercúrio” porque o deus, na sua qualidade de λόγιος (*logios*) e μουσικός (*musikos*) (cf. I. 10. 7, n.), protege naturalmente os poetas.

XVIII

Nenhum tecto falso de marfim
 ou de ouro em minha casa resplandece,
 nenhuma arquitrave de Himeto
 sobre as colunas talhadas nos confins de África pesa,

5 nem, como herdeiro desconhecido,
 o palácio de Átalo ocupei,
 nem para mim distintas clientes
 mantos de lacónica púrpura fiam.

Sou um homem leal, uma generosa veia
 10 tenho de engenho, e os ricos procuram-me,
 a mim pobre. Não importuno os deuses
 por nada mais, nem incomodo o poderoso amigo

mais coisas pedindo, feliz o bastante
 com a minha única e singular propriedade na Sabina.
 15 O dia empurra o dia,
 novas luas continuam a minguar.

No entanto, no dia do teu próprio funeral
 alguém contratas para cortar mármore, e casas constróis
 esquecendo-te do teu próprio jazigo.
 20 Esforças-te por a margem fazer avançar

do retumbante mar de Baías,
 não suficientemente rico com a terra firme.
 E o que dizer quando de teus vizinhos
 os marcos agrários arrancas, e,

25 na tua ganância, os muros saltas
 de teus clientes, enquanto marido e esposa, desterrados,
 consigo apenas levam, junto ao peito,
 as imagens dos deuses paternos e os sujos filhos?

 Porém, nenhum palácio
 30 com mais certeza o seu rico senhor espera
 do que a morte que o rapinante Orco destinou.
 Aliás, porquê aspirar a mais? Imparcial

 abre-se a terra para os pobres
 e para os filhos dos reis, e o ministro de Orco,
 35 nem com ouro seduzido, de novo
 trouxe o cáldo Prometeu. É ele quem preso mantém

 o arrogante Tântalo e sua linhagem,
 e é ele quem, chamado ou não chamado,
 ouve e alivia o pobre
 40 que os seus trabalhos cumpriu.

3 *Himeto*: Montanha de Atenas, de onde se extraía mármore branco com veios azuis-esverdeados. No nordeste da actual Tunísia (daí o retórico “confins da África”) também havia pedreiras de mármore.

6 *Átalo*: Cf. I. 1. 12 (n.).

7 *Clientes*: A figura do *cliens* tem, em Roma, uma conotação diferente da que hoje damos ao termo. De facto, “cliente” era aquele que dependia de um *patronus*, “patrono”, e com ele estabelecia uma relação económica e/ou social baseada numa hierarquia bém definida.

9 *Homem leal*: O latim fala em *Fides* (cf. I. 24. 6, n.).

14 *Propiedade na Sabina*: Referência à propriedade ofertada por Mecenas a Horácio.

21 *Baias*: Local de *uillae maritimae* (vilas romanas junto ao mar) na Câmpania, celebrado por diversos escritores (por exemplo, Propércio I. 11). Os Romanos amiúde ganhavam ao mar terrenos para as suas construções, lançando rochas ao mar, daí que o mar “retumbe” com esse som.

- 34 *Ministro de Orco*: Normalmente identificado com Caronte, o barqueiro dos infernos. Nisbet e Hubbard defendem que se trata de Mercúrio, na sua qualidade de ψυχαγωγός (*psychagôgos*), pois é ele quem escolta os mortos no submundo. A hipótese é atractiva, pois Mercúrio serve melhor como sujeito de “mantém preso” (*coercet*, cf. I. 10. 18) do que Caronte. O tempo passado de *reuexit* (*de novo trouxe*) parece implicar que desconhecemos um matiz particular do mito de Prometeu (invulgarmente associado ao Hades, tal como em II. 13. 37).
- 36 *É ele quem*: Segundo as várias leituras possíveis, Caronte, Orco ou Mercúrio. O último parece-nos ser o mais plausível, no contexto das *Odes* (cf. I. 10, em especial a última estrofe).
- 37 *Tântalo*: Cf. II. 13. 37 (n.). Da sua descendência fazem parte Atreu, Tiestes, Agamémnon e Menelau (cf. I. 6. 8, n.).

XIX

Baco vi a ensinar canções em remotos
 rochedos — acreditai, vindouros —
 e Ninfas aprendendo-as, e as atentas orelhas
 dos Sátiros de pés-de-cabra.

- 5 Evoé! Treme ainda de medo meu espírito, perturbado
 no peito pleno de Baco alegre-se o coração.
 Evoé! Poupa-me, Líbero, poupa-me,
 tu temível com teu fatal tirso!

- 10 É-me permitido pelos deuses as infatigáveis Tíades cantar,
 e tua fonte de vinho, e teus rios úberes em leite,
 e o mel celebrar vezes sem conta
 que de ocos troncos mareja.

- 15 É-me permitido pelos deuses a glória cantar de tua esposa
 bem-aventurada, companheira agora das estrelas, e a casa
 de Penteu, numa terrível ruína derrubada,
 e a perdição do trácio Licurgo.

- 20 Tu o curso dos rios e do mar dos bárbaros mudas,
 tu, em afastadas montanhas, húmido de vinho,
 sem perigo atas os cabelos das Bístones
 com um nó de víboras.

Tu, quando uma ímpia coorte de Gigantes
 por difícil caminho ao reino de teu pai trepou,
 Reto fizeste recuar, com tuas garras
 e a tua terrível mandíbula de leão.

- 25 E embora te dissessem mais capaz para as danças,
as diversões e o jogo, considerando-te não de todo
idóneo para o batalha, o centro foste contudo
não só da guerra como da paz.

- Cérbero, para ti inofensivo, vendo-te com áureo corno
30 ornado, em ti roçou suavemente sua cauda, e,
enquanto partias, com as três línguas
de sua boca teus pés e pernas lambeu.

- 5 *Evoé*: Grito dado pelos iniciados nos mistérios de Dioniso, da interjeição grega *εὐοί* (*eyoi*). Os mistérios, na antiguidade, eram manifestações religiosas que ocorriam em sítios como Elêusis, Samotrácia e Lemnos, longe do olhar de quem não tivesse sido iniciado. Devido a este carácter de sigilo, o nosso conhecimento dos mistérios é reduzido, resumindo-se em grande parte à peça *As Bacantes*, de Eurípides. De qualquer modo, sabemos que eles incluíam rituais aparentemente bárbaros, como o decepamento de um animal vivo e a ingestão da sua carne crua. Em traços gerais, era um culto fundamentalmente telúrico, até porque os deuses cultuados nestas cerimónias têm uma referência no mundo natural: Deméter e Dioniso (Ceres e Baco, entre os Romanos) estão desde os primórdios relacionados com a vegetação, com os frutos e com a própria terra. Para conhecer mais sobre a natureza dos mistérios gregos, cf. Dodds, *The Greeks and the Irrational*, Sather Classical Lectures, University of California Press, 1951 (trad. port.: *Os Gregos e o Irracional*, Gradiva, 1988).
- 8 *Tirso*: Bastão enfeitado de hera e rematado em forma de pinha, atribuído ao deus Baco, e igualmente às Bacantes, suas seguidoras.
- 9 *Tíades*: Do grego *Θυάδες* (*Thyádes*), do verbo *θύω* (*thyô*), “precipitar-se”. É um outro nome dado às Bacantes.
- 13 *Esposa*: Ariadne. Depois de ter ajudado Teseu a matar o Minotauro, Ariadne fugiu com o herói. Foi contudo abandonada em Naxos, onde pouco depois chegou Dioniso. Este, apaixonado por sua beleza, desposou-a, e levou-a para o Olimpo, oferecendo-lhe um diadema que mais tarde se tornou numa constelação.

- 15 *Penteu*: Uma das personagens principais das *Bacantes* de Eurípides, que se recusa a acreditar ou seguir os mistérios de Dioniso. Como castigo, foi morto e esquartejado pelas Bacantes, lideradas por sua própria mãe Agave.
- 16 *Licurgo*: Rei da Trácia, ousou expulsar Dioniso do seu território, juntamente com o seu séquito. O deus, fugindo espavorido para o mar, foi acolhido pela deusa Tétis. Como castigo por esta afronta, Zeus cegou Licurgo. Na *Ilíada* (VI. 129 e s.) é já dado como um exemplo de como pode ser funesta a desobediência aos deuses.
- 17 *Tu o curso...*: Referência à viagem feita por Dioniso à Índia, no decurso do qual fez parar os rios Orontes e Hidaspes, para os poder atravessar. Eventualmente atravessou também o Mar Vermelho (= “o mar dos bárbaros”), embora não tenhamos notícia certa de tal episódio.
- 19 *Bístones*: Os Bístones são uma tribo da Trácia; aqui, as Bístones designam em geral as Bacantes.
- 23 *Reto*: Gigante que participou na guerra dos Gigantes contra os deuses do Olimpo; foi morto por Dioniso (Baco). Para a Gigantomaquia, cf. II. 12. 6-8 (n.).
- 29 *Cérbero*: Cf. II. 13. 33 (n.). Dioniso foi aos infernos buscar sua mãe Sémele, para a levar com ele para o Olimpo, onde recebeu o nome de Tione.
- 29 *Áureo corno*: Dioniso, sendo primordialmente um deus telúrico, era frequentemente representado como um touro, símbolo da fecundidade nas culturas mediterrâneas.

XX

Não serão comuns nem débeis as asas que a mim,
poeta de duas formas, pelo líquido éter me levarão,
nem por muito mais na terra
me demorarei: superior à inveja

5 suas cidades hei-de abandonar. Não, eu, do sangue de pobres pais,
eu, por quem tu mandas chamar, querido Mecenas,
não morrerei, nem me há-de aprisionar
a água do Estige.

Agora, agora mesmo, já rugosas peles em minhas pernas
10 se formam, e em cima numa ave branca
me vou transformando, pelos dedos e ombros
vão nascendo leves penas.

Agora mesmo, mais famoso do que Ícaro, filho de Dédalo,
a costa do gembundo Bósforo visitarei,
15 e as Sirtes dos Getulos, e as planícies hiperbóreas,
eu, ave canora.

O Colco conhecer-me-á, e o Daco que o medo esconde
do exército marso, e os longínquos Gelonos;
o culto Ibero me há-de estudar,
20 e aquele que bebe do Ródano.

Que não haja, no meu inútil funeral, trenos,
nem indecorosos prantos e lamentos;
reprime teus gritos, e deixa
as vãs honras do sepulcro.

- 2 *Poeta de duas formas*: Esta ode celebra a metamorfose do poeta em ave (provavelmente o cisne, a ave de Apolo, deus da poesia); *biformis* indica os dois estados desta transformação: primeiro homem, depois ave.
- 8 *Água do Estige*: O Estige, um dos rios do inferno, nomeadamente o “Rio do Esquecimento”: ao atravessar as suas águas, os espectros dos mortos esqueciam-se de tudo o que tinham feito nas suas vidas passadas.
- 13-14 *Ícaro*: Trata-se de uma referência ao mito de Ícaro. Presos no labirinto de Minos, o seu pai, Dédalo, industrioso inventor, fabricou asas feitas com penas e cera de maneira a que pudessem escapar voando. Disse, porém, ao filho que não se aproximasse demasiado do sol, pois a cera derreteria. Ícaro desrespeitou as ordens paternas e, entusiasmado com o voo, fez com que os raios solares derretessem as asas, caindo assim ao mar (cf. I. 1. 16, n.) e morrendo.
- 14 *Gemebundo Bósforo*: Por uma falsa etimologia (relacionada com o mito de Io, amante de Zeus transformada em vitela), os antigos associavam o nome deste estreito (cf. II. 13. 15, n.) ao grego βοῦς (*bus*), “boi”, daí ele “gemer”.
- 15 *Sirtes*: cf. II. 6. 3 (n.). Embora os Getulos sejam normalmente associados ao sul da Numídia, aqui são colocados junto das Sirtes.
- 15 *Planícies hiperbóreas*: Os Hiperbóreos são um povo mítico entre os Gregos: viviam no Norte desconhecido, donde soprava o vento Bóreas (daí o seu nome). Sugerem aqui uma grande distância.
- 17 *Colco*: Habitante da Cólquida (cf. II. 13. 8, n.)
- 17-18 *Dacos... Marsos... Gelonos*. Para os Dacos, cf. I. 35. 9 (n.). Para os Marsos, tomados pelos Romanos, cf. III. 14. 18 (n.). Para os Gelonos, cf. II. 9. 22 (n.).
- 18-19 *Ibero... aquele que bebe do Ródano*: Há aqui um contraste intencional entre os povos da Hispânia e da Gália (banhada pelo Ródano), há muito romanizados, e os outros povos “bárbaros” supracitados. Atente-se na cumprida profecia de Horácio: volvidos dois milénios, todos estes povos de facto o estudam, incluindo o nosso.

Livro III

I

Odeio o vulgo profano, e mantenho-o longe;
 guardai um silêncio sagrado: como sacerdote
 das musas para virgens e rapazes odes
 nunca antes ouvidas canto.

5 Os temíveis reis dominam o seu povo,
 Júpiter governa esses mesmos reis,
 ele, glorioso no triunfo sobre os Gigantes,
 com sua sobancelha tudo fazendo mover.

Pode até ser que um homem nos sulcos suas árvores
 10 disponha mais vastamente que outro; que um candidato,
 de sangue mais nobre, até ao Campo desça,
 adversário de um outro melhor no carácter

e na reputação; que outro homem um maior séquito tenha
 de clientes; a Necessidade contudo, com imparcial lei,
 15 a sorte dos grados e dos humildes tira:
 a vasta urna agita o nome de todos.

Àquele sobre cujo ímpio pescoço pende
 a nua espada, não mais os sicilianos festins
 doces sabores lhe requintarão,
 20 nem o canto das aves e da cítara

lhe trará o sono. O suave sono não despreza
 as humildes casas dos homens do campo,
 nem as umbrosas margens de um rio,
 nem Tempe agitada pelos Zéfiro.

- 25 Quem mais do que o suficiente não deseja,
 não o inquieta o revolto mar, nem o feroz
 ataque do poente Arcturo,
 nem os Cabritos quando surgem,
- nem as vinhas pelo granizo zurzidas, nem a traiçoeira
 30 quinta, quando a árvore se queixa ora das águas,
 ora das estrelas que queimam os campos,
 ora dos iníquos invernos.
- Sentem os peixes que o mar se aperta quando à água
 enormes pedras são lançadas; para aqui repetidamente
 35 arremessa o empreiteiro com seus escravos
 o formigão, e o senhor farto de terra:
- mas o Medo e as Ameaças escalam por onde
 o patrão trepa, e a negra Inquietude a sua posição
 na trirreme de bronze não abandona,
 40 postando-se atrás do cavaleiro.
- Mas se nem o mármore frígio, nem as vestes de púrpura,
 brilhando mais que uma estrela, nem a vinha
 de Falerno e o costo de Aquémenes
 podem valer aquele que sofre,
- 45 porque hei-de erigir, em novo e sublime estilo,
 um átrio com invejandas portas?
 Porque hei-de trocar o meu vale sabino
 por mais laboriosas riquezas?

As primeiras seis odes do livro III são as chamadas “Odes Romanas”, escritas todas no mesmo sistema métrico (alcaico), sem destinatário definido (embora o “centro” seja Augusto), e de tema exclusivamente romano.

- 1 *Odeio o vulgo profano*: Encontramos ecos deste poema em António Ferreira (Ode V do Livro I, “Fuge o vulgo profano” ou a Ode I do Livro I, “Fuja daqui o odioso / profano vulgo (...)”).
- 9 *Árvores*: Trata-se aqui das árvores (especialmente o olmo) usadas para suportar as videiras.
- 10 *Candidato*: Provavelmente a Cônsul ou Pretor, cuja eleição se dava no Campo de Marte (cf. I. 8. 4, n.). Ele “desce” pois vem de uma das colinas de Roma, local onde vivia a gente “de sangue nobre”.
- 14 *Necessidade*: Para compreender exactamente o passo, aconselhamos reler II. 3. 25-28, onde o vocabulário é, aliás, extremamente afim.
- 17 *Aquele...*: Pela referência à Sicília, no verso seguinte, sabemos tratar-se do episódio da espada de Dâmocles, narrado por Cícero nas *Disputações de Túsculo* (5. 61-62): enquanto Dâmocles continuamente elogiava as riquezas, o poder, a abundância, e a magnificência da casa de Dioniso de Siracusa, este perguntou-lhe se não queria ele um dia experimentar o que era ser-se tirano. Dâmocles aceitando foi, no dia seguinte, servido com as melhores iguarias e pelos mais delicados servos, sob ele, porém, pendia uma espada nua presa apenas por uma cerda de cavalo, que o impediu de apreciar a refeição, deixando de prestar atenção a todas as riquezas que o rodeavam. Cícero conclui do episódio que o tirano mostrou ao seu servo que um rei da sua espécie nunca poderia ter uma vida em paz, por semear continuamente a injustiça, de tal forma que já não podia arrear caminho (versão corroborada pelo “ímpio pescoço” de que nos fala aqui Horácio).
- 24 *Tempe*: Cf. I. 7. 4 (n.).
- 24 *Zéfiro*: Ventos do Oeste.
- 27-28 *Arcturo... Cabritos*: Arcturo é ‘O Protector da Ursa’ (de ἄρκτος, *arktos*, “ursa” e οὐρός, *uros*, ‘protector’), a estrela mais brilhante da constelação do Boieiro. No fim de Outubro, o seu ocaso estava associado ao mau tempo. Por seu turno, em Setembro, o surgimento da constelação dos Cabritos estava também associado à intempérie.
- 33 *Sentem os peixes...*: Referência a Baías, onde as vilas romanas eram construídas em terrenos roubados ao mar (cf. II. 18. 20-22).
- 43 *Falerno*: Vinho afamado da região da Campânia.
- 43 *Costo*: Planta aromática oriental (provavelmente proveniente da Índia). Para Aquémenes, cf. II. 12. 22 (n.).
- 47 *Vale sabino*: Mais uma referência à propriedade ofertada por Mecenas a Horácio, na Sabina.

II

Que o jovem, fortalecido pela dura campanha,
de boa-mente a difícil pobreza aprenda a suportar,
que ele, cavaleiro temido por sua lança,
o terror semeie entre os feros Partos,

5 sob o céu aberto em constante perigo vivendo.
Vendo-o das muralhas inimigas,
que a mãe, esposa de um rei guerreiro,
e sua filha virgem já adulta

suspirem, ah, ansiando que o noivo príncipe,
10 inexperiente na guerra, não provoque um tal leão,
rude e áspero ao toque, cuja sangrenta cólera
o arrasta pelo meio da chacina.

Doce e belo é morrer pela pátria:
a morte persegue o homem que foge,
15 nem se apieda dos joelhos ou das covardes costas
da pusilânime juventude.

A Virtude, desconhecendo o sórdido revés,
refulge em imaculadas honras, e não segura
ou põe de parte as machadinhas,
20 à maré da vontade popular.

A Virtude, abrindo aos que não merecem morrer
do céu as portas, aventura-se por negado caminho,
e, de asas ao vento, a vulgar população
e a húmida terra despreza.

- 25 O fiel silêncio tem também segura recompensa:
aquele que revelado tiver o culto da misteriosa Ceres
proibirei de viver sob o meu tecto,
ou de comigo levantar âncora

- no mesmo frágil barco. Tantas vezes Júpiter, desprezado,
30 o inocente não distinguiu do culpado: raramente o Castigo,
com seu pé manco, o criminoso abandonou
que à frente tinha partido.

- 6 *Vendo-o das muralhas inimigas*: É difícil não nos lembrarmos do episódio da *Iliada* em que Helena descreve os guerreiros aqueus do alto da muralha de Tróia (III. 161 e s.), a *τειχοσκοπία* (*teichoskopia*).
- 13 *É doce...*: “*Dulce et decorum pro patria mori*”: este verso celebrou-se na história da literatura. Cf. igualmente Tirteu, fr. 10 e Simónides, fr. 65, tendo em especial conta o inusitado “doce” (*dulce*).
- 15 *Joelhos... covardes costas*: Esta é uma imagem frequente na *Iliada*: o guerreiro foge apavorado, sendo morto por trás pelo herói de quem pretende escapar. Os tendões dos joelhos eram um sítio particularmente vulnerável, uma vez que detinham automaticamente quem fugia. É um covarde, assim, aquele que vira as costas ao combate, morrendo em consequência desse pusilânime gesto.
- 17-18 *Revés... honras*: O vocabulário sugere um escrutínio público: *repulsa* é o termo usado quando o candidato a um determinado cargo sofre uma derrota, um revés político; *honoribus*, no verso seguinte, está ligado ao *cursus honorum* da carreira política de um homem romano (percurso de magistraturas, ocupando sequencialmente o cargo de questor, edil, pretor e cônsul). A referência integra-se na perspectiva estoica: para esta corrente filosófica, o sábio nunca sofre nenhuma derrota, pois o seu pensamento é superior aos reveses da fortuna e da política.
- 19 *Machadinhas*: Referência aos lictores, que empunhavam uma machadinha junto a um feixe de varas como símbolo do seu poder (*insignia imperii*).
- 22 *Negado caminho*: Para os estoicos, muito poucos homens foram realmente sábios (o exemplo supremo era o de Hércules e, entre os mortais, Catão de Útica e Sócrates): embora segundo esta doutrina todos os seres humanos

possam atingir a *Virtus* (virtude), usando para o efeito a *ratio* (razão), almejando assim atingir esse bem supremo.

- 24 *Húmida terra*: Para os estóicos, o éter é a região mais pura do universo, e a terra a mais impura; a terra caracteriza-se pelo seu solo húmido.
- 25 *O fiel silêncio*: Citação das famosas palavras de Simónides (582 ed. Page), “também para o silêncio há uma recompensa sem perigo” “Fiel” é o único elemento estranho à sentença de Simónides: o silêncio é fiel porque nunca compromete ou difama ninguém.
- 26 *Misteriosa Ceres*: Referência aos mistérios de Deméter (cf. II. 19. 5, n.).
- 29 *Barco*: Em latim *phaselon*, pequena embarcação em forma de feijão, especialmente frágil dado o seu calado.
- 31 *Pé manco*: O Castigo coxeia porque por vezes chega tarde ao prevaricador (que partiu à frente), embora chegue sempre.

III

O homem justo e tenaz no seu propósito,
 em sua firme mente não se perturba
 com o furor dos cidadãos impondo a injustiça
 nem com o vulto do ameaçador tirano

- 5 nem com o Austro, o inquieto senhor do revolto Adriático,
 nem com a poderosa mão do fulminante Júpiter;
 e se o céu em pedaços sobre ele cair,
 impávido o hão-de atingir suas ruínas.

- Foi com esta virtude que Pólux e o errante Hércules,
 10 ascendendo, as cidadelas do fogo alcançaram;
 entre eles, reclinado, beberá Augusto
 o néctar com seus lábios de púrpura.

- Foi com esta virtude e por mérito teu, pai Baco,
 que a ti te levaram os teus tigres, nos indomáveis pescoços
 15 um jugo trazendo; com esta virtude do Aqueronte fugiu
 Quirino nos cavalos de Marte,

- quando Juno tais palavras pronunciou,
 gratas ao concílio dos deuses: “Ílion, Ílion,
 um juiz devasso pelo destino trazido,
 20 e uma mulher estrangeira a pó te reduziram.

No dia em que Laomedonte os deuses ludibriou
 com a promessa de um pagamento, condenada foste
 por mim e pela casta Minerva,
 junto com teu povo e mentiroso senhor.

25 Já não resplandece o infame hóspede
da adúltera espartana, nem a perjura casa de Príamo
sem o auxílio de Heitor
pode já suster os aguerridos Aqueus,

e esmorece a guerra prolongada
30 pelos nossos conflitos. De agora em diante a Marte
minha grave ira, e meu odiado neto,
nascido da sacerdotisa troiana,

abandonarei. Suportarei que ele
nas luzentes moradas entre, que do néctar beba
35 o sumo, que inscrito seja
nas serenas ordens dos deuses.

Enquanto entre Ílion e Roma furioso
o mar se agitar, que felizes reinem esses exilados,
em qualquer que seja a parte do mundo.
40 E enquanto o gado o túmulo pisar

de Príamo e Páris, e aí impunemente esconderem as feras
seus filhotes, que o Capitólio refulgindo de pé permaneça,
e possa a feroz Roma prescrever suas leis
aos Medos derrotados em triunfo.

45 Que Ela, ao longe e ao largo temida, o seu nome espalhe
pelas mais distantes margens, lá onde a água, entrepondo-se,
a Europa separa da África, lá onde o Nilo
inchando os campos irriga.

E que corajosa seja em desprezar o ouro não descoberto
50 (pois é melhor assim, quando a terra o esconde)
mais do que em amontoá-lo para uso do homem,
que com sua mão tudo o que é sagrado devasta.

E seja qual for a fronteira que se oponha ao mundo,
 que Ela com suas armas a alcance, anelando por ver
 55 o sítio onde o fogo, as nuvens e o orvalho da chuva
 suas báquicas orgias têm.

Mas tais fados sob condição aos belicosos Romanos
 vaticino: que piedosos ou confiantes demasiado
 refazer não queiram
 60 os tectos da ancestral Tróia:

renascendo, sob lúgubre augúrio, de Tróia
 a fortuna, de novo em terrível desgraça acabará,
 conduzindo eu própria, esposa de Júpiter
 e sua irmã, os vitoriosos esquadrões.

65 E se, por obra de Febo, três vezes reconstruído for
 seu brônzeo muro, três vezes será destruído e arrasado
 pelos meus Argivos: três vezes chorará
 a cativa mulher seu marido e filhos.”

Tal canto não convém a minha jocosa lira:
 70 Musa, para onde vais? Deixa, teimosa, de contar
 as conversas dos deuses, e de reduzir
 grandes temas a pequenos metros.

No contexto das Odes Romanas, os estudiosos esforçam-se por ler neste poema uma alegoria. Podemos ler Tróia aqui como uma alegoria de Alexandria, e Páris e Helena são António e Cleópatra; pode igualmente tratar-se de um poema de elogio a Augusto, identificado com Rómulo; ou pode simplesmente não existir nenhuma alegoria, sendo o poema um exercício literário, centrado no discurso de Juno.

5 *Austro*: Vento do Sul.

6 *Fulminante Júpiter*: Referência aos trovões de Júpiter, um dos seus principais instrumentos. Augusto, a 1 de Setembro de 22 a.C., consagrou no Capitólio um templo a *Iupiter Tonans*.

- 9-16 *Pólux... Hércules... Baco... Rómulo*: A citação de Pólux, Hércules, Baco e Rómulo (Quirino), insere-se num argumento fortemente estóico: “a vivência quotidiana e os costumes comuns aos homens fizeram com que se elevassem ao céu, mercê da fama e do reconhecimento, homens que trouxeram grandes benefícios. São exemplo disso Hércules, Castor e Pólux, Esculápio, Líbero (...) e Rómulo, que alguns dizem Quirino.” (Cícero, *Da Natureza dos Deuses*, II. 62). Note-se que Líbero foi o deus latino assimilado ao grego Baco. O argumento é também evemerista: Evémero de Messina (c. IV-III a.C.), mitógrafo grego, defendia que os deuses são divinizações feitas pelas próprias comunidades dos homens que se notabilizaram pelos seus feitos e virtudes.
- 10 *Cidadelas de fogo*: Isto é, as estrelas.
- 14 *Tigres*: Baco era amiúde representado num carro puxado por panteras ou tigres provenientes da Índia.
- 16 *Cavalos de Marte*: Não nos esqueçamos de que Rómulo (Quirino) nasceu de Marte e da vestal Reia Sílvia (cf. I. 2. 17, n.).
- 19 *Juiz devasso*: Páris. Ele é “juiz” pois coube-lhe a tarefa de julgar qual das deusas era a mais bonita, Afrodite, Hera ou Atena (escolheu Afrodite em troca de Helena). É igualmente *fatalis*, “trazido pelo destino”, pois foi Páris quem ditou a destruição de Tróia, e *incestus*, “impudico, devasso”, pois violou as leis sagradas do matrimónio, ao raptar Helena, “a mulher estrangeira”. Repare-se que nem Páris nem Helena são directamente citados por Juno, o que marca a sua terrível ira (a *saeua ira* da *Eneida*, I. 22-32).
- 21 *Laomedonte*: Pai de Príamo. Para construir as muralhas de Tróia, Laomedonte requisitou os serviços de Posídon e de Apolo, a troco de um soldo. Porém, quando a obra estava concluída, o rei recusou-se a entregar a quantia acordada.
- 26 *Adúltera espartana*: Helena.
- 26 *Perjura casa de Príamo*: A casa de Príamo desrespeitou Ζεὺς Ξένιος (*Zeus Xenios*, “Zeus Hospitaleiro”), quando Páris, um hóspede na casa de Menelau, raptou Helena. Toda a família de Alexandre cometeu assim um sacrilégio.
- 31 *Odiado neto*: Não esqueçamos que Rómulo (Quirino), é ainda descendente de Eneias, um troiano e como tal odiado por Juno.
- 32 *Sacerdotisa*: A vestal Reia Sílvia.
- 35-36 *Inscrito seja... ordens*: O vocabulário destes dois versos é retirado dos censos feitos em Roma, que visavam inscrever (*adscribere*) na sua respectiva ordem (*ordines*, como por exemplo, a de cavaleiro ou senador) cada cidadão, tomando como base a sua fortuna pessoal. O termo “ordem” sugere aqui uma hierarquia entre os próprios deuses.

- 46 *Lá onde a água...* O estreito de Gibraltar.
- 55 *O sítio*: Horácio refere-se aos extremos do mundo conhecido pelos Romanos, associados a climas inóspitos e estranhos.
- 64 *E sua irmã*: Na qualidade de filha de Crono e de Reia, Hera é igualmente irmã de Zeus.
- 65 *Obra de Febo*: Apolo (Febo) ajudou a construir as muralhas de Tróia (cf. v. 21, n.).
- 67 *Argivos*: Nome dado aos habitantes de Argos; aqui, por extensão, designa os Gregos em geral.
- 72 *Grandes temas a pequenos metros*: Tal como em II. 12, Horácio reafirma a sua convicção de que temas nobres (mitológicos ou históricos, cantados no metro da epopeia, o hexâmetro dactílico) não devem ser adaptados à poesia lírica e aos seus metros (neste caso o alcaico).

IV

Desce do céu, Calíope rainha, e, vamos,
 um longo canto entoa com tua tíbia,
 ou, se preferires, com tua aguda voz,
 ou com a lira ou cítara de Febo.

5 Ouvis? Ou alguma amável loucura
 comigo brinca? Parece-me que já te ouço,
 que já passeio por entre os pios bosques,
 que amenas águas e brisas visitam.

A mim menino as lendárias pombas no apúlio Vúlture,
 10 fora dos limites da Apúlia, minha ama,
 pelo recreio e sono vencido, me cobriram
 com frescas folhas.

Foi motivo de espanto para aqueles
 que o ninho da altaneira Aquerôncia habitam,
 15 e os bosques de Bância, e os férteis campos
 da planície de Forento,

que eu com o corpo a salvo das negras serpentes dormisse,
 e dos ursos, e que encoberto fosse pelo sacro louro
 e pelo ajuntado mirto, eu, um animoso
 20 petiz pelos deuses inspirado.

Sou vosso, Camenas, vosso, quando levado sou
 aos elevados campos de Sabina, ou se o gélido
 Preneste me deleita, ou as encostas de Tíbur,
 ou a límpida Baías.

25 De vossas fontes e coros amigo,
 nem me fez perder, em Filipos, a debandada
 do exército, nem a maldita árvore,
 nem Palinuro na água da Sicília.

Sempre que comigo estiverdes, de boa vontade
 30 acometerei, como marinheiro, o insano Bósforo,
 e, como viandante, as ardentes
 areias da costa assíria;

visitarei os Bretões, cruéis para os estrangeiros,
 os Côncanos, que se deleitam com o sangue de cavalo,
 35 incólume visitarei os Gelonos
 com suas aljavas e o rio cita.

Vós, assim que o subido César nas fortalezas aquartelou
 seus exércitos cansados da campanha, numa gruta da Piéria
 a ele, que repousar procurava de seus trabalhos,
 40 novo ânimo lhe destes.

Vós, almas divindades, suaves conselhos dais,
 e neles alegria tendes. Sabemos
 como os ímpios Titãs e uma monstruosa hoste
 com cadente raio repelidos foram

45 por aquele que a inerte Terra regula, e o ventoso mar,
 e que sozinho as sombras e os lúgubres reinos,
 e os deuses, e a multidão dos mortais
 com justa autoridade rege.

Grande terror essa medonha juventude
 50 em Júpiter infundiu, confiante nos seus fortes braços,
 tal como os irmãos que se esforçaram por pôr
 o Pélion sobre o umbroso Olimpo.

Mas que poderiam Tífon e o possante Mimas fazer,
 e Porfírión com ameaçadora pose,
 55 e Reto e o audacioso Encélado,
 árvores arrancando e lançando,

que poderiam fazer ao investir contra a retumbante
 égide de Palas? De um lado se ergueu o ávido Vulcano,
 de outro a matrona Juno, e o deus que nunca
 60 dos ombros há-de tirar o arco,

que seus soltos cabelos na pura água lava
 de Castália, que os matagais da Lícia
 e o seu bosque natal habita:
 Apolo Délio e Patareu.

65 Sob o próprio peso rui a força falha de sabedoria;
 a força equilibrada da razão também os deuses fazem crescer,
 da mesma forma com que odeiam as forças
 que no espírito movem tudo o que é nefasto.

Giges das cem mãos é de minhas palavras testemunha,
 70 e também o famigerado Oríon,
 que tentando violar a casta Diana,
 pela seta da virgem foi dominado.

Chora a Terra, lançada sobre seus monstruosos filhos,
 e sua prole lamenta, que um raio ao lúrido Orco
 75 lançou; e nem o célere fogo devorou
 o Etna que sobre eles pesa,

nem abandonou o fígado do devasso Tício
 a ave, carcereira imposta à sua luxúria,
 e trezentas correntes aprisionam
 80 o licencioso Pirítoo.

- 1 *Calíope*: Musa da poesia lírica. A invocação da Musa no princípio do poema é não só característica da poesia épica, como também da lírica. A particularidade deste poema está no facto de a Musa responder à invocação do poeta, como as musas de Hélicon em Hesíodo (cf. *Teogonia*, 22 e s.), embora estas tenham interpelado directamente o poeta.
- 2 *Tíbia*: Para a tibia, cf. I. 1. 33-34 (n.).
- 5 *Amável loucura*: Trata-se aqui do *tópos* do ἐνθουσιασμός (*enthusiasmos*, que deu em português “entusiasmo”): a palavra sugere que o poeta é possuído por uma loucura divina que o inspira. Esta ideia vem já de Platão (*Fedro*, 245a: “um terceiro género de possessão divina e de loucura provém das Musas; quando encontra uma alma delicada e pura, desperta-a e arrebatada, levando-a a exprimir-se em odes e outras formas de poesia, embeleza as inúmeras empresas dos antigos e educa os vindouros”, trad. José Ribeiro Ferreira), e foi recuperada pelo romantismo.
- 9 *Lendárias pombas*: Na antiguidade, tendia-se a narrar episódios da infância que serviam de prenúncio ao destino da personagem em questão. Conta-se, por exemplo, que, na infância, Estesícoro foi visitado por um rouxinol que pousou sobre os seus lábios e cantou (cf. Plínio-o-Velho, 10. 82). Aqui, foram as pombas, conhecidas das fábulas e das lendas, que cobriram o corpo do poeta, ainda menino, com folhas recém-caídas, com as quais se faziam as coroas dos poetas; mais abaixo (vv. 18-19), protegeram-no também com louro, sinal da protecção de Apolo, e com mirto, sinal da protecção de Vénus.
- 9 *Vúlture*: Monte a cerca de 15 km de Venúsia (na Apúlia), a terra natal de Horácio.
- 14-17 *Aquerôncia... Bância... Forento*: Aquerôncia (hodiernamente Acerenza) é uma localidade 21 km a sul de Venúsia. Bância, região montanhosa cuja floresta foi desbastada para dar lugar a campos de pastio (*saltus*), fica 19 km a nordeste de Venúsia. Quanto à localização de Forento, não sabemos exactamente onde fica, mas deve igualmente pertencer à região de Venúsia.
- 21 *Camenas*: Para estas musas romanas, cf. I. 12. 39, n.
- 23 *Preneste*: Região a 37 km de Roma, de uma altitude considerável, celebrada pelo seu templo da Fortuna, mandado construir por Sula. Dado o seu clima fresco, era um local apazível no Verão. Para Baías, cf. II. 18. 21 (n.).
- 26 *Filipos*: Referência à batalha de Filipos, que opôs Bruto e Cássio a Octaviano e António, na qual Horácio participou pelo lado dos republicanos, saindo derrotado (cf. II. 7. 2, n.).
- 27 *Maldita árvore*: Para a árvore que quase matou Horácio, cf. II. 13.
- 28 *Palinuro*: O cabo Palinuro (existe ainda a localidade homónima na actual Itália), na Lucânia banhado pelo Mar Tirreno (daí talvez a referência a *água*

da *Sicília*, região banhada pelo mesmo mar); aqui em 36 a.C., na guerra contra Sexto Pompeio, Octaviano perdeu muitos barcos numa tempestade. Sabemos que Mecenas esteve presente nesse episódio, e pelo que aqui se diz, também Horácio.

- 30 *Bósforo*: Para os perigos deste mar, cf. II. 13. 14-17, com n..
- 32 *Costa assíria*: Provavelmente o deserto ao longo do golfo Pérsico, segundo E. Romano.
- 33 *Bretões*: Cf. I. 21. 16 (n.).
- 34 *Côncanos*: Povo da Cantábria (norte de Espanha). Para este seu bárbaro costume, cf. Sílio Itálico, 3. 360 e s..
- 35 *Gelonos*: Cf. II. 9. 22 (n.). O rio da Cítia é o Tánaís (hoje chama-se Don).
- 37-38 *Vós, assim que...*: Horácio refere-se ao descanso dado aos combatentes depois da batalha de Áccio.
- 38 *Gruta da Piéria*: Esta região da Macedónia está associada à poesia e às musas, tal como a gruta de Dione de II. 1. 39 (cf. n.). O verso sugere que Augusto (César) pode agora relaxar, ou ouvindo ou compondo cânticos, pondo assim um fim aos seus trabalhos da guerra (*labores*, “trabalhos”, no plural, identifica Augusto com o próprio Hércules).
- 41 *Conselho*: Segundo alguns comentadores, o poeta refere-se à amnistia dada por Augusto depois de Áccio aos que lutavam do lado de António e Cleópatra; segundo outros, Horácio comenta a nova ordem social e política que Augusto inaugurava.
- 43 *Monstruosa hoste*: Os Gigantes. Para a Gigantomaquia, cf. II. 12. 6-8 (n.).
- 46 *As sombras e os lúgubres reinos*: Referência ao Hades. Para as “sombras” dos mortos, cf. I. 24. 15.
- 49 *Medonha juventude*: De novo os Gigantes.
- 51 *Os irmãos*: Os Aloídas, Oto e Efialtes, dois gigantes que, na ânsia de fazerem guerra aos deuses, puseram os montes Pélion e Ossa (montanhas da Tessália, perto de Olimpo) sobre o monte Olimpo, para assim poderem chegar ao Céu e lutarem com os deuses. Como castigo por esta afronta, entre outras, Zeus, ou Ártemis, matou-os.
- 53 *Tífon*: Gigante filho de Geia e de Tártaro, o maior de todos os filhos desta deusa. Tinha um corpo monstruoso, metade homem, metade dragão. Empreendeu sozinho uma luta contra os deuses que acabou por perder, dominado por Zeus.
- 53-55 *Tífon... Mimas... Porfírión... Reto... Encélado*: Horácio cita vários nomes de gigantes que participaram na Gigantomaquia. Mimas foi morto por Hefesto, que lançou sobre ele metal em brasa. Porfírión foi morto pelas flechas

de Apolo. Para Reto, cf. II. 19. 23 (com n.). Encélado combateu contra Atena e foi enterrado no Etna.

58 *Ávido Vulcano*: Provavelmente ávido de guerras, de sangue.

62 *Castália*: Fonte da Beócia consagrada às Musas.

64 *Apolo*: Apolo tinha um oráculo sagrado em Pátaros, na Lícia (no sudoeste da Ásia Menor). Daqui deriva o seu epíteto Apolo Patareu. Era também famoso o seu oráculo de Delos, a sua terra natal (o “bosque natal”), que lhe deu o seu epíteto de Délio.

69 *Giges*: Para este monstro, cf. II. 17. 14 (n.). Para Oríon, gigante caçador, cf. II. 13. 39.

73 *Chora a Terra*: Não nos esqueçamos de que os Gigantes são filhos de Geia (Terra).

76 *Etna*: Depois de terem perdido a guerra, os Gigantes foram enterrados debaixo do monte Etna.

77 *Tício*: Gigante enviado por Atena contra Leto, com o intuito de a violar. Foi lançado para o Hades por Zeus, onde continuamente duas aves (ou uma, como é o caso) lhe devoravam o fígado, que ininterruptamente renascia, um castigo semelhante ao sofrido por Prometeu.

80 *Pirítoo*: Rei dos Lápitais, tentou com Teseu raptar Prosérpina do Hades. Conseguiram descer aos infernos, mas ficaram lá presos. Só mais tarde Hércules conseguiu libertar Teseu, não conseguindo fazer o mesmo a Pirítoo: os deuses consideravam-no o principal responsável pelo crime cometido.

V

Acreditámos sempre que no céu reina o trovejante Júpiter:
e Augusto, entre nós, como um deus na terra será tido,
logo que os Bretões e os terríveis Persas
ao império forem anexados.

5 Viveu o soldado de Crasso na desgraça,
marido de uma esposa bárbara, e
— pela Cúria, pelos transviados costumes! —
o Marso e o Apúlio envelheceram

sob o domínio do rei parto, as armas empunhando
10 dos sogros inimigos, esquecidos dos ancis, do nome, da toga,
da eterna Vesta, quando intactos estavam
o templo de Júpiter e a urbe de Roma?

Disto se precavera a próspera mente de Régulo,
quando às infames condições se opôs,
15 pois com tal precedente a desdita
aos tempos vindouros traria,

se não morressem os jovens cativos,
indignos de pena: “Penduradas
nos templos púnicos as nossas insígnias,
20 e as armas aos soldados arrancadas

sem sangue derramado vi”, disse ele, “vi de cidadãos livres
os braços torcidos atrás das costas, e as portas não fechadas
de Cartago, e os campos, pelo nosso Marte
devastados, sendo de novo cultivados.

25 Sem dúvida o soldado pelo ouro resgatado mais corajoso
 voltará! À vergonha ajuntais o dano:
 nem a lâ de vermelho tingida
 as cores perdidas recupera,

 nem a verdadeira excelência, quando escapa,
 30 aos corações enfraquecidos se preocupa em voltar.
 Se a fêmea do veado luta, quando libertada
 das densas redes, então corajoso será

aquele que ao pérfido inimigo se entregou,
 e numa nova guerra, o Púnico será esmagado
 35 por quem passivamente sentiu as correias
 nos braços presos, e a morte temeu!

Este homem, não sabendo como salvar a vida,
 a paz com a guerra confundiu. Ó vergonha!
 Ó magna Cartago, em cima elevada
 40 das desonrosas ruínas de Itália!”

Diz-se então que Régulo de si apartou o beijo
 de sua casta esposa, e os seus pequenos filhos,
 como alguém nos direitos de cidadão diminuído,
 e torvo, voltou seu viril rosto para o chão,

45 enquanto a decisão dos vacilantes senadores não firmou,
 com a autoridade de um conselho nunca antes dado,
 e entre queixosos amigos se apressou
 por partir, ele, um egrégio exilado.

E contudo ele sabia o que lhe preparava o bárbaro algoz;
 50 apesar disso afastou a sua família
 que lhe barrava o caminho, e o povo
 que lhe atrasava o regresso,

como se, decidido o litígio, abandonasse
 os arrastados processos dos seus clientes,
 55 dirigindo-se para os campos de Venafro,
 ou para Tarento na Lacedemónia.

- 3 *Bretões*: Para a ameaça conjunta dos Bretões e dos Partos (os Persas, tal como em I. 2. 23), cf. I. 21. 16 (n.).
- 5 *Soldado de Crasso*: Referência ao desastre de Carras (53 a.C.), onde era general Crasso (cf. I. 2. 22, n.). As seguintes duas estrofes centram-se nos cerca de 10 mil soldados que se tornaram prisioneiros dos Partos, até 20 a.C., data em que voltaram a Roma, juntamente com as insígnias perdidas. Como apontam Nisbet e Rudd, é interessante observar como pouco se fala deles na altura do seu regresso; a grande vitória diplomática foi de facto a recuperação das insígnias, o que demonstra o pouco apreço que os Romanos tinham pelos soldados que se deixavam capturar, o que aliás é bem visível neste nosso poema.
- 8 *Marso e o Apúlio*: Por metonímia, o povo romano. Para o povo Marso, cf. III. 14. 18, n..
- 10 *Ancis*: No reinado de Numa Pompílio, caiu do céu em Roma um pequeno escudo (ancil), que foi associado a Marte. Esse escudo estava ligado ao destino da Urbe: enquanto ele existisse, Roma seria soberana. Por segurança, foram feitas onze cópias, confiadas à custódia dos sacerdotes Sálios (cf. I. 36. 12, n.).
- 11 *Vesta*: A deusa Vesta tinha um templo no Fórum; nele ardia continuamente um fogo, que representava a eterna sobrevivência da Urbe.
- 13 *Régulo*: Régulo foi um grande militar romano na primeira guerra púnica, afamado especialmente pela sua vitória na hodierna Tunes, em 256 a.C.. Foi, porém, mais tarde derrotado e feito prisioneiro pelos Cartagineses, juntamente com quinhentos dos seus homens (no texto, “os jovens cativos”). Segundo esta ode, quando os Cartagineses o obrigaram a ir a Roma para negociar o resgate dos prisioneiros, impondo “infames condições”, Régulo aconselhou Roma a continuar a guerra, ignorando o pedido de resgate. Fê-lo para que Roma, cedendo, não pusesse em causa a sua hegemonia, acabando por cair às mãos dos Púnicos. Quando voltou voluntariamente a Cartago, pois tinha dado a sua palavra que voltaria, foi morto e o seu cadáver mutilado, isto em 250 a.C..

- 25 *Sem dúvida...*: Naturalmente irónico.
- 29 *Excelência*: *Virtus* aqui traduz não a Virtude estóica, mas a excelência heróica (ἀρετή, *aretê*) do soldado romano, que prefere morrer a tornar-se prisioneiro do inimigo.
- 43 *Direitos de cidadão...*: Lemos *ut capitis minor*, expressão adaptada de *deminutio capitis maxima*, figura da jurisprudência romana; quem era feito prisioneiro de guerra perdia automaticamente os seus direitos de cidadão e de família (cf. Lívio 22. 60. 15, sobre os prisioneiros de Canas).
- 46 *Com a autoridade*: Traduzimos *auctor*. É importante ter em conta para perceber a última estrofe que o vocabulário jurídico abunda nestes últimos versos (*consilium, auctor, patres, diiudicata lite, longa negotia*). Sobre o sentido específico de cliente, cf. II. 18. 7 (n.).
- 55 *Venafro*: Cf. II. 6. 16 (n.). É provável que Régulo tivesse aqui uma propriedade.
- 56 *Tarento*: Afamado nos tempos de Horácio como um apazível local de férias (cf. II. 6. 10). Com esta última estrofe, o poeta realça outra faceta do carácter de Régulo: a sua impavidez perante a desgraça, tal como o sábio estóico.

VI

Inocente, pelas faltas dos teus pais pagarás,
 Romano, enquanto não restaurares os templos,
 dos deuses os altares que ruem,
 e suas imagens sujas de negro fumo.

- 5 Tu imperas porque inferior te consideras aos deuses.
 Faz derivar deles o princípio, para eles o fim.
 Os deuses, desprezados, muitos males
 à enlutada Hespéria trouxeram.

- Por duas vezes Moneses e a mão de Pácoro
 10 nossos ataques feitos sem auspícios repeliram,
 radiantes por terem acrescentado
 aos seus magros colares o saque.

- Em guerras civis absorta, a nossa Urbe
 quase destruíram o Daco e o Etíope,
 15 um temido por sua frota, o outro
 melhor em lançar setas.

- Gerações em culpa fecundas primeiro poluíram
 as núpcias, a família, as casas; desta fonte
 correu a desgraça, que se espalhou
 20 pela pátria e pelo povo.

Regozija-se a madura virgem ao aprender
 os movimentos das danças jónias, agora já treinada
 na artimanha, desde a tenra infância
 planeando devassos amores.

25 Em breve, enquanto bebe vinho o marido,
 já ela amantes mais jovens procura: e não será
 nem à pressa nem ao acaso, que, de luzes apagadas,
 suas proibidas delícias há-de oferecer:

antes, às claras, quando lhe ordenam levanta-se,
 30 não sem a convivência do marido, quer por ela chame
 vendedor, quer hispânico capitão de navios,
 comprando caro a vergonha dela.

Não foi destes pais que nasceu a juventude
 que com o sangue púnico o mar tingiu,
 35 e que baquear fez Pirro, o grande
 Antíoco e o cruel Aníbal:

foi sim uma máscula prole de rústicos soldados,
 ensinada a revolver a gleba com a enxada
 dos Sabelos, e a transportar os troncos cortados
 40 às ordens da mãe severa,

sempre que o sol as sombras dos montes variava,
 e tirava o jugo dos cansados bois,
 trazendo a hora amiga
 ao partir em seu carro.

45 Que coisa não destruiu o danoso tempo?
 A geração dos nossos pais, pior do que a dos avós,
 a nós, mais desprezíveis, nos criou, e em breve
 uma mais viciosa cepa havemos de gerar.

4 *Negro fumo*: O fumo acumulado pela cidade ao longo dos anos.

8 *Hespéria*: A Itália (cf. I. 28. 26, n.).

9 *Por duas vezes*: Isto é, alternadamente; cada um dos generais é responsável por apenas uma vitória sobre os Romanos.

- 9 *Moneses*: Em 37 a.C., este proeminente general parto aliou-se a António, para pouco depois retornar ao exército pátrio, desta feita sob a protecção de Fraates. Em 36 a.C., António liderou um ataque à Pártia; o seu ímpeto foi sustido por homens como Moneses, que ajudou a aniquilar duas legiões inteiras, lideradas pelo legado Ópio Estaciano. Este foi mais um agravamento ao do desastre de Carras.
- 9 *Pácoro*: Também ele um general parto, foi fundamental para a vitória meda sobre o exército do legado Decídio Saxa, em 40 a.C., algo que permitiu aos vencedores tomar conta da Síria e de grande parte da Ásia Menor.
- 14 *Daco e o Etíope*: Para os Dacos, cf. I. 35. 9 (n.). Etíope é aqui depreciativamente usado como sinónimo de Egípcio, resultando daqui uma alusão ao exército de Cleópatra e António.
- 22 *Danças jónias*: As danças (à letra “os movimentos jónios”) desta zona da Grécia eram consideradas indecentes.
- 35 *Pirro*: Cf. I. 12. 40-41 (n.). Para a batalha das ilhas Egates, no contexto da primeira guerra púnica, cf. II. 12. 2 (n.).
- 36 *Antíoco*: Antíoco o Grande, rei da Síria de 223 a 167 a.C., restaurou o império selêucida, conquistando a Trácia e depois a Grécia. Foi derrotado pelos Romanos em Termópilas, em 191, e na Magnésia Lídia, em 189. Junto deste rei procurou refúgio Aníbal, o cartaginês que por pouco não subjugou Roma.
- 39 *Sabelos*: Segundo Nisbet e Rudd, povo samnita que habita no centro sul da Itália, os primeiros habitantes de Venúsia, e não um povo sabino, como defendem alguns editores.
- 44 *Carro*: Para o carro do Sol, cf. I. 22. 21 (n.).

VII

Porque choras, Astéria, por aquele que os límpidos
 Favónios, mal chegue a Primavera, te devolverão,
 rico com as mercadorias dos Tínios,
 esse teu jovem de constante fidelidade,

- 5 Giges? A Órico o levou o Noto, e agora,
 depois de surgirem as insanas estrelas da Cabra,
 noites geladas passa sem dormir
 em lágrimas lavado.

- Entanto o mensageiro de sua inquieta anfitriã,
 10 diz-lhe que ela, Cloe de nome, por ele suspira,
 e infeliz arde em fogos iguais aos teus,
 e tenta-o, ardiloso, de mil formas.

- Conta-lhe como uma mulher mentirosa,
 com falsas acusações, levou o crédulo Preto
 15 a apressar a morte de Belerofonte,
 casto demasiado.

- Narra como por pouco Peleu ao Tártaro não foi dado
 enquanto por pudor de Hipólita de Magnésia fugia;
 insidioso avisa-o com histórias,
 20 ensinando-o a prevaricar:

em vão! Pois, mais surdo do que os rochedos de Ícaro
 ouve suas palavras, ainda íntegro no coração. Mas tu,
 cuida para que Enipeu, teu vizinho,
 te não agrade mais do que é justo,

- 25 embora homem não se veja mais hábil ao guiar
o cavalo sobre o relvado do Campo de Marte,
nem ninguém que tão rápido nade
pelo rio etrusco abaixo.

- Mal chegue a noite, fecha a casa, e não olhes para baixo,
30 para as ruas, ao som de sua lamuriante tíbia;
e com ele, que tantas vezes dura te chama,
inflexível permanece.

- 1 *Astéria*: Nome grego, de ἀστήρ (*astêr*, “estrela”), sugerindo uma beleza sideral.
2 *Favónios*: Ventos do Oeste.
3 *Tínios*: Povo da Bitínia (cf. I. 35. 7, n.), região que desempenhava um papel importante no comércio do Mar Negro. Embora Bitínios e Tínios sejam a princípio distinguidos pelo próprio Heródoto (cf. I. 28), cedo passam a designar um mesmo povo.
5 *Gíges*: Personagem já presente em II. 5. 20 (cf. n.), aqui ressoa como o nome do rei lídio Gíges, cuja história, narrada em Heródoto (I. 8-12), se assemelha em alguns pormenores àquela aqui sugerida, nomeadamente na relação com a mulher do rei Candaules.
5 *Noto*: Vento do Sul.
5 *Órico*: Lugar costumeiro de passagem para quem viajava do Oriente para a Itália, Órico (hodiernamente Erikho) é um porto na costa do Epiro.
6 *Insanas estrelas*: A Cabra é a estrela mais brilhante da constelação do Auriga; depois do seu surgir, a meio de Setembro, a navegação era interrompida. O plural, “estrelas”, refere-se, segundo Porfírio, às outras estrelas vizinhas da constelação dos Cabritos, que acompanham de perto o seu nascimento. O adjetivo, “insanas”, refere-se à loucura metafórica das tempestades que surgem nesta altura do ano.
10 *Cloe*: Para o nome, cf. I. 23. 1 (n.).
14 *Preto*: Preto era o rei de Tirinto. Junto dele procurou refúgio Belerofonte, depois do homicídio involuntário de Belero (segundo algumas versões). Contudo, a mulher de Preto, Estenebeia, enamorada pelo seu hóspede, tentou seduzi-lo sem grande resultado: o herói recusou-se sempre, por respeito ao anfitrião. Como vingança, Estenebeia levantou-lhe falsas acusa-

ções, que fizeram com que o rei de Tirinto ordenasse a morte de Belerofonte, o que não chegou a suceder. Para interpretar o epíteto “casto demais”, é preciso ter em conta que, apesar do discurso indirecto, é a perspectiva do mensageiro que prevalece: este ameaça veladamente Giges, se este recusar as investidas amorosas de Cloe, a sua anfitriã, e por isso aduz ainda o mito de Peleu.

- 17 *Peleu*: Num dos episódios da vida de Peleu, este achou-se refugiado na corte de Acasto, rei da Magnésia. Tal como no mito da estrofe anterior, a mulher de Acasto, Hipólita, enamorou-se do jovem. Como Peleu recusasse qualquer tipo de relação, a rainha, despeitada, difamou-o dizendo que este a tentara violar. Acasto, procurando vingar-se, levou-o ao monte Pélion para uma caçada, acabando por o abandonar lá, escondendo a espada de Peleu enquanto este dormia. Quando acordou, viu-se rodeado dos terríveis Centauros; se não fosse Quíron, o mais amigável dos centauros, que o salvou da situação, não poderia ter chegado a conceber Aquiles, e teria sido enviado para o Tártaro (o inferno da mitologia grega).
- 21 *Rochedos de Ícaro*: Referência aos rochedos banhados pelo mar de Ícaro (cf. I. 1. 16, n.).
- 23 *Enipeu*: Nome dado a partir do rio Enipeu, na Tessália. Era costume dar a personagens fictícias nomes de rios (cf. Nisbet e Rudd, *ad. loc.*).
- 26 *Campo de Marte*: Cf. I. 8. 4 (n.).
- 28 *Rio Etrusco*: O Tibre, pois nasce na Etrúria.
- 30 *Tíbia*: Para a tíbia, cf. I. 1. 33-34 (n.).

VIII

Que faço eu, um solteiro, nas calendas de Março,
 o que significam as flores, a caixa cheia de incenso,
 e o carvão pousado sobre o verde tufo,
 tudo isso perguntas admirado,

5 tu, um perito nos diálogos das duas línguas?
 É que a Líbero um magnífico banquete prometera,
 e um bode branco, quando o golpe daquela árvore
 quase me trouxe o funeral.

Este festivo dia, sempre que passe um ano,
 10 saltar fará a rolha selada com a resina do pinheiro
 de uma ânfora ensinada a beber o fumo
 no consulado de Tulo.

Bebe, Mecenas, cíatos cem, pelo teu ileso amigo
 e as candeias, mantém-nas acordadas
 15 até ao romper do dia: que longe esteja
 todo o clamor e a ira.

Deixa, como cidadão, de te afligir com a Urbe:
 caiu o exército de Cotisão, o Daco,
 os Medos, encarniçados, com lutuosas armas
 20 lutam entre si,

o Cântabro, velho inimigo da costa hispânica,
 é nosso escravo, tarde pelas correntes dominado;
 e já os Citas, despertando seus arcos, das planícies
 planeiam retirar-se.

- 25 O que quer que angustie o povo romano, não te preocupes,
poupa-te, cidadão privado, e não te atormentes demasiado:
colhe, feliz, os dons da hora presente,
e deixa as coisas sérias!

- 1 *Que faço eu...*: No primeiro dia de Março (calendas de Março), celebravam-se os *Matronalia*, ocasião em que as matronas romanas subiam ao monte Esquilino, em direcção ao templo de Juno Lucina, a deusa que assiste aos partos. Mecenas, o destinatário desta composição, admira-se com o facto de neste preciso dia encontrar o seu amigo Horácio a preparar um sacrifício; os *Matronalia* são reservados a mulheres, como ele bem sabe, pois na sua qualidade de erudito, versado em latim e em grego (*as duas línguas*), Mecenas conhece os pormenores etiológicos do povo romano, e as particularidades de cada dia festivo. Horácio desfaz de seguida o equívoco: não são os *Matronalia* que ele celebra, mas sim o facto de se ter salvado da queda de uma árvore na sua propriedade sabina (cf. II. 13).
- 2 *Caixa cheia de incenso*: A chamada acerra, caixa ou cofre onde se guarda o incenso usado para os sacrifícios. Para uma outra descrição de um sacrifício improvisado, ver I. 19 (estrofe final).
- 6 *Líbero*: É a este deus (Líbero é outro nome para Baco) que Horácio consagra um bode, pois é este o deus da poesia e do vinho. Como os bodes destruíam amiúde as videiras, acreditava-se que o sacrifício de um destes animais agradaria a Dioniso.
- 11 *Beber o fumo*: Os Romanos acreditavam que o vinho ganhava qualidade quando guardado na despensa do telhado (*apotheca*), onde era exposto ao fumo.
- 12 *Tulo*: L. Volcarius Tullus, cônsul em 33 a.C., segundo Nisbet e Rudd, e não o seu homónimo, cônsul em 66 a.C. Os Romanos etiquetavam os seus vinhos com o nome do cônsul em cujo ano o vinho fora produzido.
- 13 *Cíatos*: Para este vaso usado para servir vinho, cf. I. 29. 8 (n.).
- 17 *Deixa, como cidadão*: Em Março de 28 a.C., data provável para este ode, dadas as diversas referências a campanhas de Augusto, já Mecenas tinha sido libertado da sua função de *Curator Urbis*: na ausência de Augusto, Mecenas foi administrador de Roma. É tempo pois, segundo Horácio, de aproveitar o momento presente, na qualidade de cidadão privado, libertado das exigentes tarefas que a viagem do *princeps* lhe impôs.

- 18 *Cotisão, o Daco*: Comandante daco, provavelmente derrotado por M. Crasso (cf. I. 35. 9, n.).
- 19-20 *Os Medos, encarniçados...*: Referência à revolta de Tiridates contra Fraates IV (cf. I. 26. 6, n.).
- 21 *Cântabro*: Cf. II. 6. 1 (n.)
- 23 *Citas*: Cf. I. 19. 10 (n.).

IX

Enquanto te agradava,
 nenhum outro jovem mais amado seus braços passava
 à volta de teu cândido pescoço,
 e floresci, mais ditoso do que o rei dos Persas.

5 “Enquanto por outra não ardeste,
 mais que por mim, nem Lídia estava depois de Cloe,
 eu, Lídia, grande glória tive
 e floresci, mais famosa do que a romana Ília.”

Sobre mim reina a trácia Cloe,
 10 versada em doces cadências, exímia na cítara;
 por ela não recearei morrer,
 se assim os fados pouparem minha amada.

“Incendeia-me, em mútua chama,
 Cálais, filho de Órnito de Túrio;
 15 por ele duas vezes aceitarei morrer,
 se assim os fados pouparem meu jovem.”

E se uma antiga Vénus volta,
 cingindo-nos com seu brônzeo jugo, a nós ora separados;
 se a loura Cloe é posta fora,
 20 e a porta se abre para a rejeitada Lídia?

“Embora ele seja mais belo
 que uma estrela, e tu mais leve que a cortiça,
 mais irascível que o raivoso Adriático,
 contigo adoraria viver, e de bom grado contigo morreria.”

- 8 *Romana Ília*: Cf. I. 2. 17 (n.).
- 14 *Cálais, filho de Órnito de Túrio*: O nome Cálais faz lembrar a personagem homónima que participou na Argonáutica (cf. Apolónio de Rodes, I. 213), o filho alado de Bóreas; diz-se que o seu nome deriva de καλός (*kalos*, “belo”). O nome Órnito sugere o som da passagem do vento, do verbo ὀρνυμι (*ornymi*, “agitar”), e é também citado na Argonáutica (I. 207). Túrio é uma cidade do Golfo de Tarento, perto de Síbaris (cf. I. 8. 3, n.).
- 17 *Antiga Vénus*: Isto é, um antigo amor.
- 18 *Brônzeo jugo*: Para o jugo como metáfora do amor, cf. I. 33. 11.

X

Mesmo se a água do longínquo Tánaís bebesses, Lice,
 esposa de um cruel marido, chorarias ainda assim,
 por me veres prostrado ante tua cruel porta,
 exposto aos Áquilos que aqui habitam.

- 5 Ouves como geme tua porta em resposta aos ventos,
 assim como o bosque no pátio plantado de tua bela casa,
 e como Júpiter no puro céu
 gela a neve que cai?

- Essa soberba, ingrata a Vénus, deixa-a
 10 ou a corda acompanhará a solta roldana.
 Não concebeu teu pai tirreno uma Penélope
 inacessível aos pretendentes.

- Oh, e embora nem as prendas, nem as preces,
 nem a palidez de violeta tingida de teus amantes,
 15 nem o amor de teu marido por uma meretriz da Piéria
 te façam vacilar, poupa os teus suplicantes.

- Tu não és nem mais mole do que o duro carvalho,
 nem no coração mais terna do que as mauras serpentes.
 Este meu corpo não sofrerá para sempre
 20 tua soleira nem a água dos céus.

1 *Tánaís*: Actualmente o rio Don (nasce em Moscovo e desagua no mar de Azov). Na antiguidade delimitava o espaço geográfico da Europa, confi-

nando com o território dos Citas, provavelmente a nacionalidade desse “cruel marido”. O argumento simplificado é o seguinte: mesmo se fosses uma mulher bárbara, ainda assim te deixarias comover comigo.

- 1 *Lice*: Nome grego, de λύκη (*Lyké*), forma feminina formada a partir de λύκος (*lykos*, “lobo”). O seu nome sugere crueldade.
- 3 *Tua cruel porta*: Para os poemas do “lamento da porta” (*paraklausithyron*), cf. I. 25. 2, n.
- 4 *Áquilos*: Ou “aquilões”; ventos do Norte.
- 10 *Ou a corda...*: A roldana, juntamente como uma corda, é usada para levantar pesos; se se larga a corda a roldana corre com ela. Metaforicamente, o poeta avisa Lice do seguinte: ela tem nas mãos o amor do poeta, simbolizado pela corda; se ela se descure e larga o roldana, os sentimentos do seu amante desaparecerão.
- 11 *Penélope*: A mulher de Ulisses, que durante anos afastou os pretendentes à sua mão, esperando o regresso do herói.
- 15 *Piéria*: Região da Macedónia. Nisbet e Rodd defendem que a referência a esta cidade sugere que o marido de Lice está de viagem, o que justifica a alusão a Penélope e aos pretendentes nos versos 11-12.
- 18 *Mauras Serpentes*: O norte de África era conhecido no mundo antigo pelas suas perigosas serpentes.

XI

Mercúrio — pois ensinado por ti
 o dócil Anfíon cantando moveu as pedras —
 e tu, tartaruga, perita em fazer ressoar
 as sete cordas,

- 5 tu que outrora nem loquaz nem graciosa eras,
 e que agora amiga és dos templos e das mesas dos ricos,
 faz soar ritmos aos quais Lide possa aplicar
 os seus obstinados ouvidos.

- Ela, qual jovem égua de três anos
 10 pelos vastos campos brinca, e teme ser tocada,
 desconhecendo o casamento, imatura ainda
 para os ímpetos do marido.

- Contigo podes levar bosques
 e tigres, e atrasas os céleres rios;
 15 e até aos teus encantos se rendeu
 o porteiro do medonho átrio,

- Cérbero, embora cem serpentes protejam
 sua cabeça semelhante a uma Fúria,
 e um repugnante hálito e podridão morem
 20 na sua boca de três línguas.

Até Ixíon e Tício de má vontade riram,
 e, enquanto com teu doce canto deleitavas
 as filhas de Dánao, por um instante ficou seca
 a urna que seguram.

25 Que ouça Lide destas virgens o crime
 e o castigo conhecido, a água que se escapa
 pelo fundo do pote vazio
 e os fados tardios

que, mesmo no Orco, esperam os culpados.
 30 Ímpias — pois que pior poderiam ter feito?
 ímpias foram capazes de matar seus esposos
 com o cruel ferro.

Apenas uma, de muitas, foi digna
 do facho nupcial, com brilho mentindo
 35 ao pai perjuro, virgem nobre
 para todo o sempre;

“Levanta-te”, disse ela ao jovem marido,
 “Levanta-te, ou um longo sono te será dado
 por quem tu menos temes; engana teu sogro
 40 e minhas criminosas irmãs,

que, como leoas procurando vitelos,
 aí!, um a um os vão dilacerando. Eu,
 mais branda que elas, não te hei-de ferir,
 nem te farei prisioneiro.

45 Sobre mim que meu pai faça pesar cruéis correntes,
 porque clemente poupei meu infortunado marido,
 e que a mim para os longínquos campos da Numídia
 num barco me expulse.

Vai, para onde te levarem teus pés e os ventos,
 50 enquanto a noite e Vénus te forem propícias,
 vai sob bom presságio, e no meu sepulcro
 grava um lamento em memória de nós».

- 2 *Anfíon*: Anfíon e Zeto, seu irmão, são filhos de Zeus e de Antíope. Enquanto Zeto se dedicava à luta e à agricultura, Anfíon dedicava-se à música, numa lira oferecida por Mercúrio. Os dois construíram as muralhas de Tebas, e em algumas versões do mito Anfíon atraía as pedras necessárias à sua construção apenas com o som de sua música (daí “cantando moveu as pedras”).
- 3 *Tartaruga*: Para a associação deste animal à lira, em que funciona como caixa de ressonância, cf. I. 21. 12 (n.).
- 7 *Lide*: Para o nome, cf. II. 11. 21 (n.).
- 13-24 *Contigo podes...*: Horácio refere atributos mais característicos de Orfeu (cf. I. 12. 7-12), do que propriamente de Mercúrio. O propósito é simples: chegar rapidamente ao Hades, onde a atenção do poeta se centra nas Danaides, o mote deste poema.
- 21 *Ixíon*: Por ter assassinado o seu sogro, Ixíon incorreu na ira divina. Zeus purificou-o sem sucesso: pouco depois o rei dos Lápitais tentou violentar Hera. Como castigo, foi amarrado, no Hades, a uma roda em chamas que eternamente girava. Para Tício e o seu tormento no inferno, cf. III. 4. 77 (n.).
- 23 *Filhas de Dánao*: Referência às Danaides, as cinquenta filhas de Dánao, que fugiram com o seu pai do Egito, ameaçadas pelos cinquenta sobrinhos de Dánao. Uma vez em Argos, os primos visitaram-nas para com elas se casarem, e assim colocarem um termo à discórdia da família. Nas bodas, porém, as Danaides, instruídas por seu pai, assassinaram todos os seus respectivos maridos, excepto Hipermnestra, que poupou Linceu. Este, porém, mais tarde, matou as Danaides e o seu pai, vingando os seus irmãos. No Hades eram obrigadas a recolher eternamente água com um recipiente (uma urna) furado, como castigo do seu terrível crime.
- 34 *Facho nupcial*: Himeneu, o deus do casamento, surgia sempre no dia das núpcias acompanhado por uma tocha.

XII

Infelizes aquelas jovens cuja sorte é não brincar ao amor,
nem as mágoas lavar com o doce vinho, ou quase morrer
com medo das chicotadas da língua do tio.

Afasta-te o alado filho de Citereia do teu cesto de lã, Neobule,
5 afasta-te o esplendor de Hebro de Lípara do tear e do teu gosto
pelos labores de Minerva,

assim que ele os ombros cobertos de azeite nas águas do Tibre lava,
cavaleiro melhor que o próprio Belerofonte, na agilidade invencível
de seus punhos e pés,

10 e igualmente hábil, quando se assusta a manada, em arremessar a lança
sobre o veado que pelo campo aberto foge, e rápido em surpreender
o javali que no denso matagal se esconde.

3 *Do tio*: Em Roma, o tio paterno, por ausência ou morte do pai, é a pessoa da família que mais activamente pode censurar os comportamentos das sobrinhas (cf. Horácio, *Sátiras* 2. 2. 97; 2. 3. 88), por questões de heranças e de património.

4 *O alado filho*: Cupido. Para Vénus Citereia, cf. I. 4. 5 (n.).

4 *Neobule*: Nome usado uma só vez por Horácio. O seu nome, do grego νέος (*neos*) e βουλή (*bulê*), sugere alguém que tomou uma “nova decisão”.

5 *Hebro de Lípara*: Horácio dá por vezes o nome de rios (Hebro é um rio da Trácia) às suas personagens, cf. III. 7. 23 (n.). Lípara é uma ilha da costa norte da Sicília (actualmente Lipari); a sua etimologia, λιπαρός (*liparos*), sugere algo reluzente de óleo, como o corpo de Hebro, oleado com azeite, prática comum entre os atletas antes de se lavarem.

- 6 *Minerva*: Deusa ligada aos labores femininos, nomeadamente à tecelagem. A divindade romana adoptou esta característica da correspondente grega Atena. É um tópico comum na literatura clássica o da mulher que, dominada por Eros, se distrai das suas ocupações costumeiras.

XIII

Ó fonte de Bandúsia, mais resplendente que o vidro,
 digna de doce vinho puro, e de flores:
 amanhã ser-te-á ofertado um cabrito,
 cuja testa, túrgida de cornos

5 recém-nascidos, se prepara para o amor e para a guerra,
 em vão: pois com seu rubro sangue tingirá
 tuas gélidas águas, este rebento
 de um lascivo rebanho.

A ti, não te pode atingir a atroz estação
 10 da ardente Canícula: tu aprazível frescura ofereces
 aos touros cansados do arado,
 e ao vagante gado.

Também tu te tornarás uma das celebradas fontes,
 pois eu canto a azinheira em cima plantada
 15 de tua rochosa gruta, de onde dimanam
 tuas murmurantes águas.

- 1 *Bandúsia*: A localização desta fonte tem sido largamente disputada; segundo os comentadores antigos, ficaria na Sabina, provavelmente perto da propriedade de Horácio. Segundo outros, ficaria no território do actual San Gervasio, a 11 km de Venúsia. Também acerca do festival a que este poema faz referência há alguma controvérsia; comumente, os comentadores referem os *Fontanalia*, celebrados a 13 de Outubro, altura em que se lançavam coroas de flores às nascentes e fontes, fazendo-se igualmente sacrifícios de

sangue em honra de *Fons*. No entanto, principalmente pela referência à Canícula (que não coincide com a altura dos *Fontanalia*), Nisbet e Rudd inclinam-se para outra hipótese: os *Neptunalia*, festivais celebrados a 23 de Julho, originalmente relacionados com as nascentes, e não com o mar.

- 10 *Canícula*: A Canícula, que nasce a 18 Julho, marca a altura mais quente do ano.
- 13 *Uma das celebradas fontes*: Fontes famosas como por exemplo a Castália (cf. III. 4. 62) ou a Aretusa (na Sicília, homónima de uma Ninfa) ou Hipocrene (no monte Hélicon, consagrada às musas).

XIV

Até há pouco se disse, ó povo romano,
 que César o louro procurou ao preço da morte,
 mas ei-lo que vitorioso regressa, qual Hércules,
 da costa hispânica aos seus Penates.

- 5 Que avance a esposa orgulhosa deste incomparável
 marido, e que os justos deuses honre com sacrifícios,
 junto com a irmã de nosso preclaro guia,
 e, adornadas com as fitas das suplicantes,

com as mães das virgens e dos jovens recentemente salvos.

- 10 Vós, rapazes, e raparigas que já conhecem
 seu homem, absterde-vos de palavras
 de mau agouro.

Este dia para mim verdadeiramente festivo
 dos negros cuidados me há-de eximir:

- 15 não temerei nem a guerra civil nem a morte violenta
 sendo César senhor da Terra.

Vai, rapaz, e procura perfumes, e grinaldas,
 e um pote de vinho que se lembre da Guerra Marsa,
 se porventura algum jarro escapar conseguiu

- 20 ao errante Espártaco.

E diz à melodiosa Neera que se apresse em prender
 com um nó seus cabelos perfumados com mirra;
 mas se o seu odioso porteiro te causar tardança,
 vai-te embora:

- 25 o cabelo grisalho apazigua o ânimo
 ávido outrora de querelas e violentas rixas;
 no consulado de Planco, na calor de minha juventude,
 tal afronta não haveria de permitir.

- 1 *Até há pouco*: Desde 27 não voltava Augusto à urbe: em 26 liderou uma campanha contra os Cântabros (cf. II. 6. 1, n.), e pouco depois, em 25, caiu doente em Tarragona, para só regressar a Roma no Verão de 24 a.C.. No nosso poema, Horácio celebra o regresso de Augusto, de quem se receava pela vida (provavelmente corria o rumor de que ele tinha mesmo morrido), como podemos ler no segundo verso.
- 3 *Qual Hércules*: A comparação é a seguinte: tal como Hércules voltou da Hispânia (onde combateu o centauro Gérion) para a sua terra, a Grécia, assim também voltou Augusto da Hispânia para a sua terra, Roma. Na época de Horácio notou-se um esforço de identificar o *princeps* com este herói (cf. Vergílio, *Eneida* VI. 801 e s.), na sua qualidade de civilizador do mundo.
- 5 *A esposa*: Lúvia, casada com Augusto em 39, com quem viveu mais de cinquenta anos. A sua irmã é Octávia. Casou em c. de 54 a.C. com Marcelo, de quem enviuvou em 40. Casou posteriormente com Marco António para selar o pacto de Brundísio; em 32, porém, divorciou-se dele.
- 8 *Fitas das suplicantes*: A *uitta* era uma fita que cingia o cabelo das matronas romanas quando estas se dirigiam aos templos para pedir algo aos deuses, ou para agradecer, como é o caso.
- 10-11 *Raparigas que já conhecem seu homem*: Se o texto é correcto (há muitos manuscritos que atestam a lição seguida), as raparigas eram ainda noivas dos rapazes que partiram um ano antes de Augusto chegar, e que agora, quando o *princeps* chega, são já casadas — e é a essas que Horácio se dirige. Mas tal interpretação não é minimamente satisfatória, pelo contexto em que as palavras *pueri* e *puellae* costumam ocorrer neste autor, sugerindo rapazes e raparigas de tenra idade (cf., por exemplo, I. 21). Há quem leia *non* em vez de *iam*, e portanto traduza por “raparigas que não conhecem o homem”. Este é apenas um exemplo das dificuldades que por vezes a tradição manuscrita aduz.
- 18 *Guerra Marsa*: Referência à Guerra Social (91-87 a.C.), que opôs Roma aos seus aliados itálicos. O primeiro povo a insurgir-se contra o poderio romano foi de facto os Marsos, daí o nome dado por Horácio à guerra.

O principal comandante das tropas itálicas, Q. Pompédio Silão, era igualmente marso. Os itálicos, altamente organizados (com um senado, capital e moeda próprias), causaram aos Romanos dissabores semelhantes aos de Canas. Foram derrotados pelos Romanos com dificuldade, auxiliados pela Etrúria e por mercenários bárbaros.

- 20 *Espártaco*: O famoso gladiador que liderou a revolta dos escravos, a custo contida por Roma, entre 73 a 71 a.C.. As suas tropas, que chegaram a atingir os sessenta mil elementos (de diversas origens), foram derrotadas por Crasso em finais de 72, na Apúlia. No ano seguinte, Pompeio derrubou o último reduto do contingente de Espártaco. A terrível guerra deixou, porém, marcas no povo romano.
- 21 *Neera*: Do grego Νέαιρα (*Neaira*), provavelmente um nome composto a partir de νέος (*neos*, “novo”) sugerindo assim uma mulher jovem. É um nome comum de cortesã.
- 27 *Planco*: L. Munatius Plancus, cônsul em 42 e 41 (cf. I. 7. 17, n.), na altura da batalha de Filipos, em que Horácio participou (cf. II. 7. 2, n.).

XV

Mulher do pobre Íbico,
 põe de vez um fim à tua devassidão
 e aos teus escandalosos esforços:
 agora mais próxima de teu iminente funeral,

5 deixa de dançar entre as virgens
 e de espalhar o nevoeiro sobre a luz dessas estrelas.
 O que a Fóloe convém, Clóris,
 não é decente para ti: é mais correcto que tua filha

 dos jovens as casas tome de assalto,
 10 qual tíade excitada pelo bater do tímpano.
 É o amor de Noto que lasciva
 a leva a brincar como uma cabra-montês.

 A ti, velhota, fica-te bem
 a lâ cortada perto da nobre Lucéria: não as cítaras,
 15 nem a flor púrpura da rosa,
 nem os barris bebidos até à borra.

1 *Íbico*: O nome faz lembrar o poeta arcaico grego homónimo do séc. VI a.C., conhecido pelos seus comportamentos libertinos. “Pobre” sugere não só infelicidade como também pobreza material, motivada pelos gostos dispendiosos da mulher.

7 *Fóloe*: O seu nome deriva da montanha homónima perto de Élis e da Arcádia. Esta personagem surge igualmente em I. 33. 7.

- 7 *Clóris*: Para o nome, “A Pálida”, cf. II. 5. 18 (n.). Não é de desprezar o facto de Clóris ser também o nome da mãe de Nestor, o que sugere uma mulher já muito velha.
- 10 *Tíade*: Para este nome dado às Bacantes, cf. II. 19. 9 (n.). Para os tímpanos, associados ao culto de Dioniso, cf. I. 18. 13 (n.).
- 11 *Noto*: Do grego νόθος (*nothos*), “filho ilegítimo”.
- 14 *Lucéria*: Cidade da Apúlia, região celebrada pela qualidade de suas lãs.

XVI

Uma brônzea torre, sólidas portas de carvalho,
e a sinistra sentinela de cães de guarda
assaz teriam protegido a prisioneira Dánae
dos amantes nocturnos,

- 5 se de Acrísio Júpiter e Vénus não tivessem rido,
o aterrado carcereiro da reclusa virgem,
pois sabiam que um seguro caminho se abriria
ao deus em ouro transformado.

- 10 O ouro adora passar por entre os guardas
e deitar abaixo as pedras, mais poderoso
do que o golpe do trovão. Pelo lucro
se arruinou a casa do argivo áugure,

- esmagada pela desgraça; com ofertas,
arrombou o homem macedónio as portas das cidades
15 e seus reis rivais minou; as ofertas amarraram
cruéis capitães de navios.

- A fome por mais e a inquietude acompanham
a fortuna que cresce. Fiz bem em ter horror
de à vista de todos levantar a cabeça, Mecenas,
20 glória dos cavaleiros.

A quanto mais se negar o homem,
mais dos deuses receberá. Procuro nu as muralhas
dos que nada desejam, e anseio por deixar,
qual desertor, as fileiras dos ricos.

- 25 Daquilo que desprezei, sou mais glorioso senhor
do que se a fama tivesse de esconder nos celeiros
tudo o que o infatigável Apúlio lavra,
um pobre entre tantas riquezas.

- De pura água um ribeiro, de poucas jeiras um bosque,
30 e uma segura fé na minha colheita: tudo isso escapa
ao homem que sobre a fértil África o seu poder irradia —
na sorte sou mais feliz.

- E embora nem as abelhas da Calábria me tragam mel,
nem envelheça meu vinho nas ânforas dos Lestrígonas,
35 nem cresçam para mim espessos velos
nos pastos da Gália,

- de mim está longe a importuna pobreza,
e o que mais quisesse não te negarias a dar.
Retraindo o desejo faço melhor em esticar
40 o meu pequeno rendimento,

do que se unir o reino de Aliates aos campos
da Migdónia. Àqueles que muito pedem
muito falta. Está bem aquele a quem o deus
com frugal mão o suficiente doou.

- 3 *Dánae*: Acrísio, rei de Argos, tendo sabido por um oráculo que seria morto pelo filho de sua filha Dánae, aprisionou-a numa torre, fortemente vigiada. Zeus, porém, enamorado pela jovem (daí a referência a Vénus, no v. 5), desceu sobre a torre numa chuva de ouro (= “o deus transformado em ouro”), e possuiu Dánae, que deu à luz Perseu. Este último, cumprindo o oráculo, acabou mesmo por matar acidentalmente o seu avô Acrísio.
- 12 *Argivo áugure*: Subornada por Polinices, Erifile, esposa de Anfiarau, convenceu o seu marido a participar numa expedição contra Tebas, “os Sete contra Tebas”, algo a que ele se recusava, pois na sua qualidade de

adivinho sabia quais as funestas consequências da sua participação na guerra: a sua própria morte, a da sua esposa, Erifile, e a de seu filho, Alcméon.

- 14 *Homem macedónio*: Filipe II da Macedónia, pai de Alexandre o Magno. Algumas das suas conquistas foram atribuídas a subornos.
- 27 *Apúlio*: Habitante da Apúlia, terra natal de Horácio.
- 33 *Abelhas da Calábria*: Mais precisamente de Tarento (que antigamente pertencia à Calábria), terra famosa pelo seu mel e vinho (cf. II. 6. 14 e s.).
- 34 *Lestrígones*: Dizia-se que este povo referido na Odisseia (cf. X. 80 e s.) habitava na zona de Fórmias. Esta região, na costa sul do Lácio, era afamada pelo seu vinho, como podemos ler em I. 20. 11.
- 36 *Gália*: Referência à Gália Cisalpina, afamada pela qualidade de suas lãs.
- 41 *Aliates*: Rei da Lídia, pai de Cresos, era conhecido pela sua enorme fortuna.
- 42 *Migdónia*: A Frígia. O nome deriva de Mígdon, o nome do lendário rei da Frígia (cf. II. 12. 22, n.).

XVII

Élio, nobre descendente do vetusto Lamo
 (pois é dele — diz-se — o nome dos primeiros Lâmias:
 e toda a descendência de seus netos
 pelo registo dos fastos

5 a sua origem conhece neste antepassado,
 de quem se diz ter sido o primeiro rei
 das muralhas de Fórmias e de Líris,
 que banha a costa de Marica,

senhor de um vasto território), amanhã, uma tempestade
 10 pelo Euro lançada o bosque cobrirá de numerosas folhas,
 e a costa de inúteis algas,
 isto se a gralha não erra,

velha profetisa da chuva. Enquanto podes, ajunta lenha seca.
 Amanhã, com teus escravos libertos de tarefas,
 15 teu Génio reconfortarás com vinho puro
 e com um leitão de dois meses.

1 *Élio*: Muito provavelmente L. Aelius Lamia (cf. I. 26. 8, n.).

1 *Lamo*: Rei lendário dos Lestrígones, associados à terra natal dos Lâmias, Fórmias (cf. III. 16. 34, n.). Horácio sugere que o *cognomen* Lâmia conhece a sua origem neste lendário rei; o tom é, porém, irónico; os Lestrígones eram conhecidos por serem canibais.

4 *Fastos*: Calendário oficial onde se registavam os dias sagrados, os nomes dos cônsules e os triunfos. Factos mitológicos não eram aqui registados, esta é apenas uma nota de humor por parte de Horácio.

- 7-8 *Fórmias... Liris... Marica*: Fórmias fica a cerca de catorze quilômetros do estuário do rio Liris, que desagua no mar através dos pântanos de Minturnas. Aqui havia um templo e um bosque sagrado em honra da deusa Marica, que Vergílio (cf. *Eneida* VII. 47) diz ser a mãe do rei Latino e mulher de Fauno. Marica foi também identificada com Circe divinizada.
- 10 *Euro*: Vento que sopra de Este.
- 12 *Gralha*: O grito da gralha era, entre os antigos, considerado um prenúncio de chuva. Segundo a lenda, a gralha viveria nove gerações humanas (daí ser “velha profetisa”; cf. ainda IV. 13. 25).
- 15 *Gênio*: Os Romanos acreditavam que cada homem tinha o seu próprio Gênio, uma divindade semelhante ao *daimôn* (δαίμων) grego, que com ele nascia. Especialmente nos dias de aniversário (parece pois que Horácio celebra aqui o dia de anos de Lâmia, o chamado genetlífico), era oferecido a esta divindade um sacrifício, embora não de sangue, como sugerido no nosso texto. Considerando que o Gênio de cada um se confunde com o próprio sujeito, talvez o poeta esteja apenas a convidar o seu amigo a ter um bom repasto, com que gratifique o seu gênio pessoal.

XVIII

Fauno, amante de fugidias Ninfas,
 docemente avança pelos meus muros
 e ensolarados campos, e ao partir sê benévolo
 com as pequenas crias,

- 5 se todos os anos um tenro cabrito te sacrificio,
 se vinho em abundância não falta
 na ânfora companheira de Vénus,
 e se muitos incensos ardem no velho altar.

- Brinca no ervoso campo todo o gado,
 10 quando as Nonas de Dezembro para ti regressam;
 a povoação em festa nos pastos vaga
 junto com o ocioso boi,

- erra o lobo por entre audazes cordeiros,
 a floresta suas agrestes folhas para ti espalha,
 15 e o cavador alegra-se em bater três vezes
 com o pé na odiada terra.

1 *Fugidias Ninfas*: São proverbiais na mitologia as investidas de Fauno (neste caso assimilado ao deus arcádico Pã) sobre as Ninfas, procurando satisfazer o seu insaciável apetite sexual. As Ninfas procuravam sempre fugir-lhe, daí o epíteto “fugidias”.

10 *Nonas de Dezembro*: O poema celebra os *Faunalia* (segundo Nisbet e Rudd, embora não haja muito consenso acerca da festividade a que Horácio aqui alude), celebradas a 5 Dezembro, agradecendo a protecção outorgada por

Fauno aos rebanhos. Estas festas têm características semelhantes aos *Lupercalia* (celebrados a 15 de Fevereiro).

11 *Povoação*: Provavelmente Mandela (cf. II. 13. 4, n.).

15 *Cavador*: O cavador, que durante o ano inteiro trabalha a terra (daí ela ser odiada por ele), alegra-se agora em dançar neste dia festivo.

XIX

Os anos que distam entre Ínaco
e Codro, que pela pátria não receou morrer,
e a estirpe de Éaco, e as guerras travadas
junto da sagrada Ílion, tudo isso nos contas;

mas quanto ao preço com que compraremos
o jarro do vinho de Quios, sobre quem aquecerá
a água com o fogo, em que casa e a que horas
escaparei deste frio peligno, nem uma palavra.

Serve-nos vinho, rapaz, depressa!
10 Serve-nos, pela lua nova! Serve-nos, pela meia noite!
Serve-nos, pelo áugure Murena! Preparam-se
os copos com três ou nove cíatos, ao gosto de cada um.

Quanto ao vosso atordoadado poeta,
que as ímpares musas ama, três cíatos vezes três há-de pedir:
15 de tocar em mais de três
a Graça com suas desnudas irmãs nos proíbe,

por recluir as rixas.
Agrada-me ensandecer. Porque cessa o sopro
da tibia de Berecinto?
20 Porque penduradas na parede se calam a siringe e a lira?

Odeio mãos avaras!
Espalha as rosas! Que Lico ouça invejoso
este demente barulho,
e a nossa mal casada vizinha, esposa desse velho Lico.

25 A ti, de brilhante e espesso cabelo,
 a ti, Télefo, semelhante à pura Estrela da Tarde,
 te procura a tempestiva Rode;
 a mim me incendeia o lento amor de minha Glicera.

- 1 *Ínaco*: Para o rei, cf. II. 3. 21 (n.). Este rei determinava normalmente o princípio das cronologias. Sugere-se assim que o amigo de Horácio está preocupado em compor uma cronologia, em vez de se ocupar do banquete próximo, algo que o poeta critica.
- 2 *Codro*: O último rei dos Atenienses. Seguindo um oráculo de Delfos, sacrificou a própria vida para que o seu povo saísse vitorioso contra os Espartanos. A sua morte era igualmente uma baliza importante nas cronologias.
- 3 *Estirpe de Éaco*: Éaco (cf. II. 13. 22, n.), Peleu, Aquiles e Neoptólemo; os dois últimos participaram na guerra de Tróia (Ílion), de que se fala no verso seguinte.
- 6 *Vinho de Quios*: Vinho especialmente celebrado na antiguidade (cf. Plínio-o-Velho 14, 73).
- 7 *Água com o fogo*: Segundo ps.-Ácron, a água era aquecida para depois a misturar com o vinho.
- 8 *Peligno*: O proverbial frio dos país dos Pelignos, no vale de Corfíno, rodeado pelos Apeninos.
- 11 *Águre Murena*: O poema celebra a nomeação de um certo Murena a águre. Ou se trata do mesmo Licínio Murena de II. 10 (cf. II. 10. 1, n.), ou do seu irmão, A. Terentius Varro Murena, cônsul em 23 a.C., substituído pouco depois. Nisbet e Rudd defendem esta última hipótese.
- 16 *Graça*: As três Graças (as gregas Cárites), Eufrosina, Talia e Aglaia, acompanham normalmente Dioniso nos banquetes, e aí desempenham um papel moderador.
- 19 *Tíbia de Berecinto*: A tíbia frígia descrita na nota a I. 18. 14.
- 20 *Síringe*: Para esta flauta de Pã, cf. I. 17. 10 (n.).
- 22 *Lico*: Horácio envereda agora pelo *topos* do vizinho rezingão, que inveja a felicidade e a alegria experimentada pelos jovens no banquete. Lico é um nome genuinamente grego, sugerindo um lobo (λύκος, *lykos*) solitário.
- 26 *Télefo*: Para o nome, “o que brilha ao longe” cf. I. 13. 2 (n.).
- 27 *Tempestiva Rode*: Diz-se que Rode é tempestiva (*vem a tempo*) pois tem a idade certa para Télefo. O nome Rode vem do grego ῥόδον (*rhodon*), “rosa”.
- 28 *Glicera*: Para o nome, cf. I. 19. 5 (n.).

XX

Não vês, Pirro, quão perigoso é perturbar
as crias de uma getúlica leoa?
Bem depressa de sangrentas lutas fugirás,
pusilânime raptor,

- 5 quando ela, uma multidão de jovens afastando,
reclamar vier o seu belo Nearco.
Grande duelo! Quem tomará
o maior saque, tu, ou ela?

- Entretanto, enquanto tuas ágeis flechas sacas,
10 e ela seus temíveis dentes afia,
diz-se que o árbitro deste combate
sobre a palma já pôs o seu pé nu,

- refrescando numa doce brisa o seu ombro
por onde os perfumados cabelos se espalham,
15 semelhante a Nireu, ou àquele que raptado foi
do Ida fértil em água.

- 1 *Pirro*: O masculino de Pirra (cf. I. 5. 2, n.); sugere alguém de cabelo avermelhado ou ruivo.
2 *Getúlica leoa*: Para a Getúlia, zona conhecida pelos seus leões, cf. I. 23. 9 (n.).
6 *Nearco*: Nome grego formado a partir de νέος (*neos*, “jovem”) e ἀρχός (*archos*, “chefe”).
11 *O árbitro deste combate*: Nearco é o árbitro porque a decisão final será sempre dele. Mas a sua indiferença por esta luta é bem visível; em vez de acompanhar com interesse a batalha que por ele travam Pirro e a mulher, entregando no fim a palma (símbolo da vitória) a quem conseguir eliminar o seu adversário, prefere pisá-la, como sinal do seu desdém por esta luta.

XXI

Ó comigo nascida no consulado de Mânlio,
 tragas tu queixas ou diversão,
 rixas ou loucos amores,
 ou ainda o sono fácil,

- 5 seja qual for o nome com que guardas o selecto Mássico,
 desce daí, ó amável ânfora, digna de ser servida
 num dia propício: é que Corvino manda trazer
 os vinhos mais suaves.

- Ele, apesar de embebido nos diálogos socráticos,
 10 não será tão sisudo que te despreze:
 até a virtude do velho Catão — assim se conta —
 amiúde se aquecia com o vinho puro.

- Tu por um momento doces tormentos trazes
 aos duros corações. Tu, com o alegre Lieu,
 15 as angústias dos sábios revelas
 e os seus secretos pensamentos.

- Tu devolves a esperança às almas ansiosas,
 e ao pobre dás força e coragem: depois de te provar,
 ele não treme perante as iradas coroas dos reis
 20 e as armas dos soldados.

A ti te fará durar Líbero, e Vénus, se feliz a nós se juntar,
 e as Graças, lentas em desatar seu nó,
 e as vivas candeias, até que Febo, voltando,
 em fuga ponha as estrelas.

- 1 *Mânlio*: L. Manlius Torquatus, cônsul em 65 a.C., o ano de nascimento de Horácio.
- 5 *Seja qual for o nome*: Estes versos, de difícil interpretação, estão imbuídos do estilo hínico, embora com um tom irónico, uma vez que o destinatário (o recipiente...) da ode é uma ânfora (*testa*). Nos hinos, era comum invocar-se o deus com o nome ou epíteto apropriado à situação, ou salvaguardar-se de não o ter feito correctamente, dizendo algo como “como quer que queiras ser chamado” (cf. *Cântico Secular*, v. 15-16). Neste caso, Horácio poderá estar a referir-se aos diversos nomes gregos compostos com que Dioniso, o deus do vinho, era conhecido (cerca de 98, segundo a *Antologia Palatina*, 9. 524), como o “O que Gera Brigas”, “O que Cura as Mágoas”, etc. Para o vinho mássico, cf. I. 1. 19 (n.).
- 6 *Desce daí*: A ânfora desce pois está guardada na despensa do sótão (cf. III. 8. 11, n.).
- 7 *Corvino*: M. Valerius Messalla Corvinus, nascido em 64 a.C., e por tal contemporâneo de Horácio, foi um homem muito influente quer na política quer na literatura. Combateu em Filipos em 42 a.C., pelos republicanos, mas mais tarde passou para o lado de Octaviano, por quem participou na batalha de Áccio. Em virtude de ter obtido a simpatia do *princeps* logrou uma carreira política invejável; foi cônsul em 31 a.C., foi áugure em 30, celebrou em 27 um triunfo sobre os Aquitanos, e foi, embora por pouco tempo, *praefectus urbi* (magistratura que outorgava ao prefeito o poder de manter a ordem na cidade) no ano de 26 a.C. No domínio da literatura, distinguiu-se pela sua exímia eloquência e pelas suas elegias; nenhuma obra completa dele nos chegou. A par de Mecenas foi dos maiores patronos da literatura augustana, e ao seu círculo literário pertenciam nomes como Tibulo.
- 11 *Catão*: Cf. II. 15. 11 (n.).
- 14 *Lieu*: Deus do vinho. O seu nome, de λύω (*lyô*, “libertar”) significa “aquele que desprende, que solta”, simbolizando o poder libertador do vinho, presente também no nome Líbero (de *liber*, “livre”).
- 22 *Graças*: Cf. I. 4. 6 (n.). O “nó”, segundo a maioria dos comentadores, representa o laço indissolúvel que une as três Graças.
- 23 *Febo*: Febo, “O Brilhante”, epíteto de Apolo aqui identificado com o Sol; ou seja, o banquete há-de durar até ao raiar do sol.

XXII

- Virgem guardiã dos montes e dos bosques,
 tu que ouves, três vezes chamada, as raparigas
 em trabalho de parto, e as arrancas à morte,
 ó deusa de três formas,
 5 que teu seja o pinheiro que se eleva sobre minha vila,
 e que eu feliz te ofereça, completado cada ano,
 o sangue de um leitão que por agora pratica
 suas oblíquas arremetidas.

- 4 *Deusa de três formas:* Esta pequena ode é um hino à deusa Diana. Entre as suas várias virtudes o poeta salienta a sua protecção sobre os bosques e sobre os partos, papel que partilha com Juno Lucina (cf. III. 8. 1-5, n.). O epíteto “triforme” alude ao poder que a deusa exerce sobre o Céu (pois Diana é identificada com a Lua), na Terra (onde se chama Diana), e no Hades (onde é identificada com Hécate).
- 5 *Vila:* Cf. II. 3. 18 (n.).

XXIII

Se para o céu voltares a palma de tuas mãos,
 rústica Fídile, quando nasce a lua,
 e se aos Lares ofereceres incenso,
 o grão deste ano e uma ávida porca,

5 nem a fértil videira sentirá o nocivo Áfrico,
 nem a colheita a estéril ferrugem,
 nem as tenras crias a estação funesta
 em que o ano dá seus frutos.

E porque a destinada vítima, que ora pasta
 10 no nivoso Álgido entre carvalhos e azinheiras,
 ou nos albanos prados cresce,
 com seu pescoço há-de tingir

os machados dos pontífices, a ti não te compete
 com o muito sangue de ovelhas de dois anos
 15 tentar esses pequenos deuses, coroando suas imagens
 com o rosmaninho ou com o frágil mirto.

E se uma mão vazia tocou no altar,
 que aplaque os ofendidos Penates com o sagrado trigo
 e o crepitante sal: pois mais amável não será
 20 por trazer sumptuosa vítima.

2 *Fídile*: Do grego φείδομαι (*pheidomai*, “poupar”); o nome sugere uma mulher poupada e parcimoniosa.

- 3 *Lares*: Deuses protectores da casa.
- 5 *Nocivo Áfrico*: O vento Áfrico ou siroco, que sopra do Norte de África (sudeste), era considerado mau quer para a vegetação, quer para os animais, daí o seu epíteto *pestilens*, “pestífero, que traz a peste, nocivo”.
- 6 *Ferrugem*: Ferrugem ou míldio é o nome dado à doença causada por fungos, que atacam diversas plantas, tornando-as ao princípio da cor da ferrugem.
- 7 *Estação funesta*: O Outono, particularmente nocivo pelos ventos que arrasta consigo, que traziam doenças, entre as quais a então desconhecida malária (transmitida pelos mosquitos). Cf. igualmente II.14.15.
- 10 *Álgido*: Montanha no Lácio (cf. I. 21. 7, n.). “Albano” refere-se a uma zona montanhosa a sudoeste de Roma.
- 15 *Pequenos deuses*: Diz-se porque as imagens dos deuses Lares, que protegiam a casa, eram literalmente pequenas.

XXIV

Embora mais rico
do que os Árabes e seus tesouros, do que a Índia
e suas riquezas, com formigão cubras
todo o Mar Tirreno e o Apúlio,

5 se é verdade que a cruel Necessidade
seus adamantinos cravos finca nos mais altos telhados,
então do medo não libertarás
teu coração, nem dos laços da morte a tua cabeça.

Os Citas das estepes, que por tradição
10 nas carroças transportam suas errantes casas,
vivem melhor, e os austeros Getas,
que livres frutos e cereais cultivam

por hectares sem fronteiras,
nem lhes agrada cultura mais longa que um ano:
um outro igual na sorte
15 a quem terminou sua labuta dará descanso.

Lá, a madrasta gentil
poupa os enteados, órfãos de mãe,
e a mulher segura do dote
20 não tiraniza o marido, nem se entrega ao meloso amante.

O seu maior dote é a virtude paterna,
e o firme compromisso da castidade
com que receia outro homem.
Pecar é sacrilégio, o seu preço é a morte.

25 Oh, quem quer que deseje pôr um fim
 nestas ímpias chacinas e nesta loucura civil,
 se procura que na base de suas estátuas
 gravado seja “Pai das Cidades”,
 que ouse refrear a indómita devassidão,
 30 celebrado para a posteridade: pois, oh, o sacrilégio!,
 invejosos a Virtude odiamos
 enquanto vive, afastada de nós a procuramos.

De que valem tristes lamentos
 se a culpa pelo castigo não é ceifada?
 35 Que podem fazer vãs as leis
 sem costumes, se nada pára o mercador,

nem o calor ardente
 que parte do mundo cerca, nem as terras confins ao Bóreas,
 nem as neves geladas sobre o solo
 40 e se experimentados marinheiros

os horrendos mares vencem,
 e se a pobreza, considerada a suprema vergonha, ordena
 que tudo se faça e sofra,
 o trilho da árdua Virtude abandonando?

45 Ao Capitólio,
 onde clamam os aplausos e favores do vulgo,
 ao mar mais próximo
 lancemos as gemas, as pérolas, o inútil ouro,

matéria do mal supremo,
 50 se de facto de nossos crimes nos arrependemos.
 Urge erradicar os princípios
 do depravado desejo, e as almas demasiado brandas

é preciso formar com estudos mais severos.
 O inábil rapaz nascido livre,
 55 não sabe manter-se firme no cavalo,
 teme caçar — conhece melhor o jogo do troco grego,

se a isso o convidares,
 ou, se preferires, os dados proibidos pelas leis,
 pois já o pai, dando sua falsa palavra,
 60 enrolava o irmão, o sócio, os hóspedes,

apressando-se em amontoar dinheiro
 para um imerecido herdeiro. Sim, desonestas
 crescem suas riquezas;
 mas sempre qualquer coisa mais lhe há-de faltar.

- 5 *Necessidade*: Para a fixidez da Necessidade, metaforizada nos seus cravos e pregos, cf. I. 35. 18-20 (n.).
- 9 *Citas*: Para este povo, cf. I. 19. 10 (n.).
- 11 *Getas*: Povo que habitava entre o Danúbio e o Borístenes, vizinho dos Dacos.
- 28 *“Pai das Cidades”*: O texto alude discretamente a Augusto, cujo título *Pater Vrbiūm* (Pai das Cidades) parece aqui um equivalente ao título de *Pater Patriae* (Pai da Pátria), nesta altura ainda não usado oficialmente pelo imperador (foi-lhe oficialmente atribuído somente em 2 a.C.). As reformas sociais, especialmente as leis de 18 a.C., são aqui visadas: a *lex Iulia de maritandis ordinibus*, que obrigava ao casamento a partir de certa idade, aplicando sanções a quem não fosse casado e dando benefícios a famílias numerosas (como estratégia para combater as perdas de população das sucessivas guerras do século I a.C.) e a *lex Iulia de adulteriis coercendis*, que pretendia conter a crescente promiscuidade e desrespeito pelos laços do matrimónio que se faziam notar nesta época; embora tais leis ainda não tivessem sido promulgadas quando esta ode foi composta, a verdade é que já se “preparavam” (daí o conjuntivo *audeat*, “que ouse”, no v. 28).
- 38 *Bóreas*: Vento do Norte.
- 50 *Crimes*: O crime da guerra civil de que também fala o v. 26 (cf. I. 2).
- 56 *Troco*: Jogo grego (τροχός), que consistia em fazer rolar um aro de metal com uma vara de ferro.

XXV

Para onde me roubas, Baco, a mim pleno de ti?
 Para que bosques ou cavernas veloz me leva
 este novo estado de alma?
 Em que grutas me ouvirão ensaiar o cântico

5 da eterna glória do egrégio César,
 nas estrelas colocado e no concílio de Júpiter?
 Algo novo e insigne cantarei,
 algo nunca antes dito. Assim como no alto das montanhas

sem dormir a Évia atónita contempla
 10 o Hebro, e a Trácia com neve brilhando,
 e Ródope por bárbaro pé trilhada,
 assim também a mim, errante,

me apraz mirar as margens
 e os bosques solitários. Ó senhor das Náíades,
 15 e das Bacantes, que nas mãos
 têm a força de vergar os mais altos freixos,

nada de pequeno ou de baixo estilo,
 nada de mortal direi. É um doce perigo,
 ó Leneu, seguir o deus
 20 que a testa cinge com o ramo verde da videira.

9 *Évia*: O mesmo que “Bacante”, de Εὐβοί, “Evoé”, o grito das Bacantes.

10 *Hebro*: Hodiernamente o rio Maritza, um dos grandes rios da Trácia. Mitologicamente, tornou-se conhecido por ter sido nas suas margens que as Ménades esquartejaram o corpo de Orfeu.

- 11 *Ródope*: Grande cordilheira situada no norte da Trácia (hoje: Despoto-Dagh). A expressão “bárbaro pé” refere-se ainda às Bacantes, e não aos Trácios em geral.
- 14 *Náiades*: Ninfas do elemento líquido, estão associadas, enquanto ninfas, ao cortejo báquico (cf. II. 19. 3), pois foram elas que criaram Dioniso no monte Nisa.
- 19 *Leneu*: Outro nome para Baco, a partir do grego Ἀἴναι (*Lênai*) de λήνος (*lênos*, “vaso de vinho”), que designa não o deus, mas as Bacantes. “Leneias” era também o nome dado ao festival dionisiaco celebrado no mês de Janeiro.

XXVI

Até agora no amor fui idóneo soldado,
 e campanha fiz não sem glória;
 agora, as armas e o bárbito,
 que terminou sua guerra, guardará esta parede

- 5 que o lado esquerdo de Vénus marinha protege.
 Aqui, colocai aqui as luminosas tochas,
 os pés-de-cabra e os machados
 que ameaçaram as portas fechadas.

- Ó deusa, senhora do bem-aventurado Chipre,
 10 e de Mênfis que não conhece a neve sitónia,
 ó rainha: levanta bem alto o teu chicote
 e fere uma vez só a arrogante Cloe.

- 1 *Idóneo soldado*: Este pequeno hino está impregnado, desde o princípio, do vocabulário da *militia amoris* (a campanha do amor), tópico da poesia elegíaca em que o poeta compara o amor a uma dura campanha militar. Com este tópico, Horácio combina o da *renuntiatio amoris* (renúncia ao amor), em que o poeta abandona o amor.
- 3 *Bárbito*: Para o instrumento, cf. I. 1. 33-34 (n.).
- 4 *Esta parede*: Era costume votar ao deus da profissão exercida (neste caso Vénus, pois a profissão do poeta é o amor) os objectos com que se desenvolve a actividade (neste caso o bárbito), pendurando-os no seu respectivo templo. Isto sucedia quando se abandonava a actividade, ou quando se tinha sobrevivido a alguma desgraça (cf. I. 5. 13-16).
- 5 *Lado esquerdo*: Segundo alguns comentadores, porque o lado esquerdo é protegido pelo escudo, que o bárbito simboliza na presente retórica amo-

rosa. Segundo Nisbet (discordando de Rudd), poderá aqui haver uma referência ao templo de *Mens*, construída paredes-meias com o templo de Vénus no Capitólio.

- 5-6 *Vénus marinha*: Diz-se que Vénus, segundo algumas versões do mito, nasceu da espuma do mar.
- 7 *Aqui, colocai aqui*: Sugerem-se aqui as incursões nocturnas do poeta à casa da sua amada, procurando arrombar a porta.
- 10 *Mênfis*: Cidade do Egipto, perto da Cairo, onde Afrodite tinha um templo. O local, proverbialmente conhecido pelo seu calor, contrasta com a neve da Trácia (= Sitónia).

XXVII

Os ímpios, que os conduza o presságio de uma coruja
 repetindo seu grito, uma grávida cadela, ou uma fulva loba,
 correndo pelos campos lanuvinos abaixo,
 e uma cheia raposa,

5 e que logo uma serpente lhes interrompa o caminho,
 com seu rastejar oblíquo de flecha,
 aterrorizando os póneis. Eu, providente áuspice
 daquela por quem temo,

antes que a ave profetisa das iminentes chuvas
 10 para os estagnados pântanos volte,
 com uma prece despertarei o áugure corvo
 voltado para o sol nascente.

Por mim, sê feliz onde desejes,
 e de nós lembra-te sempre, Galateia:
 15 que nem um pica-pau vindo da esquerda
 nem uma errante gralha te impeçam de partir.

Mas vê com quanto tumulto se agita
 o inclinado Oríon! Conheço bem como se comporta
 o sòmbrío golfo do Adriático, e quais as faltas
 20 do alvo Iápix.

Que sejam as mulheres e filhos de nossos inimigos
 a sentir os ocultos movimentos do Austro que se levanta,
 e o rugido do negro mar, e as margens tremendo
 vergastadas pelas ondas.

25 Assim também confiou Europa seu níveo corpo
 ao doloso touro, e destemida empalideceu
 perante um mar fervilhando de monstros, e perigos
 que com ela se cruzavam.

Ainda há pouco nos prados colhia flores,
 30 esmerada artesã de grinaldas às Ninfas votadas,
 e agora na bruxuleante noite mais já não via
 do que ondas e estrelas.

Ela, assim que à poderosa Creta chegou
 das cem cidades, disse: “Oh! A filha
 35 abandonou o nome paterno: o respeito
 foi vencido pela loucura!

De onde, e para onde vim? Uma só morte
 é leve para a culpa das virgens. Bem desperta choro
 um hediondo crime? Ou ainda pura e inocente,
 40 comigo brinca ilusória imagem,

que fugindo pela porta de marfim
 ora conduz meu sonho? Foi melhor
 percorrer longínquos pélagos, ou colher
 frescas flores?

45 Se alguém me entregar esse infame novilho,
 esforçar-me-ei na minha ira por dilacerá-lo
 com uma espada, e por desfazer os cornos
 desse monstro amado ainda agora.

Impudente, abandonei os pátrios Penates.
 50 Impudente, faço esperar o Orco. Oh, se algum
 dos deuses me ouve, peço-te, tomara
 que nua erre por entre os leões!

Antes que a horrenda secura tome conta
 de minha bela face, e escorra o suco
 55 desta tenra presa, quero, formosa,
 ser pasto de tigres!

“Vil Europa”, urge meu pai, lá longe,
 “porque tardas em morrer? Podes quebrar teu pescoço,
 enforcando-te neste freixo com a cinta
 60 que felizmente te seguiu,

ou, se te agradam os penhascos e os rochedos,
 mortalmente afiados, vai, confia-te a uma veloz
 tempestade! Ou preferes tu, de sangue real,
 fiar até à morte a lâ de teu dono,

65 ser sua concubina, e escrava de sua bárbara esposa?”
 Junto de quem assim se queixava
 estava Vénus, perfidamente rindo, e seu filho
 com o arco desapertado.

Depois, quando já o suficiente se tinha divertido, disse:
 70 “Deixarás de parte a ira e qualquer ferosa resistência,
 quando o odiado touro te vier dar os cornos
 para que tu os desfaças.

Não sabes, mas és já mulher do invencível Júpiter.
 Deixa os soluços, aprende a suportar
 75 o teu grandioso destino: parte do mundo
 terá teu nome.”

1 *De uma coruja*: Não se sabe ao certo que ave é a *parra*; trata-se provavelmente da coruja. O poema inicia-se dando vários exemplos de maus presságios, que deverão conduzir o caminho dos que não respeitam os deuses (*ímpios*). Para os Romanos, além da observação das aves, do seu voo e do seu canto, os chamados *pedestria auspicia* (os *auspícios pedestres*) eram também fulcrais para a arte da divinação. Estes incluíam a observação de raposas, lobos, serpentes, cavalos e alguns outros animais quadrúpedes.

3 *Campos lanuvinos*: Lanúvio é uma localidade situada numa colina a cerca de 32 km de Roma. Por ela passava quem quer que viajasse na Via Ápia para Brundísio (Brindisi), destino de quem quisesse seguir para a Grécia.

- 7 *Póneis*: Os Romanos usavam póneis fortes e velozes (originários da Gália) para puxarem as suas carruagens.
- 9 *Ave profetisa*: A gralha (cf. III. 17. 12, com n.).
- 11 *Águre corvo*: Festo (197M = 214L) apresenta-nos a seguinte distinção entre dois tipos de aves: “as aves *oscines* são aquelas que fornecem auspícios por meio do canto, como o corvo, a gralha e a coruja, e são aves *alites* aquelas que oferecem auspícios por meio do seu voo, como o busardo, o xofrango, a águia, o pigargo e o abutre”.
- 14 *Galateia*: A personagem, provavelmente fictícia, sugere o nome de uma das Nereides, ninfas dos mares. Propércio (I. 8. 17 e s.) usara já o nome Galateia num outro *propemptikon* (para este género de composição, cf. I. 3. 6, n.), pedindo a esta Ninfa a sua protecção numa viagem. “Galateia” vem do grego γαλά (*gala*, “leite”), sugerindo assim a alvura e pureza de uma mulher.
- 18 *Inclinado Oríon*: A constelação de Oríon começa a declinar no início de Novembro, altura em que tinham início as grandes tempestades.
- 20 *Alvo Íapix*: Diz-se que é “alvo” porque sopra as nuvens e deixa o céu claro. O Íapix é o vento que sopra de Nordeste, vindo da Iapígia (cf. I. 3. 4, n.). O Austro é o vento do Sul.
- 25 *Europa*: O poema toma a partir deste verso um outro sentido, narrando o mito de Europa, filha de Agenor e de Telefaassa. Zeus, enamorado desta princesa, transformou-se num touro de rara beleza e veio para junto de Europa. Ela, maravilhada por tamanha beleza, aproxima-se do touro e, temerariamente, sobe para o dorso do animal. Mal Zeus sente a donzela em cima de suas costas, levanta voo, e atravessa os mares em direcção a Creta, onde consuma o seu amor. Neste poema, Europa lamenta a sua sorte e a sua impudência por se ter deixado levar por este “doloso touro”.
- 41 *Porta de marfim*: Os sonhos falsos vinham de uma porta de marfim, os verdadeiros de uma porta de chifre (cf. *Odisseia* XIX. 564).
- 59 *A cinta*: A cinta é normalmente tida como um símbolo da virgindade.
- 68 *Com o arco desapertado*: Porque acabara de lançar sua flecha amorosa.

XXVIII

Que melhor poderia fazer
 neste festivo dia de Neptuno? Rápido, Lide,
 traz o escondido Cécubo,
 e deita abaixo a fortaleza dessa tua sabedoria.

5 Vês como o sol, passado o meio-dia,
 se inclina, e ainda assim, como se quieto estivesse
 o vólucro dia, poupas-te preguiçosa
 a trazer da despensa a ânfora do cônsul Bíbulo?

Eu, por minha vez, cantarei
 10 Neptuno e os verdes cabelos das Nereides;
 tu em resposta com a curva lira
 Latona celebrarás e os dardos da ágil Cíntia

e, na última canção, aquela que reina
 em Cnido e nas fulgentes Cíclades, e que Pafo
 15 visita no seu carro de cisnes;
 por fim será a noite com merecida nénia cantada.

2 *Festivo dia de Neptuno*: Provavelmente os *Neptunalia*, celebrados a 23 de Julho. Neptuno recebeu novas honras no tempo de Augusto, pois foi associado às vitórias navais de Augusto sobre António (cf. Vergílio, *Eneida* VIII. 699).

2 *Lide*: Para o nome, cf. II. 11. 21 (n.).

3 *Cécubo*: Para este famoso vinho do Lácio, cf. I. 20. 9-11 (n.).

8 *Cônsul Bíbulo*: M. Calpurnius Bibulus, cônsul com César em 59 a.C.; era um hábito romano datar os vinhos de acordo com o coevo cônsul. A citação

deste nome parece ser apenas um trocadilho, pois *bibulus* em latim, tal como em português, quer dizer “aquele que gosta de beber bem”.

- 10 *Nereides*: Filhas de Nereu, as Nereides são ninfas marinhas que fazem parte do cortejo de Neptuno. Diz-se que têm cabelos verdes porque estes tomam a cor do mar.
- 12 *Cíntia*: Para o epíteto, que aqui diz respeito a Diana, cf. I. 21. 2 (n.).
- 13 *Aquela que*: Vénus. Para Cnido e Pafo, cf. I. 30. 1 (n.); para as Cíclades, cf. I. 14. 20 (n.).
- 16 *Nénia*: A *nénia* é uma canção fúnebre de despedida ou de tristeza, talvez aqui uma canção de despedida à noite.

XXIX

Tirreno descendente de reis, por ti,
 num jarro ainda não vertido, doce vinho
 com rosas em flor, Mecenas,
 e um óleo perfumado para teus cabelos

- 5 há muito em minha casa te esperam. Não te demores:
 não contemples para sempre o húmido Tíbur,
 e os inclinados campos de Éfula,
 e as montanhas do parricida Telégono.

- Abandona a fastidiosa riqueza,
 10 e o teu edifício vizinho das elevadas nuvens,
 deixa de admirar o fumo, as riquezas,
 o ruído da bem-aventurada Roma.

- É comum o gosto dos ricos pela mudança:
 uma simples e boa refeição no modesto lar de um pobre,
 15 sem tapeçarias nem púrpura,
 desenruga um semblante inquieto.

- Já o resplendente pai de Andrómeda mostra
 sua oculta chama, já Prócion se enfurece,
 e a estrela do delirante Leão,
 20 quando o sol secos dias de novo traz.

Já o pastor cansado procura com seu lânguido
 rebanho a sombra e um riacho; nos matagais
 do hirsuto Silvano e na silente margem
 já não sopram ventos errantes.

25 E tu inquietas-te com o regime que melhor convém
 à nossa cidade, e, aflito com a Urbe, os planos receias
 dos Seres, da Báctria, onde reinou Ciro,
 e do desavindo Tánais.

Prudente, o deus esconde em caliginosa noite
 30 o resultado do tempo futuro, e ri,
 se o mortal se inquieta mais
 do que permitido. Lembra-te de ordenar

com serenidade o teu presente: tudo o resto se arrasta
 como num rio, que ora em paz desliza
 35 pelo meio do seu leito até ao mar etrusco,
 ora revolve em tumulto

as rochas erodidas, os troncos arrancados, o gado,
 as casas, ressoando seu clamor nos montes
 e nas vizinhas florestas,
 40 assim que o iracundo dilúvio

as quietas águas enfurece. Será dono de si
 e viverá feliz aquele que pode, no final de cada dia,
 dizer: “Vivi. Amanhã, que o Pai cubra
 o céu com negras nuvens,

45 ou com os puros raios do sol; contudo,
 aquilo que para trás já ficou não há-de anular,
 nem alterar ou desfazer
 aquilo que fugidia já trouxe a hora.

A Fortuna, feliz no seu cruel negócio,
 50 insistindo em jogar seu arrogante jogo,
 suas incertas honras transfere
 ora para mim, ora favorável para outro.

Louvo-a enquanto permanece; se céleres
 bate suas asas, resigno-me ao que ela me deu,
 55 cubro-me com minha virtude, e procuro
 sem dote uma honesta pobreza.

Se numa tempestade africana o mastro geme,
 não sou pessoa que recorra a miseráveis preces,
 fazendo promessas e pactos
 60 para que as mercadorias cipriotas ou tírias
 as riquezas do ávido mar não aumentem:
 se assim acontecer, ajudado por um bote de dois remos,
 o gémeo Pólux e uma brisa me hão-de levar
 incólume pela tormenta do mar Egeu.

- 4 *Óleo perfumado*: O latim faz referência ao *balanus*, trata-se provavelmente da semente da árvore moringa, espremido para fazer óleo ou bálsamos (em português “bem”, do árabe *bān*).
- 7 *Éfula*: Pequena cidade a sul de Tíbur, terra vizinha de Roma.
- 8 *Parricida Telégono*: quando Telégono, filho de Ulisses e de Circe, chegou à idade adulta, quis conhecer o pai, dirigindo-se com esse propósito a Ítaca. Uma vez lá, começou por roubar uma parte do gado de Ulisses. O rei, naturalmente, quis lutar com o ladrão (que desconhecia ser seu filho), e acabou por morrer às mãos de Telégono. Segundo algumas tradições, terá sido este herói o fundador de Túsculo (actualmente Frascati), vila localizada a cerca de 24 km a sudoeste de Roma, numa região montanhosa.
- 10 *O teu edifício*: Temos notícia de que Mecenas possuía no jardim da sua casa no Esquilino uma enorme torre (cf. Suetónio, *Nero*, 38. 2), a célebre *turris Maecenatiana* donde se diz que Nero assistiu ao incêndio de Roma.
- 17 *Já o resplendente pai*: Esta estrofe descreve fenómenos astrológicos que acompanham o período mais intenso do Verão. O “pai de Andrómeda” é a constelação de Cefeu. Prócion é uma constelação situada sob os Gémeos, e em grego quer dizer “que vem antes do Cão (constelação)” (para uma descrição dos astros no mundo antigo, cf. Cícero, *Da Natureza dos Deuses*, 103-114). O período em que o sol entra em conjugação com a constelação do Leão (a 30 de Julho) corresponde ao período mais quente do ano (a Canícula).
- 25 *Com o regime*: Traduzimos *status*, tendo em conta que Mecenas, na altura, se esforçou por ver reforçados alguns dos estatutos do *princeps* (mormente legitimando o seu poder no *imperium proconsulare*, “poder proconsular” e

na *tribunicia potestas*, “poder tribunício”), havendo mesmo notícia de que Mecenas fez um discurso tecendo elogios ao governo monárquico (cf. Díon Cássio, 52. 14-40).

27 *Seres*: Cf. I. 12. 55 (n.).

27 *Báctria*: Região, *grosso modo*, do actual Afeganistão. Ciro, o famoso rei persa (cf. II. 2. 17, n.), conquistou a região da Báctria, e sua capital, Bactra. Estamos igualmente perante uma metonímia do império parto, hiperbolicamente dito “persa”.

28 *Desavindo Tánaís*: Para o rio, cf. III. 10. 1. Aqui designa os Citas (cf. I. 19. 10, n.), e o adjectivo *discors* sugere as constantes dissensões internas vividas por estes povos, particularmente os Medos.

60 *Mercadorias cíprias ou tírias*: Do Chipre vinha o cobre, e de Tiro vinham os tecidos de púrpura; ambos os produtos, especialmente o último, representam o fausto e a riqueza.

63 *Pólux*: Para Castor e Pólux, os Dióscoros, como protectores dos marinheiros, cf. I. 3. 2.

XXX

Erigi um monumento mais duradouro que o bronze,
 mais alto do que a régia construção das pirâmides
 que nem a voraz chuva, nem o impetuoso Áquilo
 nem a inumerável série dos anos,

- 5 nem a fuga do tempo poderão destruir.
 Nem tudo de mim morrerá, de mim grande parte
 escapará a Libitina: jovem para sempre crescerei
 no louvor dos vindouros, enquanto o pontífice

- com a tácita virgem subir ao Capitólio.
 10 Dir-se-á de mim, onde o violento Áufido brama,
 onde Dauno pobre em água sobre rústicos povos reinou,
 que de origem humilde me tornei poderoso,

- o primeiro a trazer o canto eólio aos metros itálicos.
 Assume o orgulho que o mérito conquistou
 15 e benévola cinge meus cabelos,
 Melpómene, com o délfico louro.

3 *Áquilo*: Vento do norte.

7 *Libitina*: Deusa romana que assistia às cerimónias funerárias.

9 *Capitólio*: O Capitólio é, para os Romanos, o símbolo da eternidade de Roma (cf. Vergílio, *Eneida* IX. 448 e s.): enquanto estiver de pé, Roma sobreviverá. A “Virgem” é a vestal que sobe ao Capitólio para orar pelo bem da cidade; está em silêncio devido à sua solene tarefa.

- 10 *Áufido*: O maior rio da Apúlia (actualmente o rio Ofanto), região onde Horácio nasceu. O poeta subtilmente vaticina que na sua terra será para sempre celebrado.
- 11 *Dauno*: O mítico fundador da Dáunia (cf. I. 22. 13, n.), mais uma referência à terra natal de Horácio. O rei é “pobre em água” devido à aridez e seca da região.
- 13 *O Primeiro*: Horácio foi de facto (exceptuando dois *carmina* de Catulo, escritos no metro sáfico, nomeadamente o 11 e o 51) o primeiro poeta latino a escrever sistematicamente nos metros da lírica grega eólia, representada por Safo e por Alceu.
- 16 *Melpómene*: Esta musa foi por Horácio associada à poesia lírica (cf. I. 24. 3), e não à tragédia, como é costume.

Livro IV

I

De novo moves, Vénus, guerras
há tanto interrompidas? Poupa-me, rogo-te, rogo-te.
Já não sou quem era, no reinado
da boa Cínara. Deixa, cruel mãe

5 dos doces Desejos,
de vergar com suaves ordens um homem empedernido
que já quase cinco décadas viveu.
Vai, para onde te reclamam as doces preces dos jovens.

Mais a tempo te irás divertir
10 para casa de Paulo Máximo,
nos teus purpúreos cisnes voando,
se inflamar procuras um coração que te convenha.

Ele é nobre e gracioso,
e de voz alta na angústia os réus defende;
10 jovem de cem artes,
as insígnias de tua milícia longe levará.

E depois de assaz se ter rido
ao triunfar sobre os sumptuosos presentes do rival,
perto dos lagos albanos
20 uma estátua de mármore colocará sob um telhado de cedro.

Aí, ao nariz te há-de chegar
o perfume de muitos incensos, deleitar-te-ás
com as melodias conjuntas da lira,
da tibia de Berecinto, e também da siringe.

25 Aí, duas vezes por dia,
 rapazes com gentis virgens, louvando tua divindade,
 três vezes no chão hão-de bater
 com o cândido pé, como é costume dos Sálíos.

 Quanto a mim, nem mulheres,
 30 nem rapazes, nem a crédula esperança num amor recíproco
 me agradam, nem as ébrias rixas,
 nem cingir a testa com frescas flores.

 Mas então porquê, ah, Ligurino,
 porque escorre por minha face rara lágrima?
 35 Porque, a meio de uma palavra,
 cai minha eloquente língua no indecoroso silêncio?

 Em nocturnos sonhos
 ora te tenho cativo, ora a ti voando te sigo
 através do campo de Marte,
 40 a ti, cruel, através das volúveis águas.

4 *Cínara*: Figura presente também nas Epístolas (I. 7. 28, I. 14. 33) e em IV. 13. 21, representa a mulher jovem e bela, provavelmente um primeiro amor de Horácio. Os comentadores associam-na à Glícera de I. 19 (especialmente tendo em conta a repetição de “cruel mãe dos desejos”, referindo-se a Vénus) e de I. 30 (a referência ao incenso do v. 3, comparado com os vv. 21-22 deste poema). O seu nome vem do grego κινάρα (*kinara*) espécie de peixe com sangue de cor púrpura.

7 *Cinco décadas*: O latim fala em dez lustros (cf. II. 4. 23, n.).

10 *Paulo Máximo*: Representante da mais alta aristocracia romana, Paulus Fabius Maximus foi cônsul em 11 a.C., e um dos homens de confiança de Augusto, tendo-se suicidado pouco depois da morte deste. Na altura em que Horácio escreve esta ode (provavelmente 15 a.C., se levarmos em linha de conta o verso 7), Paulo Máximo é ainda um jovem (talvez dos seus trinta anos) a quem Horácio augura uma promissora carreira. Pouco depois do momento em que esta ode foi escrita, casou-se com Márcia, parente de Augusto.

- 12 *Coração*: Em latim lê-se *iecur* (fígado); para os Romanos o fígado (o θυμός, *thymos* entre os Gregos), mais até do que o coração, era o centro anímico das paixões e dos desejos.
- 19 *Lagos albanos*: O plural é provavelmente hiperbólico; trata-se do Lago Albano, nos Montes Albanos, a cerca de 80 km de Roma; Paulo Máximo possuiria presumivelmente uma *uilla* nas imediações, daí a referência geográfica.
- 24 *Tíbia de Berecinto*: Para o instrumento, cf. I. 18. 14 (n.).
- 24 *Siringe*: Para o instrumento, cf. I. 17. 10 (n.).
- 28 *Sálíos*: Para as danças dos sacerdotes Sálíos, cf. I. 36. 12 (n.).
- 33 *Ligurino*: O facto de este nome ser bem romano, e não grego (cf. Lícidas em I. 4. 19, Giges em II. 5. 20, Nearco em III. 20. 6) parece ser um indicativo de que esta personagem não é imaginária. Ligurino surge de novo em IV. 10. Esta passagem imita o famoso poema de Safo: “Mas a minha língua quebra-se / e logo um amável fogo corre sobre minha pele (...) e o suor espalha-se por mim” (31, 9-10, 13, imitado também por Catulo, 51).
- 39 *Campo de Marte*: Para este local de exercícios militares, cf. I. 8. 4 (n.).

II

Quem com Píndaro se esforça por rivalizar,
 Julio, fia-se em asas com cera unidas
 pelo engenho de Dédalo, e o seu nome dará
 a um límpido mar.

- 5 Tal como da montanha dimana um rio, que as chuvas
 para além das conhecidas margens engrossam,
 assim fervilha o imenso Píndaro, e irrompe
 com sua profunda voz,

- ele, merecedor do louro de Apolo,
 10 quando novas palavras faz rolar
 nos seus audazes ditirambos
 em metros libertos de grilhões,

- ou quando os deuses canta, e os reis
 do sangue dos deuses que aos derrubados Centauros
 15 uma morte merecida deram, e que a chama
 da medonha Quimera fizeram cair,

- ou quando o pugilista canta ou o auriga
 a casa reconduzidos como seres celestes
 pela palma de Élide, dando-lhes um presente
 20 mais precioso do que cem estátuas,

ou quando chora o jovem raptado à sua flébil
 noiva, e às estrelas eleva a sua força,
 o seu ânimo, os seus áureos costumes,
 roubando-o ao Orco.

25 Ventos suaves levam o cisne de Dirce,
sempre que voa pelas altas nuvens fora.
Quanto a mim, António, à maneira
e à medida de uma abelha de Matino,

colhendo com o maior trabalho o deleitoso
30 tomilho, à volta da floresta e das margens
do húmido Tíbur, pequeno moldo
minhas laboriosas odes.

Tu, poeta de um mais forte plectro,
César cantarás, quando pela sacra encosta acima
35 os feros Sigambros arrastar,
enfeitado com o merecido louro.

Do que ele nada de maior ou melhor
à terra deram os fados e os benévolos deuses,
nem hão-de dar, ainda que os tempos voltem
40 à antiga idade de ouro.

Cantarás os dias felizes, e o jogos públicos
da Urbe, pelo suplicado regresso
do bravo Augusto, e o fórum
liberto de conflitos.

45 Então, se algo digo que mereça ser ouvido,
o melhor da minha voz juntar-se-á à multidão,
e cantarei: “Ó belo Sol! Ó louvável!”,
feliz por receber César.

E enquanto tu avanças, todos nós cidadãos
50 vezes sem conta cantaremos: “Viva! Triunfo!”,
“Viva! Triunfo!”, e incenso ofereceremos
aos benignos deuses.

Tu com dez touros e dez vacas cumprirás
tuas promessas, eu com um tenro vitelo,
55 que agora, abandonada a mãe, nos vastos campos
para meus votos cresce,

imitando na frente os recurvos raios
da lua no seu terceiro nascimento,
da cor da neve numa marca da testa,
60 de resto, castanho-claro.

- 1 *Píndaro*: Esta ode é escrita em honra de Píndaro (518-438 a.C.), o mais famoso dos poetas arcaicos gregos, influência central não só no estilo como na métrica de algumas odes de Horácio, como é o caso da presente. Neste poema Horácio celebra os principais géneros em que Píndaro se notabilizou: os ditirambos (em honra de Dioniso), os hinos, os trenos e os epinícios. Possuímos hoje em dia o conjunto completo dos seus epinícios, composições líricas corais em louvor do atleta vitorioso num grande jogo, reunidos em quatro livros, *Olimpicas, Píticas, Nemeias e Ístmicas*, consoante os jogos em questão (cf. *Ensaio sobre Píndaro* (ed. Frederico Lourenço), Lisboa, Coto-
via, 2006).
- 2 *Julo*: Trata-se de Iullus Antonius, filho de Marco António e de Fúlvia. Mais tarde Augusto casou-o com Marcela, filha de Octávia, sua irmã. Foi pretor em 13 a.C. e cônsul em 10 a.C. No ano 2 a.C., acusado de adultério com a filha de Augusto, Júlia, foi “convidado” ao suicídio. Parece ter sido um homem de letras; Ps.-Ácron (cf. *ad v.* 33) refere-se sumariamente a uma “Dio-
media” em doze livros.
- 3 *O seu nome dará*: Diz-se porque Ícaro, ao desrespeitar os conselhos de seu pai, Dédalo, caiu ao mar, dando-lhe o seu nome, “Mar de Ícaro” (cf. I. 1. 16, n.). Para o mito, cf. II. 20. 13-14 (n.). Quem quer que queira rivalizar (repare-se na expressão *aemulare*, “emular”, típica da teoria da literatura antiga) com Píndaro, “voa” alto demais e cairá a um mar, dando-lhe o seu nome.
- 10 *Novas palavras*: Segundo Aristóteles (*Poética* 22, 1459a), uma das características principais do género ditirâmico é precisamente o uso de neologismos.
- 12 *Metros libertos de grilhões*: O latim fala em ritmos “libertos de lei”, não propriamente a ausência de regras métricas, mas sim a liberdade e a variedade dos ritmos empregues por Píndaro em grande parte das suas odes.
- 14 *Centauros*: Para a guerra dos Centauros, cf. I. 18. 8 (n.).
- 16 *Quimera*: Para este monstro, cf. I. 27. 24 (n.).
- 17 *Pugilista... auriga*: Referência aos atletas celebrados por Píndaro nas suas composições.
- 19 *Palma de Élide*: Palma ganha por uma vitória nos Jogos de Olímpia, na Élide.

- 21 *Quando chora*: Referência aos trenos de Píndaro (espécie de canto fúnebre), outro género em que o poeta se celebrizou.
- 25 *O cisne de Dirce*: Dirce é uma fonte de Tebas, pátria de Píndaro. Diz-se que ele é “o cisne” de Tebas porque esta ave, mais do que nenhuma outra, está associada a Apolo e às musas.
- 28 *Matino*: Promontório na Apúlia, terra natal de Horácio. A metáfora do poeta como uma abelha, sendo o néctar que colhe a poesia, é uma ideia comum na antiguidade.
- 31 *Tíbur*: Para a região, cf. I. 7 (cf. ainda v. 20 deste poema, com n.).
- 35 *Feros Sigambros*: Povo germânico. Aliando-se aos Usípetes e aos Tencteros, em 16. a.C. atacou a Gália, causando uma grave derrota a M. Lólio (cf. IV. 9. 33, n.). Augusto vem então em socorro do exército romano, e os povos germânicos fogem para a sua terra natal. No entanto, o *princeps* permanece por três anos na Gália, onde assegura a protecção das fronteiras e das instituições romanas. O seu regresso triunfal deu-se em 13 a.C..
- 40 *Antiga idade do ouro*: Referência ao mito da idade de ouro. Segundo Hesíodo (cf. *Trabalhos e Dias*, 109-201), existiram quatro idades do homem: a primeira era a do ouro, uma geração perfeita de homens, onde os campos não precisavam de ser arados; a partir daí, as gerações dos homens principiaram a degenerar, e assim, sucessivamente, o homem passou da idade de ouro para a de prata, da de prata para a de bronze, e da de bronze para a de ferro, onde teve que começar a usar os instrumentos de ferro, e, em particular, o arado. Entre a idade de bronze e a de ferro terá existido uma outra idade: a idade dos heróis, a geração dos grandes heróis troianos, aqueus e tebanos. O encómio de Horácio é o seguinte: mesmo se vivesse na idade de ouro, nenhuma dádiva poderia igualar-se à presença do *princeps*.
- 58 *Terceiro nascimento*: É na terceira noite de lua-nova que o crescente brilha o suficiente para fazer lembrar os cornos de um animal.

III

Aquele que tu, Melpómene, uma só vez
 à nascença com benévolo olhar contemplado tiveres,
 esse, nenhuma esforçada luta em Istmo
 o tornará famoso pugilista, nem nenhum infatigável cavalo

5 num carro aqueu o conduzirá à vitória,
 nem nenhum feito bélico o fará exhibir-se
 no Capitólio, general enfeitado
 com as folhas de Delos, por ter deitado por terra

 as arrogantes ameaças dos reis.
 10 Contudo, as águas que o fértil Tíbur banham
 e as cerradas copas dos bosques
 no canto eólio célebre o farão.

A juventude de Roma, primeira
 das cidades, digna-se colocar-me
 15 entre o amado coro dos poetas,
 e já menos me morde o dente da inveja.

Ó musa de Píero,
 tu que os doces sons da áurea lira moldas,
 tu que, se quisesses,
 20 a voz do cisne até aos mudos peixes darias:

tudo isto é dádiva tua,
 que os que passem por mim com o dedo apontem
 para o bardo da lira romana. É obra tua
 que eu inspirado agrade o mundo, se de facto agrado.

- 1 *Melpómene*: Musa em Horácio associada à poesia lírica, e não à tragédia, como é costumeiro (cf. I. 24. 3; III. 30. 16).
- 3 *Istmo*: Particularmente o Istmo de Corinto, onde de dois em dois anos se celebravam jogos em honra de Posídon.
- 8 *As folhas de Delos*: As folhas de Delos, ou seja, o louro, consagrado a Apolo e símbolo da vitória e da excelência.
- 10 *Tíbur*: Para a região, cf. I. 7.
- 12 *Canto eólio*: Referência a Safo e Alceu, cf. III. 30. 13-14 (com n.) e II. 13. 24 (n.).
- 16 *O dente da inveja*: Para o poeta superior à inveja, cf. ainda II. 20. 4.
- 17 *Píero*: Monte da Piéria, zona consagrada às musas (cf. III. 4. 38, n.).
- 18 *Lira*: Para o instrumento, cf. I. 32. 13 (n.).

IV

Tal como o alado ministro do raio,
 a quem Júpiter, rei dos deuses, tendo testado
 sua fidelidade no louro Ganimedes,
 o reino das vagantes aves confiou,

5 (um dia, ignorando as futuras provações,
 a juventude e um vigor inato empurraram a águia do ninho:
 dissipadas as nuvens, os ventos vernantes
 ensinaram-lhe assombrada

insólitos e enérgicos movimentos, e logo
 10 um vivo ímpeto a fez hostil cair sobre as ovelhas
 e agora até sobre as encarniçadas serpentes se lança,
 amante de banquetes e de lutas)

ou tal como o leão recentemente arrancado ao fértil leite
 da fulva mãe, avistado nos férteis campos
 15 por uma cabra fadada a morrer
 nos seus dentes ainda novos,

assim pareceu Druso aos Vindélicos, combatendo
 no sopé dos Alpes Réticos (desisti de procurar saber
 a origem do imemorial costume deste povo
 20 de armar a mão direita

com o machado das Amazonas;
 nem tudo podemos enfim saber). Mas as suas hordas,
 há tanto tempo ao longe e ao largo vitoriosas,
 vencidas pelas tácticas deste jovem,

25 sentiram o quanto pode a mente e o carácter,
 alimentados dentro de uma casa
 amada pelos deuses, e a paternal devoção
 de Augusto pelos Neros.

Dos bons e dos bravos nascem os bravos:
 30 têm os novilhos e os cavalos a coragem dos pais,
 e as ferozes águias não dão à luz
 uma pacífica pomba.

Contudo, o estudo aumenta a força inata,
 e o culto do que é correcto fortalece o espírito;
 35 sempre que não se observam os costumes,
 a culpa desgraça até os bem-nascidos.

Roma, o quanto deves aos Neros,
 testemunham-no o rio Metauro, o vencido Asdrúbal,
 e aquele belo dia em que do Lácio
 40 as trevas fugiram,

o primeiro a sorrir de alma glória,
 desde que o cruel Africano pelas cidades itálicas
 cavalgou, como uma chama pelos pinheiros
 ou como o Euro pelas águas sicilianas.

45 Desde então cresceu a romana juventude
 em bem-sucedidos esforços,
 e pelo ímpio tumulto dos Púnicos devastados
 os templos têm agora seus deuses de pé.

No fim de tudo, disse o pérfido Aníbal: “Como veados,
 50 presa de vorazes lobos, por nossa vontade
 perseguimos homens de quem um grande triunfo
 já seria fugir ao enganá-los.

Essa raça que, mesmo depois de arder Ílion
 e de pelos mares etruscos ter sido arrastada,
 55 às cidades ausónias trouxe corajosa os seus cultos,
 os filhos e os velhos pais,

tal como a azinheira podada pelos duros machados duplos
 no Álgido onde as folhas fazem cerrada sombra,
 da perda, da desgraça,
 do próprio ferro tira força e ânimo.

Não foi mais persistente a Hidra que renasceu
 a cada golpe de Hércules, infeliz por ser vencido,
 nem maior monstro fizeram brotar
 os Colcos ou a Tebas de Equión.

- 65 Afunda essa raça no mar alto: emergirá mais bela.
 Luta com ela: com grande glória deitará por terra
 o até então intocável vencedor, e travará
 batalhas que as esposas narrarão.

- Já não mais a Cartago enviarei
 70 jactantes mensageiros: morreu, morreu
 toda a fortuna de nosso nome, toda a esperança,
 no dia em que Asdrúbal mataram.”

- Não há nada que as mãos dos Cláudios não alcancem,
 Júpiter defende-os com divina benevolência,
 75 levam-nos sábios conselhos
 por entre os perigos da guerra.

- 1 *Alado ministro do raio*: A águia, fornecedora dos raios de Zeus. Esta ode inicia-se com dois longos símiles, ao gosto de Píndaro, comparando a jovem águia ou o jovem leão com o jovem Druso (cf. nota ao v. 17).
 3 *Ganimedes*: Segundo algumas versões do mito, Júpiter encarregou a sua ave preferida, a águia, de raptar Ganimedes (sobre o copeiro dos deuses, cf. III. 20. 15, n.).
 17 *Druso... Vindélicos*: Segundo Suetónio (na breve *Vida de Horácio*), foi o próprio Augusto quem encomendou a Horácio uma ode comemorativa da vitória no Verão de 15 a.C. dos seus enteados, Nero Claudius Drusus e Tiberius Claudius Nero sobre os Vindélicos, povo que habitava no norte dos

Alpes. Ambos eram filhos de Lívía, mulher de Augusto, e do seu primeiro marido, Tiberius Claudius Nero.

- 18 *Desisti de procurar saber...*: Tendo em conta que o Livro IV foi publicado muitos anos depois dos primeiros três, Horácio logra neste poema um estilo bastante distinto de grande parte das suas outras odes. Os parênteses e a recusa em falar mais, ao gosto de Píndaro, e a discussão etiológica, ao gosto de Calímaco, não são nada comuns no estilo horaciano, de tal forma que alguns comentadores decidiram considerar espúrios estes versos.
- 21 *Amazonas*: Porfírio diz-nos que os Vindélicos vieram da Trácia expulsos pelas Amazonas, e conservaram algumas das armas usadas pelas mulheres guerreiras, em especial o machado.
- 28 *Neros*: Não nos esqueçamos dos nomes dos enteados de Augusto: Tibério Cláudio Nero e Druso Cláudio Nero. Mas abaixo (v. 74), Horácio refere-se-lhes igualmente como os Cláudios. Quanto à expressão “devoção paternal”, é de facto verdade que o *princeps* tomou a seu cargo a educação e a protecção dos jovens Tibério e Druso.
- 33-35 *Estudo ... cultura ... costumes*: No latim lemos os termos *doctrina*, *cultus*, *mores*, impregnados da cultura e da ideologia romanas. *Doctrina* é a instrução intelectual e moral, e não um simples treino que leva a um determinado objectivo; *cultus* é o conjunto de cuidados, hábitos e costumes que, de um ponto de vista social e religioso, são tidos como correctos; finalmente, *mores* são os costumes propriamente ditos, palavra de tão grande importância no contexto romano (*moral* seria uma boa tradução, embora a sua etimologia já não esteja praticamente presente no nosso “consciente linguístico”).
- 38 *Metauro*: A ode foca agora a sua atenção num outro ilustre Nero: Gaio Cláudio Nero teve de facto, pois era cônsul na altura, uma importância decisiva na vitória dos Romanos sobre o contingente cartaginês de Asdrúbal. A batalha deu-se em 206 a.C., na Úmbria, junto ao rio Metauro; Asdrúbal procurava unir o seu exército ao de Aníbal, que se encontrava no centro de Itália, sendo no entanto derrotado e morto nessa batalha decisiva da Segunda Guerra Púnica.
- 41 *Alma glória*: O termo *adorea* tem um eco muito interessante em latim, que se perde totalmente na tradução. De facto, *adorea* começa por significar uma recompensa de *adoreum far* (trigo candial) dada aos soldados romanos depois de uma vitória, para só depois passar a ter o significado presente de “glória militar, excelência guerreira”
- 42 *Cruel Africano*: Aníbal.
- 44 *Euro*: Vento que sopra de Este.
- 48 *Os deuses de pé*: Isto é, as estátuas dos deuses.

- 55 *Cidades ausónias*: Por metonímia, cidades itálicas.
- 58 *Álgido*: Monte no Lácio (cf. I. 21. 7-8, n.).
- 61 *Hidra*: O segundo trabalho de Hércules consistiu em matar a Hidra de Lerna, animal monstruoso de sete cabeças, renascendo sempre que cortadas. Hércules acabou por matá-la com a ajuda de Iolau, e usou o seu sangue para envenenar suas flechas.
- 64 *Colcos*: Os habitantes da Cólquida, terra de magia e feitiçarias, cujo rebento mais célebre foi Medeia.
- 64 *Tebas de Equíon*: Cadmo, o mítico fundador de Tebas, depois de matar um dragão, semeou os seus dentes num terreno perto de Tebas, de onde nasceram cinco guerreiros, entre eles Equíon, que mais tarde desposaria a filha de Cadmo, Agave.
- 69 *Já não mais...*: Depois da vitória de Canas (cf. I. 12. 37, n.), Aníbal enviou um mensageiro a Cartago para fazer o relato da vitória, sublinhando as gravíssimas perdas dos Romanos.

V

Filho dos bons deuses, insigne protector
do povo de Rómulo, já por demais te ausentas:
prometeste ao sacro concílio dos Pais
um rápido regresso — pois regressa.

- 5 Devolve a luz, bom comandante, à tua pátria.
Pois logo que teu rosto de Primavera
para o povo reluz, o dia mais alegre passa,
os raios do sol melhor brilham.

- 10 Tal como a mãe o olhar não desvia da recurva costa
e com votos e augúrios e preces
por seu jovem filho chama
que o invejoso sopro de Noto

- nos confins do mar Cárpatos atrasa,
afastando-o por mais de um ano do lar amado,
15 assim a pátria fiel, ferida de saudade,
César procura.

- Passeia o boi em segurança pelos pastos,
Ceres e a alma Prosperidade alimentam os campos,
os marinheiros vagam pelo pacato mar,
20 a Lealdade não admite ser posta em causa,

nenhuma desonra polui o casto lar,
o costume e a lei domaram o sujo vício,
as mães são louvadas pela semelhança de seus filhos,
o castigo segue de perto a culpa.

- 25 Quem receará o Parto, quem o assustado Cita,
quem os filhos que a horrída Germânia deu à luz
estando César a salvo? Quem se inquietará
com a guerra da feroz Ibéria?

- Cada homem passa nas suas colinas o dia inteiro
30 casando a videira com as árvores despidas,
e daí regressa ledado ao seu vinho, convidando-te
como um deus para a segunda mesa,

- e honra-te com muitas preces, vertendo o vinho
das páteras, e louva em conjunto a tua divindade
35 e a dos seus Lares, tal como a Grécia se lembra
de Castor e do grande Hércules.

- “Oh, possas tu, bom comandante, dar à Hespéria
longos dias de festa!”, dizemos sóbrios de manhã,
quando o dia começa, dizemos ébrios à noite,
40 quando o sol no Oceano imerge.

- 1 *Filho dos bons deuses*: Esta ode é dedicada a Augusto, que se encontrava ausente provavelmente na campanha contra os Sigambros de que nos fala IV. 2 (cf. v. 35, com n.).
- 3 *Concílio dos Pais*: Expressão que designa com solenidade o senado romano.
- 13 *Mar Cárpato*: Para o perigo que este mar representa, e a sua localização, cf. I. 35. 7 (com n.).
- 12 *Noto*: Vento do Sul.
- 20 *Lealdade*: A *Fides*, cf. I. 24. 6 (n.).
- 22 *O costume e a lei*: Há nestes versos referências indirectas à *lex Iulia de adulteriis coercendis* (parte da legislação moral de Augusto, cf. III. 24. 25-29, com n.), já promulgada quando esta ode foi publicada.
- 25 *Parto*: Em 20 a.C. o rei Fraates da Pártia devolveu a Roma as insígnias perdidas por Crasso (cf. I. 2. 22, n.), o que resultou numa vitória diplomática celebrada e engrandecida pelo regime augustano, e particularmente por Horácio (cf. especialmente *Cântico Secular*, 53-56).

- 25 *Cita*: Para o povo I. 19. 10 (n.).
- 26 *Hórrida Germânia*: Referência à campanha que Augusto lidera, à data desta composição, contra alguns povos germanos (cf. IV. 2. 35, n.), que nesta altura deveria estar perto de um desfecho vitorioso para o exército romano (em 13 a.C. Augusto regressa triunfalmente a Roma).
- 28 *Feroz Ibéria*: Provavelmente uma alusão às campanhas de Augusto contra a Cantábria (cf. II. 6. 1, n.), e uma revolta dos Cântabros em 19 a.C., silenciada pelo próprio *princeps*.
- 30 *Árvores despidas*: O olmo é a árvore normalmente usada entre os Romanos para suportar a videira; depois das colheitas o olmo ficava despido da videira (cf. II. 15. 4, n.).
- 32 *Para a segunda mesa*: Depois do primeiro serviço eram feitas libações, para as quais se convidavam os deuses Penates, os deuses do lar entre os Romanos.
- 34 *Páteras*: Taça grande usada pelos Romanos nas libações aos deuses.
- 36 *Castor ... Hércules*: Segundo uma tradição evemerista (cf. III. 3. 9-16, n.), mas também por vezes defendida pelos estóicos, Hércules foi um grande homem que se notabilizou pelos seus feitos, e foi consequentemente divinizado, tal como Castor e seu irmão Pólux.
- 37 *Hespéria*: A Itália (cf. I. 28. 26, n.).

VI

Deus, cujo poder a prole de Níobe sentiu
 quando suas arrogantes palavras castigaste,
 e o raptor Tício, e Aquiles de Ftia
 que quase tomou a alta Tróia,

- 5 (o maior de todos os guerreiros, inferior porém a ti,
 embora filho da marinha Tétis na sua ânsia guerreira
 as torres dos Dárdanos tenha feito tremer
 com sua terrível lança,

- ele, como pinheiro cortado pelo afiado ferro
 10 ou como cipreste pelo Euro derrubado,
 enorme caiu, e o seu pescoço pousou
 sobre o pó dos Teucros.

- Ele não se esconderia dentro de um cavalo,
 fingida oferta a Minerva, ludibriando os Troianos
 15 desgraçadamente festivos, e a corte de Príamo
 que alegre dançava,

- mas antes, cruel com os prisioneiros, ah!, o sacrilégio, ah!,
 aos olhos de todos nas aqueias chamas queimaria
 os meninos ainda não falantes, mesmo aquele
 20 escondido no ventre materno,

isto se o Pai dos deuses não tivesse sido vencido
 pelas palavras tuas e da doce Vénus,
 dando aos destinos de Eneias muralhas erigidas
 sob um melhor auspício),

25 Febo, tu que a lira ensinas à melodiosa Talia,
 tu que lavas teus cabelos no rio Xanto,
 defende a glória da dáunia Camena,
 ó imberbe Agiieu —

deu-me Febo a inspiração, deu-me Febo
 30 a arte do canto e o nome de poeta.
 Primeiras entre as virgens, rapazes nascidos
 de ilustres pais,

protegidos pela deusa de Delos,
 que com seu arco fugidios lince e veados caça,
 35 conservai o ritmo lésbio e a pulsação
 do meu polegar,

cantando, segundo o rito, o filho de Latona
 segundo o rito, a Luz da Noite com sua crescente chama
 a deusa que as colheitas faz crescer, e que rápida
 40 faz rolar os céleres meses.

Já casada dirás: “eu, no século
 que de novo trouxe os luminosos dias de festa,
 um cântico reproduzi querido aos deuses,
 ensinada pelos ritmos do vate Horácio.”

1 *Deus*: Apolo. Tal como o *Cântico Secular*, composição provavelmente coeva a esta, este poema em estilo hínico é dedicado a dois deuses particularmente queridos pela ideologia augustana: Apolo e Diana.

1 *Prole de Níobe*: Níobe, filha de Tântalo, mãe de numerosos filhos (cf. *Ilíada*, XXIV. 599 e s.), teve a audácia de um dia dizer (*arrogantes palavras*) que era superior à deusa Leto, pois esta era apenas mãe de dois filhos. Como castigo, Apolo e Ártemis (Diana) mataram a sua descendência, e ela foi transformada num rochedo, de que eternamente brotavam suas lágrimas.

2 *Tício*: Para o Gigante, cf. II. 14. 7 (n.). Para o seu suplício nos infernos, cf. III. 4. 77.

- 3 *Aquiles de Ftia*: Aquiles nasceu na Ftia, no território da Tessália. Foi morto de facto por Páris, orientado pela mão de Apolo, o deus responsável, segundo a *Iliada*, pela sua morte (cf. os terríveis presságios de XXI. 276 e s.; XXII. 358 e s., últimas palavras de Heitor a Aquiles). Esta “digressão” (5-24, sublinhada no nosso texto pelos parênteses) sobre Aquiles é de gosto marcadamente pindárico. A identificação de Apolo como protector de Tróia é não inocentemente sublinhada pelos poetas romanos do tempo de Augusto, tendo em conta a filiação épica de Roma.
- 10 *Euro*: Vento que sopra de Este.
- 12 *Teucros*: Sinónimo de “troiano”.
- 22 *Vénus*: Também esta deusa é associada à protecção de Tróia e, consequentemente, de Roma.
- 25 *Talia*: Uma das musas, normalmente associada à comédia; Horácio não atribui funções determinadas a nenhuma das musas. Depois de apresentar a face mais “bélica” de Apolo, o poeta celebra agora Apolo μουσηγέτης (*musêgetês*, “condutor de musas”). Não nos esqueçamos de que no templo de Apolo Palatino, à frente do qual foi cantado o *Cântico Secular*, existia uma estátua de Apolo κιθαριδός (*keitharôdos*, “que canta acompanhado pela cítara”).
- 26 *Rio Xanto*: Rio da Lícia, região referida igualmente em III. 4. 62 (cf. n.).
- 27 *Dáunia Camena*: O adjectivo *daunius* refere-se à Dáunia (cf. I. 22. 13, n.), mas por metonímia também ao território romano. É igualmente uma forma subtil de Horácio referir a sua terra natal, a Apúlia. Para as musas romanas, as Camenas, cf. I. 12. 39 (n.).
- 28 *Agiieu*: Epíteto grego (Ἀγυιεύς), formado a partir de ἀγυιαί (*agyiiai*, “ruas”), denominando o deus como “o protector das ruas”, isto é, das populações urbanas.
- 33 *Deusa de Delos*: Diana, nascida em Delos (cf. nota ao v. 1).
- 35 *Ritmo lésbio*: Não esqueçamos que este poema está escrito em estrofes sáficas, que toma o seu nome a partir da poetisa Safo, que nasceu em Lesbos.
- 36 *Meu polegar*: A pulsação (traduzimos *ictum*, golpe, pancada) é dada pelo próprio poeta. Porfírio defende que o poeta exorta o coro a conservar o tempo dado por sua lira (que tange com o polegar). E. Romano defende que Horácio exorta as raparigas e os rapazes a conservarem o tempo estabelecido no início pelo poeta (no meio musical utiliza-se a expressão “manter a pulsação”). Outra interpretação possível é considerar que o poeta se autodesigna χοροδιδάσκαλος (*chorodidaskalos*, “chefe do coro”), e que bate e mostra o tempo ao coro com o polegar, usando para tal um instrumento de percussão.
- 37 *Filho de Latona*: Apolo.

- 38 *Luz da Noite*: Traduzimos o epíteto arcaico “Noctiluca”: que significa “aquela que ilumina a noite”, isto é, a Lua (Diana).
- 44 *Vate*: “Vate” tem em latim e em português um eco que “poeta” não tem; designa aquele que como um pontífice entre os mortais e os deuses (a palavra pode mesmo querer dizer “adivinho”, “áuspice”), canta a poesia com divina inspiração.

VII

Fugiram as neves, já a erva aos campos retorna,
 e as folhas às árvores,
 a terra muda e renova-se, e o rios, mingando,
 correm entre as margens;

5 a Graça, com as suas irmãs gémeas e as Ninfas,
 aventura-se nua a conduzir os coros.
 Nada esperes de imortal, é o conselho do ano e da hora
 que o ameno dia rouba.

Os Zéfiro tornam brando o frio, à Primavera sucede o Verão
 10 que há-de morrer
 assim que o frutífero Outono trazer suas colheitas, e então
 lesto voltará o árido Inverno.

Céleres recuperam as luas suas mortes no céu:
 nós, quando caímos
 15 onde o pai Eneias, o rico Tulo e Anco estão,
 pó e sombra somos.

Quem sabe se os supernos deuses à soma de hoje ajuntarão
 o tempo de amanhã?
 Tudo aquilo que ao teu querido coração deres
 20 às mãos ávidas do herdeiro fugirá.

Quando morreres, e sobre ti pronunciar Minos
 sua clara sentença,
 de volta não te há-de trazer a linhagem, Torquato,
 nem a eloquência, nem a devoção;

- 25 pois nem Diana liberta o casto Hipólito
das infernais trevas,
nem tem Teseu força para quebrar as leteias correntes
que amarram seu amado Pirítoo.

- 1 *Fugiram as neves*: Repare-se na semelhança com I. 4.. Cf. com a bela ode de Camões (IX), “Da brevidade da vida”: “Fogem as neves frias / Dos altos montes, quando reverdecem / As árvores sombrias; / As verdes ervas crescem, / E o prado ameno de mil cores tecem (...)”, ou ainda a Ode II do Livro II de António Ferreira.
- 5 *Graça*: Cf. I. 4. 6 (n.).
- 9 *Zéfiros*: Ventos do Oeste.
- 15 *Rico Tulo e Anco*: Tulo é Tullus Hostilius, o terceiro rei de Roma, em cujo reinado a cidade viveu grande prosperidade; Anco é Ancus Martius, quarto rei de Roma.
- 21 *Minos*: Para o juiz dos infernos, cf. I. 28. 9.
- 23 *Torquato*: Pertencente à *gens Torquata*, é difícil precisar com exactidão quem é esta figura também presente na *Epístola* I. 5.
- 25 *Hipólito*: Filho de Teseu e da amazona Hipólita, Hipólito era devoto de Ártemis mas votava a Afrodite um enorme desprezo. Como vingança, a deusa fez com que sua madrastra, Fedra, se apaixonasse por ele. O jovem, casto como era, recusou as investidas de Fedra e esta acabou por acusar falsamente Hipólito junto de Teseu, dizendo que este intentara violá-la. No seguimento destas acusações, Hipólito morreu.
- 27-28 *Teseu... Pirítoo*: Para a aventura destes heróis no Hades, cf. III. 4. 80 (n.).
- 27 *Leteias correntes*: O adjectivo provém de Letes, o rio do esquecimento no Hades.

VIII

De bom grado a meus amigos daria,
 Censorino, valiosas páteras e bronzes,
 e trípodes, o prémio dos corajosos Gregos,
 e tu com o pior dos presentes não ficarias,

- 5 isto, claro, se fosse rico nas obras de arte
 que Parrásio ou Escopas criaram,
 mestres em representar tanto o homem como o deus,
 o primeiro com cores líquidas, o segundo com mármore.

- Mas tal não me é possível, nem o teu modo de vida
 10 ou a tua alma têm necessidade de tais luxos.
 Deleitas-te com odes? Odes podemos nós oferecer-te
 e dizer-te desde já qual o seu valor.

- Mais do que o mármore gravado com públicas inscrições
 que o espírito fazem regressar e a vida
 15 aos bons generais depois da morte, mais do que a rápida fuga
 de Aníbal, e das suas ameaças lançadas para trás,
 [mais do que os incêndios da ímpia Cartago],

- mais do que tudo isto, a glória daquele que regressou
 com o nome celebrizado pela conquista de África,
 20 quem mais a proclama são as musas da Calábria:
 e se as folhas de papiro os teus feitos silenciarem,

- que recompensa existiria para ti? O que seria
 do filho de Marte e de Ília, se um invejoso silêncio
 se opusesse aos méritos de Rómulo?
 25 A virtude, o favor, e a língua dos poderosos vates

arrancando Éaco às ondas do Estige
 consagraram-no na ilha dos bem-aventurados.
 O varão digno de louvor, a Musa impede-o de morrer:
 a Musa torna-o feliz no céu. E assim participa

- 30 o incansável Hércules nos desejados festins de Júpiter,
 assim salva a constelação dos filhos de Tíndaro
 os despedaçados navios do fundo do mar, assim Líbero
 [enfeitando sua testa com o ramo verde da videira],
 as preces conduz a um termo feliz.

- 2 *Censorino*: C. Marcius Censorinus, cônsul em 8 a.C., morreu no Oriente em 2 a.C.. Veleio Patérculo (II. 106) gaba-lhe o seu carácter dócil e amável.
- 6 *Parrásio ou Escopas*: Parrásio foi um pintor grego de Éfeso, importante para o desenvolver de certas técnicas na pintura e a sua actividade teve lugar por volta de 400 a.C.. O escultor Escopas de Paros foi seu contemporâneo; Roma tinha algumas estátuas dele, entre as quais a mais famosa era provavelmente aquela que se encontrava no templo de Apolo Palatino.
- 17 [*mais do que os incêndios da ímpia Cartago*]: O número total de versos de todas as odes de Horácio, excepto esta, é divisível por quatro. Não é consensual, porém, qual os dois versos a eliminar, e sequer se de facto alguma parte do texto é espúrio. Aqui propomos como espúrio (tal como N. Rudd e D. West) o presente verso, porque a autoria do incêndio de Cartago não é de Cipião Africano Maior, de que se fala no verso seguinte, mas de Africano Menor. O verso 33 é também provavelmente espúrio porque é praticamente igual a III. 25. 20, algo inusitado nas Odes.
- 18 *A glória daquele que*: Trata-se de Cipião Africano Maior, grande general que expulsou da Hispânia os Cartagineses, e liderou várias campanhas em África; ganhou o seu *cognomen* (Africano) precisamente na região em que se notabilizou, tal como Cipião Africano Menor.
- 20 *Musas da Calábria*: Em latim lê-se “Piérides da Calábria”; “Piérides” é um epíteto comum das musas (formado a partir do nome Piéria, região da Macedónia, cf. III. 4. 38, n.). As Piérides são da Calábria pois esta é a pátria de Ênio, o grande épico latino que nos seus *Annales* celebrou a glória de Cipião Africano Maior. O raciocínio do poeta é o seguinte: a poesia é o melhor

meio de perpetuar os feitos dos homens, em particular a épica, onde as musas romanas nada deixam a desejar às musas gregas.

- 23 *O filho*: Rómulo. É filho de Marte e de Ília (cf. I. 2. 17, n.).
- 25 *Vates*: Para o significado religioso deste termo e do poeta, cf. IV. 6. 44 (n.).
- 26 *Éaco*: Para este rei justo, cf. II. 13. 22.
- 27 *Ilha dos bem-aventurados*: À letra “ilhas ricas”. Traduzimos tendo em conta a tradição dos estudos clássicos portugueses, que assim traduz o grego μακάρων νῆσοι (*makarôn nêsoi*), as ilhas em que todos aqueles que se notabilizaram durante a sua vida viviam uma eternidade feliz (cf. a humorística descrição de Luciano em *Uma História Verídica*, 2. 4-29).
- 31 *Os filhos de Tíndaro*: Os Dióscoros (Castor e Pólux), ou melhor, a sua constelação, auxiliavam no mundo antigo a navegação. Hiperbolicamente, diz-se que se a poesia não tivesse celebrado a virtude destes dois homens, não existiria a sua constelação, e por tal muitos navios naufragariam. A hipérbole é continuada no verso a seguir, onde se pode adivinhar que, se não fosse a poesia, nem Líbero (Baco) teria a possibilidade de ouvir as preces dos suplicantes, segundo a corrente evemerista (cf. III. 3. 9-16, n.) que considera Baco igualmente um ser humano divinizado.

IX

Não penses por acaso que hão-de morrer as palavras
 que eu, nascido junto do Áufido ao longe ressonante,
 por artes nunca dantes conhecidas
 com minha lira canto:

5 se o meónio Homero o primeiro lugar ocupa,
 desconhecidas não são as musas de Píndaro e de Ceos,
 nem as iradas Camenas de Alceu
 nem as solenes de Estesícoro,

e o tempo não destruiu os leves poemas
 10 que Anacreonte escreveu, e suspira o amor,
 vive ainda o fogo que a jovem eólia
 confiou à sua lira.

Helena de Esparta não foi a única a arder de amor,
 ao contemplar os cuidados cabelos do amante,
 15 o ouro tecido nas suas vestes,
 o luxo real, e a corte,

nem foi Teucro o primeiro a lançar setas
 com arco cidónio, não foi uma vez só
 Ílion atacada, não foram o ingente Idomeneu
 20 e Esténelo os únicos a travar combates

dignos de ser cantados pelas Musas,
 nem foram o feroz Heitor e o feroso Deífobo
 os primeiros a suportar graves golpes
 em nome de suas castas esposas e filhos.

25 Antes de Agamémnon, muitos outros
 valorosos homens viveram; sobre todos eles, porém,
 não chorados, ignorados, uma longa noite pesa,
 porque lhes falta o sagrado vate.

É pouca a distância entre a virtude que se esconde
 30 e a sepultada covardia. Sobre ti não guardarei silêncio,
 minhas páginas não te deixarão por celebrar,
 nem permitirei que o ciúme do esquecimento,

Lólio, consigo arraste todos os teus feitos.
 O teu espírito conhece bem os assuntos dos cidadãos,
 35 é honesto quer nos tempos favoráveis
 quer nos incertos,

castiga a desonestidade e a ganância,
 e mantém-se longe do dinheiro que tudo atrai.
 Não só por um ano foste cônsul,
 40 mas sempre que, bom e justo juiz,

a tua alma colocou o honesto à frente do vantajoso,
 e os subornos dos culpados de cabeça erguida rejeitou,
 empunhando suas armas vitoriosa
 através da multidão inimiga.

45 Não terias razão se chamasses feliz
 àquele que muito possui: com mais razão
 é considerado feliz aquele que aprendeu
 a usar com sabedoria as dádivas

dos deuses, e a suportar os rigores da pobreza,
 50 e que a desonra teme, pior que a morte:
 um tal homem não tem medo de morrer
 pelos amados amigos e pela pátria.

- 2 *Áufido*: Para este rio na Apúlia, cf. III. 30. 10 (n.).
- 6 *Píndaro*: Para o poeta Píndaro, cf. IV. 2. 1.
- 6 *Ceos*: Referência ao poeta Simónides de Ceos (cf. II. 1. 38, n.).
- 7 *Alceu*: para o poeta grego, cf. I. 32. 5.
- 8 *Estesícoro*: Outro poeta lírico grego. As suas musas são ditas “solenes” pois, segundo um juízo crítico comum na época (cf. Quintiliano, *Instituição Oratória*, 10. 61), Estesícoro suportava com mestria o peso da épica nos seus ritmos líricos.
- 10 *Anacreonte*: Para este poeta grego, cf. I. 17. 18 (n.).
- 11 *Eólia jovem*: Safo (para a poetisa, cf. II. 13. 24, n.).
- 17 *Teucro*: Para este herói, cf. I. 7. 21 (n.).
- 18 *Arco cidónio*: Cidoneia é uma cidade de Creta, terra afamada pela qualidade de seus arcos (cf. I. 15. 17, com n.).
- 18 *Não foi uma vez só*: De facto temos notícia de que Tróia foi destruída uma primeira vez por Hércules (cf. Vergílio, *Eneida* VIII. 290 e s.), porque o rei Laomedonte não deu os corcéis prometidos quando Hércules destruiu o monstro marinho que assolava a cidade.
- 19 *Idomeneu*: Herói que se distinguiu na guerra de Tróia; era o rei de Creta.
- 20 *Esténelo*: Para este herói, cf. I. 15. 24 (n.).
- 22 *Deífobo*: Filho de Hécuba e de Príamo, era o irmão preferido de Heitor. Depois da morte de Páris, desposou Helena, mas não por muito tempo; quando os Gregos tomaram Tróia, Menelau matou-o e esquitejou-o.
- 28 *Sagrado vate*: Não esqueçamos que a palavra “vate” tem dois sentidos: poeta e áugure, ambiguidade que confere religiosidade ao ofício do poeta.
- 33 *Lólio*: Protegido por Augusto, Marcus Lollius foi uma figura importante em Roma, sendo cônsul em 21 a.C. e governador da Gália entre 17 e 16 a.C., altura em que sofreu uma grave derrota contra os Sigambros (cf. IV. 2. 35, n.), de tal forma importante que ficou conhecida como a *clades Lolliana* (*a desgraça de Lólio*). Todavia, o seu prestígio junto do *princeps* manteve-se inalterado. Defende-se que foi a propaganda de Tibério, que via em Lólio um inimigo, pois considerava-o um aspirante a sucessor de Augusto, a responsável pela posterior degradação da sua imagem que se lê, por exemplo, em Veleio Patérculo (2. 97. 1), que desenha Lólio como alguém ganancioso, e ávido por dinheiro. Acusado de manter relações com os Partos, acabou por suicidar-se em 2 a.C. Talvez estejamos perante um texto que pretende “limpar” a imagem de Lólio, embora alguns estudiosos defendam que Horácio faz aqui um retrato irónico da sua virtude. De qualquer forma, note-se a matriz estóica dos versos seguintes, onde se traça o retrato do *sapiens* (sábio) estóico por excelência, assente em quatro pilares: *prudentia* (prudência, inteligência), *iustitia* (justiça), *temperantia* (temperança) e *fortitudo* (fortaleza, coragem).

X

Ó tu, que cruel desfrutas ainda dos poderosos dons de Vénus,
 quando a inesperada penugem cobrir tua arrogância,
 e caírem os cabelos que ora sobre teus ombros adejam,
 e quando a tua cor, que agora excede a flor de uma rosa escarlata,

- 5 mudar, e te transformares, Ligurino, num homem de áspera face,
 dirás, ah, sempre que um outro te vires ao espelho:
 “Os pensamentos de hoje, porque não os tive em rapaz,
 ou porque não volta o exacto rosto que tinha àquilo que hoje sinto?”

- 5 *Ligurino*: Para o nome, cf. IV. 1. 33 (n.).

XI

Tenho um jarro cheio de vinho albano
 com mais de nove anos, e no jardim,
 Fílis, tenho aipo para entrelaçar grinaldas,
 e imensa hera

5 que te faz brilhar quando a prendes no cabelo.
 A casa tem um sorriso de prata; o altar, coberto
 de ervas puras, anseia por ser espargido com o sangue
 de um cordeiro imolado;

toda a criadagem se apressa, para cá e lá
 10 correm raparigas misturadas com rapazes,
 as chamas agitam-se, fazendo rolar num vórtice
 o negro fumo.

Mas fica a saber para que festejos
 és convidada: celebrarás os Idos,
 15 o dia que divide Abril, o mês
 de Vénus marinha:

com razão é esta data solene para mim,
 quase mais sagrada que o meu próprio aniversário,
 pois é a partir da luz deste dia que o meu Mecenas
 20 conta os anos que passaram.

De Télefo, que tu desejas, jovem acima
 da tua condição, apoderou-se uma rica
 e voluptuosa jovem, e mantém-no preso
 em bem-vindos grilhões.

25 Faetonte, desfeito em chamas, desencoraja
os anseios da sofreguidão; o alado Pégaso,
sobre quem pesou o terreno cavaleiro Belerofonte,
dá-te um sério aviso:

procura sempre aquilo que te é apropriado,
30 e pensando que é errado esperar mais do que permitido,
evita alguém diferente de ti.

Vamos, último de meus amores —

pois daqui em diante não mais arderei de amor
por nenhuma outra mulher — aprende melodias
35 que com tua amável voz me possas entoar: o canto mitiga
os negros cuidados.

- 1 *Vinho albano*: Vinho cultivado perto dos Montes Albanos (cf. IV. 1. 19), de grande prestígio a par do de Falerno.
- 3 *Fílis*: Para o nome, “folha de árvore”, cf. II. 4. 13 (n.).
- 7 *Ervas*: As chamadas *uerbenae* (cf. I. 19. 14, n.).
- 14 *Os Idos*: Os Idos de Abril, ou seja, dia 13 de Abril.
- 16 *Vénus marinha*: Vénus, segundo algumas tradições, nasceu da espuma do mar. O mês de Abril era consagrado à deusa.
- 21 *Télefo*: Para o nome, “o que brilha ao longe”, cf. I. 13. 2 (n.).
- 25 *Faetonte*: Para o temerário filho do Sol, cf. I. 22. 21 (n.).
- 27 *Belerofonte*: Tomado de vaidade, Belerofonte tentou subir ao Olimpo montado em seu cavalo alado, Pégaso. Júpiter fê-lo precipitar-se sobre a terra e o herói morreu.

XII

Já os ventos da Trácia, companheiros da Primavera,
 acalmam o mar e enfunam as velas;
 já os prados degelam, e já não bramam os rios
 túrgidos da neve do Inverno.

- 5 Em pranto gemendo por Ítis faz o ninho
 a infeliz ave que, por se ter vingado em funesta hora
 da bárbara devassidão de um rei, a eterna vergonha
 da casa de Cécrops se tornou.

- Na tenra erva, entoam canções na siringe
 10 os guardadores de gordas ovelhas,
 deleitando o deus que ama os rebanhos
 e as sombrias colinas da Arcádia.

- A estação trouxe a sede, Vergílio;
 mas se anseias pelo sumo de Líbero,
 15 pisado em Caleno, tu, cliente de nobres jovens,
 com nardo merecerás o vinho:

- um pequeno frasco de ónix cheio de nardo fará sair
 o jarro que agora repousa nos armazéns de Sulpício,
 pródigo em dar novas esperanças, e eficaz em lavar
 20 as amarguras da inquietude.

Se te apressas para estes festejos, vem veloz
 com o teu contributo. Não estou a contar
 que te banhes nos meus copos de graça,
 como um rico em abastada casa.

- 25 Vá, não te atrases, e deixa de ter amor ao lucro,
 lembra-te das chamas negras da morte, e tempera,
 enquanto é tempo, a tua prudência com uma breve loucura:
 na ocasião certa é doce perder o juízo.

- 1 *Ventos da Trácia*: A Trácia é, mitologicamente, a pátria de todos os ventos.
- 1 *Companheiros da Primavera*: Trata-se provavelmente dos Favónios, ou Zéfiro, associados à Primavera em I. 4. 1..
- 5-6 *Ítis... infeliz ave*: Estes versos aludem ao mito de Procne e Filomela. As duas irmãs são filhas de Pandíon, rei de Atenas. Como recompensa do auxílio prestado na guerra contra Lábdaco, o rei deu a mão de sua filha Procne a Tereu. Destes dois nasceu Ítis. Contudo Tereu, ardendo em luxúria (= “bárbara devassidão”), violou a sua cunhada, Filomela, cortando-lhe a língua para que ela não pudesse contar nada do que lhe aconteceu. Esta, porém, bordou uma tapeçaria com que deu a conhecer à sua irmã o sucedido; Procne, enraivecida, matou o seu próprio filho, Ítis, cozinhou-o e deu-o de comer a Tereu. Quando este descobriu o que lhe tinha acontecido, perseguiu as duas irmãs que entretanto fugiram. Quando estavam quase a ser apanhadas, pediram aos deuses que as salvassem daquela aflição; os deuses, apiedando-se, transformaram, segundo a versão latina (cf. Ovídio, *Metamorfoses* 6. 412-674), Filomela em rouxinol e Procne em andorinha. Esta estrofe alude pois a Procne, a “ave triste” (a “andorinha”, que anuncia a Primavera).
- 8 *Casa de Cécrops*: Ou seja, Atenas, pois Cécrops é o seu lendário fundador (cf. II. 1. 12, n.).
- 9 *Siringe*: Para esta flauta de Pã, cf. I. 17. 10 (n.).
- 11 *O deus*: O deus Pã, ou Fauno, protector do gado e músico por excelência da siringe.
- 13 *Vergílio*: Não se sabe com certeza se se trata ou não do poeta Vergílio (destinatário de I. 3 e I. 24), quer porque este morreu em 19 a.C., data em que Horácio não tinha ainda começado a escrever este livro IV, quer porque a forma como é caracterizado este Vergílio (como um homem de negócios, ou um mercador) não parece ser coerente com a imagem comum que temos do mantuano; muitos estudiosos defendem no entanto que se trata de uma referência póstuma ao grande poeta latino, uma espécie de convite imaginário de homenagem (para as relações deste com Horácio, cf. I. 3. 6, n.).

- 15 *Caleno*: Região da Campânia, afamada por seus vinhos (cf. I. 20. 9-11, n.).
- 15 *Cliente*: Para as relações de clientela entre os Romanos, cf. II. 18. 7 (n.).
- 17 *Nardo*: Para este tipo de perfume, cf. II. 11. 17 (n.).
- 18 *Sulpício*: Segundo Porfírio e Ps.-Ácron, trata-se de Porfírio Galba, comerciante que possuía perto do Aventino armazéns que costumavam comercializar óleos perfumados.
- 26 *Chamas negras*: As chamas são ditas “negras” porque se referem ao fumo negro da cremação.

XIII

Ouviram, Lice, os deuses os meus votos, os deuses
 ouviram, Lice: tornas-te velha, e no entanto
 queres parecer formosa,
 e brincas e bebes sem vergonha

5 e bêbeda assedias com um canto trémulo o deus do Desejo
 que tarda em chegar. Ele está de guarda
 nas belas faces da viçosa Quia,
 exímia em tanger a lira,

e no seu desprezo por cima de secos carvalhos voa,
 10 e volta-te a costas e foge, que a ti te enfeiam
 os lúridos dentes, e as rugas
 e a neve de tua cabeça.

Pois nem púrpuras vestes de Cós, nem pedras preciosas
 te podem trazer de volta os tempos
 15 que os vólucres dias encerraram
 e guardaram nos conhecidos fastos.

Para onde fugiu a tua Vénus, ah!, para onde a cor da tua pele,
 para onde teus graciosos gestos? Que tens tu daquela,
 daquela que amores suspirava,
 20 que de mim próprio me raptou,

que depois de Cínara foi feliz comigo,
 daquele rosto conhecido por suas artes de encanto?
 Os fados, porém, breves anos deram a Cínara,
 e por muito tempo hão-de conservar

- 25 Lice, que viverá tanto quanto uma idosa gralha,
para que os fogosos jovens possam ver,
 não sem muito riso,
 uma tocha desfeita em cinzas.

- 1 *Lice*: Para o nome, “a loba” cf. III. 10. 1 (n.). Aqui sugere solidão e não crueldade.
- 1 *Os meus votos*: Provavelmente os votos semelhantes àqueles formulados em I. 25.
- 7 *Quia*: O nome desta mulher tem origem num gentílico (relativo à ilha de Quios). Alguns tradutores lêem como um gentílico e não como um nome próprio (“nas bonitas faces de uma viçosa habitante de Quios”), mas a verdade é que, segundo E. Romano, este nome de liberta encontra-se atestado em algumas inscrições romanas.
- 8 *Lira*: O latim *psallere* não indica precisamente o instrumento tocado (do grego ψάλλω, *psallô*, “tanger um instrumento de cordas”). O verbo sugere um som suave e delicado, uma vez que o instrumento é tangido com os dedos e não com um plectro.
- 13 *Púrpuras vestes de Cós*: A púrpura de Cós era tecida em finíssimos filamentos, característica pela sua transparência.
- 16 *Fastos*: Os fastos (cf. III. 17. 4., n.) aqui podem não ser exactamente os registos oficiais do Estado, mas uma espécie de registo histórico (cf. Kiessling e Heinze, *ad. loc.*) dos feitos amorosos de Lice, perdidos no passado e conhecidos de todos.
- 21 *Depois de Cínara*: Lice sucedeu a Cínara no coração de Horácio. Para este antigo amor do poeta, cf. IV. 1. 4 (n.).

XIV

De que forma poderá o zelo dos senadores e do povo,
 Augusto, com pródigas mercês de honra,
 eternizar para todo o sempre tuas virtudes,
 em inscrições e nos registos dos fastos,

- 5 ó maior dos soberanos de todas as regiões habitáveis
 que o sol ilumina? Ainda há pouco os Vindélicos,
 ignorantes da lei latina, às suas custas
 aprenderam o quanto vales na guerra.

- Com o teu soldado, o feroz Druso
 10 subjugou os Genaunos, inquieta raça,
 os velozes Breunos, e suas cidadelas
 construídas sobre os terríveis Alpes,

- algo mais do que uma simples retaliação;
 o mais velho dos Neros de seguida travou
 15 uma encarniçada batalha, e sob favoráveis auspícios
 derrotou os selvagens Retos.

- O quão admirável foi ele na contenda de Marte,
 com quanta destruição derreou o coração
 dos que desejavam uma morte em liberdade!
 20 Quase como o Austro agita

as ondas indomáveis, quando o coro das Plêiades rasga
 as nuvens, assim ele infatigável assolou
 os batalhões dos inimigos, incitando,
 no meio do fogo, o seu fremente cavalo.

25 E assim como o tauriforme Áufido, que banha os reinos
do apúlio Dauno, revolve quando se enfurece
antes de espalhar sobre os campos cultivados
um horrendo dilúvio,

assim com um violento golpe Cláudio derrubou
30 as férreas fileiras dos bárbaros,
e ceifando um por um, cobriu o chão
com seus corpos, vencendo sem perdas,

enquanto tu lhe davas os exércitos, tu, o teu conselho,
e os teus deuses. Pois no mesmo dia
35 em que o porto de Alexandria, suplicante,
as portas abriu de seu deserto palácio,

a favorável Fortuna, quinze anos depois,
concedeu-te um outro êxito militar,
acrescentando esta honra e desejada glória
40 às tuas campanhas já vencidas.

A ti, admira-te o Cântabro antes invencível,
a ti, o Medo e o Indo, e o fugitivo Cita,
ó guardião sempre presente
de Itália e da soberana Roma!

45 A ti, ouve-te obediente o Nilo, que esconde
as nascentes das suas águas, ouve-te o Istro, a ti,
o rápido Tigre, o Oceano cheio de monstros
que brama perante os longínquos Bretões,

a ti, ouve-te a Gália que não receia a morte,
50 e a rude Ibéria, a ti, veneram-te os Sigambros,
esse povo sedento de sangue,
agora que depuseram suas armas.

- 4 *Fastos*: Para estes registos oficiais de Roma, cf. III. 17. 4. (n.).
- 5 *Soberanos*: Em latim lê-se *principes*, cf. I. 2. 50 (n.).
- 6 *Vindélicos*: Para o povo, cf. IV. 4. 17 (n.).
- 9 *Druso*: Para este general romano, cf. IV. 4. 17 (n.).
- 10-11 *Genaunos... Breunos*: Os Genaunos e os Breunos eram povos ilíricos que habitavam os Alpes Réticos, no vale do Inn. Lutaram contra Druso na campanha que este liderou contra alguns povos que se insurgiram contra o poderio romano.
- 14 *O mais velho*: Tibério Cláudio Nero (cf. IV. 4. 17, n.), mais adiante chamado “Cláudio” (v. 29); seria ele quem mais tarde sucederia a Augusto.
- 16 *Retos*: Vizinhos dos Vindélicos, este povo surge citado lado a lado na guerra rética contra o exército romano.
- 20 *Austro*: Vento do Sul.
- 21 *Plêiades*: O desaparecer da constelação das Plêiades, mitologicamente as sete filhas de Atlas transformadas em estrelas, acompanhava, em Novembro, as grandes tempestades.
- 25 *Tauriforme Áufido*: Para o rio, cf. III. 30. 10 (n.). O epíteto traduz o grego ταυρόμορφος (*tauiromorphos*, “da forma de um touro”), que reflecte não só a força do animal, mas igualmente a forma dos seus cornos.
- 26 *Dauno*: Para o mítico fundador da Dáunia, cf. III. 30. 11 (n.).
- 35 *Alexandria*: Quinze anos (= três lustros, cf. II. 4. 23, n.) antes da vitória de Tibério Cláudio Nero, precisamente no dia 1 de Agosto de 30 a.C., Augusto aportou em Alexandria, algo que marca a sua definitiva vitória sobre Marco António e Cleópatra; o palácio diz-se “deserto” porque, segundo a versão oficial, a rainha abandonou-o para se encerrar no mausoléu onde se fez picar por serpentes.
- 41 *Cântabro*: Cf. II. 6. 1 (n.).
- 42 *Medo ... Indo ... Cita*: Para os Medos, cf. I. 2. 22 (n.). Para os Indos, cf. I. 12. 55 (n.). Para os Citas, cf. I. 19. 10 (n.).
- 45-46 *Nilo que esconde as nascentes*: Na antiga tradição geográfica não se conheciam as nascentes do Nilo e do Danúbio.
- 46 *Istro*: Outro nome dado ao Danúbio.
- 47 *Rápido Tigre*: Referência à submissão da Arménia.
- 48 *Bretões*: Cf. I. 21. 16 (n.).
- 49 *Gália que não receia a morte*: Os Gauleses não receavam a morte porque acreditavam na imortalidade da alma.
- 50 *Sigambros*: IV. 2. 35 (n.).

XV

Quando eu queria falar sobre batalhas e cidades
vencidas, Febo repreendeu-me batendo na lira,
não fosse eu navegar através do mar Tirreno
com minha pequena vela. A tua idade, César,

5 trouxe de novo aos campos as férteis searas,
restituiu ao nosso Júpiter as insígnias,
arrancando-as das arrogantes portas
dos Partos, e fechou,

livre de guerras, o templo de Jano Quirino,
10 e pôs um freio à devassidão que se afastava
do bom caminho, eliminou as nossas culpas,
e fez reviver o antigo modo de vida,

mercê do qual cresceu o nome latino
e a força da Itália, e a fama e a majestade do Império,
15 que se estende donde o sol nasce
até à Hespéria, onde se deita.

Sendo César o protector do estado, nem a violência
nem o furor civil hão-de afastar o sossego, nem a ira,
que as espadas forja, e que desgraça as cidades
20 ao torná-las inimigas.

As Leis Júlias, não as quebram nem aqueles
que da água do profundo Danúbio bebem,
nem os Getas, nem os Seres, nem os infíéis Persas,
nem os que nasceram perto do rio Tánais.

- 25 Nós, nos dias de trabalho e nos sagrados,
entre os dons do feliz Líbero,
com nossos filhos e esposas, segundo o rito
invocamos primeiro os deuses,
- e depois, segundo o costume dos nossos pais, acompanhando
- 30 o canto com túbias da Lídia, os chefes que morreram
com honra, Tróia e Anquises
e a descendência da alma Vénus cantaremos.

- 6 *Insígnias*: Para as insígnias militares perdidas pelo exército romano em Car-
ras, cf. I. 2. 22 (n.).
- 9 *Jano Quirino*: Em Roma, fechavam-se as portas do templo de Jano Quirino,
no fórum, sempre que a cidade estava em paz, o que quase nunca acontecia.
Antes de Augusto, só tinham sido fechadas por duas vezes, no tempo de
Numa e depois da primeira guerra púnica. O *princeps* fechou o templo de
Jano depois da guerra de Áccio, uma segunda vez em 25 a.C., e uma terceira
vez num período entre 6 a 2 a.C..
- 10 *Devassidão*: Tanto aqui como em 21, existe uma referência às reformas so-
ciais e morais de Augusto (cf. III. 24. 28, n.).
- 16 *Hespéria*: Desta feita a Hispânia (*a ocidente*, do ponto de vista romano),
onde para os antigos o sol se punha (cf. I. 28. 26, n.).
- 21 *Leis Júlias*: Augusto pertencia, por adopção, à *gens Iulia*, a família de Júlio César.
- 23-24 *Getas... Seres... Persas... Tânais*: Para os Getas, cf. III. 24. 11 (n.). Para os Se-
res, cf. I. 12. 55 (n.). Para os Persas, cf. I. 2. 23 (n.). Para Tânais, cf. III. 10. 1 (n.).
- 30 *Túbias da Lídia*: A tábua (ou *aulos*, cf. I. 1. 33-34, n.) é originária da Frígia, e
não da Lídia. A referência à região deve ter a ver com o modo lídio, um
modo mais doce do que, por exemplo, o modo dório, mais bélico. Para os
Gregos cada modo tinha o seu carácter (*ethos*, cf. por exemplo Platão, *Repú-
blica*, 398e e s.). A referência à Grécia pode também ter a ver com o facto de
ter sido Horácio a trazer para o Lácio os ritmos líricos gregos (cf. III. 30. 13).
- 31-32. *Tróia... Anquises... descendência da alma Vénus*: Alusão à filiação mítica
da *gens Iulia* (a que pertencia Júlio César e Augusto, por adopção) em
Eneias e em Vénus, largamente explorada pela *Eneida* de Vergílio. Anquises
é o pai de Eneias.

Cântico Secular

Ó Febo e Diana, rainha das florestas,
 luzente glória do céu, vós sempre venerandos
 e venerados, concedei aquilo que vos rogamos
 neste tempo sagrado

5 em que os versos sibilinos exortaram
 a que virgens escolhidas e castos rapazes
 aos deuses, que amam as Sete Colinas,
 entoem um cântico.

Almo Sol, que em teu refulgente carro
 10 o dia fazes surgir e escondes, e que um outro
 embora o mesmo sempre renasces, possas tu
 nada maior ver do que a urbe de Roma.

Ilitia, tu que graciosa levas a um bom fim
 os partos na altura própria, protege as mães,
 15 quer queiras ser chamada de Lucina,
 quer de Geradora.

Deusa, faz crescer a nossa prole, e traz sucesso
 aos decretos dos Pais sobre o matrimónio,
 e sobre a lei marital que nascer fará
 20 uma nova geração,

para que o constante ciclo de onze décadas
 de novo traga o canto e os jogos,
 apinhados de gente, durante três claros dias
 e outras tantas deleitosas noites.

25 E vós, Parcas, verdadeiras no que cantastes,
o que uma vez foi dito, que o certo curso
dos acontecimentos o conserve, e uni bons fados
aos já cumpridos.

Que a Terra, fértil em cereais e em gado,
30 Ceres presenteie com uma coroa de espigas;
e que as salubres águas e as brisas de Júpiter
alimentem os seus frutos.

Deixando de parte a lança, brando e calmo,
ouve as súplicas dos rapazes, Apolo,
35 e tu, rainha bicorne das estrelas, Lua,
ouve as raparigas.

Se Roma é vossa obra, e ocuparam a costa etrusca
gentes vindas de Ílion — os sobreviventes a quem
ordenado foi que mudassem de Lares e de cidade,
40 numa viagem sem perigo

e a quem o casto Eneias, sobrevivendo à pátria,
um livre e seguro caminho mostrou
através de Tróia que ardia, ele que daria
muito mais do que haviam deixado —,

45 então, deuses, dai à nossa dócil juventude probos costumes,
deuses, dai à nossa sossegada velhice descanso,
à raça de Rômulo dai riqueza, descendência
e toda a glória.

Que aquele do ilustre sangue de Anquises e Vénus
50 obtenha o que com bois brancos vos suplicou,
ele antes guerreiro, agora piedoso
para com o prostrado inimigo.

Já teme o Medo nossas poderosas mãos
no mar e na terra, e nossos machados albanos,
55 já os Citas e os Indos, antes arrogantes,
esperam por nossas respostas.

Já a Lealdade, a Paz, a Honra, o antigo Pudor,
 e a desprezada Virtude ousam voltar,
 e a bem-aventurada Abundância surge
 60 com seu corno cheio.

O áugure Febo, enfeitado com o seu fulgente arco,
 amado pelas nove Camenas,
 ele que com a sua arte medicinal
 alivia os membros cansados do corpo,

65 se ele de facto benigno olha pelos altares
 do Palatino, então o poder romano há-de prolongar
 e a prosperidade do Lácio por mais um ciclo,
 e por épocas sempre melhores.

Diana, aquela que habita o Aventino e o Álgido,
 70 atende as preces dos Quinze Homens,
 e ouve com amizade e atenção
 os votos dos rapazes.

Regresso a casa com esta boa e firme esperança,
 que são estes os sentimentos de Júpter e dos deuses todos,
 75 eu, cantando num coro a quem foi ensinado
 os louvores de Febo e de Diana.

Horácio foi o responsável pela composição do Cântico Secular (*Carmen Saeculare*), o cântico solene que concluiu a actividade religiosa dos Jogos Seculares de 17 a.C.. Estes jogos consistiam, antes de Augusto, em festas e jogos de carácter predominantemente expiatório, dedicados a divindades infernais ou ctónicas. Eram realizados de 110 em 110 anos segundo os Livros Sibílinos, num oráculo conservado em Zósimo (2. 6). Os primeiros jogos de que há notícia segura foram celebrados em 249 em Tarento, num momento crítico da Primeira Guerra Púnica, e repetidos cem anos mais tarde (o que subentende uma outra noção de “século”). No século I a.C., devido à guerra civil entre César e Pompeio, foram adiados para mais tarde.

Foi Augusto, na qualidade de pontífice máximo do colégio sacerdotal dos Quinze Homens (*Quindecim Viri Sacris Faciundis*), quem deu continuidade a esta festividade e mandou organizá-la em 17 a.C., com grande pompa. Mas esta festa tinha um carácter bem mais importante do que um mero rito expiatório: o objectivo era celebrar a entrada de Roma numa nova época conduzida por Augusto, e celebrar igualmente a eternidade da Urbe. A par de algumas divindades ctónicas, as Moiras, as Ilítias e *Terra Mater*, honradas durante a noite, durante o dia (com toda a conotação luminosa do termo, presente neste texto) foram cultuados Júpiter, Juno, Diana e Apolo, sendo este último ligado pela propaganda augustana ao grandioso destino do soberano de Roma. 19 a. C. tinha sido um ano simbolicamente importante para Augusto, que nesse ano diplomaticamente recuperou as insígnias e estandartes romanos saqueados pelos Partos ao exército de Crasso (cf. I. 2. 22, n.), vitória de grande significado e largamente engrandecida pelo próprio Horácio. Pouco tempo antes, Agripa submete finalmente os Cântabros, e os limites ocidentais e orientais estavam seguros. Em 18 já também grande parte das reformas sociais e demográficas de Augusto estavam iniciadas, em especial a *lex Iulia de maritandis ordinibus* (lei sobre o casamento, cf. III. 24. 28, n.), lei a que o cântico de Horácio faz referência (v. 20).

Os Jogos foram celebrados entre 31 de Maio e 3 de Junho, e estão bem documentados mercê das Actas descobertas no século XIX (cf. CIL, VI, p. 3237, n. 32323), e envolveram diversos sacrifícios durante três dias e três noites, feitos pelo próprio Augusto e também por Agripa. Nestes jogos celebraram-se também jogos cénicos e circenses, e alguns *sellisternia*, enormes banquetes em honra de Juno e Diana, organizados por cento e dez matronas romanas escolhidas pelo colégio dos sacerdotes. A três de Junho, no último dia do festival, depois dos sacrifícios, vinte e sete jovens e vinte sete raparigas de nobres famílias com os pais ainda vivos (*patrimi et matrimi*) entoaram em coro, provavelmente divididos em dois grupos, o Cântico Secular composto por Horácio, primeiro no Palatino, repetido depois no Capitólio.

- 5 *Versos Sibílinos*: Alguns destes versos de carácter oracular foram conservados por Zósimo, como referimos na introdução a este poema.
- 9 *Sol*: Febo Apolo. Ao longo do poema são enumeradas todas as suas funções, enquanto guerreiro, músico e médico.
- 13 *Ilítia*: Deusa que preside aos partos.
- 15 *Lucina*: Deusa que assistia aos partos, aqui assimilada a Diana.
- 19 *Lei marital*: cf. III. 24. 28 (n.).
- 35 *Rainha bicorne*: Diana ou Lua (daí o epíteto).

- 38 *De Ílion*: De Tróia. Alusão à mítica filiação da *gens Iulia*, de onde descende Augusto, em Eneias e em Vénus.
- 40 *Que aquele*: Augusto.
- 53-55 *Medo... Citas... Indos*: Para os Medos, cf. I. 2. 22 (n.). Para os Citas, cf. I. 19. 10 (n.). Para os Indos, cf. I. 12. 55 (n.).
- 54 *Albanos*: Aqui designa os Romanos, uma vez que Roma teve origem na cidade de Alba Longa.
- 57 *Lealdade*: Em latim lê-se *Fides*, cf. I. 24. 6 (n.).
- 59 *Abundância*: Para a imagem da Abundância com seu pródigo corno, cf. I. 17. 14-16.
- 62 *Nove Camenas*: As nove musas: Calíope, Clio, Polímnia, Euterpe, Terpsícore, Érato, Melpómene, Talia e Urânia. Todas fazem parte do séquito de Apolo *musêgetês* (cf. IV. 6. 25, n.).
- 69 *Aventino... Álgido*: Diana possuía um templo muito antigo no Aventino. Para o monte Álgido, no Lácio, cf. I. 21. 7-8 (n.).
- 70 *Quinze Homens*: Os Quindécênviros, colégio sacerdotal a que Augusto presidia.

Índice de nomes, lugares e povos

A abreviatura “a.” indica que no contexto português encontrará a forma adjectival da expressão.

As referências são indirectas quando se encontram entre parênteses.

Nota: O número dos versos baseia-se na versão portuguesa, que raramente se afasta mais de um ou dois versos da posição original no texto latino.

- Abundância (*Cópia*), C.S. 59
Acrísio, III.16.5
Adriático I.3.15, 16.4, 33.15; II.11.3, 14.14; III.3.5, 9.23, 27.19
África, II.1.25, 18.4; III.3.47, 16.31; IV.8.19; a. II.16.36; III.29.57; IV.4.42 (Aníbal)
Africano (Cipião Africano I), (IV.8.19)
Áfrico (Vento Sudoeste), I.1.15, 3.12, 14.5; III.23.5
Agamémnon, IV.9.25
Agripa, I.6.5
Ájax (filho de Oileu), I.15.18
Ájax (filho de Télamon), II.4.6
Albano, a. III.23.11; IV.1.19 (lago), 11.1 (vinho), C.S. 54 (machados)
Álbio, I.33.1
Albúnea, I.7.12
Alceu, II.13.25; IV.9.7
Alcides, I.12.25
Alexandria, IV.14.35
Álgido, I.21.7; III.23.10; IV.4.58; C.S. 69
Alpes, IV.4.18, 14.12
Amazonas, IV.4.21
Ameaças (*Minæ*), III.1.37
Anacreonte, IV.9.10
Âncio, I.35.1
Anco, IV.7.15
Andrómeda, III.29.17
Anfiarau (“argivo áugure”), (III.16.12)
Anfíon, III.11.2
Anião, I.7.13
Anquises, IV.15.31; C.S. 49
Antíloco, II.9.14
Antíoco, III.6.36
António (Júlio), IV.2.27
Apolo, I.2.30, 7.4, 28, 10.10, 21.10, 31.1; II.10.18; III.4.64; a. IV.2.9; C.S. 34
Apúlia, I.33.7; a. III.4.9; IV.14.26
Apúlios (povo), III.5.8, 16.26
Aquémenes, II.12.22; III.1.43
Aquerôncia, III.4.14
Aqueronte, I.3.36; III.3.15
Aqueus, III.3.28; a. I.15.35; IV.3.5, 6.18
Aquiles, I.15.33; II.4.3, 16.29; IV.6.3; (filho de Peleu) I.6.6.
Áquilo (vento do Norte), I.3.13; II.9.7; III.10.4, 30.3
Árabes, I.29.1, 35.40; II.12.23; III.24.2
Arcádia, IV.12.12
Arcturo, III.1.27
Argivos, III.3.67; a. II.6.5; III.16.12
Argos, I.7.9
Arquitas, I.28.2
Asdrúbal, IV.4.38, 72
Assíria, v. Síria
Astéria, III.7.1
Átalo, I.1.12; II.18.6
Atlas, I.10.1; I.34.11; a. I.31.14 (“mar atlântico”)
Atrida (filho de Atreu), I.10.13; II.4.7
Áufido, III.30.10; IV.9.2, 14.25

- Augusto, II.9.19; III.3.11, 5.2; IV.2.43, 4.28, 14.2
 Áulon, II.6.18
 Ausónios, a. IV.4.55
 Austro (vento do Sul), II.14.16; III.3.5, 27.22; IV.14.20
 Aventino, C.S. 69

 Babilónia, a. I.11.2
 Bacantes, III.25.15 (v. Tíades)
 Baco, I.7.3, 18.6, 27.3; II.6.19, 19.1, 6; III.3.13, 25.1 (v. Líbero)
 Báctria, III.29.27
 Baías, II.18.21; III.4.24
 Balança (constelação), II.17.17
 Bância, III.4.15
 Bandúsia, III.13.1
 Barine, II.8.2
 Bassareu (Baco), I.18.11
 Basso, I.36.14
 Belerofonte, III.7.15, 12.8; IV.11.27
 Berecinto (Tíbia), I.18.14; III.19.19; IV.1.24
 Bíbulo, III.28.8
 Bístones, II.19.19
 Bitínia, a. I.35.7
 Bóreas (vento do Norte) III.24.38
 Bósforo, II.13.14, 20.14; III.4.30
 Bretões, I.21.16; III.4.33, 5.3; IV.14.48
 Breunos, IV.14.11
 Briseide, II.4.2
 Britânia, I.35.30
 Bruto, II.7.2

 Cabra (estrela), III.7.6
 Cabritos (estrelas), III.1.28
 Calábria, I.31.5, 33.16; III.16.33; IV.8.20
 Cálais, III.9.14
 Caleno (vinho), I.20.10; IV.12.15; a. I.31.9
 Calíope, III.4.1
 Camena(s), I.12.39; II.16.39; III.4.21; IV.6.27, 9.7; C.S. 62 (ver Musa)
 Camilo, I.12.42
 Campo de Marte, I.8.4, 9.18; III.1.11, 7.26; IV.1.39
 Canícula, I.17.18; III.13.10
 Cantábria, II.6.2
 Cântabros, II.11.2; III.8.21; IV.14.41
 Capitólio, I.37.7; III.3.42, 24.45, 30.9; IV.3.7
 Capricórnio, II.17.19
 Caríbdis, I.27.19
 Cárpato (mar), I.35.8; IV.5.13
 Cartago, II.2.12; III.5.23, 39; IV.4.69, 8.17 (v. púnicos)
 Cáspio, II.9.3
 Castália, III.4.62
 Castigo (Poena), III.2.30
 Castor, IV.5.36; (I.3.2)
 Catão (de Útica), I.12.36; II.1.24
 Catão (M. Pórcio), II.15.11; III.21.11
 Cátilo, I.18.2
 Cáucaso, I.22.6
 Cécrops, II.1.12; IV.12.8
 Cécubo, I.20.9, 37.6; II.14.25; III.28.3
 Cefeu (“pai de Andrómeda”), (III.29.17)
 Censorino, IV.8.2
 Centauro, I.18.8; IV.2.14
 Ceos, II.1.38; IV.9.6
 Cérbero, (II.13.33, “besta das cem cabeças”), II.19.29; III.11.17
 Ceres, III.2.26; IV.5.18; C.S. 30
 César (Júlio), I.2.44
 César (Octaviano, depois Augusto), I.2.52, 6.11, 12.51, 52, 21.15, 35.29, 37.16; II.9.19, 12.10; III.4.37, 14.2, 16, 25.5; IV.2.34, 48, 5.16, 27, 15.4, 17
 Chipre, I.3.1, 19.10, 30.2; III.26.9; a. I.1.13; III.29.60
 Cíclades, I.14.20; III.28.14
 Ciclopes, I.4.8
 Cidoneia (cidade de Creta), a. IV.9.17
 Cínara, IV.1.4, 13.21
 Cíntia (Diana), III.28.12
 Cíntio (Apolo), I.21.2
 Circe, I.17.19
 Ciro (rei persa), II.2.17; (III.9.4 “rei dos Persas”); III.29.27
 Ciro, I.17.25, 33.5, 6
 Citas, I.19.10, 35.9; II.11.3; III.8.23, 24.9; IV.5.25, 14.42; C.S. 55; a. III.4.36
 Citereia (Vénus), I.4.5; III.12.4
 Cláudio (Tibério), IV.4.73; IV.14.29
 Cleópatra, (I.37.6 “uma rainha”)
 Clio, I.12.2
 Cloe, I.23.1; III.9.6, 9.19, 26.12; III.7.10

- Clóris, II.5.18; III.15.7
 Cnido, I.30.1; II.5.20; III.28.14
 Cocito, II.14.17
 Codro, III.19.2
 Cóliquida, II. 13. 8
 Côncanos, III.4.34
 Coribantes, I.16.7
 Corinto, I.7.2
 Corvino (Messala), III.21.7
 Cós, IV.13.13
 Cotisão, III.8.18
 Crago, I.21.8
 Crasso, III.5.5
 Creta, I.15.17, 26.3, 36.10 (marca de);
 III.27.34
 Crispo, v. Salústio
 Cupido (ou Desejo), I.2.34, 19.1; II.8.14;
 IV.1.5, 13.5
 Cúrio, I.12.41

 Dacos (povo) I.35.9; II.20.17; III.6.14,
 8.18
 Dalmácia, II.1.16
 Dâmalis, I.36.13, 17, 18
 Dánae, III.16.3
 Dánao, II.14.19; III.11.23
 Danúbio, IV.15.21
 Dárdano, IV.6.7; a. I.15.10
 Dáunia, I.12.13, 22.14; a. IV.6.27
 Dauno, III.30.11; IV.14.26
 Dédalo, I.3.34; II.20.13; IV.2.3
 Deífobo, IV.9.22
 Delfos, I.7.4, 16.5; a. III.30.16
 Délío, II.3.4
 Delos, I.21.10; IV.3.8, 6.33; a. III.4.64
 Desejo, v. Cupido
 Destino (*Fatum*), II.17.24
 Devassidão (*Licentia*), I.19.3
 Diana, I.21.1; II.12.19; III.4.71; IV.7.25;
 C.S. 1, 69, 76
 Dindimene, I.16.5
 Dione, II.1.39
 Dirce, IV.2.25
 Druso, IV.4.17, 14.9

 Éaco, II.13.22; III.19.3; IV.8.26
 Edonos (povo), II. 7. 27
 Éfeso, I.7.2

 Éfula, III.29.7
 Egeu, II.16.2; III.29.64
 Élide, IV.2.19
 Élio, III.17.1
 Encélado, III.4.55
 Eneias, IV.6.23, 7.15; C.S.41
 Enipeu, III.7.23
 Eólia, a. II.13.24; III.30.13; IV.3.12, 9.11
 Éolo, a. II.14.19
 Equíon, IV.4.64
 Érice, I.2.33
 Erimanto, I.21.7
 Escauros, I.12.37
 Escopas, IV.8.6
 Escorpião (constelação), II.17.18
 Espártaco, III.14.20
 Espartano, II.6.12, 11.24; III.3.26; IV.9.13
 Esperança, I.35.21
 Esténelo, I.15.24; IV.9.20
 Estige, I.34.10; II.20.8; IV.8.26
 Estrela da Tarde (Vésper), II.9.11;
 III.19.26
 Etna, III.4.76
 Etruscos, a. I.2.14; III.7.28, 29.35; IV.
 4.54; C.S. 37 (v. Tirrenos)
 Euménides, II.13.36
 Euro (vento leste), I.25.19, 28.25; II.16.24;
 III.17.10; IV.4.44, 6.10
 Europa (continente), III.3.47
 Europa (princesa), III.27.25, 57
 Euterpe, I.1.33
 Évia (Bacante), III.25.9
 Évio (Baco), I.18.9; II.11.17

 Fabrício, I.12.40d
 Faetonte, IV.11.25
 Falanto, II.6.12
 Falerno (vinho), I.20.11, 27.10; II.3.8,
 6.20, 11.19; III.1.43
 Fama, II.2.8
 Fauno, I.4.11, 17.1; II.17.28; III.18.1
 Favónios (ventos do oeste), I.4.1, III.7.2
 Febo (Apolo), I.12.23, 32.13; III.3.65, 4.4,
 21.23; IV.6.25, 29, 15.2; C.S. 1, 61, 76
 Fídile, III.23.2
 Filipos, II.7.9; III.4.26
 Fílis, II.4.13; IV.11.3
 Fócide, II.4.1

- Fóloe, I.33.7 (*bis*); II.5.17; III.15.7
 Forento, III.4.16
 Fórmias, I.20.11; III.17.7
 Fortuna (deusa), I.9.14, 34.14; II.1.3; III.29.49; IV.14.37
 Fraates IV, II.2.17
 Frígia, II.12.22; a. I.18.14; II.9.16; III.1.41
 Frígios, I.15.34
 Ftia, IV.6.3
 Fúrias, I.28.17
 Fusco, I.22.3
- Gades, II.2.11, 6.1
 Galateia, III.27.14
 Galeso, II.6.10
 Gália, III.16.35; IV.14.49; a. I.8.6
 Ganimedes, IV.4.3
 Gargano, II.9.6
 Gelonos (povo), II.9.22, 20.18; III.4.35
 Genaunos, IV.14.10
 Gérion, II.14.8
 Germânia, IV.5.26
 Getas (povo), III.24.11; IV.15.23
 Getúlia, a. I.23.9; III.20.2
 Getulos, I.20.15
 Gigantes, II.19.21; III.1.7
 Gíges (monstro), II.17.14; III.4.69
 Gíges (nome próprio), II.5.20; III.7.5
 Glicera, I.19.5, 30.3, 33.2; III.19.28
 Graça(s), I.4.6, 30.6; III.19.16, 21.22; IV.7.5
 Grécia, I.15.7; IV.5.35; a. I.20.3; II.16.39; III.24.56
 Gregos, II.4.11; IV.8.3
 Grosfo, II.16.7
- Haníbal, II.12.1; III.6.36; IV.4.49, 8.16
 Hebro (nome próprio), III.12.5
 Hebro (rio), III.25.10
 Heitor, II.4.10; III.3.27; IV.9.22
 Helena, I.3.2, 15.2; IV.9.13
 Hélicon, I.12.5
 Hemo, I.12.6
 Hemónia (Tessália), I.37.18
 Hércules, I.3.36; II.12.6; III.3.9, 14.3; IV.4.62, 5.36, 8.30
 Hespéria (Espanha), I.36.4; IV.15.16
 Hespéria (Itália), I.28.26; II.1.31; III.6.8; IV.5.37
- Híades, I.3.14
 Hidaspes, I.22.8
 Hidra, IV.4.61
 Hileu, II.12.5
 Himeto, II.6.15, 18.3
 Hiperbórios (povo), a. II.20.15
 Hipólita (da Magnésia), III.7.18
 Hipólito, IV.7.25
 Hirpino, II.11.1
 Hispânia, a. III.6.31, 8.21, 14.4
 Homero, IV.9.5; a. I.6.2
 Honra, C.S. 57
 Horácio, IV.6.44
- Iápix, I.3.4; III.27.20
 Ibéria, IV.5.28, 14.50; a. I.29.15 (v. Hispânia)
 Iberos, II.20.19
 Íbico, III.15.1
 Ícaro (mar de), I.1.16, III.7.21
 Ícaro, II.20.13
 Ício, I.29.1
 Ida, III.20.16
 Idomeneu, IV.9.19
 Ília, I.2.17; III.9.8; IV.8.23
 Ílion (Tróia) I.10.14, 15.34, 15.34; III.3.18 (*bis*), 37, 19.4; IV.4.53, 9.19; C.S. 38 (v. Tróia)
 Ilíria, a. I.28.21
 Ilitia, C.S. 13
 Ínaco, II.3.21; III.19.1
 Índia, I.31.6; III.24.2
 Indos, I.12.55; IV.14.42; C.S. 55
 Inquietude (*Cura*), II.16.21; III.1.38
 Istmo (de Corinto), IV.3.3
 Istro (Danúbio), IV.14.46
 Itália, I.37.17; II.7.4; III.5.40; IV.14.44, 15.13; a. II.13.18; III.30.13; IV.4.42
 Ítis, IV.12.5
 Ixíon, III.11.21
- Jano, IV.15.9
 Jápeto, I.3.27
 Jónia, a. III.6.21
 Juba, I.22.15
 Jugurta, II.1.27
 Júlio, a. I.12.47; IV.15.21
 Juno, I.7.8; II.1.25; III.3.17, 4.59

- Júpiter, I.1.27, 2.18, 29, 3.40, 10.5, 11.4, 16.11, 21.3, 22.20, 28.9, 29, 32.14; II.6.17, 7.17, 10.15, 17.22; III.1.6, 3.6, 63, 4.50, 5.1, 12, 10.7, 16.5, 25.6, 27.73; IV.4.2, 74, 8.30, 15.6; C.S. 31, 74
- Justiça, I.24.7; II.17.16
- Juventude (*Iuuentas*), I.30.7
- Lacedemónia (Esparta), I.7.10; III.5.56; (lacónico) a. II.18.8
- Lácio, I.12.53, 35.10; IV.4.39; C.S. 67; a. (latino) I.32.3; II.1.29; IV.14.7, 15.13
- Laertes, I.15.21
- Lálage, I.22.10, 23; II.5.15
- Lâmia, I.26.8, 36.7; III.17.2
- Lamo, III.17.1
- Lanúvio, a. III.27.3
- Laomedonte, III.3.21
- Lápitais, I.18.8; II.12.5
- Lares (deuses), III.23.3; IV.5.35; C.S. 39 (v. Penates)
- Larissa, I.7.11
- Latino, v. Lácio
- Latona, I.21.3, 31.17; III.28.12; IV.6.37
- Lealdade (*Fides*), I.24.6, 35.21; C.S. 57
- Leão (constelação), III.29.19
- Leda, I.12.25
- Leneu (Baco), III.25.19
- Lesbos (vinho) I.17.21; (poesia) I.1.34; a. I.26.11, (Alceu) 32.5; IV.6.35
- Lestrígone, III.16.34
- Letes, a. IV.7.27
- Leucónoe, I.11.2
- Líbero (Baco), I.12.21, 16.7, 18.7, 32.9; II.19.7; III.8.6, 21.21; IV.8.32, 12.14, 15.26 (v. Baco)
- Líbia, II.2.11; a. I.1.10
- Libitina, III.30.7
- Liburnos (povo), a. I.37.31
- Lice, III.10.1; IV.13.1, 2, 13.25
- Liceu, I.17.2
- Lícia, III.4.62; a. I.8.16
- Lícidas, I.4.19
- Licímnia, II.12.14, 24
- Licínio, II.10.1
- Lico (jovem), I.32.11
- Lico (velho rabugento), III.19.22, 24
- Licóris, I.33.5
- Licurgo, II.19.16
- Lide, II.11.21; III.11.7, 25, 28.2
- Lídia (nome próprio), I.8.1, 13.1, 25.8; III.9.6, 7, 7.20
- Lídia (região), IV.15.30
- Lieu (Baco), I.7.23; III.21.14
- Ligurino, IV.1.33, 10.5
- Lípara, III.12.5
- Líris, I.31.7; III.17.7
- Lólio, IV.9.33
- Lua, C.S. 35
- Lucéria, III.15.14
- Lucina (Diana), C.S. 15
- Lucretílis, I.17.2
- Lucrino (lago), a. II.15.4
- Luz da Noite (*Noctiluca*), IV.6.38
- Magnésia, III.7.18
- Maia, I.2.41
- Manes, I.4.16
- Mânlio, III.21.1
- Marcelo, I.12.45
- Mareótico, I.37.14
- Marica, III.17.8
- Marsos (povo), a. I.1.25, 2.39; II.20.18; III.5.8, 14.18
- Marte, I.6.13, 17.9, 22, 28.17; II.14.13; III.3.16, 30, 5.23; IV.8.23, 14.17
- Masságetas (povo), I.35.40
- Mássico (vinho), I.1.19; II.7.21; III.21.5
- Matino, I.28.2; IV.2.28
- Máximo, v. Paulo
- Mecenas, I.1.1, 20.4; II.12.9, 17.3, 20.6; III.8.13, 16.19, 29.3; IV.11.19
- Medo (*Timor*), III.1.37
- Medos (povo), I.2.51, 29.5; II.1.32, 16.6; III.3.44, 8.19; IV.14.42; C.S. 53; a. II.9.21 (rio) (v. Partos)
- Megila, I.27.12
- Melpómene, I.24.3; III.30.16; IV.3.1
- Mênfis, III.26.10
- Meónia (Frígia), IV.9.5
- Mercúrio, I.10.1, 24.16, 30.8; II.7.14, 17.30; III.11.1
- Meríones, I.6.14, 15.26
- Metelo, II.1.1
- Micenas, I.7.9
- Mígdon, II.12.22

- Migdônia, III.16.42
 Mimas, III.4.53
 Minerva, III.3.23, 12.6; IV.6.14 (v. Palas)
 Minos, I.28.9; IV.7.21
 Mírtale, I.33.14
 Mirto (mar), I.1.14
 Mistes, II.9.10
 Mitilene, I.7.1
 Moneses, III.6.9
 Morte, I.4.13
 Mouros, II.6.4; a. I.22.2; III.10.18
 Murena, III.19.11
 Musa(s), I.6.10, 17.13, 26.1, 32.9; II.1.9, 37, 10.19, 12.13; III.1.3, 3.70, 19.14; IV.8.28, 29, 9.21; (Piéríde), IV.3.17, 8.20 (v. Camena)

 Náíades, III.25.14
 Nearco, III.20.6
 Necessidade (*Necessitas*), I.35.17; III.1.14, 24.5
 Neera, III.14.21
 Neobule, III.12.4
 Neptuno, I.28.29; III.28.2, 10
 Nereides, III.28.10
 Nereu, I.15.4
 Nero (Tibério e Druso), IV.4.28, 37, 14.14
 Nestor, I.15.22
 Nifates, II. 9. 20
 Nilo, III.3.47; IV.14.45
 Ninfas, I.1.31, 4.6, 30.6; II.8.14, 19.3; III.18.1, 27.30; IV.7.5
 Níobe, IV.6.1
 Nireu, III.20.15
 Noctiluca, v. Luz da Noite
 Nórico, a. I.16.9
 Noto (jovem), III.15.11
 Noto (Vento do Sul), I.3.14, 7.15, 28.21; III.7.5; IV.5.12
 Numa, v. Pompílio
 Numância, II.12.1
 Númida, I.36.3
 Numídia, III.11.47

 Olimpo, I.1.4, 12.58; III.4.52
 Opunte, I.27.12
 Orco (deus dos Infernos), I.28.10; II.3.24, 18.31, 34; III.4.74, 11.29, 27.50; IV.2.24 (v. Plutão)
 Orfeu, I.12.8, 24.14
 Órico, III.7.5
 Oríon (constelação), I.28.21; III.27.18
 Oríon (gigante), II.13.39; III.4.70
 Órnito, III.9.14

 Pácoro, III.6.9
 Pafo, I.30.1; III.28.14
 Palas (Atena), I.6.16, 7.6, 12.19, 15.11; III.4.58 (v. Minerva)
 Palatino, C.S. 66
 Palinuro, III.4.28
 Panécio, I.29.13
 Parca(s), II.6.9, 16.37, 17.16; C.S. 25
 Páris, III.3.41
 Paros, I.19.6
 Parrásio, IV.8.6
 Partos, I.12.53, 27.5; II.13.16, 17; III.2.4; IV.5.25, 15.8; a. I.19.11; III.5.9 (v. Medos)
 Pátaros, a. III.4.64
 Paulo (Emílio), I.12.37
 Paulo (Fábio Máximo), IV.1.10
 Paz, C.S. 57
 Pégaso, I.27.23; IV.11.26
 Peleu, I.6.6; III.7.17
 Pélignos (povo), a. III.19.8
 Pélion, III.4.52
 Pélops, I.6.8, 28.7; II.13.37
 Penates (deuses do lar) II.4.16, 13.7; III.14.4, 23.18, 27.49 (v. Lares)
 Penélope, I.17.19; III.10.11
 Penteu, II.19.15
 Persas (Partos ou Medos), I.2.23, 21.16; III.5.3; IV.15.23
 Persas, I.38.1; III.9.4
 Piéria, III.4.38, 10.15
 Pilos, I.15.22
 Píndaro, IV.2.1, 7; IV.9.6.
 Pindo, I.12.6
 Pipleia, I.26.9
 Pirítoo, III.4.80; IV.7.28
 Pirra (mulher de Deucalião), I.2.6
 Pirra (uma rapariga), I.5.2
 Pirro (rei do Epiro), III.6.35
 Pirro (um rapaz), III.20.1
 Pitágoras, (I.28.10)
 Planco, I.7.17; III.14.27

- Plêiades, IV.14.21
 Plutão, I.4.17; II.14.6 (v. Orco)
 Polião, II.1.14
 Polímnia, I.1.34
 Pólux, III.3.9, 29.63, (I.3.2)
 Pompeio, II.7.5
 Pompílio (Numa), I.12.34
 Ponto (região), I.14.11
 Porfírião, III.4.54
 Póstumo, II.14.1 (*bis*)
 Preneste, III.4.23
 Preto, III.7.14
 Príamo, I.10.13, 15.8; III.3.26, 41; IV.6.15
 Prócion, III.29.18
 Proculeio, II.2.5
 Prometeu, I.16.13; II.13.37, 18.36
 Prosérpina, I.28.20; II.13.22
 Prosperidade (*Faustitas*), IV.5.18
 Proteu, I.2.7
 Pudor, I.24.6; C.S. 57
 Púnico (Cartaginês), I.12.38; III.5.34; IV.4.47; a. II.12.2, 13.14; III.5.19, 6.34 (v. Cartago)
 Quia, IV.13.7
 Quimera, I.27.24; II.17.13; IV.2.16
 Quintílio, I.24.5, 11
 Quinto, v. Hirpino
 Quios (vinho), III.19.6
 Quirino, I.2.46; III.3.16; IV.15.9
 Régulo, I.12.37; III.5.13
 Reto, II.19.23; III.4.55
 Retos (povo), IV.14.16; a. IV.4.17
 Ródano, II.20.20
 Rode, III.19.27
 Rodas, I.7.1
 Ródope, III.25.11
 Roma, III.3.37, 43, 5.12, 29.12; IV.3.13, 4.37, 14.44; C.S. 12, 37
 Romanos I.1.7; III.3.57, 6.2; IV.3.23; C.S. 66; a. II.7.5; III.8.25, 9.8, 14.1; IV.4.45
 Rómulo, I.12.34; II.15.11; IV.5.1, 8.24; C.S. 47
 Sabeia, I.29.2
 Sabelos (povo), III.6.39
 Sabina, II.18.14; III.4.22; a. I.9.7, 20.1, 22.9; III.1.47
 Safo, II.13.24
 Salamina, I.7.21, 29, 15.23
 Sálíos (sacerdotes de Marte), IV.1.28; a. I.36.12, 37.4
 Salústio (Crispo), II.2.2
 Sardenha, I.31.4
 Sátiros, I.1.32; II.19.4
 Saturno, I.12.50; II.12.8, 17.23
 Sémele, I.17.22, 19.2
 Septímio, II.6.1
 Seres, I.12.55, 29.9; III.29.27; IV.15.23
 Séstio, I.4.14
 Síbaris, I.8.3
 Sibilinos (versos), C.S. 5
 Sicília, II.12.2, 16.33; III. 4.28; a. III.1.18; IV.4.44
 Sigambros, IV.2.35, 14.50
 Silvano, III.29.23
 Síria, II.7.8; a. I.31.12; II.11.16; III.4.32
 Sirtes, I. 22. 5; II. 6. 3, 20. 15
 Sísifo, II.14.19
 Sitónios, I.18.9; a. III.26.10
 Sócrates, a. I.29.15; III.21.9
 Sol, C.S. 9
 Sulpício, IV.12.18
 Talia, IV.6.25
 Taliarco, I.9.7
 Tánais, (rio Don) III.10.1, 29.28; IV.15.24
 Tântalo, II.18.37; ("pai de Pélops" I.28.7; II.13.37)
 Tarento, I.28.29; III.5.56
 Tarquínio, I.12.35
 Tártaro, I.28.9; III.7.17
 Tebas, I.7.3; IV.4.64; a. I.19.2
 Tecmessa, II.4.5
 Télamon, II.4.6
 Télefo, I.13.1 (*bis*); III.19.26; IV.11.21
 Telégono, III.29.8
 Tempe, I.7.4, 21.10; III.1.24
 Ténaro, I.34.10
 Teos, I.17.18
 Terra, II.12.6; III.4.73
 Teseu, IV.7.27
 Tessália, a. I.7.4, 10.15, 27.21; II.4.10
 Tétis, I.8.14; IV.6.6

- Teucro, I.7.21, 27, 15.24 (*bis*); IV.9.17
 Teucros (povo), IV.6.12
 Tíades (Bacantes), III.15.10; II.19.9
 Tibério, v. Cláudio
 Tibre, I.2.13, 8.8, 29.12; II.3.18; III.12.7
 Tíbur, I.7.20, 18.2; II.6.5; III.4.23, 29.6;
 IV.2.31, 3.10
 Tiburno, I.7.13
 Tício, II.14.7; III.4.77, 11.21; IV.6.3
 Tideu, I.6.15, 15.27
 Tiestes, I.16.17
 Tífon, III.4.53
 Tigre (rio), IV.14.47
 Tíndaris, I.17.10
 Tíndaro, IV.8.31
 Tínio (povo), III.7.3
 Tiridates, I.26.6
 Tiro, a. III.29.60
 Tirrenos, a. I.11.5; III.10.11, 24.4 (mar),
 29.1; IV.15.3 (v. Etrusco)
 Titãs, III.4.43
 Títono, I.28.8; II.16.30
 Torquato, IV.7.23
 Trácia, II.16.5; III.25.10; IV.12.1; a.
 I.24.14, 25.11; II.19.16; III.9.9; (ha-
 bitantes) I.27.2, 36.14
 Triunfo, IV.2.50, 51
 Tróia, I.6.15, 8.14, 10.16, 28.11; II.4.12;
 III.3.60, 61; IV.6.4, 15.31; C.S. 43; a.
 I.15.2, 15.36; III.3.32; (v. Ílion)
 Troianos, IV.6.14
 Troilo, II.9.17
 Tulo (consul), III.8.12
 Tulo (Hostílio), IV.7.15
 Túrio, III.9.14
 Túsculo, (III.29.8)
 Ulisses, I.6.7
 Ustica, I.17.12
 Válgio, II.9.5
 Vário, I.6.1
 Varo, I.18.1
 Vaticano, I.20.7
 Venafro, II.6.16; III.5.55
 Vénus, I.4.5, 13.15, 15.13, 18.6, 19.9,
 27.14, 30.1, 32.10, 33.10, 13; II.7.25,
 8.13; III.9.17, 10.9, 11.50, 16.5, 18.7,
 21.21, 26.5, 27.67; IV.1.1, 6.22, 10.1,
 11.16, 13.17, 15.32; C.S. 49
 Venúsia, I.28.27
 Verdade (*Veritas*), I.24.7
 Vergílio, I.3.6, 24.10; IV.12.13
 Vésper, v. Estrela da Tarde
 Vesta, I.2.16, 27; III.5.11
 Vindélicos, IV.4.17, 14.6
 Virtude (*Virtus*), II.2.18; C.S. 58
 Vulcano, I.4.7; III.4.58
 Vúlture, III.4.9
 Xântias, II.4.1
 Xanto, IV.6.26
 Zéfiros (Ventos do oeste), III.1.24; IV.7.9

*Acabou de imprimir-se
em Outubro de 2008
na Printer Portuguesa*

DEPÓSITO LEGAL 283259/08